TRAGEDIA MARITIMA

Comp. e impr. Typ. Universal,
Trav. de Cedofeita, 54—Porto.

Livraria Figueirinhas — Editora
R. das Oliveiras, 75 — Porto.

JOSÉ AGOSTINHO

Tragedia Maritima

ROMANCE HISTORICO

2.º VOLUME

PORTO
Livraria Figueirinhas-Editora
Rua das Oliveiras, 75
1908

SEGUNDA PARTE

I

Preludio de epopeia

Quem desce do Golfo Persico e entra no Golfo de Cambaia, encontra a ilha de Diu na costa de Gudjerate, aquém-Ganges, e, se proseguir, costeando os caprichosos recortes do solo e encostando-se a um longo semi-circulo, vê Damão, pouco mais abaixo, em Surate, ao Oriente; nota a saliencia estravagante da peninsulasinha de Almedabad — estrangulada no istmo e em fórma de folha d'arvore exotica pela lingua que arremessa ás ondas; e, correndo a reintrancia vasta e profunda do alto do Decan, vê a costa do Malàbar, litoral árido, fragoso e triste, aos pés de escarpas vestidas de verdura, como vê, a 400 kilometros ao S. de Diu, a ilha de Tissuari, ou Gôa, cercada de espumas e fragas.

A ilha de Diu, com pouco mais de 7 kilometros de comprimento e pouco mais de 1 kilometro de largura, é chã e alagadiça como quasi toda a costa de Gudjerate.

Estreita e longa, vista a distancia, parece um barco enorme parado no meio das aguas, a fazer provisões de sol e de aromas cálidos.

Além da nódoa branca da cidade, mancham-na

crespos florestaes onde as feras uivam e rugem, e farrapos extensos de lameiros que têm uma verdura eterna, verdura muito viva.

A ilha é cercada por um rio, ora estreito como uma fita de pouco mais de sessenta metros de largura, ora com mais rasgo, afastando a terra firme como de golpe.

Este rio tem tres passos em que é vadeavel. Mas só por elles se passa a pé enxuto, porque ou oferece uma torrente grossa e rija, ou se empoça em marneis, tão perigosos como os das costas da Bretanha.

O primeiro destes passos, o mais proximo da fortaleza e da cidade em 1546, ficava a 5 kilometros da barra.

Delle tinham os indigenas feito uma ponta, á custa dum colossal aterro. Depois aplainaram-ná, pavimentaram-na, e fizeram della uma espaçosa e magnifica rua-paredão que ficou sendo de grande valor estrategico no ataque e na defeza.

Mas a ilha de Diu, ao Oriente, ao aproximar-se do mar, adelgaça-se cada vês mais e faz-se estilete. E este estilete, ao ferir as aguas, parece uma estreita lingua com uma farpa em angulo agudo, farpa que se empola, toda de rocha viva, e domina as ondas, enfrentando grandes penedias, negras e calvas, que lançam uma pequena restinga.

Esta protuberancia é conhecida pelo nome de Ponta da Fortaleza.

Dessa eminencia estranha saía a muralha da Fortaleza com que Portugal se defendia dos gentios e moiros da cidade de Diu.

E esta muralha, muito larga, alta e longa, toda de cantaria, tinha nitidamente a fórma dum grande triangulo. Entresachada de torres e baluartes, a muralha arrancava da Ponta da Fortaleza dois dos

lados do triangulo, dois lanços. Corria um delles ao longo da costa, terminando no formidavel baluarte, chamado de Diogo Lopes de Sequeira. O outro seguia, ao Oeste, pela margem do rio e parava num grande e poderoso baluarte. Neste ponto, com a direção Norte-Sul, se fechava o triangulo com novo lanço de muralha, lanço que corria a ligar-se ao baluarte de Diogo Lopes de Sequeira, ao extremo do primeiro lanço, que vinha, da Ponta da Fortaleza, ao longo da costa.

E diante da muralha, que tinha ao meio um enorme monte de cascalho, cavava-se um fôsso enorme e profundo, interpondo o seu golpe gigante, paralelo á linha das ondas. Era o leito dum rio terrivelmente tragico em dias de peleja: leito dum rio de sangue.

Vista, de relance, a posição da Fortaleza de Diu, era admiravelmente estrategica e, além disso, rica, como toda a ilha, de poços cheios de excelente agua, tão uteis nos grandes assédios.

Mas havia ainda a singular e natural construção do porto.

Porto e rio ficavam entre a Ponta da Fortaleza e outra ponta além-rio, ao nordeste, separadas as duas pela distancia de cinco kilometros. Ao meio dellas emergia um colossal penedo, chato como uma mesa, e que lançava duas extensas restingas de pedra: uma, indo ferir a Ponta da Fortaleza e a outra em sentido oposto.

Mas a Ponta da Fortaleza não se acovardava, ferida assim por aquelle braço de pedra, e prolongava-se, ao ocidente, pelo mar dentro, emquanto a Ponta, que vinha da terra firme, recurvava ali a praia, cavava-a num rasgão subito, a fugir das aguas convulsas, mas, como que arrependida, avançava ousadamente para os lados da cidade, seguindo pelo

rio acima, e atirando á Ponta da Fortaleza, com o gesto dum desafio, uma extensa e finissima lingua d'areia.

Nessa lingua alvejava uma fortaleza, chamada pelos indios Gogala e pelos portuguêses Vila dos Rumes.

Era esplendido e formidavel o baluarte construido pelos portuguêses na ponta dessa grande lingua. Muito redondo, com paredes duma grande espessura, contemplado de longe, lembrava um gigantesco cilindro de pé.

E, como homenagem muda, a praia neste ponto fugia e encurvava-se por detraz da Vila dos Rumes. Depois, seguia-se um esteiro, ou braço de mar, cercando, com o rio, quasi toda a terra por fórma que a Vila dos Rumes ficava uma peninsula.

A terra entre o esteiro e o rio, larga de 76 braças, era de areia rasa.

A Vila dos Rumes era, pois, uma formidavel defeza do porto de Diu, apezar de que, em caso de cerco, os seus numerosos poços mais prejudicavam do que auxiliavam os sitiados, pela detestavel agua que davam.

A Vila dos Rumes, era principalmente forte por oferecer, do lado que ia do esteiro á terra, um terreno encharcado, inacessivel, ao passo que do outro lado se estirava uma estreita planura onde corria caudalosamente o rio.

Entre as muralhas da Fortaleza de Diu e a Vila dos Rumes erguia-se o Baluarte do Mar.

Estava assente sobre uma enorme penedia que se encrespava quasi no meio do rio.

Era de magnifico aspéto, dominador e vasto, com uma extensa couraça, imponentissimo todo elle no seu conjunto.

Encarando-o, havia a sugestão da presença dum colosso invencivel.

As fortalezas, como as cidades, como as pedras, têm as suas atitudes.

O Baluarte do Mar tinha, nas suas linhas geraes, a atitude do desafio.

Estava parte delle dentro do rio, mas sobre a barra. Enorme, quasi redondo, aquelle membro do grande Baluarte do Mar ostentava ali muitas bombardeiras ao lume d'agua e designavam-no pelo nome de S. João.

Media 18 braças de comprimento e 9 de largura. O muro e as ameias eram muito espessos. A meio do muro erguia-se um baluarte com o nome de S. Tomé.

No extremo do Baluarte, mais pelo rio acima, arrancava-se uma temerosa torre quadrada, de paredes muito grossas, principalmente do lado que dava para a Vila dos Rumes, e que chamavam de S. Tiago, talvês por estar sobranceira a uma egreja dessa invocação.

E esta torre fortissima lançava pelo rio dentro uma couraça com 32 braças de extensão e 4 de largo, cravejada de bombardeiras, todas ao lume d'agua, com um espesso muro de cantaria e tendo ao meio um monte de cascalho.

Quem entrava no rio ia entalado entre este terrivel Baluarte do Mar e a Fortaleza: bôcas de fogo assestadas a cada flanco.

E entre estas duas ameaças havia apenas a distancia dum tiro de espingarda.

Podia o inimigo arrojado lembrar-se da utilidade dum canal estreitissimo que cingia todo o Baluarte do Mar? Mas a Vila dos Rumes, distando embora muito delle, como a terra firme, mandava-lhe uma extensa lingua d'areia que, seguindo para a barra ao longo do baluarte, ia morrer pouco adiante, apertando o canal em extremo, e tanto, que só cosido

com as muralhas, é que o inimigo poderia passar, mas homem a homem, á formiga.

Era esta uma das entradas, entrada mais de mina do que de fortaleza, e a qual, á bôca, tinha 7 palmos de fundo na baixa-mar, e 14 á preamar.

Ficava, na verdade, descoberta, na baixa-mar, toda a restinga d'areia.

Era o ponto vulneravel.

Os nossos estrategicos, porém, tornaram dificil o acesso, por meio de fortes estacadas.

A outra parte do Baluarte, que ficava na bôca do rio, lançava uma restinga de pedra, obra artificial, que os Moiros tinham construido em defeza e fortificação do rio.

Esta restinga ia em linha reta sobre a fortaleza da cidade — um caminho que conduzia ao maior perigo, ao perigo duma atalaia rigorosa e vigilante.

Entretanto, a ilha de Diu, geralmente plana, acidentava-se para dar trono á cidade, depois de a ver tão cercada de fortificações poderosas.

E deste relevo fòrte vinha o anfiteatro da cidade de Diu, muito pitoresca, rica de magestosos edificios como imponente de muralhas, poetica e, afinal, ameaçadora pelas suas torres altissimas e pelas suas escarpas bruscas.

Gôa estirava-se num vale, mais languida, pedindo o auxilio dos dois morros que a protegiam, um á direita e outro á esquerda, cada um com a sua ermida no topo a desmentir a côr profundamente indiana do conjunto: Diu trepava audaciosamente a um viso, cercado de muralhas e bôcas de fogo, e olhava de frente o mar alto, não consentindo, como Gôa, o guarda-vista duma ilha como a de Divar.

Diu, além disso, era muito mais nova e audaz. Gôa, embora muito maior, até na arquitetura era mais modesta. O mosteiro de S. Francisco e a Sé — o mosteiro

com duas torres muito estreitas, — eram dos principaes monumentos da capital da India e, comtudo, pobres de linhas.

Em Diu os edificios eram arrojados e amplos, embora quasi todos com o cunho severo de torres de guerra, ou com as linhas fantasticas dos trabalhos moiriscos.

Mal raiava o dia 18 de abril de 1546. Um homem, envolvido num longo tabardo, e que na penumbra parecia gigantesco, rondava pelas muralhas da Fortaleza, olhando com certo rancor para a cidade, dominio do inimigo.

Este homem esteve muito tempo parado ao pé do baluarte de Diogo Lopes de Sequeira e, quando o sol se arrancou do Oriente, encaminhou-se para o centro da Fortaleza.

A' luz plena do dia, notava-se que era de estatura bastante avantajada, de edade viril, de nariz aquilino, densa barba preta e olhos severos.

A sua expressão de energia era apenas adoçada por um sorriso que, a principio, parecia só de bondade, mas que, bem estudado, tambem revelava ironia e astucia.

O madrugador parou de novo. Estava num largo ainda deserto, muito irregular, com a figura dum triangulo scaleno. Pouco depois de elle chegar, veio duma rua um velho, vestido de frade, caminhando penosamente.

E este velho, conhecendo o rondador, curvou a cabeça, silencioso e humilde.

O outro aproximou-se, fitou-o e disse com espanto e alguma ironia:

— Já fóra do leito, Fr. Manuel?!...

— Sim, senhor D. João de Mascarenhas, mui nobre Capitão-mór de Diu. Quando o perigo ameaça, o sono desaparece.

—Desejais tambem pelejar? perguntou Mascarenhas com curiosidade.

—A isso vim—replicou com firmeza o frade—como sincero português que sou.

—Manejais as armas, e nessa edade?!

—As armas com que posso—o conforto, a oração. Julgais, senhor D. João de Mascarenhas, que essas armas não ajudam a pelejar?

—Decerto, decerto, disse o capitão-mór com gravidade.

E, com mais deferencia, proseguiu:

—Emfim, boas esperanças nos dais já, pois que, chegado apenas hontem depois de viagem tormentosa, já vos encontro vigilante, talvês a pensar no que eu penso.

—E' que eu não vim, senhor D. João de Mascaranhas, senão a servir Deus e a Patria. Para isso pedi ao senhor Bispo de Gôa que me désse licença de deixar os ocios em que vivia. Fala-se em perigos, em pelejas. Jesus-Cristo terá em mim um indigno representante, alguem que oiça com piedade as queixas dos moribundos...

—Não sois demais, Fr. Manuel da Salvação. A luta vai ser desmedida...

—E podeis dizer-me porquê?

—Não sabeis?

E D. João de Mascarenhas franziu o espesso supercilio, como quem medita.

Depois, olhando ao largo, no gesto de quem tem presente um grande plano e vibra sempre com a mesma Fé, continuou:

—Deveis saber, Fr. Manuel, que a Nuno da Cunha, se deve a morte do Sultão Badur, rei de Cambaia...

Mas D. João de Mascarenhas interrompeu-se para observar com amargura:

—Nuno da Cunha... Nuno da Cunha! Fr. Manuel, os maiores inimigos da nossa Patria são, ás vêses, os nossos!

—Censurais Nuno da Cunha?! estranhou o frade.

—Não, acudiu o capitão-mór com energia. Julgais que não conhecí Nuno da Cunha, filho de Trístão da Cunha e de Anna Antonia d'Albuquerque? Sei bem como elle batalhou, de tenra edade, na Africa com Nuno Fernandes d'Ataíde, como foi um dos melhores soldados do Viso-Rei D. Francisco de Almeida, como foi digno de ser armado cavaleiro pelo grande Afonso d'Albuquerqne. Depois, governou dez annos a India—dez annos, Fr. Manuel!—quando a côrte se aborrece de governador que esteja mais de dois annos no poder. E' que a elle devia muito Portugal. Quem levantou as fortalezas desta Diu, de Chale e de Baçaim? Quem nos assegurou o dominio da India?

—Desculpai—murmurou o frade—não vos tinha entendido...

—Não, não—bradava D. João de Mascarenhas—Não são os homens como Nuno da Cunha os inimigos da Patria.—Inimigos della foram os que envenenaram o animo de S. Alteza contra elle, que o mandaram prender como salteador e leva-lo debaixo de ferros, com 52 annos, que valiam por cem, por esse mar fóra até Lisboa... Felizmente Deus levou-o para si durante a viagem. E, afinal, quem lhe sucedeu? Que justiça, Fr. Manuel, que justiça a dos homens!

—D. Garcia de Noronha, respondeu tranquilamente o frade, D. Garcia que foi homem de grandes qualidades de prudencia e de esforço, sobrinho do grande Afonso d'Albuquerque, como informaram da côrte.

—Não esqueço, volveu com impaciencia o capitão-mór, a energia de D. Garcia de Noronha.

Vendo D. Antonio da Silveira, o grande heroi desta Diu, em perigo, fês tudo para o socorrer. Mas, com um homem como D. Antonio da Silveira, o cerco de Diu havia de ser sempre uma gloria para Portugal.

Não foi D. Garcia de Noronha quem defendeu, como um terrivel arcanjo, o baluarte dos Rumes: foi Antonio da Silveira, foi elle e foi a honra de todos nós.

Fr. Manuel, os crimes de D. Garcia de Noronha não valeram os seus feitos, que nunca poderiam valer os de Nuno da Cunha.

—Talvês... murmurou o frade, de fronte pendida.

—Que isto é desventura da India—continuava, ainda indignado, D. João de Mascarenhas.

Sucede a D. Garcia, o Viso-Rei, que morreu cheio dos respeitos da côrte, aquelle malogrado D. Estevão da Gama. Conheceis bem as suas virtudes. Fês a expedição ao Estreito e quiz pôr freio á rapinagem e ao desgoverno. Pois foi isso um crime, porque o veio substituir, como sabeis, insolentemente, esse Martim Afonso de Sousa, de quem Deus nos livrou no anno passado...

— Comtudo, valente capitão — corrigiu com justiça Fr. Manuel.

—Bem o sei, reverendo frade. Ilustrou-se no Brazil e na India em tempo de Nuno da Cunha. Socorreu o sultão Badur contra os mongoes. Tomou a ilha de Repelim. Desbaratou o rei de Calicut. Foi o terror dos piratas das costas da India. Trouxe comsigo o grande Francisco Xavier que agora anda a missionar na costa da Pescaria.

—Sois justo—observou o frade—tudo isso de-

vemos á Martim Afonso, embora a vinda do Padre Mestre Francisco Xavier...

—Seja devida a El-Rei, ou á rainha, ou a Pedro d'Alcaçova, ou ao Infante D. Luís, ou antes, a Deus. Compreendo-vos e aplaudo-vos. Mas Martim Afonso deslustrou tudo com as suas crueldades e ambições e, abrindo-nos um caminho á ponta da espada, se o encheu de sangue, tambem o empoçou em lôdo.

—D. João de Castro... começou o frade, repelindo tristezas.

—Chega a Gôa...

—Quando o Padre Mestre Francisco Xavier—interrompeu, suspirando, Fr. Manuel—seguia para Malaca...

—E julgo que chegou a virtude e o valor. Falta só que a côrte o castigue como a Nuno da Cunha, para que...

—Tantos desalentem—suspirou Fr. Manuel da Salvação.

—Tantos pensem—observou fogosamente D. João de Mascarenhas—que a Patria se vai perdendo, que Portugal tem de ser uma provincia da Espanha...

—Oh! disse apenas, com muita dôr, Fr. Manuel da Salvação.

Mas o capitão-mór, mais calmo, notava quanto fugira do ponto principal.

O sol era já pleno. Diu animava-se. Passavam soldados e trabalhadores.

Mascarenhas olhou para a sua morada, que era perto.

—Quereis—disse—entrar um pouco? Muito vo-lo agradeceria.

—Se assim m'o ordenais...

—Vinde.

Caminharam silenciosos, cortejados sempre pelos que passavam.

O capitão-mór parecia apreensivo, apezar dos seus modos decididos.

Fr. Manuel ia triste, apezar do seu olhar tão vago, que parecia indiferente.

Subiram a um terraço de cantaria, coberto por um grande toldo.

Avistava-se toda a Diu e toda a barra.

Apenas lá, D. João de Mascarenhas, fazendo sentar o frade, disse-lhe afetuosamente:

—Não vos chamo a ensinar-vos: chamo-vos para que me aconselheis.

— Eu, senhor Capitão-mór?!

— Vós, que de grande conselho sois.

Fr. Manuel abateu a fronte sem proferir palavra, e D. João de Mascarenhas, cofiando as barbas negras, começou:

— El-rei de Cambaia, o sultão Mahamud, sucessor de Badur, ha muito projeta, em vingança, a tomada da fortaleza de Diu e a nossa destruição na India.

O valido e renegado Coge Çofar atiça-lhe os odios, como o sabeis.

— Sim, interrompeu o frade, renegou de Deus e da Patria, a sua terra da Albania; é um grande desventurado.

—E é Coge-Çofar o capitão em Diu de El-rei de Cambaia. Ora sei, por espias seguros, que se apercebe todo contra esta fortaleza de Diu que não tardará a sofrer segundo cerco.

—Assim se diz em Gôa, que o mandastes dizer.

—Mas ainda como nova incerta, a qual hoje sei que é segura.

—Então Coge-Çofar?...

—Apresta-se, e a fortaleza de Diu está pobre de tropa, munições e petrechos.

—E vós?

—Que me aconselhais neste aperto?

—Decerto pedir socorro a D. João de Castro.

—Já para isso despedi um catur a caminho de Gôa.

—Quantos homens tendes na fortaleza?

—Menos de duzentos, mal armados, esfarrapados...

—A isto chegamos, senhor D. João de Mascarenhas! Capitães tem havido que só pensam em apanhar, em se enriquecer, não curando de ter gente... A não ser Manuel de Sousa Sepulveda, vosso antecessor... homem honrado...

—Por todos elles padeço eu agora—replicou o Capitão-mór com desabrimento. Demais, tendo aí o inverno ás portas, quando não posso receber auxilio de Gôa.

—Mas—disse o frade com estranha energia—tendes um grande auxilio.

—Quem, Fr. Manuel?

—Deus.

—Só elle, murmurou o Capitão-mór.

—E, reconsiderando:—Contra Sepulveda nada temos a queixar-nos. Fortificou muito a fortaleza. Amparou-a com a torre forte diante da porta da cidade. Fês cubelos, muros ao longo da agua, todos com dois peitoris, fês cavas, pôs grossa artilharia. De justiça foi pedir-lhe que continuasse na capitania e bem sabeis que elle mais a não quís.

—Muito agradecido—murmurou o frade, cheio de jubilo. E acrescentou em voz alta:

—Decerto esgotastes todas as diplomacias...

—Todas—acudiu Mascarenhas—eu e o governador.

Mas, nisto, o Capitão-mór perguntou ao frade:

—Não ouvis ruido para os lados da cidade?

E acrescentou com ironia:

—Decerto que os infieis não festejam o dia de hoje, o santo dia de Ramos.

—Sim, disse Fr. Manuel, alongando a vista dolorida.

Efetivamente, na cidade de Diu, havia uma entrada triunfal.

Com grande sequito de cavaleiros e peões, cinco mil homens, dos quaes a maior parte turcos e arabes —entrava Coge-Çofar na cidade de Diu com seu filho Rumecão, condestavel no campo de El-rei de Cambaia.

Recebiam-no com ovações, num grande estrondo de tangedores, entre bandeiras desfraldadas e ramos.

Distinguia-se perfeitamente o marche-marche pesado daquella massa de homens, cavando o silencio profundamente, progressivamente, como um vulcão ruge para explodir.

A vozearia fôra aumentando e agora estralejava insolente como um repto.

Muito ao longe, muito além da cidade, viam-se lampejar armas e alvejar albornozes.

Eram outros corpos do grande exercito de Cambaia que vinham uns após outros com lentidão, ás ondas, aos cachões, como se faz um preamar estupendo, como se juntam, dos quatro cantos do espaço, as nuvens duma tempestade.

Viriam, assim, aos troços, durante alguns dias, vinte mil homens, dos quaes oito mil aguerridos, provados veteranos da India gentia.

Depois, os duzentos miseraveis de D. João de Mascarenhas era o que havia a opôr ao ciclone. Contra uma tromba, um feixe de nervos, coberto de farrapos... contra uma legião de elefantes alguns fantasmas, homens cheios de fome.

—Védes? dizia o Capitão-mór, livido, embora firme, estremecendo mais de raiva do que de susto.

—Senhor D. João de Mascarenhas, replicou Fr. Manuel da Salvação, mais poderoso era Atila e caíu.

E, depois, com grande simplicidade, continuou:

—Contai comigo. Numa das mãos, a Cruz; na outra, a Espada.

—Deus e a Patria vo-lo agradeçam.

Mas, nisto, chegou um soldado. Caminhava? Talvês se arrastasse, mas, de rastos, tinha do leão a febre no olhar.

Parecia um cadaver de pé. Não tinha côr nem firmeza. Parecia um esqueleto, ambulante por prodigio.

Queria falar, e emudeciam-no torrentes de lagrimas.

Fês sinal de que o trazia a angustia, e estacou como se o matasse o panico. Fazia horror e dó: mas, sobretudo, a sua angustia era um protesto.

—Que quereis? bradou-lhe sombriamente D. João de Mascarenhas, fitando-o com austeridade.

O soldado esforçou-se todo e pôde dizer, debil de voz, mas pungente de olhar:

—Que me mandeis para o carcere, senhor Capitão-mór!

—Tendes então um delito, quando precisamos de todos os braços? estranhou Mascarenhas com desespero.

—Não meu, senhor D. João de Mascarenhas. Não delito meu...

—Explicai-vos!

—Delito de quem desgovernou a fortaleza de Diu— gritou o soldado com catadura feroz.

—Acusais-me, soldado? rompeu Mascarenhas, cego de colera, levando a mão trigueira á espada.

—Se não vosso, dos vossos antecessores—res-

pondeu o soldado com firmeza. Se não de Manuel de Sousa, dos outros...

E, meneando a cabeça tristemente, insistiu:

—Rogo-vos me mandeis para o carcere.

Então Fr. Manuel interveio humildemente, depois de suplicar com os olhos a Mascarenhas uma licença paciente.

—Dizei-me, meu filho, porque afligis assim o senhor Capitão-mór? disse o frade com mais tristeza ainda do que doçura.

Só então o soldado atentou em que tinha ao pé de si um frade.

Pareceu corrido de vergonha, quando o notou.

Baixou os olhos, e suspirou maguadamente, incapaz de falar já.

—Mas dizei, meu filho, dizei—insistia Fr. Manuel da Salvação, aproximando-se delle com piedade.

Então o soldado, olhando em direção a Diu, exclamou com desespero tragico, sem mais rebuços:

—Vêdes, senhor frade? Vem aí o inimigo numeroso e bem apercebido... e nós tão poucos, cheios de fome... e sem petrechos! Não quero entregarme como um covarde, ver roubar a nossa bandeira, assistir, subjugado, á ruina da fortaleza. Pedi, senhor frade, pedi a D. João de Mascarenhas que me sepulte antes numa masmôrra... Antes que lá cheguem, terei morrido de fome, sem vêr o que vai dar-se...

Mas o Capitão-mór, severo, firme, implacavel, retorquiu logo, levantando a mão convulsa, imperioso como um destino:

—Ou nos baluartes... ou na fôrca! Escolhei! Ou combater com fome, ou morrer com infamia!

E o soldado, muito livido, curvou a cabeça, enxugou os olhos, olhou ainda em direção ao triunfo

estrondoso de Coge-Çofar e, aniquilado e mudo, retirou-se.

Entretanto, ao longe, crepitavam trombetas, aclamações, estrondos... Diu, cidade, ameaçava Diu, Fortaleza.

A India formava um pulo terrivel sobre quem ella julgava um caçador sanguinario: Portugal.

II

Relampagos

Poucas horas depois, ouviam-se trombetas na Fortaleza, e depois, brados e vozearia.

Um pequeno cortejo de turcos e árabes acompanhava um emissario de Coge-Çofar, o triunfador.

O Capitão-mór recebeu a embaixada com grande solenidade, digno na sua pobreza.

E o rume, curvando-se com fina diplomacia, disse pomposamente:

—Manda-vos participar Coge-Çofar, capitão da cidade de Diu por mercê de El-rei Mahamud de Cambaia, que acaba de tomar posse do dominio que o mesmo El-rei de Cambaia lhe deu. Mais vos diz que muito deseja ser de todo o vosso serviço, como grande amigo que é.

D. João de Mascarenhas afétou um sorriso ingenuo e enternecido e, com forçada lhaneza, lhe volveu, acariciando as barbas:

—Muito agradeço ao poderoso capitão Coge-Çofar tantas mercês, e por tudo lhe beijo as mãos.

Depois, sempre sorridente, chamou Simão Feio, juiz da alfandega de Diu, e ordenou-lhe que fosse pagar, em seu nome, aquella visita. Seguiu com o

emissario o juiz da alfandega. Esperaram-no na Fortaleza duas horas. Quando voltou, Simão Feio vinha carrancudo e sombrio.

—Como vos recebeu o renegado? perguntou o Capitão-mór, ao vê-lo chegar, de côr macilenta, como se tivesse enfermado no caminho.

—Honrosamente, respondeu o juiz da alfandega, querendo sorrir e tremendo todo.

—Mas vindes como que agastado...

—Ouvi, senhor Capitão-mór. Diz Coge-Çofar que El-rei de Cambaia lhe recomendou, mais que tudo, guardar a paz segundo o regimento ajustado com D. Garcia de Noronha.

—Compreendo o renegado—disse Mascarenhas com azedume.

—Compreendeis, senhor D. João de Mascarenhas?... Mas sabei que Coge-Çofar traz um exercito formidavel.

—Sim, que se faça a parede, como foi assentado, entre a Fortaleza e a cidade—um meio de lançar sobre nós toda a sua gente, um pretexto quiçá...

—E, senhor Capitão-mór, quer disto já resposta, sem perda de tempo.

—Muita pressa tem o renegado! exclamou, muito colerico, D. João de Mascarenhas, respirando com angustia.

Mas, sorrindo logo com paciencia e tristeza, acudiu, d'olhos arrasados de lágrimas:

—Vou haver conselho. Mais hão de falar as necessidades do que o fogo do coração.

E reuniu nisto os principaes da sua gente. Todos foram de aspéto merencoreo. Alguns, pálidos em extremo, pareciam inuteis para quaesquer trabalhos, mortos antes de chegar a morte.

O Capitão-mór, numa linguagem incisiva e

grave, apresentou o caso. Coge-Çofar, com um grande exercito, ameaçava a Fortaleza. Mas, para romper, procurava um pretexto.

Mandára uma embaixada hipócrita. Respondera-se-lhe com cortezia.

Mas o renegado queria começar a obra, e fazia uma velha reclamação.

Assistia-lhe justiça? Sim, segundo um regimento ajustado com o 3.º Viso-Rei.

Mas, se boas forças houvera, Portugal repeliria esse ajuste, aceite só pela força das circumstancias. Que forças havia? Nenhumas, se D. João de Castro os não pudesse soccorrer.

Coge-Çofar queria resposta imediata. Esta pressa era um insulto? Mas cumpria devorá-lo. E a resposta? Deveria de ser segundo o regimento. Ganhava se tempo. Deus podia soccorrê-los, entretanto. Detinha-se a fera por alguns dias.

E, voltando-se para alguns fidalgos, perguntou:

— Emfim, qual o vosso juizo?

— O vosso, responderam elles sombriamente, com tocante submissão.

E nos rostos de alguns correram lágrimas furtivas.

D. João de Mascarenhas então chamou Simão Feio e disse-lhe, lentamente:

— Ouvistes? Ireis ter com Coge-Çofar e lhe direis que muito folgo com a vontade que traz para fazer bôas coisas. Já tanto delle esperava. Mais lhe direis que hei muito prazer que a parede se faça segundo o ajuste, do qual lhe mando traslado, para elle ver bem como foi tal contrato.

Fês o Capitão-mór uma pausa dolorosa e, cofiando as barbas, concluiu de golpe, quási gritando, parecendo lutar comsigo proprio:

— Ajudarei a fazer a parede, como está ajus-

tado, mas, se a fizer fóra desta ordem, não lh'a consentirei. Ouvis, Simão Feio? Dizei-lhe que, não sendo assim, lh'a mando derrubar, como lh'o fês Manuel de Sousa Sepulveda.

E, tremendo todo de desespero, concluiu, áspero e inconciliavel:

—Ide-vos, senhor juiz da alfandega! Dizei-lh'o mesmo assim.

Simão Feio partiu sem replicar, erguendo a cabeça com altaneria.

O Capitão-mór, entretanto, passeando convulso, mal ouvia o que lhe estava dizendo um fidalgo.

De repente, voltou-se, cheio de impaciencia, e bradou de arremesso:

—Estais apercebidos para tudo, senhores? Pois vamos morrer sem socorro de Gôa. Aqui ficaremos todos.

E não disse mais uma palavra.

Até á noite, a ancia foi enorme. Simão Feio não voltava. Nem elle, nem dois companheiros que levára, nem o lingua, um bramane, davam de si noticias. O silencio de todos era menos funebre do que rancoroso.

Quando a noite se cerrou, D. João de Mascarenhas reuniu de novo o conselho com ordens estridentes, brados de quem desabafa o desespero em desesperos.

—E que dizeis a isto? perguntou logo ao conselho, vendo-os a todos lividos.

Respondeu-lhe um rugido de leões enjaulados —a cólera que não deixa articular as palavras.

—Pois sei eu o que dizer-vos, declarou D. João de Mascarenhas. Coge-Çofar prendeu os emissarios. Amanhã, ou depois, a Fortaleza de Diu está sitiada pelos rumes! Passados dias, Deus dirá quem fica vencido.

—Senhor Capitão-mór, disse então um fidalgo, livido pelas febres e pela cólera. Algum de nós já falou em fugir? Se algum desses ha, levai-o á fôrca, que de viboras estamos todos fartos. Se alguem treme, dai-lhe a morte, que morto é já de si o covarde.

Ouviu-se, nisto, um tinir sinistro de espadas Todos os assistentes, arrancando ferros da cintura, se aprumaram como estatuas, de cêra, na côr, mas de pedra e ferro na firmeza. No seu conjunto, pareciam membros rigidos do mesmo corpo vibratil.

E D. João de Mascarenhas, exaltado, com grossas lagrimas nos olhos, desembainhou a sua espada e rompeu nisto, desvairadamente:

—Viva Cristo! viva Portugal!

Todos bradaram o mesmo brado, em tom cavernoso, em voz de ódio e de fé.

A luz do grande candelabro fazia-os tragicos.

O clarão dos olhos de fogo fazia-os épicos. Seria a Ala dos Cadáveres?

Ao outro dia, um espião moiro veio á Fortaleza. Trazia novas miudas.

Apenas viu D. João de Mascarenhas, estorceu-se todo em lamuria estudada.

Fingia uma grande dôr, que desejava fazer render, como profissão dificil.

Mas o Capitão-mór, impaciente, correu para elle e deu-lhe uma punhada no rosto vincado de esgares, sem dó e sem vacilação.

—Depressa, perro! Que novas trazes? gritou Mascarenhas, fitando-o em cheio.

O moiro empalideceu, olhou com rancor para o capitão, mas, baixando os ólhos, começou logo em tom de psalmodia:

—Simão Feio e os tres... cativos!

—Já o sabia, redarguiu Mascarenhas. Que mais? Dize, moiro, dize-o depressa.

—Sabieis?! exclamou o espião com espanto, acocorando-se e encolhendo-se.

—Dize o resto—insistiu Mascarenhas, de punho erguido.

—Mais nada, senhor Capitão-mór—murmurou o moiro, agora todo de rojo.

Nova punhada estonteou o espião, prostrando-o, quási esmagando-o.

—Senhor, senhor... não é proprio de cavaleiro... balbuciava elle, de barbas eriçadas.

—Dize o resto—insistiu D. João de Mascarenhas, pondo-lhe um pé sobre o dorso agora arqueado em fórma de giba.

Então o moiro, d'olhos fusilantes, mas timidos, disse lá de baixo, como uma cobra do nó das suas roscas:

—Coge-Çofar agastou-se com o vosso recado. Rasgou o traslado do regimento. Meteu em ferros Simão Feio e os tres. E traz milhares de rumes e de árabes. Vem depressa cercar a Fortaleza...

—Perro! gritou o Capitão-mór, largando o moiro, arremessando a injuria a Diu, ao palacio de Coge-Çofar.

E começou a chamar todos com grande desespero, praguejando, rugindo, quasi chorando.

—Vêde, senhores, estão em ferros os nossos emissarios! clamava elle aos que corriam. Em ferros, senhores!...

—Mas, senhor Capitão-mór, vós já o julgaveis—disse-lhe, tranquilamente, um velho fidalgo, festejando com a mão tremula a longa espada.

—Sim, sim, amigo—replicou Mascarenhas com angustia, sem tino, sem coerencia. Mas rasgar o re-

gimento, agastar-se assim... Mas nem eu acreditava no que supunha...

E D. João de Mascarenhas correu sem descanço a dar ordens, que logo revogava.

Cheio de febre, rondava as muralhas, olhava rancorosamente para a cidade, e nunca cessava de praguejar, de mandar, de planear. Nada se aproveitou deste seu trabalho.

Ao outro dia, mais calmo, dispôs toda a defeza, meditando-a em todos os pormenores.

Não tinha já uma cólera. Entre grave e triste, nem comia nem dormia. Pensava, ordenava, analisava, perguntava opiniões, e voltava a examinar o que já tinha visto.

Aqui reparava uma brecha, ali aumentava os entulhos, ali vedava uma porta, acolá punha uma trincheira.

Estudava o fogo das bombardas, a pontaria das bôcas, via-lhes a trajetoria, media-lhes a força do vómito.

De repente, sentia esperanças, tinha visões, sonhos milagrosos.

E a sua voz tornou-se roufenha e como ôca. A's vêses, ficava mudo e imóvel, mas logo, impelido por uma crise de nervos, mandava, operava, prevenia, via, em relampago, o que não descobrira, rasgando as trevas com o raciocinio ponderado.

A sua coragem e o seu tino equilibraram-se.. Havia nelle loucura, mas esta loucura era genial: visionaria, mas clarividente, emfim.

E todos sentiram contagiosamente o mesmo impulso, a mesma fé. Fr. Manuel da Salvação sentia-o e fortificava-o com a protéção de Deus, com a luz da Religião.

Não, Jesus-Cristo não havia de deixar vitorioso Mahomet. A fortaleza de Diu era uma estrêla no

firmamento em que Roma era o sol. Ali não havia adversarios, havia demonios.

E a voz do frade, tão decrepito, até essa ganhou força de trombeta, e mostrou um estridor épico.

Chegou assim a quarta-feira de trevas—dia duas vêses triste.

Ninguem descançava, mas ninguem já tremia, apezar das febres: ninguem tinha fome, apezar de quasi se não comer.

Alguns doentes do hospital apareceram a pé, curados pelo heroismo, febris, mas válidos.

As mulheres ergueram-se como flores convertidas em armas, prontas para a peleja, encantadoras de fé, sublimes de abnegação, a cantarem hinos a Deus e á Patria, dando aos homens a poesia dos seus labios e a surpreza da força dos seus nervos e músculos.

Havia crianças que pediam espadas. Havia velhos que disputavam o posto de espingardeiros. As mulheres queriam ser enfermeiras e cavaleiras, até pedras da muralha, se fosse preciso.

E, pelo meio dia, sentiu-se a marcha de tropas em torno da fortaleza, marcha desassombrada e firme.

Era um capitão de Coge-Çofar. Vinha com muitos homens, com muitas armas, num rasgo que era um simples preludio da epopeia.

O inimigo chegou ás muralhas e apresentou uma floresta de ferros.

Acudiram portuguêses aos peitorís, acudiram curiosos e irritados.

Apenas os viram assomar, houve um grande ruido de fecharias de espingarda. Choveram peloiros sobre os da muralha, abatendo alguns, gravemente feridos. Era a amostra. Coge Çofar mandara examinar a vitima e ia-lhe queimando alguns cabêlos da juba, porque a vitima era leonina.

D. João de Mascarenhas, não deixou dar a resposta dum só tiro. Os leões, quando cercados, ás vêses nem rugem. Retesam os musculos e esperam.

Era preciso economisar as munições e as forças dos nervos. Era preciso guardar as gotas do sangue, para que o não bebessem depois sem espuma de fogo.

Os rumes, entretanto, feito o seu aviso sangrento, retiraram, vozeando, inchados.

Os portuguêses aproveitaram o aviso.

Tratou-se logo de mais reparos. Notou-se que uma porta precisava de muro, devendo ficar só aberto um postigo. Foi assim feito. Concertou-se ainda o muro.

D. João de Mascarenhas depois, tratou de distribuir as rações da morte—os postos de combate.

A torre de S. Tiago ficou a Alonso de Bonifacio, escrivão da Alfandega; o baluarte de S. Tomé a Luís de Sousa; o de S. João a Gil Coutinho; a torre da porta, a Antonio Freire, alcaide-mór.

Não era tudo. A Fortaleza de Diu era um corpo gigante. Pena era estar tão anemico.

Pôs D. João d'Almeida á frente dum dos baluartes do rio; Antonio Peçanha no da porta que para o rio voltava; João de Venezeano na coiraça pequena e Antonio Rodrigues na grande.

No outro baluarte do rio, apresentou Fernão Carvalho com 30 homens, cercados de poderosa artilharia, da melhor da Fortaleza, como era eminentemente estrategico.

Tinha distribuido por aquella grande rêde 150 homens, um punhado de vitimas, ao que parecia.

Para si reservou 30. Era todo o exercito da Fortaleza—todo o dique ao Mar dos soldados de Cambaia.

Depois de feito isto, voltou-se para os capitães e perguntou-lhes com alegria nervosa:

—Póde agora vir o inverno?

—O inverno e as pelejas! responderam todos, d'olhar firme, sorrindo tambem.

—Passaremos, pois, sem o socorro da India...

—Tereis, senhor Capitão-mór, disse uma voz profunda, o socorro de Deus.

Era Fr. Manuel da Salvação, erguendo na direita o Crucificado e tendo na esquerda, muito tremula, uma espada.

E rompeu a manhã de quinta-feira de Endoenças, 21 de abril.

O primeiro a levantar-se foi D. João de Mascarenhas.

Do elevado terraço da sua residencia, ia elle contemplar a subida do sol.

Meridional puro, nunca deixava de dedicar alguns momentos de verdadeira religiosidade aos espetáculos da Natureza.

A' luz progressiva do dia era habitual que elle procurasse uma benção de Deus para aquelle organismo de pedra e fogo em que a alma de Portugal palpitava com a energia do supremo heroismo.

Nada como a nostalgia para despertar o Sentimento na sua maior pureza e grandeza. Nada como a ausencia da Patria, para se alevantar e purificar a virtude civica.

Uma saudade profunda faz, do amor menos firme, uma paixão. E esta paixão toma o encanto dum culto, insensivelmente, irresistivelmente, fazendo ver depressa Deus na menor maravilha cosmica, descobrindo nella uma linguagem de esperanças ou de anceios, que só o apaixonado entende.

D. João de Mascarenhas, apezar da velhice deshonrada que teve, foi, na virilidade, um grande português. Se a sua experiencia da vida, acalentada ou requintada por uma astucia nativa, o levou mais

tarde a um estranho séticismo e até a uma lugubre covardia, o valente capitão, emquanto pôde contrapôr ao Desalento a Fé, foi digno dos melhores herois portuguêses.

Emquanto amou e creu, teve Coração e Valor, como os mais crentes e abnegados.

E não ha Fé, nem Abnegação sem delicadezas de Sentimento.

Assim espiritual e com formidavel possança muscular, o Capitão-mór tinha os seus devaneios de Poeta, como todos os portuguêses, nas horas de mais rude prosa.

Naquella quinta-feira, levantava-se quasi sem dormir, depois duma luta intima e complexa, ao ouvir ruidos incessantes á volta do forte, contraprovando planos, vendo as contingencias peores, sondando e encarando o abismo de sangue em que elle e todos os seus iam mergulhar com grande fragor d'armas.

E, apezar disso, não resistia á contemplação extatica da Madrugada em pompa.

Mas, de subito, poesia e extasis cortaram-selhe bruscamente.

Olhava, e não queria acreditar.

Prevenido para tudo, encontrava-se cheio de surpreza.

Seria temor? Mas D. João de Mascarenhas não tremia por si, e até tremia menos pelos duzentos homens, que o cercavam, do que pela Patria.

Ha muito se falava na decadencia de Partugal. Um muro que ameaça ruina póde cair todo, logo que se lhe solte uma pedra.

Seria essa pedra a Fortaleza de Diu?

Chegara o lance esperado—eis o que o colhia de surpreza, apezar de o ter calculado, ao ouvir os ruidos nóturnos.

Ha sempre a angustia do inesperado diante dum grande mal, por mais previsto e fatal que elle seja.

Diante da Fortaleza havia uma nova fortaleza. O gigante tinha diante de si outro gigante, mais leve de organismo, mas soberbo pela maior riqueza do sangue.

O inimigo levantara um grande e largo baluarte. Fizera-o, durante a noite, de grossa pedra, entulhado com terra amassada.

Tinha o baluarte bombardeiras de grossos tiros. As ameias, feitas de coiros crus, tinham atraz de si bombardeiros cuja terrivel pontaria depois se notou quanto era certeira.

E, mal elle desceu, notou que toda a praça estava em alvoroço.

Alguem vira, como elle, antes do raiar do dia, a ameaça convertida em obra.

Com grande jubilo seu, encontrou todos a postos.

Fitou-os bem: não tremiam; esperavam.

Mal lhes disse palavras simples de saudação.

Neste momento, o inimigo fusilou. Mas não houve só trovão e relampagos: veio o raio, tiros que faziam calar a nossa artilharia, certeiramente.

Jogavam de lá a artilharia grossa. Depois, acompanhamento mais sêco das espingardas.

E, por fim, um granisar tremendo.

O baluarte era formidavel, principalmente por dominar muito a fortaleza.

Estava do lado do rio, alteado num relevo natural do terreno.

A Fortaleza respondeu, a principio, com furia. Depois, teve intermitencias dolorosas. Os nossos artilheiros caíam a cada passo e os tiros dos portuguêses davam num baluarte espesso e firme onde os moiros se resguardavam com grande tática.

D. João de Mascarenhas não desanimou. Inventou resguardos, dispôs o fogo com pericia e tornou mais forte a defensiva do que a ofensiva.

Acima de grande capitão tinha de ser grande ecónomo de vidas e de munições.

A furia converteu-se em serenidade. Caiam menos homens: não se respondia com tanta vivacidade a todos os insultos.

A noite chegou numa relativa calma. Decrescia o bombardeio. O inimigo poisava as armas e lançava mão dos utensilios dos sapadores.

Quando escureceu, o inimigo não batalhava; cavava e argamassava.

O Capitão-mór compreendeu aquelle labor. Faziam outro baluarte.

O cêrco ia-se fortificando gradualmente. A aranha colossal tecia a teia de pedra e fogo, emquanto a noite protegia a môsca.

Mascarenhas reuniu então conselho.

Que alvitres appareciam?

Nenhum.

Fidalgos e soldados, mulheres, creanças e velhos, estavam seguros de que o seu Capitão tinha utilisado tudo que servia de defeza.

Dois socorros tinham elles como certos em tão grande perigo: Deus e o Amor da gloria.

Interrogados varias vêses por D. João de Mascarenhas sobre o que havia a fazer, ninguem deu outra resposta que não fosse esta:

—Pelejar!

E, como Mascarenhas murmurasse desalentado:

—O inverno... o inverno!

Alguns replicaram, singelamente:

—Antes morrâmos todos do que naufraguem as naus de Gôa.

Recolheram-se aos leitos, e poucos dormiram.

D. João de Mascarenhas nem se deitou. Rondando as muralhas a escutar e a meditar, ouvia o ruido dos trabalhadores inimigos.

A' luz de palidos fachos, distinguiu o novo baluarte a erguer-se diante do primeiro.

Vinha largo e macisso como aquelle. Unia os dois baluartes, como um braço negro e robusto, um paredão muito alto. Entulhavam-no tambem do lado de dentro com terra amassada para quebrar os tiros da Fortaleza.

Rompeu o dia, e o fogo do inimigo veio por divertimento, como a experimentar o alvo.

Depois, como os nossos esperassem o ataque, o inimigo deu mostras de adormecer para vigiar e trabalhar de noite.

O dia correu lento e aborrecido. Ao pôr-do-sol, os rumes formigaram. Quando anoiteceu, o formigueiro tornou a cavar, a argamassar, a construir.

Levantaram novo baluarte, unindo-o aos dois com a mesma solidês.

E, ao romper d'alva, viu-se que a Fortaleza estava toda cercada.

Os cubelos, poderosamente artilhados, romperam o silencio com estridor.

Choveram tiros e, emquanto os sapadores dormiam, desfechavam com energia bombardeiros, espingardeiros e frecheiros.

Não havia agora tréguas. O inimigo visava a Fortaleza membro por membro.

A torre de Santiago sofria o fogo dum enorme e forte cubelo.

Valia, porém, muito aos portuguêses o seu baluarte do rio.

Com duas grossas peças varriam dali os trabalhadores inimigos que já se furtavam a descobrir-se.

Foi então que os rumes pensaram em nova fortificação.

Mas como, se o fogo da Fortaleza estava tolhendo os trabalhos?

D. João de Mascarenhas compreendeu o apêrto do inimigo.

Neste momento, fês mais insistente o fogo. Cairam muitos rumes.

O inimigo, raivoso contra o baluarte do mar, planeou uma audacia.

O que o molestava, era forte pela posição que tinha. O melhor meio de inutilisar aquelle forte era tomá-lo.

Depressa aproveitaram uma grande nau. Sobre ella ergueram um castelo enorme, mais alto do que o baluarte, fazendo-lhe verdadeiros andares onde se pudesse combater com firmeza. Encheram-no de materias explosivas e de lenhas.

O raciocinio do inimigo era este: ou tomar assim o baluarte, ou fugirem da nau, pegando-lhe o fogo, e deixando aquella máquina inutil para os da Fortaleza.

Traziam a máquina estranha na baixa-mar, chocando-se o aparelho com o baluarte, que tentariam tomar á custa de todo o esfôrço, ficando depois com a nossa fortaleza quási toda a descoberto.

Mas D. João de Mascarenhas tudo observara. Alguns lhe vieram confirmar o plano temerario que elle já antevira.

Imediatamente ajustou dois catures. Cada catur levava 10 espingardeiros com panelas de pólvora.

Deu o comando dos catures ao capitão do mar de Diu, Jacome Leite.

E disse-lhe, com o laconismo da Fé, depois de caír a noite, vespera de dia de Páscoa:

—Queimar a nau do inimigo.

Remaram os catures em silencio profundo, animados todos de fé e intrepidês.

Mas as vedetas dos rumes presentiram-nos. Ferveram brados, espingardaria e fréchadas. Tocaram a rebate nos seus baluartes. O inimigo acorreu em alvoroço, despejando tiros para as trevas.

Mas os catures proseguiram. Os remadores fizeram um esforço herculeo e os soldados fusilaram com energia os moiros que coalhavam as margens.

Num temporal de fogo, chegaram á grande nau e lançaram-lhe para dentro bombas de fogo. Apagaram-nas os tripulantes, que eram em grande numero, e logo resistiram com desespero aos dos catures. Feriu-se a luta, luta épica que durou duas horas. Os portuguêses, vendo que começava a baixa-mar, fizeram um novo impeto e esforço. De subito, cortaram as amarras da nau, ataram-lhe um cabo e arrastaram-na pelas águas, como duas formigas que arrastassem uma casca de noz.

E, quando a viram entre o baluarte e a Fortaleza, segura, bem delles, é que notaram quantos vinham feridos e como nenhum morrêra, e descortinaram logo os tripulantes que, aterrados, fugiam nadando com grande panico, num golpe febril.

Então D. João de Mascarenhas disse, jubiloso, a Fr. Manuel, que orava:

— Agradecei por mim a Deus. Se morrermos, já não vamos sem conhecer a gloria.

III

A Iliada

DEPOIS deste feito, o inimigo imobilisou-se mais, como quem queria digerir devagar para ter melhor sangue.

O fogo, menos nutrido, era mais um exercicio do que um ataque, ou antes era uma defeza dos trabalhos de ataque.

O seu empenho tenaz era levantar baluartes. Da Fortaleza choviam tiros que matavam muitos trabalhadores, mas eram logo substituidos e, antes de explodirem novas bombas, adiantavam mais um palmo, mais um pedaço de terra onde firmar o pulo.

D. João de Mascarenhas, embora cheio de fé, não deixava de ter apreensões. O cêrco fortificava-se melhor, dia a dia. Demorava-se o ataque no seu caminho, mas os passos que davam eram solidos, cada vês mais profundos.

Vistas as coisas friamente, o peor inimigo da Fortaleza era ainda o inverno, que obstava aos auxilios de Goa. Os rumes, assim livres, fortificariam as suas linhas, apezar da guerra heroica dos nossos soldados e, entretanto, a falta de viveres e munições iria quebrantando os defensores da Fortaleza.

Que iria seguir-se? Decerto um grande assalto.

Resistir-lhe-iam duzentos espétros, dia a dia mais imbeles, numa vibração suprema de nervos doentes. Depois a brutalidade da força numerica esmagaria tudo.

O Capitão-mór sofria intimamente desta certeza lugubre e, ocultando a angustia aos soldados, só a confidenciava ao vigario João Coelho e a Fr. Manuel da Salvação.

O frade respondia invariavelmente:

—Deus virá. Jesus Cristo não esquece a bandeira das quinas.

O vigario, novo, vigoroso, acrescentava com os olhos muito luminosos:

—Deus e a nossa Espada!

E D. João de Mascarenhas, levando a mão á cintura, concluia sempre:

—Deus a abençôe.

Depois, corria aos fortes. Dirigia o fogo. Estudava os progressos das obras do inimigo. A's vezes, lograva destruir um lanço construido á pressa. Era um palmo disputado á morte. Outras vezes via dispersar, em pedaços, uma fila de sapadores. Neste parentesis de panico do inimigo ganhava horas de vida e colhia alentos para os mais pusilanimes, ás vezes para elle proprio.

E o tempo ia decorrendo. A Fortaleza economisava com rigor provisões e munições. O inimigo ia obrigando os portuguêses a cerrarem portas e postigos e robustecia as suas linhas com uma fleugma tão habil, que não se percebia a intima freima.

Entrou assim o mês de maio. Quasi não havia combates: havia alvoroços estridentes; alguns mortos nas obras dos rumes e alguns feridos nas muralhas da Fortaleza—enxurradas repentinas que levavam homens.

Amanhecia e anoitecia neste sobresalto—para

os que trabalhavam á roda da praça e para os que viam trabalhar, de cima da Fortaleza.

A 17 de Maio, porém, Fr. Manuel da Salvação apareceu radiante, como se visse chegado um dia de triunfo.

Algumas mulheres, das mais heroicas, das que se expunham aos peloiros e disparavam sobre os rumes, hombro a hombro dos mais destemidos, pareceram tambem tomadas de jubilo singular, do jubilo dum grande presentimento.

D. João de Mascarenhas notou esta alegria com assombro.

Fr. Manuel explicou, que sentira de subito uma esperança vaga, mas tão consoladora, que só Deus lhe podia mandar aquelle alento. Presentia-a e não podia defini-la.

As valentes mulheres declararam o mesmo com os seus labios gretados de febre.

Quem sabe? Levantaria Coge-Çofar o cêrco? — disse alguem.

Mas porquê? perguntava o Capitão-mór. As obras não cessavam: cada vez eram mais solidas e formidaveis. O exercito inimigo crescia a cada hora, apezar das constantes baixas.

Os Rumes deviam saber como era quasi ridicula a guarnição. Dum perigo pelo mar estavam seguros por proteção do inverno que não cessava de pôr inviavel o caminho das ondas. Defendia-os até a furia do inverno.

Porque levantaria Coge-Çofar o cêrco?

Mas, admirando aquella alegria inexplicavel, D. João de Mascarenhas acabou por ter esperanças, embora sem as poder fixar em nada de sólido e positivo.

Rompeu o dia 18 de Maio. Naquelle dia, porém, todos se apresentaram graves, parecendo desiludidos os mais ótimistas. Fôram para as muralhas com a

mudez soléne de quem espera a morte, matando. Nem as mulheres sorriam. Pelejavam, d'olhos humidos.

O inimigo, pelo contrario, singularmente alegre, recomeçou os trabalhos, abrigando-os com a artilharia e a espingardaria, muito vivamente, aos trovões.

Houve algumas horas em que o entusiasmo dos Rumes pareceu o dum ataque decisivo. Os sitiados, lividos mas firmes, presentiram algo de extraordinario que podia resolver tudo de golpe. Seria a decéção dum embate invencivel?

Por vezes, o fragor calafriava-os, mas, depois, como se um mesmo fluido lhes corresse energico nos nervos, expunham-se, despejavam fogo e rareavam terrivelmente as filas dos sapadores inimigos.

E esta febre embriagava-os.

De subito, no coração da Fortaleza, houve, porém, um grito. D. João de Mascarenhas estremeceu como nunca, alvoroçado, receoso, mas, antes de dar um passo, correram para elle mulheres, crianças, alguns soldados, em chusma, de mãos evantadas.

—Acolá! acolá! gritavam, apontando a barra, de braços convulsos.

Via-se o mar picado, as vagas em correria, desabando sobre as rochas com estrondo. Caía uma chuva forte, tocada por ventania desabrida.

Naquella especie de poeira, D. João de Mascarenhas, porém, avistou algumas manchas que fluctuavam, desapareciam, e trazidas por uma corrente caprichosa, avançavam, muito de arremesso, quando pareciam devoradas.

Daí a momentos, conheceu embarcações e, pouco depois, viu claramente a bandeira de Portugal, espancada pelos ventos, mas soberana.

Atonito, temendo iludir-se, chamou homens pe-

ritos, velhos lobos do mar. Depois de elles lhe [terem jurado, que vinham aí oito fustas portuguêsas, ainda duvidou e, cheio de ancia, fês chamar Fr. Manuel da Salvação, fiando tudo da sua videncia.

O velho frade já avistára o socorro de Gôa e estava orando pelo bom exito do desembarque, de joelhos sobre uma bombardeira.

A' presença do Capitão-mór, disse apenas, querendo fitar o céo apezar dos insultos do temporal:

—Que Deus os deixe desembarcar, já que lhes permitiu estarem á nossa vista.

A' alegria daquella surpreza seguia-se agora a ancia.

O mar não aplainava. Os ventos, a principio, fortes mas com direção persistente, pareciam agora voluveis como caprichos de déspotas, vibrateis de grandes arremessos.

Todos viram aparecer a pequena frota num monte de espumas desfeitas, e todos a viram logo desaparecer num abismo de vagalhões convulsos.

Ninguem já atentava no fogo dos sitiantes. Ora estrondeava a esperança, ora gemia o terror. Quando nisto, o vento correu de arremesso e a chuva escureceu tanto o horisonte, que ninguem viu durante minutos as fustas que já tinham emergido do abismo e pareciam correr para Diu: e só espuma e fumo pareceu cobrir todo o combate das ondas.

—Naufragio! naufragio! clamaram muitas bôcas, vozes de homens ajoelhados na lama do solo, sobre os charcos, sem noção real do que faziam.

Só uma voz profunda e serena disse no meio desta angustia:

—Salvos, que Jesus-Cristo vem com elles.

E Fr. Manuel tinha razão. Viu D. João de Mascarenhas, viram todos, as oito fustas, muito distintamente, romperem de golpe, e ganharem tanto

caminho, que se distinguiram logo figuras de homens, gesticulando e trabalhando.

Mas, nisto, um ruido feroz veio do arraial dos Rumes. Tinham avistado as fustas. Correram os portuguêses para os muros. A esse tempo já o inimigo começava a despejar fogo sobre a pequenina armada, trovejando e fusilando.

Os da Fortaleza dividiram-se logo em dois grupos: um que fusilava o inimigo para o embaraçar, e outro que esperava os expedicionarios para os auxiliar no desembarque.

D. João de Mascarenhas, entretanto, preparava a entrada dos nossos heroes. Portas e postigos estavam entulhados. Mas urgia resolver. Logo acudiu aproveitar o socorro duma escada, suspensa duma bombardeira na coiraça do mar.

Num impeto assombroso, as fustas vararam quasi de repente debaixo do fogo colerico do inimigo, vencidas as ondas e o vento.

Nenhum dos expedicionarios foi alvejado. Vendo a escada, subiram por ella vertiginosamente, á formiga, emquanto a artilharia da fortaleza, terrivel como nunca, vomitava fogo sobre os Rumes, que não cessavam de disparar, irritados e atónitos.

O entusiasmo dos sitiados explodiu ainda mais do que as bombardas que pareciam conversar animadamente com as suas inimigas do arraial dos Rumes, discutindo aquelle arrojo. Ninguem temia peloiros. Todos corriam á beira das muralhas.

Estavam emfim dentro da praça D. Fernando, filho de D. João de Castro, Diogo de Reinoso, seu aio, D. Francisco d'Almeida, Pero Lopes de Sousa, Diogo da Silva, Antonio da Cunha, Gregorio de Vasconcelos e bastantes soldados. D. João de Mascarenhas, depois deste socorro, viu que tinha mais de 500 homens, embora só 400 deveras aguerridos.

Era nada e pareceu a todos muito.

Depois, apezar dos Rumes, descarregaram-se as fustas. Ganhou a Fortaleza, logo, pelo baluarte do mar, seis pipas de polvora, o pão dos canhões, chumbo, panelas de fogo, e alguns viveres. Abrigadas as embarcações na tercena ao longo do muro, o Capitão-mór mal teve tempo de ouvir os que chegavam, porque deu-lhes logo postos de combate.

Ao joven D. Fernando de Castro, ao aio delle Diogo Reinoso e a outros, deu-lhes o baluarte de S. João onde capitaneava Gil Coutinho, o qual ficou como soldado daquella capitania, cedida ao filho de D. João de Castro.

Colocou no baluarte de S. Tomé Pero Lopes de Sousa e a D. Francisco d'Almeida, Antonio da Cunha e Luís de Sousa encarregou-os de rondarem com cincoenta homens aquelles dois baluartes, bem como a torre de Santiago, vigiando aos quartos — por ser ali maior a intensidade do fogo.

E, apenas o reforço se distribuiu, os Rumes sentiram-lhe logo o poder e o impeto. Os seus sapadores eram dizimados com tanto horror, que já só trabalhavam á força, ameaçados de fuzilamento ou de golpes de ferro.

Apezar de tudo, porém, os moiros foram adiantando pavorosamente os seus trabalhos. Os muros espessaram-se, fortaleceram-se debaixo da chuva de fogo que caía de cima, e chegaram perto da torre de S. Tiago.

E, feitos estes muros, fizeram outros diante delles, aproximando-se do fôsso, conseguindo abrigar-se e responder ao fogo de cima por numerosas seteiras que tinham rasgado.

E assim aproximaram tanto do fôsso os muros, as suas paralelas, que os da fortaleza só os podiam varejar de través, de cima dalguns baluartes e torres.

D. João de Mascarenhas, porém, sentia-se forte e confiado. Havia munições e tropas frescas. Nenhum soldado esmorecia. Ás mulheres, no mais acêso das refregas, pelejavam e corriam a ser enfermeiras, sorriam aos combatentes e pensavam os feridos, vibravam armas e ungiam todas as angustias de beijos.

Parecia voltar-se aos antigos tempos de heroismo e fé. A solidariedade fazia, de todos, mais do que uma familia, um corpo unico, cheio do mesmo espirito.

Houve, nisto, só uma nuvem. O aio de D. Fernando de Castro, o bravo Diogo de Reinoso, sonhava só para o seu pupilo grandes cometimentos que orgulhassem os brios de D. João de Castro. Por isto corria com elle a todos os logares perigosos e estimulava-o a afronta-los com a sua gente, sem ouvir antes o Capitão-mór.

D. João de Mascarenhas era, por natureza, cioso da sua primazia. Astuto, naturalmente desconfiado, não viu de boa sombra aquellas iniciativas.

E, concentrando o mau humor, não o conteve um dia a um pequeno motivo. Explicaram-se felizmente o Capitão-mór e D. Fernando de Castro, que deu mostras de precoce bom-senso; e a nuvem dissipou-se.

Mas os Rumes proseguiram, tenazes e heroicos, as suas obras. Do lado da torre de S. Tiago, armaram dois grandes fortes que artilharam formidavelmente.

De lá começaram a varejar a torre e o baluarte de S. Tomé.

D. João de Mascarenhas, depois de mandar fazer depressa um contramuro, emquanto os pelouros começavam de cair dentro da Fortaleza, certeiros, mas felizmente sem vitimarem ninguem, cobrou novo alento.

O baluarte de S. Tomé e a torre de S. Tiago sofreram o fogo inimigo durante oito dias sucessivos, mas resistindo sem perdas graves.

Vendo os Rumes o seu inexito, tentaram abater o baluarte de S. João. Eriçaram os seus muros e cubelos de artilharia grossa e, disparando-a sem descanço de noite e de dia, molestaram cruamente os soldados da Fortaleza.

Nisto, fugiram aos portuguêses dois negros que fôram dizer a Coge-Çofar como os sitiados, tendo perdido muita gente e estando quasi todos feridos, já temiam perder a praça.

Alvoroçou-se de alegria Coge-Çofar. Viu o renegado um admiravel ensejo de dar o golpe definitivo. Informou logo El-rei de Cambaia da situação e pediu-lhe que fosse vêr como elle ia operar o grande feito.

A vangloria do renegado só foi excedida pelo jubilo do seu rei.

O soberano de Cambaia marchou com muitos soldados sobre Diu, aonde chegou a 1 de Junho.

Emquanto á roda da Fortaleza tempestuava a artilharia, mais ao longe, na cidade de Diu, entrava El-rei de Cambaia com grande pompa e estrôndo, entre musicas, bandeiras e arcos de triunfo e via-se, da praça, a onda sintilante do novo exercito, a acompanhar o monarca e a reforçar terrivelmente o assédio.

Um grande desalento deu aquelle novo mar humano, aguerrido e folgado, aos defensores da Fortaleza. Rompeu uma anciedade dolorosa, um receio pungente e desmoralisador. Todos queriam noticias do colosso que tinha vindo reforçar o colosso.

D. João de Mascarenhas começou a julgar tudo perdido. E, nisto, ordenou a Fernão Carvalho, capitão do baluarte do mar, que de noite lançasse uma

almadia ás aguas, á caça de quem podesse informar do que viria.

Cortou o barco sorrateiramente as ondas. Dois canarins, quando desciam o rio, avistaram um moiro que se banhava e correram a prendê-lo.

O prisioneiro declarou que El-rei de Cambaia vinha assistir, por vaidoso convite de Coge-Çofar, á tomada da Fortaleza.

Aprumou-se com ar ironico e sereno D. João de Mascarenhas e, rindo muito, disse ao moiro que estava muito contente por El-rei de Cambaia vir levar tambem na face parte da tremenda bofetada que ia descarregar de Coge-Çofar.

E soltou-o para que o dissesse no arraial inimigo, depois de descarregar diante delle bôcas e espingardas ao som de vibrantes trombetas.

Sabido isto pelos Rumes, Coge-Çofar veio debaixo dos muros provocar os portuguêses para sortidas como as fizera o grande D. Antonio da Silveira.

O Capitão-mór respondeu sempre a tudo com fogo, espingardaria crua.

Emfim, Coge-Çofar anunciou o grande feito. El-rei de Cambaia ficou numa eminencia da cidade, a assistir á epopeia. O renegado ia cumprir o que prometera.

Rompeu o fogo do inimigo, de todos os seus fortes e máquinas. O impeto foi tremendo e a chuva de peloiros e frechas parecia arrazar muros e subverter com elles os homens. Neste ataque infernal, o excesso do perigo, porém, fez prodigios. Homens e mulheres, solidarios como nunca, pelejaram sem um recuo. O baluarte do mar, embora economisando a polvora, fazia um fogo cruel e certeiro, que dizimava os Rumes constantemente, fazendo em pedaços as suas filas.

Não se viam senão ólhos fusilantes e braços con-

vulsos. A espaços, vinha um peloiro, matava, feria, um combatente: mas o seu logar era logo substituido por um homem, por uma mulher, ás vêses por uma criança.

E, nisto, El-Rei de Cambaia, sentindo zunir alguns tiros transviados, deixou o seu miradoiro. Anoiteceu entretanto sem que resplandescesse a anunciada vitoria do renegado.

Depois, o soberano, correndo mais riscos em algumas visitas cautelosas ao seu arraial, retirou-se para Madalá, deixando a Coge-Çofar um valente abissinio, Jusarcão.

O renegado, furioso com o inexito, ergueu defronte do baluarte de S. Tomé um forte que veio fazer grandes danos, ferindo e matando muitos dos nossos e dando d'aí grandes ameaças de completa ruina á Fortaleza.

D. João de Mascarenhas não deixou de atacar, de noite e de dia, o novo baluarte. Foi épica como poucas a luta. Os soldados eram, ao mesmo tempo, bombardeiros e pedreiros conforme os apertos. Caíam, a cada passo, mas os poucos que sobreviviam, multiplicavam-se, excediam-se, de maneira que não pareciam rarear, pareciam reforçar-se constantemente. Mas o fogo inimigo ia arrasando os baluartes. O de S. João tinha a cobertura toda destruida, e a cada hora esperavam todos o desembocar sobre elles duma torrente furiosa de moiros, cara a cara.

O inimigo chegava, emfim, quási ao triunfo. De cima do seu novo baluarte bombardeavam as casas, arrazavam-nas, matavam homens, mulheres, creanças, e, como invernava muito, as chuvas, encontrando rôtos assim os telhados, iam apodrecer e arrastar os proprios mantimentos.

Nessas horas trágicas tiveram a convicção de que tudo ia acabar para elles mas, dessa crença dolorosa,

é que tiraram todo o valor sobre-humano. Cercados de cadáveres, pisando cadáveres, ouvindo gemer moribundos, sentindo debaixo dos pés craneos de crianças, seios generosos de mulheres, corpos exanimes de velhos, os soldados de D. João de Mascarenhas, em vês de recuarem, porfiaram em agilidade, coragem e vigôr.

E o Capitão-mór, como todos elles, nem desanimou, nem perdeu o sangue-frio. Num relampago divino, lembrou assentar, de noite, um basilisco junto á igreja. Fizeram-no com trabalho titanico, e Deus coroou-lhes a angustia de grande desafogo e exito.

Ao primeiro tiro do basilisco, tiro estupendo, voz decisiva e redemtora, o novo baluarte dos moiros ficou todo descabeçado e voaram, em pedaços, numa explosão titanica, as bôcas de fogo e mais de cincoenta bombardeiros e espingardeiros que de lá disparavam ferozmente.

E isto fês tal panico ao inimigo, que o terrivel baluarte calou-se e nunca mais o ocuparam.

Entretanto, resolveram entulhar o fôsso da Fortaleza. Assim o fôram fazendo com grande número de trabalhadores de dia e de noite. Havia na Fortaleza um rasgão com porta, e que ia até ao fôsso. Esse rasgão dava passagem a um homem e a chave estava em poder do Capitão-mór.

Abriram de noite os sitiados essa porta e por ella encheram cestos de entulho, desobstruindo o fôsso. A principio, não o notou o inimigo; mas depois, vendo diminuir a terra, espionou a praça e surpreendeu os aventureiros, embora sem os poder molestar.

O espanto de Coge-Çofar, sabendo isto, foi enorme e mandou logo assestar bôcas de fogo contra a abertura por onde saíam para o fôsso.

E foi ver e admirar aquella abertura, alevan-

tando um pouco a cabeça, que apoiou na mão direita, acima dum pequeno muro. Era isto em dia de S. João Batista, naquelle anno, tambem dia de Corpus Cristi.

Transviou-se nisto um peloiro e, como se fôra a espada que tinha degolado o Santo Precursor, acertou-lhe em cheio no craneo, arrancou-lhe a cabeça, deixando a esguichar sangue as arterias mutiladas do pescoço, e levou-lh'a juntamente com a mão direita.

O renegado caiu, decepado assim, não podendo ganhar a sua sonhada vitória. Realisara-se o escuro presentimento, que tinha, de morrer naquelle cerco.

Não o souberam logo os nossos. Notaram apenas ruidos e clamores e mais raro tiroteio.

Pouco depois, um baneane, cubiçoso de alviçaras, correu a dar a noticia a D. João de Mascarenhas, contando como o cadáver fôra coberto para a tenda de Rumecão o qual mandou os restos do pai para Surrate onde teve sepultura. Os Rumes, morto Coge-Çofar, desmoralisaram-se muito, mas Rumecão e Jusarcão lograram contê-los e animá-los.

E os assaltos recrudesceram, depois duma tregua de 10 dias. Voltaram a entulhar o fôsso. Conseguiram-no por completo, apezar da artilharia incessante da Fortaleza.

O aperto cresceu até ao desespero. Os soldados rareavam pavorosamente. A cada hora, novos cadáveres. A obra do inimigo aumentava e solidava-se cada vês mais. Eram muitos os feridos. Raros eram os válidos. Todos doentes, cambaleavam já mais do que pelejavam.

Nesta angustia, e engrossando a cada instante o poder dos Rumes, falaram a D. João de Mascarenhas em pedirem socorro a Gôa.

O Capitão-mór acedeu com afan, apezar de crer

que não viria o auxilio oportunamente, porque só poderia chegar, a haver bom tempo, em agosto.

Mas queria dar aos seus soldados, ao menos, o apoio duma esperança.

Escreveu D. João de Mascarenhas ao Governador e pediu a D. Fernando de Castro, que lhe escrevesse tambem. O filho de D. João de Castro escreveu poucas linhas: que estava são, e que a Fortaleza estava como lh'o dizia o Capitão-mór. Depois, Mascarenhas pensou no emissario e viu-o no vigario P.e João Coelho.

O heroico sacerdote saiu num catur apenas com 12 homens, depois de jurar solenemente diante de todos, que voltaria com a resposta, se a morte o não impedisse.

Entretanto, o inimigo progredia. O fôsso, entulhado apezar do heroismo dos nossos, servia de ponto de apoio a ladeiras que davam caminho por cima do muro. A agonia era infinita. O filho de Coge-Çofar parecia destinado a vingar em tudo o pai.

D. João de Mascarenhas disse, emfim, a Fr. Manuel:

—Desta vês nos desampara Deus.

Mas o frade, com o mesmo sorriso de fé retorquiu ainda:

—A fórtaleza de Diu hade ser salva por Jesus-Cristo!

IV

Um grande arranco

Emfim, o inimigo, forte de 60 peças de artilha-ria, cingia a Fortaleza de perto, peito a peito, como um lutador de circo, antes do impulso desesperado que o hade prostrar a elle ou ao contendor.

Mas os espétros que defendiam a praça, continham-no, como se cada um fôra um colosso.

Era tão famosa na India a rijeza nervosa dos portuguêses, como a sua coragem temeraria.

Rumecão e os seus, temendo essa resistencia e esse impeto, esperavam tudo do gigantesco e robusto aspéto das suas fortificações, como da desmoralisação que vem da fóme e dos desastres.

Temiam muito a luta braço a braço e, porque a temiam, evitavam-na prudentemente, ao passo que iam engrossando, hóra a hóra, o seu cingidoiro titanico.

Todos os dias tinham a esperança duma proposta dos sitiados, proposta que o bom senso lhes devia aconselhar, porque a Fortaleza estava aberta para todos os lados e, na opinião dos Rumes, tarde ou cêdo, tinha de render-se por falta de viveres e de pólvora.

D. João de Mascarenhas, porém, sempre de atalaia, não se quebrantava. Excitado pela angustia, todos os soldados mostravam a mesma atitude firme, queimados e lúgubres, mas decididos.

Certa noite trouxeram os moiros o prisioneiro Simão Feio ao pé dos muros. O juis da alfandega foi obrigado a transmitir o que aconselhava Rumecão: que se entregassem em paz, pois bem viam a Fortaleza aberta a um assalto invencivel, e que elle lhes daria naus em que seguissem para onde quizessem, com tudo quanto tinham.

Respondeu de cima D. João de Mascarenhas, que estava em toda a parte com atividade prodigiosa, sempre vigilante.

Foi uma resposta anciosa e energica, sentida e muito entranhada.

A sua voz de trovão gritou a Simão Feio, como um semi-deus:

—Retirai-vos já e não mais volteis, porque vos matarei a tiro de espingarda. Ao Rumecão dizei-lhe, que espere e que não fuja, para ver como eu heide sair pelos caminhos que fizeram e ir á sua tenda a pô-lo em ferros e a metê-lo na sua cavalariça.

E, num crescimo de ira, accrescentou stentóreamente, erguendo a espada acima da cabeça:

—E o mesmo faria a El-Rei de Cambaia, se no arraial o achara, pois que com sangue de guzarates heide lavar as casas da cidade de Diu! Dizei-lhe tudo isto, e não mais volteis, se tendes amor á vida.

Replicou ao Capitão-mór, subitamente, a espingardaria furiosa de muitos Rumes; mas os sitiados estavam em abrigo, e D. João de Mascarenhas acolhera-se tambem depois de falar.

Nisto, Rumecão, irritadissimo, resolveu dar o assalto supremo. Houve no arraial inimigo grande

compacto, ufano de poder. Armado de machados, maças de ferro e de lanças e espadas, o seu pelejar era tremendo de golpes e estrondos. O seu ferir era de ódio e desdem.

Não arredaram pé os portuguêses, apezar de muitos já cairem banhados em sangue; mas os moiros cresciam, dizimados, e logo compactos, nuvem fendida aqui e ali, e de pressa mais densa, mais negra, mais ameaçadora.

Pelos espiritos dos heróis, quasi subvertidos já, passou a ideia cruel de que estavam todos condenados a morrer ali, como numa derrocada de muro de ferro, triturados, sufocados. Os moiros perdiam muitos soldados; mas a confiança no seu poder, que se avolumara de instante a instante, ás ondas, ás torrentes, em verdadeiras marés, dava-lhe um impeto cada vês mais irresistivel e brutal. A's filas sucediam-se as filas; aos homens os homens; aos peitos cançados dos que tinham subido primeiro os peitos folgados dos que esperavam brecha, caminho naquella onda, anciosos por vibrarem um golpe.

Corria o sangue a jorros, e os heróis só tinham a ajuda-los a espingardaria desesperada do cubélo de Antonio Pessanha.

Mas, nisto, repicou o sino da vigia. Correu então ao perigo D. João de Mascarenhas com a sua companhia, um grupo de bravos.

Viu, de longe, extraordinarios, cheios de feridas, mas firmes de energia, Pero Lopes de Sousa, Luis de Sousa, D. Francisco d'Almeida, D. Pedro d'Almeida, Antonio da Cunha e Gregorio de Vasconcelos, formando sósinhos a linha da vanguarda.

E notou que mais pelejavam, disputando primazias de heroismo, do que defendendo as vidas. Viu-os mais luminosos do que terriveis. Eram sublimes.

Após elles notou egual esforço nos soldados,

alguns delles mulheres e, animando-os a todos de cruz alçada, o vigario João Coelho e Fr. Manuel da Salvação, tão brancos que pareciam de marmore, tão cheios de fé, que pareciam feitos de sol.

D. João de Mascarenhas, chegando de improviso, saudou-os, antes de pelejar, com estusiasmo.

E estas palavras de justiça aumentaram tanto a valentia de todos, que o impeto português deu um empurrão épico na onda de ferro, que parecia invencivel, a subir, a subir, numa espuma de sangue.

Recuaram um pouco os Rumes, feridos até ao centro da sua massa formidavel, e este recúo deu novas forças aos sitiados, levando-os á sublime loucura que não conhece perigos nem abismos. A nevróse destes homens parecia sobrenatural.

Antonio Pessanha viu oportuno o seu reforço, De cima do seu cubélo, varejou os moiros com tiros constantes e cortou-lhes as fileiras, a fogo, com enormes panelas de pólvora. Houve um panico infinito nos Rumes. Muitos, vendo-se incendiados nas roupas, fugiam a despi-las. Nesta confusão o alude dos heroes caiu sobre elles em cheio. O ataque foi tão vivo, tão renhido, tão incessante, que os soldados de Rumecão recuaram para fugir. No seu movimento brusco, atropelaram as fileiras posteriores. Despenharam-se assim miseravelmente uns sobre os outros, mais uma vês. Ouviu-se o ruir duma montanha humana com pincaros de ferro.

E, naquella catastrofe, vomitaram sobre elles fogo mais de trezentos portuguêses, postos no alto das muralhas. A Fortaleza vingava-se cruelmente.

Mas o sino da vígia repicava cada vês mais, e agora com verdadeira agonia.

O Capitão-mór, vendo vencido aquelle perigo, correu a informar-se do outro, levado pelo novo rebate.

Ao longo da rocha, ameaçavam muitos Rumes a coiraça grande.

D. João de Mascarenhas obstou a qualquer alvoroço, ao saber disto, e, seguido de 20 homens, marchou para a coiraça numa vertigem.

Mas não viu o inimigo, que subira, engatinhando pelas penedias, por onde ninguem supunha que podésse subir.

Aquella manobra temeraria era devida a Jusarcão, que queria provar a El-Rei de Cambaia como ajudava Rumecão, fazendo o que o soberano lhe pedira com instancia.

Emquanto Rumecão tentava tomar o baluarte S. Tomé, acometia elle a coiraça com duzentos Rumes e Abissinios, seguro de que, com o fragor do combate noutro ponto, não o presentiriam ali os portuguêses.

E, a conseguir o que planeou, cairia sobre a retaguarda dos sitiados, e, á custa dum panico infalivel, a praça ficaria rendida e tomada.

Os assaltantes, tão corajosos como seguros, iam bem armados, alguns com mascaras de ferro por causa das panelas de pólvora. Eram ageis e fortes e valorisados por grande disciplina.

Subiram penosamente, em profundo silencio, com paciencia, com a lentidão dos reptis.

Chegaram acima emfim e, ébrios de alegria, invadiram as casas edificadas no rochedo. Não encontraram, porém, um só homem. Mulheres, poucas, e quasi todas escravas.

Socegaram-nas elles, astutamente, prometendo respeitar-lhes honras e vidas, e pedindo-lhes só dinheiro, se o tinham. As heroicas mulheres destacaram uma a dar aviso a D. João de Mascarenhas. Procurava então este o inimigo.

Guiou a emissaria o Capitão-mór. Numa rua,

subito, appareceram diante delle mais de trinta Rumes, entre os quaes estava, como se soube depois, o valente Jusarcão. Ao impeto dos portuguêses, o inimigo perdeu a força moral vergonhosamente. Ou caíam, sendo logo mortos, ou fugiam para as casas onde as mulheres, comandadas pela velha heroica Isabel Fernandes, que vinha de pelejar nas muralhas, os atacavam com espetos, chuças e até alguidares, levando-os diante de si até á ribanceira, donde, aterrados até á demencia, iam cair á praia, e se despedaçavam. Jusarcão foi ai trespassado de muitos golpes, e depois fulminado por um peloiro. Mas só tarde souberam que elle fôra um desses aventureiros.

Neste grande dia, os sitiados perderam apenas sete homens e o inimigo, entre mortos, feridos e queimados, perdeu mil e quinhentos, uma grande bandeira e cinco guiões. A vitoria dos cristãos era prodigiosa.

O entusiasmo na Fortaleza foi, porisso, desmedido. Aumentou-o a palavra quente de D. João de Mascarenhas, louvando todos, saudando em especial as mulheres, solteiras e casadas, sempre na brecha, inconfundiveis como heroinas e como enfermeiras.

Encontrou-se nisto um Rume ferido, que estrebuchava a um canto, já moribundo.

O desgraçado disse que Jusarcão morrera ali. Depois, ainda com terror, declarou que os soldados que tinham despedido sobre elles os golpes mais invenciveis eram uns homens de grande beleza, desarmados, mas que pelejavam mais do que os mais valentes das fileiras cristãs. Esses cavaleiros os tinham apavorado assim.

Disse isto, já muito livido, e morreu, jorrando rios de sangue.

Fr. Manuel da Salvação voltou-se então para

D. João de Mascarenhas e observou com simplicidade, elevando os olhos doridos:

—Os anjos, os soldados de Jesus-Cristo.

Mais refregas se seguiram. Mas os inexitos de Rumecão eram incessantes. Muitas veses, até o sol e o vento pareciam contrariar os Rumes. O inimigo, em todos os lances, saía esmagado por um desastre.

E esta benção de Deus, clara e maravilhosa, animou-os prodigiosamente.

Mas um outro acontecimento lhes veio dar ainda mais alegria.

O catur do vigario João Coelho apareceu perto da Fortaleza, quando menos o esperavam.

O intrepido sacerdote e os seus 12 companheiros trouxeram 500 panelas de pólvora e outras munições que logo desembarcaram, e vieram tão satisfeitos, como se não tiveram sofrido grandes tormentas.

Traziam cartas do capitão e da camara de Chaul, prometendo o socorro que podessem, e dizendo que as cartas da Fortaleza tinham seguido para Gôa, donde o socorro viria certo, porque já o Governador o preparava ha muito.

A vinda do catur encheu tanto os portuguêses de alegria, como os Rumes de temor.

Não havia temporaes para aquelles heroes. Rumecão, ao mesmo tempo, recebia avisos alvoroçantes de amigos seus de Chaul e Baçaim. Gôa preparava um socôrro tremendo.

Então o inimigo moderou o fogo, como se meditasse, a ver como devia aproveitar o tempo.

Os sitiados vigiavam, respondendo aos bombardeiros com firmeza, mas sem alardes.

Curavam-se rapidamente os feridos. Um relativo descanço revigorava os validos.

As mulheres, não sendo precisas na brecha,

concertavam roupas, moirejavam nos lares e agradeciam a Deus, ungindo tudo de fé, amor e poesia.

A's vêses, Rumecão tinha um impeto—o despertar estremunhado dalgum letargo.

Respondia-lhe sempre energicamente a vigilancia portuguêsa e Rumecão tornava a adormecer.

Depois, os Rumes formigavam á volta dos muros, como ratos em volta dum queijo.

D. João de Mascarenhas fusilava-os, desdenhoso, porque já esperava tudo de Gôa: imperturbavel, porque tudo fiava da atividade de D. João de Castro.

Fr. Manuel da Salvação é que continuava a esperar tudo de Deus.

O inverno, muito cerrado, tinha, a espaços, dias de sol.

Nestes parentesis de trégua dos elementos Rumecão percorria e fortificava o seu campo com grande pompa de sequito.

A artilharia, indolentemente embora, ia trovejando sempre, como bôca preguiçosa que falasse donde a onde.

Mas os portuguêses, ricos de fé, ricos da grande confiança que lhes merecia o Capitão-mór, como seguros de si proprios, julgavam aquelles dias de apêrto um ócio e, a cada passo, cantava dentro das muralhas da Fortaleza, a velha poesia popular de Portugal, tão melancólica e tão singela. A *Iliada* estava, afinal, ainda no seu preludio.

V

Amor e fé

IDE-VOS?! perguntara com ancia Manuel de Sousa a Fr. Manuel, quando este lhe foi anunciar que partia para Diu, em serviço de Deus e da Patria.

—Sim, respondeu serenamente o frade, porque já vos não sou preciso.

—Quem vo-lo diz, santo amigo? acudiu Sepulveda, d'olhos humidos.

—A paz dos vossos olhos, paz que nem em Lisboa vos vi. O fruto da palavra de Francisco Xavier que tanto bem vos fês.

Porém, Manuel de Sousa não queria resignar-se agora com a ausencia do seu amigo.

E, sincero como nunca, dizia-lhe quanto lhe pesava ter-lhe fugido tanto, e como aquella ausencia, aos olhos delle, lhe parecia justo castigo de Deus.

Depois—confessava—tinha mêdo de reincidir nas antigas loucuras, de voltar a despenhar-se com o espirito mau que parecia persegui-lo.

—Calmai-vos—replicava o frade, sorridente. A vossa consciencia despertou e tem olhos para vêr todo o abismo em que vivestes. Deus mostra-vos um Anjo

da Guarda! é o vosso primeiro amor, o unico e verdadeiro que tendes sentido.

—Assim o julgaes?

—Sim, meu filho, e Deus hade proteger o vosso unico sonho puro...

E, depois duma pausa profunda, acudiu com austeridade singela:

—Mas não o mancheis, Manuel de Sousa, com nenhuma loucura, para que o sonho, depois de realisado, não tenha alguma nuvem triste...

Respondeu-lhe o cavaleiro, a soluçar, quasi sem saber porquê. O frade, a consolá-lo, estreitando-o muito de encontro ao peito, continuou:

—Não vos envergonheis de soltar lagrimas, que doutra fórma se não lavam bem as almas.

Amais? Segui o vosso amor não só ardentemente, honestamente. E' tambem grande missão constituir familia, fazer do lar um templo de Jesus-Cristo.

—D. Garcia de Sá... começou o fidalgo com tristeza, dificil de expressão.

—Bem sei, não lhe sois agradavel, e todo elle é dar a sua D. Leonor ao capitão d'Ormuz. Mas, filho, se Deus vo-la destina, vossa tem de ser, e não haverá resistencias, nem até crimes, que vo-la possam roubar.

—Agora está elle a caminho de Gôa, pois o substituiu em Ormuz Manuel da Silva Vieira, não sei por quanto tempo...

—E vós sem dardes um passo não é isso? disse o frade, sorrindo.

—Bastantes vêses a tenho avistado e, se não me iludo, a sua altaneria adoça-se muito ao ver-me.

E Manuel de Sousa, pueril, todo alvoroçado, confidenciou ao velho amigo:

—Ha dias, no Terreiro da Sé, encontrei-me com

ella e com o irmão. Pantaleão de Sá, ao contrario do pai, parece ter agora por mim grande simpatia e, ao ver-me, eu juraria que parou de proposito para falar-me. Falamos, Fr. Manuel, e eu ouvi a voz de Leonor, a primeira voz que me desce deveras ao coração. Vista de longe, Leonor é formosa: de perto, é divina. Falando, nem sei o que ella lembra... um anjo no corpo duma rainha.

—Meu filho...—murmurou, enternecidamente, Fr. Manuel da Salvação.

—Que lhe disse eu então de começo? Julgais que me lembro? Das suas palavras, sim, e do que lhe repliquei depois, a tremer todo como se me fizesse medo.

—Dizei, dizei—pediu o frade com sincera alegria.

—A uns ditos alegres do irmão, eu ficára mais corrido do que satisfeito. E então ella, fitando-me com grande doçura, disse-me em tom mavioso:—Pois quê! valente capitão! só gostais de peloiros e naus? Meu irmão despraz-vos com as suas alegrias?—Perdoai-me, senhora, é que tão mesquinho me julgo, que todo o riso me parece escarneo...—Que melindres em fidalgo tão audaz!—

—Audaz, inteligente e... volteiro! acudiu Pantaleão de Sá com ironia. Terror dos rumes e... das damas.—Eu?!... volvi, enfiado, não podendo fitar Leonor—Sim, vós, vós, disse ella com encantadora malicia: o senhor meu pai muito me tem contado das vossas aventuras...—E não vos disse, rompi com impeto, quanto ellas me têm feito desgraçado?—Não, senhor Manuel de Sousa, murmurou ella, córando muito... mas eu... sei-o.

Despedimo-nos logo. Eu fiquei parado no meio do Terreiro, a vê-la andar, extatico, feliz e infeliz como nunca. E, Fr. Manuel, quando ella voltou á

esquina da direita, estremeci todo, vendo-a olhar para traz, fitar-me demoradamente, sorrir, córar e desaparecer.

—Que mais quereis, meu filho, de donzela honesta e digna?

—E' muito, é muito...

—Depois, bem vêdes, o irmão...

—Mas D. Garcia... Esse faz-me pavor. Aberto para todos...

—Trata-vos insolentemente?

—Com a lhaneza fria dum generoso inimigo...

—Não vos atrigueis. Será vosso amigo, quando vos conhecer a mudança.

Partira o frade, cheio de alegria. Manuel de Sousa ficara na sua ancia.

Melancólico e grave como nunca, sentindo, como dentes, remorsos de todo o passado, a sua consciencia tinha, porém, uma satisfação, a certeza de que o lôdo desaparecia lavado por lagrimas sinceras.

Sentia-se maior, mais forte, mais puro, e os espétros da sua juventude já o visitavam com menos clamores nos seus sonhos ao pé dos filhos bastardos que amparava com piedade.

Numa tarde, quando seguia para o palacio do Governador D. João de Castro, que o tomara para o seu conselho naquelle dia, encontrou D. Garcia de Sá.

O velho fidalgo fitou-o profundamente, e cortejou-o.

Correspondeu-lhe, afanoso, Manuel de Sousa Sepulveda.

—Ides tambem ás casas do Governador? perguntou a D. Garcia.

—Como vós, senhor Manuel de Sousa, respondeu o velho.

—Pois sabeis?...

—Se a mim deveis o ser chamado...

—A vós?!

—Porque vos espantais?... Quando se trata de negocios de Diu, poucos como vós têm tão bom conselho, replicou Garcia de Sá austeramente.

—Procedeis como bom português.

—Tal me não sabieis?

—Mas decerto... é que...

—Dizei tudo,—atalhou, sorrindo, D. Garcia de Sá.

—Não esperava de vós tanta benevolencia...

—Tanta justiça, dizei—tornou o velho, francamente.

—Tenho tido a desventura de desprazer-vos, declarou com simplicidade Manuel de Souza.

D. Garcia de Sá não replicou.

Juntos estiveram com o Governador e juntos sairam.

A' porta do palacio, despediram-se.

O velho fidalgo seguiu lentamente para casa, e Sepulveda, sem o pensar, desceu á Ribeira onde se preparavam ha muito as naus com destino a Diu.

Esteve ao pé dos estaleircs, e mal viu o estado dos trabalhos.

Depois, subiu ao alto do caes e parou, d'olhos fitos nas aguas.

Assim consumiu, sem dar por isso, duas horas.

De repente, ouviu vozes, e uma dellas, feminina, alvoroçou-o.

Olhou e, sem que o vissem, viu descer D. Garcia de Sá com os filhos.

Desciam com pressa, sem curiosidade, d'olhos fitos nas aguas.

Manuel de Sousa pôs-se a olhar com atenção.

Um catur os esperava.

Iriam embarcar todos?

Pouco demorou a incerteza. Quem embarcava, era só D. Garcia.

Um indio que passou disse-lhe para onde: Pangim.

Manuel de Sousa ficou excitado de alegria. Porquê? Ella ficava.

Afastou-se o catur lentamente, emquanto lhe acenavam da praia.

Depois, fês-se depressa ao largo e desapareceu num mar picado ainda pelo temporal que tinha ha dias varrido a costa brutalmente.

Os filhos do velho subiam devagar o caes, mas, como quem passeia, caminhando já ao longo do caes, a matar o tempo.

Manuel de Sousa encheu-se de audacia e, revolvendo na algibeira do gibão uma carta, que havia muito escrevêra, desceu devagar, como que ao acaso, espantado comsigo, mas resoluto.

Avistou-o primeiro Leonor, depois Joana, depois o irmão.

Leonor, que vinha triste, o que nella parecia altivês, ficou visivelmente satisfeita, ao passo que os irmãos, sorrindo, pareceram dizer-lhe qualquer malicia que ella ouviu com alguma contrariedade.

Era impossivel evitá-los sem desastre. O Sepulveda, fazendo uma grande cortezia, esperou que lhe déssem mostras de o quererem perto.

Pantaleão de Sá, num gesto cheio de vivacidade, disse-lhe logo com estridor:

—Tambem vos ides a Pangim?

—Não—replicou Sepulveda, aproximando-se,—mato o tempo, emquanto me não chamam a pelejar...

—Sempre pelejas, senhor Mannel de Sousa!—disse Leonor com profunda melancolia.

—Nem outra coisa é a vida, senhora, respondeu elle com amargura.

—E' que são todos muito cheios de ambições—atalhou Joanna, pensando em D. Antonio de Noronha.

—De ambições?!... murmurou Sepulveda, de olhos humidos.

Leonor viu esta perturbação e comoveu-se. Aproximando-se mais do fidalgo, emquanto os irmãos discutiam os sonhos de gloria de D. Antonio de Noronha, disse a meia voz:

—Julgais-vos muito malaventurado...

—Só agora, feliz, senhora.

—Cortejais-me com galanterias?

—Nunca fui bom cortezão, senhora D. Leonor.

—Apezar de tantas aventuras...

—De tantas desgraças, corrigiu elle austeramente.

E logo, como asfixiado:

—Ah! se a minha visão não mentisse!

—E porque havia de mentir-vos?

—Porque só ilusões merecerei.

—Senhor Manuel de Sousa—murmurou ella, perturbada—bem entendeis o contrario.

—Sim, senhora, acudiu elle com alvoroço, mas baixando mais a voz. Para que dissimular? Tenho esperanças...

—Podeis te-las, senhor—tornou ella, d'olhos nas aguas—assim vós sejaes como vos julgo.

E, levantando os olhos, ousada, magnifica, acrescentou:

—Que seria grande crime iludir quem não é de fingimentos, e sente porque sente.

—Senhora, que ventura!

—Senhor Manuel de Sousa—atalhou ella logo—ou que desventura, se tanto me prendeis, depois de ninguem me prender!

Fitaram-se muito, e calaram-se.

Os dois irmãos falavam e riam, como se protegessem assim uma original entrevista.

Então Manuel de Sousa levou a mão á algibeira, tirou a carta e, tremendo todo, depô-la na mão de Leonor.

Leonor, muito rosada, recebeu-a, sorrindo e, depois de a guardar no seio, voltou-se para os irmãos num impulso nervoso, rubra até aos olhos.

Joana ria muito, muito, com algum histerismo. Aquelle D. Antonio de Noronha era um desleixado: pois se ainda lhe não escrevêra mais de duas cartas, depois de saír de Goa!

—Os homens... os homens!...

E Pantaleão de Sá viu, nisto, Leonor, embaraçada, como quem pede socôrro, olhando sem diréção fixa, cheia de fogo nas faces.

—Então, irmã! disse elle com ternura, aproximando-se.

—Muito jubilosos vos achais—replicou Leonor com ar triste, levando sem querer a mão ao peito de marmore.

—E porque não vós? perguntou elle, armando um sorriso alegre.

Mas, reflétindo, acrescentou logo:

—Sim, sim... Vem aí a vossa agrura.

E, voltando-se para Manuel de Sousa, disse:

—Sabeis que vem aí Luís Falcão com meu pai, que o foi buscar a Pangim? Não é vosso amigo?

—Muito mais o já fui... balbuciou Sepulveda, empalidecendo.

Leonor fitou-o profundamente e disse com franqueza:

—Folgo disso, senhor Manuel de Sousa, porque é homem que muito me despraz.

O olhar de Sepulveda exprimiu um intenso reconhecimento.

Mas o nome do capitão d'Ormuz entristecera-os a todos, e tambem os enleára.

Sepulveda temeu ser importuno. Cheio de felicidade, embora tambem de apreensões, anciava por estar só, para pesar toda a realidade daquelles momentos ditosos.

Despediu-se, pretextando negocios, e só se voltou a olhar para traz no ponto em que a Ribeira acabava para principiar uma ruela. Leonor e os irmãos estavam parados no mesmo sitio, mas só ella de costas voltadas para o mar, decerto para o ver despedir ao longe.

Entrou Sepulveda em casa, sacudido todo dos nervos. A escrava que lhe velava os filhos nunca o vira assim tão infantil de alegria e, ao mesmo tempo, com tristezas repentinas, em que os olhos pareciam maguados e pisados.

Manuel de Sousa beijou os filhos com transporte, mas, por uma qualquer ideia subita, quedou-se logo desalentado diante delles.

Que seria depois feito daquellas crianças? Teria de as afastar, de as renegar talvês?

Noutro tempo, resolveria isto rapidamente, deixando os filhos á mercê do acaso.

Agora, o problema feria-lhe a consciencia, como o peor punhal.

Fr. Manuel, como em todas as angustias, pareceu-lhe aparecer então ao pé delle, prometendo-lhe luz em mais aquellas trevas. Só elle o podia amparar naquella aspera duvida.

E, impelido por esta ideia, sentou-se a escrever-lhe.

Contava-lhe tudo e, no fim da sua narrativa entusiastica, punha a nota da sua maior apreensão d'agora.

Se Deus lhe aplanasse o caminho do que julgava

sua felicidade, deveria ocultar a Leonor a existencia dos bastardos? Devia sacrificar estes ao seu egoismo?

E, depois de feita a carta, mais aliviado, foi beijar as crianças de novo com ternura pungente. O mais velho, já crescido, falava com graça, e tinha agudezas que o encantavam e distraíam.

—Pai—disse a creança—já sois governador?

—Porquê, filho? extranhou elle.

—Rides hoje tanto!...

—Deus quizera que eu o fôra, mas não de Gôa, doutra fortaleza mais linda...

—Diu? perguntou a criança, que ouvia falar muito nos feitos de seu pai.

—Não—respondeu, infantilmente, o Sepulveda: chama-se Leonor.

—Nome duma dama que conheço—observou do lado a escrava, que embalava o mais pequenino.

—Dizei, dizei! acudiu Sepulveda com alvoroço pueril.

—E' a mulher de Gil Cardoso, o espingardeiro...

—Oh!... respondeu Sepulveda com grande decéçāo, rindo, porém, muito.

E, sempre infantil, tornou:

—E' formosa?

—E' ainda de bom parecer para a sua edade. Gorda e vermelha, muito branca...

Bateram nisto á porta.

A escrava correu a ver quem era, e pouco depois subiu com uma carta na mão.

Era do Governador.

Sepulveda leu, franziu um pouco o sobrolho, e levantou-se para sair.

Depois, mais desanuviado, tornou a beijar os filhos, e desceu.

Na rua, sem apressar o passo, meditando muito, encaminhou-se para as casas de D. João de Castro.

A meio caminho, alguem lhe travou do braço. Voltou-se e ficou contente.

Era um moço cavaleiro de presença agradavel.

—Então por aqui? disse Sepulveda.

—Por aqui, como vós—respondeu o outro...

—Reune então todo o conselho?

—Assim é.

E, baixando a voz, acrescentou:

—Segundo cartas que vieram por Chaul, mal vai á fortaleza de Diu.

—E' preciso despachar-lhe já o socôrro! bradou Manuel de Sousa com impeto.

—Sim, sim, disse Jorge Cabral, todo melancolia, assim é preciso. Mas chegarão os tres mil homens, que poderemos levantar, contra tantos mil Rumes?

—Valem, valem—afirmou Manuel de Sousa, porque já valeram.

—A India revolta-se, revolta-se...—murmurava Jorge Cabral.

E, depois, com energia:

—Bem sabeis que sou dos primeiros nas pelejas.

—Bem o sei—tornou Sepulveda, refletindo.

E, como um eco triste, murmurou tambem:

—A India revolta-se.

Depois, num rasgo franco, acrescentou:

—Revolta-se... e bom é que se revolte, para que se não perca o fruto da palavra de Francisco Xavier. A moleza corrompe-nos. Sem pelejas, não colhemos o fruto da grande missão que nos salvou a tantos. O Padre Mestre trouxe a luz: é preciso que estes braços sejam desafiados a conservá-la.

E, alevantando a mão musculosa:

—Bem vistes como Martim Afonso envenenou a fonte da prégação de Francisco Xavier. Um iluminava; o outro escandalisava.

Mandou Deus o senhor D. João de Castro. E' tempo de firmar com feitos a semente lançada. Vamos todos a Diu! todos!... Deus bem sabe com que saudades agora irei, mas irei!

O semblante de Jorge Cabral desanuviava-se. Pouco a pouco, o olhar fazia-se-lhe mais claro e, de subito, apertando fortemente o braço de Manuel de Sousa Sepulveda, exclamou:

— A Diu! dizeis bem — a Diu! Nós todos, e o proprio Governador!

— Esse, acima de todos — replicou Sepulveda... embora seja muito grande capitão o senhor D. João de Mascarenhas!

— Falais com ironia?

— Não, por Deus, Jorge Cabral! Não penseis que tenho ciumes duma capitania que hoje não me agradava ter... e não pelo perigo, não, mas por motivos bem simples... E' que D. João de Mascarenhas, valente e réto como poucos, como o tem provado, digno dos nossos maiores, dos mais insignes, tem um defeito...

— Falta de lisura? arriscou Jorge Cabral.

— Não, ou, se a tem, pouco mal faz isso á defeza de Diu.

— Então, Manuel de Souza?

— Talvês muita falta de Fé!

E Sepulveda, intensamente vibrado, proseguiu:

— Falta de fé, juro-vo-lo, porque, se tal não fôra, haviamos de saber de heroicas sortidas como as de D. Antonio da Silveira. Quem tem fé não espera, acomete. A prudencia é precisa, sim, mas para dar forças á temeridade. Emquanto se espera, forma-se um pulo, concentra-se o sangue para atacar. Não é repoiso: já é atividade.

Queria ver mais fé, porque veria mais áção. Se assim fôra, estariam, como nos dizem, quasi rasos os

baluartes? Como poderiam entulhar o fôsso, e só por milagre não terem ainda chacinado toda a guarnição?

— Exaltais-vos muito, disse com tranquilidade Jorge Cabral. Deveis de vêr que D. João de Mascarenhas pelejou muito tempo, tendo apenas duzentos homens... Quem vos diz que uma sortida não podia ser a perda da Fortaleza? E depois? Quantas vidas não custaria a reconquista?

— Bem sei dessas razões, Jorge Cabral — redarguiu obstinadamente o Sepulveda. Mas quem tem Fé não as ouve e, não as ouvindo, bem sabeis que se triunfa.

Cabral encolheu os hombros, não convencido, mas inclinado a não discutir.

Era assim Manuel de Sousa — excessivo em tudo.

Quem o conhecia, só esse defeito lhe notava, defeito pequeno a par de muitas qualidades de valente capitão e cavaleiro.

Entretanto, chegavam ao palacio do Governador e, subindo mudos a escada de pedra, já poderam ouvir a voz poderosa e energica de D. João de Castro que discutia com alguns fidalgos.

O governador insistia:

— E' preciso salvar Diu!

VI

Amor e angustia

IA a ceia quasi no fim. Pratas e cristaes retiniam, e D. Garcia de Sá, radiante, esperava as maiores libações para aquecer os espiritos.

Alegria, estrondo, bastante luxo, o luxo da India daquela época.

Leonor, para ganhar tempo, mudára de tatica com seu pai, mais, comtudo, para livrar o irmão de temeridades, do que por malear o seu caracter, integro e firme.

Depois que o capitão d'Ormuz se fôra, amansára os seus repelões, ao ouvir falar nelle e, pouco a pouco, admitira conversa, indiferente, mas sem rancor, àcerca de Luís Falcão. Sofria com isto: mas afastava verdadeiras tempestades.

D. Garcia, ingenuo, foi-se adoçando com isto e, ao mesmo tempo ganhando arrojo para falar dirétamente á filha no velho projéto. E o velho usava de todas as artes, como se estivera em campanha contra moiros astutos. Primeiro, deu certa razão a Leonor. Quem julgasse Falcão pela aparencia energica, não gostava delle. Era sacudido e aspero como todos os portuguêses de velha tempera. Mas, depois, nota-

va-se-lhe aquella sinceridade magnifica que é mãe de toda a virtude—afirmava elle com vigor.

Não era decerto Adonis; mas Polifemo—gracejava o culto fidalgo—ser-lhe-ia muito inferior, embora a beleza fisica—dito de passagem—fôsse o dote menos valioso dum homem de prol.

Isto—acrescentava com astucia—não se via de pronto em verdes annos; mas, com o tempo e antes de se prender loucamente o coração, compreendia-se e aceitava-se perfeitamente, havendo até grande espanto de se não ter visto e admitido antes.

Leonor nem aplaudia, nem impugnava. dizendo sempre que era muito cêdo para resoluções decisivas. No intimo, estimava ver assim calmo o pai e mais facilmente remoto algum grande aperto sobre o assunto.

D. Garcia leu, um dia, uma carta do capitão d'Ormuz na qual elle dava a entender que não lhe conviria o casamento antes de dois annos.

Voltou-se, nisto, o velho para a filha, fitando-a nos olhos:

—Talvês se elle soubesse...

—O quê, senhor meu pai?

—A vossa mudança... Talvês quizera antes.

—Não, não—acudiu vivamente Leonor.—Dois annos passam depressa, e eu terei depois tino mais firme. Para tudo o tempo é preciso.

Mas D. Garcia, como se fôra um amoroso de Luìs Falcão, ardia em febre por ver tudo concluido. Calou-se á resposta anciada da filha, mas correu a escrever ao capitão d'Ormuz. E disse-lhe grandes mentiras, grandes exageros. Leonor não só mudava de opinião, mas até parecia achar grande a demora de dois annos.

Já se vê, que isto só percebia elle, porque era pai, pois qualquer outro, que desconhecesse o estra-

nhó, e um tudo-nada altivo, caráter de Leonor, a tanto não avançaria — frisava elle.

Luís Falcão sentiu grande entusiasmo com estas noticias. Calculou a luta com um grande orgulho. Elle, a quem a brutalidade dava faceis vitorias, folgava muito com a visão duma mulher que se rendia, aos poucos, como uma fortaleza heroica. E respondeu logo a D. Garcia, congratulando-se, jubiloso. Mais tarde, escreveu a dizer que viria a Goa para tratar ainda da sua vida. Entretanto, em espirito beijava as nevadas mãos de D. Leonor d'Albuquerque e Sá — dizia elle no melhor dos seus madrigaes.

Desde esse dia, o velho fidalgo não descançou. Esperava todos os dias noticias da chegada de Falcão a Pangim para o ir buscar com grande afêto.

Entretanto, Leonor calmava seu irmão, muito excitado, a ponto de querer ir ao encontro do Falcão numa atitude decisiva:

— Não te percas, nem me percas. O meu coração penso que já escolheu — penso-o e sinto-o. Não agraves nada com conflitos. Deus hade ajudar-nos.

O capitão d'Ormuz foi recebido em casa de D. Garcia com bastante afabilidade por parte dos filhos do velho fidalgo.

Leonor, muito palida, friamente risonha, aceitou-lhe alguns estupidos madrigaes e, não lhe respondendo nunca a elles, fê-lo com tal naturalidade, que o seu silencio parecia altivês nativa, e não asco.

Mas não o evitava: continha-o apenas, iludindo-o sem lhe dizer mentiras.

D. Garcia quiz solenisar tantas esperanças com uma ceia lauta, fóra dos seus costumes patriarcaes.

Convidou alguns amigos e exibiu toda a velha baixela.

Vieram damas e fidalgos, alguns clerigos, mas poucos jovens.

Falcão, sentado perto de Leonor, que o ouvia com deferencia, disse nessa noite, grandes coisas, celebrando-se a si proprio em lances ora picarescos ora audaciosos como caprichos de rufião. A sua valentia e galanteria tinham de ficar evidentes, sob pena de elle gritar como um moiro perseguido por cristãos.

O rude fidalgo descia, porém, no conceito de todos, e só D. Garcia, teimando em acha-lo original, ria com estrondo ao ouvir-lhe as brutalidades, estridentes como peloiros.

Ia quasi no fim a ceia. Quando se golfou o vinho de Chipre, o velho D. Garcia levantou-se, de copo no ar. Depois, num brinde como os do tempo, cheios de alusões graciosas, bastante alambicadas, anunciou que o snr. Luìs Falcão, capitão d'Ormuz, seria dentro em pouco seu genro, e foi tocar no delle o seu copo espumante.

Beberam todos aos futuros noivos. Leonor fingiu não vêr o copo de Luís Falcão e tocou apenas ne de seu pai, brindando mentalmente á liberdade do seu coração.

Ao fundo da meza, entretanto, duas velhas, hediondas e pretenciosas, cortavam a festa com murmurações:

—Notais, D. Josefa, o ar delambido de D. Leonor?

—Nem parece que tocou no copo do capitão—lembrou a outra.

—Nem que fôsse a mulher do Governador!...

—Qual! A rainha, a senhora D. Catarina!...

—Ella não é desgraciosa...

—Por Deus, muito fazem os atavios!...

—E o tal capitão d'Ormuz não tem lá muito boa figura...

—Não, vamos lá, senhora. Olhai para aquelles hombros, largos e fortes.

As velhas casquinaram, nisto, e continuaram a ouvir atentas, a ouvir e a ver, mexidas, anciosas, com sofreguidão descarada.

D. Garcia conversava jubiloso, entre sonoros risos, com um velho amigo e Luís Falcão, cada vês mais ousado, avivava o seu espirito, como quem afia a espada na insolencia, jogando botes imbecis.

—Estais hoje deslumbrante, Leonor... como a roxa Aurora.

—Já o dissestes tantas vezes, senhor Luís Falcão!

—E' que onde estamos só isto posso dizer-vos.

—Que mais poderieis dizer-me? perguntou ella com paciencia infinita.

O capitão bebeu um grande copo, de golpe, e respondeu, d'olhos sangrentos:

—Vós o sabereis. Mais tenho que dizer-vos em obras do que em palavras.

E gargalhou, de ventre empinado.

Leonor afétou um sorriso e desviou-se um pouco.

Mas Luís Falcão tornava, já com uma ponta de embriaguês:

—Sabeis o que tendes de mais divino? Julgais que é os olhos? Pois é a bôca.

E, baixando a voz, e exalando grande cheiro a alcool:

—Para beijos, muitos beijos!

—Enganais-vos—atalhou, dominando o asco, Leonor, livida, mas sorridente—não é para isso apenas que eu tenho bôca, tambem é para cuspir de nojo.

Luís Falcão não a compreendeu e riu ás gargalhadas, como se tivesse ouvido um dos melhores bobos castelhanos de D. Manuel.

Entretanto, Pantaleão de Sá aproximou-se, apiedado da irmã.

— Muito prazenteiro — disse alto ao capitão d'Ormuz — muito prazenteiro e ruidoso.

Falcão ergueu a cabeça, a sairem-lhe acima das faces, os olhos salientes do vinho que trepara todo, e desfechou nova gargalhada.

Mas o irmão de Leonor tornou, baixinho, com bastante intimativa:

— Estais dando escandalo. Melhor fôra recolherdes-vos.

Falcão achou ainda maior chiste á advertencia e desatou a rir sem cobro, com as faces ambas congestionadas.

Pantaleão de Sá, então, profundamente livido, disse apenas a Leonor:

— Retirai-vos vós.

E tomou-lhe o logar, apenas ella se ergueu, sem que a vozearia de todos deixasse atentar na scêna, que fôra rapida.

— Fizestes bem — gritou o capitão d'Ormuz, vendo, em vês de Leonor, o irmão. Comvosco vou eu ter luta a beber. Vamos, senhor Pantaleão de Sá, mostrai o vosso esforço.

E encheu o copo, levantando-o convulsamente, rindo sempre.

Bebeu dum sorvo, esgazeando os olhos, mas, quando ia a perguntar ao irmão de Leonor pelo seu copo, já elle se tinha afastado de arremêsso.

Levantaram-se todos, entretanto, animados em varias conversas. Luís Falcão, fraco da cabeça, sentia, comtudo, as pernas fortes e saiu, muito hirto, ao lado de D. Garcia. Mas ia num periodo de mudez, carrancudo, com vertigens, vermelho-escuro de rosto.

— Sentis-vos mal? perguntou-lhe solicito o velho fidalgo, notando-o assim alterado.

— Não, D. Garcia, não — apenas aborrecido — disse Falcão, bocejando, empanzinado.

—Maltratou-vos Leonor?—tornou o velho.

—Não, não—volveu elle de má sombra.

—Recolhei-vos então, que eu cá vos desculpo—acudiu D. Garcia, compreendendo tudo pelo olhar envidraçado e pela tremura de musculos do futuro genro.

O capitão d'Ormuz fês um cumprimento apressado e desapareceu, respirando com ruido, como quem sopra.

D. Garcia, então, um ponco sombrio, atravessou a onda dos convivas, á procura de Leonor.

Encontrou-a com o irmão junto duma janela que dava para o jardim.

—Procurava-vos, disse elle com alegria, apenas os avistou.

—A mim? perguntou ella.

—A ambos.

—Não faleis a Leonor em Luís Falcão—atalhou Pantaleão de Sá com austeridade—porque má figura de cavaleiro ao pé da sua dama fês elle, embriagando-se...

—Não admireis—respondeu D. Garcia, um tanto vexado—terçaram-lhe os vinhos, creio que por chiste, e bem mau chiste...

Os dois irmãos não responderam, ambos palidos de cólera.

—Mas, antes das libações, tornou o velho, não podendo fitá-los, mas tenaz: que vos ficou da conversa, Leonor?

—Que não é demais, disse ella com finura, demorar dois annos, a vêr se perde alguns maus habitos... E' soldado demais.

—Calmai-vos, filha, atalhou o velho com alguma humildade, que não me esquecerei de dizer-lho...

—Talvês o esquenteis—disse com ironia Pantaleão de Sá, cofiando convulsamente as barbas.

—Falcão é meu amigo,—replicou D. Garcia— e eu tambem o sou. Nem o molestarei, nem elle se agastará....

Mas o velho fidalgo estava contrariado. Retirou-se.

Então os dois irmãos continuaram a conversa, aliviados com a ausencia delle.

—Digo-vos, afirmou Leonor, que sinto por elle deveras grande aféto.

—Já o sabia. Não vistes como vos favoreci, apezar de ficar isso tão mal a um irmão?

—Muito vo-lo agradeço.

—Não é para m'o agradecerdes, Leonor, que até me ofendeis. Mas, dizei-me, dizei-me sempre, se nelle notais o mesmo aféto...

—Assim o julgo, irmão.

—Sem duvidas?

—Como creio em mim.

—Tanto, Leonor?!

—Tanto, irmão.

Pantaleão de Sá ficou outro. O seu respirar parecia dizer tudo em satisfação e liberdade.

D'aí a pouco, entretanto, retiravam os convivas: Leonor e Joana despediam-nos, acompanhadas do pai e do irmão. Foram muitas as mesuras. Correram rios de interjeições.

Quando chegou a vês das velhas causticas, a despedida foi um temporal.

Soprava vento rijo pela bôca duma:

—Deus vos guarde, ricas joias. Deus vos livre de soberbas e de vaidades, que vós sois uns anjos de beleza e graça, verdade seja que muito formosas tambem de rico vestuario.

E a chuva, dos labios da outra:

—Senhora D. Leonor, o tempo passa depressa: aproveitai-o, que grandes virtudes tendes vós para

grande e honesta dama. Na India, a velhice começa aos vinte annos.

Emfim, o graniso das bôcas das duas:

— Que mais vale modestia perfeita que beleza de neve, velhice honrada que juventude duvidosa...

Ao que D. Garcia respondeu com algum enfado, rindo muito:

— Agradecido, senhoras! Vindes ajudar o pai dellas nos conselhos. Sois muito de bondades.

E quasi teve de empurrá-las pela escada, porque ellas, pegajosas, muito velhacas, ainda rosnavam, não tendo digerido ainda tudo:

— E' um bello homem o capitão d'Ormuz... Pena foi aquelle incómodo...

Quando Leonor se viu só com Joana no grande quarto, em que ambas dormiam, pareceu ganhar côr nas faces e luz nos olhos. Poisava a dolorosa mascara. Estava na fortaleza do silencio, da paz, da liberdade. Ali, ao menos, podia sonhar.

Neste pensamento, neste desafôgo, correu Leonor a um cofresinho de madreperola e, emquanto Joana se deitava, perdida de sono, de cabeça fraca com tanto ruido, lia ella, mais uma vês, pesando palavra por palavra, a carta de Manuel de Sousa Sepulveda, que elle lhe entregara na Ribeira.

Nobre senhora D. Leonor:

Ha muito vos quizera escrever, e já o teria feito, se em mim não visse tanto desvalor, e em vós tantos dotes divinos.

Logo que vos vi a vês primeira, conheci, não que vos amava, mas que o vosso coração ficava a pulsar-me aos ouvidos, como se, de então em diante, elle passara a ser o meu. Mas pulsar-me aos ouvidos — pobre de mim! — não por entender o meu cora-

ção, mas por ser elle a força da vossa vida, que, de então para cá, passou a ser a minha.

Dia a dia, hora a hora, sem nada vos dizer, vos disse tudo e, sem vós me falardes, tudo ouvi. Disse-vos quanto vos amo: ouvi-vos quanto me notaveis a principio com indiferença, depois com curiosidade e depois com dó.

Nem eu quero, nem mereço, outro amor que não seja dó, senhora.

O dó, quanto a mim, nem humilha nem entristece quem o recebe, quando a vida é toda de lastimas. E, se alguma ha sem ellas, senhora D. Leonor, a minha dellas é tão farta, que não sei de melhor retrato meu do que uma grande lagrima negra.

E assim é que eu trêmo muito de escrever-vos, senhora, porque ninguem reclama duma estrêla que seja lenço fino de prantos tão escuros.

Depois, que heide dizer-vos senão que, sendo vós o meu primeiro e verdadeiro amor, levo gasta quasi metade da existencia, sendo amado por quem nunca eu soube amar?

E dizer isto, senhora, não será reclamar que vingueis tantas desventuradas, trocando-me a esperança em pena, o sonho em lagrima e o coração em inferno?

Só vós podereis responder-me, se tanto posso aguardar.

Quer sim quer não me digaes, não menos certo, senhora, é que em vós e por vós vivo, por mais que de vós me desterreis.

Tendes mãos de neve e olhos d'anjo. Dareis essa neve, em socorro das minhas trevas, e sereis anjo a livrar-me deste pego?

Que Deus a tal vos determine, senhora D. Leonor, e as minhas lagrimas, tão negras, poderão ser cristaes, e os meus annos, tão sombrios, desde tama-

nino, poderão ter unções de paz, desabafo em devaneios.

Se vos não faz agravo esta carta, rogo-vos me respondais, embora mentindo por dó, mas sempre salvando-me em nome de Deus.

Manuel de Sousa Sepulveda.

Leonor relia, pensando sempre no que responder-lhe. Hesitava. Ha muito queria dar a resposta e enleava-se.

Desta vês, parece que o asco da figura de Luís Falcão lhe inspirou a replica.

A filha de D. Garcia de Sá sentou-se e escreveu:

Senhor Manuel de Sousa Sepulveda:

Escrevestes-me com grande agonia, quando não é a vós, senhor Manuel de Sousa, quem ella procura, pois que até nisto ella agora me molesta pelo mêdo de que de mim zombeis. Nunca escrevi destas cartas, porque nunca tive amores assim, e não sei da linguagem senão a que fala meu pai, que a de minha mãe deixei de a ouvir, quando tão tamanina, que hoje seria prodigio servir-me de ensinamento.

Ouvireis, pois, o que tenho a dizer-vos, que não é tão pouco como esperais, e que Jesus-Cristo hade fazer claro e honesto, como é meu desejo.

Notei-vos, é verdade, na rua, um dia, e, se me deixais sem côbro o pensamento, dir-vos-ei que, a principio, me fizestes medo e enleio. Mas, refletindo em vós, vi na gravidade a tristeza, na altivês a magua, a saudade quiçá no tedio.

Amei-vos logo? Não o sei; mas quando vos tornei a vêr no Terreiro da Sé, entendi que nos olhos, ao menos, vos devia dizer tudo.

E disse-vo-lo, porque, senão, esta carta me não escreverieis.

Agora, depois da nossa fala na Ribeira, que mais quereis que vos diga, senhor Manuel de Sousa?

Que vos amo tambem? Não vo-lo disse antes de me escreverdes?

E não julgueis que só vós sois lagrima: tambem eu as sou, mais escura do que vós.

Não tenho remorsos de crimes, nem pesares de crueldades, e tenho agruras de melancolia e espinhos de saudades. Deus de tudo isto sabe, que só elle me dá balsamo.

Vós conhecestes decerto a vossa mãe até tarde: perdi-a eu quando mal abria os olhos á vida.

Vós sois livre, sois glorioso, sois homem: eu sou mulher e, por isso, escrava, tendo de contrafazer a lingua diante do fingimento, tendo de fingir até para ser bem mulher. Pesai as nossas agonias, e vêde para onde mais se inclina a balança, se tanto é o vosso amor, que possais medir a minha dôr.

Mas a que venho eu com isto? Ah! senhor Manuel de Sousa, é que se vós me tendes amor, eu tambem vo-lo tenho e, se muito sofreis, tambem eu muito padeço.

O que podeis ter como certo é que, ainda que me deixeis, eu não mais vos deixo e, por vós deixada, fico comvosco, posto que ficando longe do mundo, que é quem eu deixei para sempre, desde que comecei a amar-vos.

E crêde que não tenho medo do que vem. Se acertais de ser como eu, sem fingimento e sem traição, tendes quem nunca vos maguará: se tal não fôr, tendes, quem, sendo altiva, não vos ferirá com a sua mágua.

Leonor d'Albuquerque e Sá.

Escrita esta carta, Leonor, sem saber porquê, sentiu vontade de chorar.

Como se professasse num claustro.

Como se tivesse amortalhado a sua juventude.

Depois, inclinou-se sobre o leito da irmã, de sorriso triste nos labios puros.

—Joaninha! disse-lhe docemente, como quem desperta uma filhinha.

A irmã não respondeu. Já dormia.

Tinha Leonor á direita um Crucificado sobre uma peanha doirada, com resplendor de prata.

Ajoelhou.

Cristo parecia-lhe mais triste e dorido, despedaçado como nunca.

Orou.

O Crucificado pareceu-lhe cheio de lágrimas de sangue.

—Meu Deus! meu Deus! murmurou Leonor, caindo de rojo.

E lá fóra, nisto, uma voz de português nostalgico cantou lentamente:

Como é desaventurado
Quem não morre em tamanino?...
Olhai o Crucificado...
Se morrêra em Deus-Menino,
Seria assim torturado?

VII

O conselho do Governador

Os membros do Conselho de D. João de Castro chegavam devagar, agora um, muito tempo depois, outro. Todos pareciam temer-se de encarar o Governador. Os negocios de Diu atormentavam os mais resolutos, e raros tinham firmeza de opinião no meio de tantas duvidas, sem contrariarem muito os projétos de D. João de Castro, projétos cheios de rasgo.

Nem todos apoiavam a expedição a Diu, que o Governador prégava com paixão, como se prégaram as Cruzadas. Muitos dos mais valentes receavam-na com bastante bom-senso. Alguns classificavam-na de demencia.

D. Diogo d'Almeida Freire, Capitão-mór de Gôa, homem venerando pela edade e pela experiencia, opunha-se ao projéto com energia, até com indignação.

D. João de Castro, porém, se ouvia os conselheiros, nem sempre operava segundo a maioria dos votos delles.

Tão energico, e tenaz como prudente, elle, entretanto, ao receber a carta de D. João de Mascarenhas, não revelára uma angustia: fizera, sim, do al-

voroço intimo, fonte de alegria, de força moral. Fazia, das derrocadas, trincheiras.

Não se soube logo em Gôa dos apertos lugubres de Diu. O que o Governador propalou com grande estrondo foi as perdas sofridas pelos moiros. Da morte de Coge-Çofar, fês D. João de Castro, mais do que uma esperança, a certeza de completa vitoria: mais do que triunfo, prodigio.

E estas noticias entusiasmaram e aguerriram os goenses. Celebraram-nas o bispo, a quem Fr. Manuel, aliás, escrevia sempre, laconicamente: «Deus protege-nos», os Vereadores e outros funcionarios, e todo o povo, num clamor de aleluia. Comovente? O Governador tornou isto fecundo.

Desta torrente de fé, arrancou D. João de Castro o seu clamor duma expedição provisoria contra o poder de Cambaia, o seu primeiro arranco de Titan.

Correu o pregão da guerra por toda a India. Era preciso concluir, clamavam, os feitos de D. João de Mascarenhas, muito naturalmente extenuado. E a empreza era tão segura, que o grande Governador não hesitava em mandar a Diu o outro seu filho, D. Alvaro de Castro, apenas começasse o mês d'Agosto. Isto corria. Isto galvanisava toda a gente.

Colhido assim o animo do Povo, D. João de Castro não se quedou, dando-lhe tempo a colapso. Depois iam já falando, vagamente, mas com insistencia, nas angustias de Diu. Tinham-nas relatado, em varias cartas, alguns habitantes de Chaul, patriotas que vigiavam de coração em ancias, dispostos ao sacrificio e até ao horoismo.

Urgia operar. Aprestaram-se afanosamente 37 fustas, que se carregaram de polvora de bombarda e de espingardas, panelas, lanças, chumbo, peloiros e viveres. Não houve descanço na Ribeira, de dia e de

noite. Via-se que os braços, os musculos, os nervos da India eram movidos por um só grande espirito.

Partiu, poucos dias depois, D. Alvaro de Castro com os seus soldados. A sua partida fez sensação, ainda de entusiasmo e fé.

As ordens eram concisas, mas completas: seguir para Chaul onde se pagaria aos soldados, e navegar logo sobre Diu: uma vês na Fortaleza, não a abandonar em caso algum, por mais terrivel que fôsse o perigo. Obedecer em tudo a D. João de Mascarenhas, e esperar, combatendo, que elle Governador fôsse arrazar e incendiar a cidade de Diu. Nem mais nem menos do que isto, á custa de tudo, da vida de todos, se fôra preciso.

Acrescentou ainda, que, se podesse dispensar as fustas, lhes désse um punhado de soldados e as mandassé varejar a costa, fazendo todas as hostilidades, anavalhando, por assim dizer, o inimigo. Guerra e guerrilha.

E, sem uma lágrima, sem um sinal de comoção, despediu assim o filho. D. Alvaro com egual estoicismo partiu, confiado na sua estrêla, obediente e firme como um herói antigo.

Logo a seguir, D. João de Castro chamou ás armas gente de todas as fortalezas. Acudiram muitos com entusiasmo. Um cavaleiro, D. Francisco de Menezes, não foi logo no encalço do vigario João Coelho, porque o inverno se desfazia em borrascas. Este contratempo deu ao valente soldado o maior desgosto de toda a sua vida.

E o Governador não descançava nunca. Reunia Conselho todos os dias e, não podendo ocultar a gravidade do aperto, não queria realmente, senão na aparencia, seguir opiniões: o que desejava era comunicar a todos o mesmo fogo.

O facto para elle era este: Diu, cercada por

milhares de inimigos, cingida de baluartes cheios de rumes, e, afinal, com as muralhas arruinadas; a guarnição dizimada, miseravel de feridas e esgotamento de forças; o risco duma rendição á força, pela verdadeira sapada de muitos muros de ferro sobre uma praça aberta e quási destruida. Uma ruina á mercê dum ciclóne; um moribundo nas mãos dum tigre.

A sua febre patriotica, assim justificada, lutou muito tempo com a prudencia dos conselheiros.

Um dia, porém, D. João de Castro exultou. Iam-se deixando arrastar pela sua veemência o que o aliviava já muito de parte da responsabilidade dum rasgo temerario. A torrente levava as penedias, senão todas, nas maiores lascas que a sua iniciativa cortava.

Concordavam agora já em seguir o Governador para Baçaim com as tropas que levantasse, as que fôsse possivel levantar — talvês mil espingardeiros e seiscentos cavaleiros. Entraria, de golpe, nas terras de Cambaia e, entretanto, por mar, outras forças varejariam terrivelmente a costa.

O Conselho entendia que o rei de Cambaia, assim apertado, havia de levantar o cerco de Diu. E afirmava, obstinado, que já transigia muito.

D. João de Castro ainda se esforçou por conseguir que apoiassem o seu golpe brusco, diréto, imediato, na cidade de Diu. Não arredaram pé. Toda a guerra seria pelo mar, seguindo os cavaleiros por terra, pouco a pouco, mais confiando no panico do inimigo do que no resultado duma batalha em que cristãos e moiros se defrontassem todos.

A isto, se conteve, habilmente o Governador. Aproveitou logo o que ia conquistando.

Numa carta célebre, determinou ao povo de Chaul, onde abundavam os cavaleiros, que aprestas-

sem as suas forças, em cavalos e homens para uma empreza como a que apoiavam os conselheiros.

Esta carta, escrita a 3 de Agosto, era dum espirito culto e, ao mesmo tempo, lampejante de energia. Prudente e digna, dissimulava o pensamento intimo. Falava em ir a Baçaim, e, estabelecido aí o seu quartel-general, em sair, elle por mar, e seu filho D. Alvaro por terra, em devastação de toda a costa.

Semeando assim, aproveitando o terreno que lhe concediam, D. João de Castro não se descuidava, comtudo, nunca da sementeira.

Os dias iam passando, mas o Governador não deixava descançar o Conselho, ferindo-o constantemente com a sugestão do seu obstinado sonho.

E esta atividade excitava fecundamente os animos menos resolutos.

Mas as duvidas e vacilações não desapareciam de vês.

O capitão-mór de Gôa, muito renitente, dizia primeiro, que naquelle lance, a admitir-se por completo o plano do Governador, arriscariam todo o poder de Portugal na India e perguntava com logica de ferro, qual seria o prestigio da Patria, ficando arruinada naquella temeridade, sem esperança de tropas frescas da metrópole senão muitos mêses depois? Que se seguiria? Esmagados em Diu, como defenderiamos Gôa? Perdida Gôa, o que se não perdia?!... Esmagados emfim fatalmente em Gôa, quanto sangue nos não custaria a reconquista? E seria ella facil, depois do humilhante desprestigio? Seria possivel até?

—Porque, afinal—frisava implacavelmente D. Diogo d'Almeida—qual o maior exercito que podiam levantar? Dois mil homens. Exterminados elles, que provariam? Nem sequer a justiça do terror do inimigo, que muito maiores forças lhes supunha e

que veria as verdadeiras, reduzidas á sua triste e mesquinha realidade.

O capitão-mór de Gôa falava com bom-senso. Não iam perder só todos os soldados sem esperança de os substituirem imediatamente; mostrava-se ao inimigo a ridicula realidade dum poder que, por o desconhecerem—só por isso e pela bravura de pequenos punhados de portuguêses,—julgavam colossal e desmedido.

E, vista bem a triste realidade, qual não seria a audacia do inimigo? Perdido o medo delle, que podia o nosso valor diante de canarins, moiros e turcos?

Que sería para nós da India, se essa audacia, escudada na força brutal do numero, visse na nossa derrota em Diu o exterminio de todo o poder português nas costás de Guzerate e do Malabar?

D. João de Castro, porém, olhava para Deus, e sorria com firmeza.

Emquanto os membros do Conselho se iam reunindo com lentidão estranha numa das salas do palacio, o Governador dava o seu despacho, e ouvia sempre alguns intimos sobre o seu projeto. Entre elles, como seus partidarios entusiastas, estavam Manuel de Souza Sepulveda, D. Garcia de Sá e Jorge Cabral. Com elles conversava D. João de Castro naquelle momento, depois de ter mandado dizer aos outros conselheiros, que fôssem esperando mais alguma resolução sobre o caso de Diu, emquanto elle despachava.

Estavam fóra do gabinete do Governador, entre outros, os tres veadores, Simão Botelho, superintendente na Ribeira das Armadas, Manuel de Mergulhão, da Casa dos Contos, Braz d'Araujo, da carga das naus em Baçaim e o Capitão-mór D. Diogo d'Almeida. Os tres primeiros tinham ido, de Lisboa, com

D. João de Castro, porque o Conselho de S. Alteza não vira no Governador o preciso tino economico. Talvês porisso, eram sistematicamente opostos a todas as audacias de D. João de Castro. Admiravam-no com restrições constantes: ás vêses, perfidas, por parte, pelo menos, de Simão Botelho.

D. Diogo d'Almeida, informado todos os dias sobre a tragedia de Diu por cartas de Chaul, insistia em vêr tudo negro e dificil e declarava-o sem rebuço, rispidamente.

—Que quer o Governador? bradava elle. Que se afunde tudo por causa de Diu?

—Grandes virtudes tem o senhor D. João de Castro—observava manhosamente Simão Botelho—mas de imaginação excessiva o achavam já na Côrte.

—E tanto—acudiu Mergulhão, que era letrado e verboso—e tanto, que os tres veadores só vimos para conter-lhe os impetos. Muito é mandar, aos poucos, socôrro a D. João de Mascarenhas, que já Diu esteve em eguaes apertos e venceu-os, mais por si do que por ajuda de Gôa. E Diu não é Troia. Se caír, ainda ficam Ormuz, Gôa, Baçaim...

—E grandes heroismos tambem têm operado os soldados de Mascarenhas—cortou o Capitão-mór, digno de justiça. Falam-me disso cartas de Chaul. D. Antonio da Silveira, se não é excedido, podeis crer que é briosamente egualado.

—Contai, contai, acudiu Braz d'Araujo com interesse; que de pouco tenho noticia.

O velho Capitão-mór fês um gesto de complacencia, e disse com mais doçura:

—Dir-vos-ei das derradeiras novas. Em Diu tudo tem sido prodigioso. Conheceis Diogo da Nhaia Coutinho, aquelle valente fidalgo de Santarem?

—E tambem mui pobre, disse o Mergulhão, sorrindo com ar picante.

—Pois entre outras façanhas, tornou o capitão-mór de Gôa, Diogo da Nhaia, certa noite, como precisassem na fortaleza de informações, declarou ir sósinho ao arraial inimigo prender um moiro, para delle depois as colherem. E foi. Pediu emprestado a um soldado o capacete e desceu pelas muralhas. Lá no fundo, o leão fês-se cobra. Arrastou-se entre os baluartes. Nisto, passaram dois moiros. Chegou a querer acometê-los logo. Mas um delles, ao ver acometido o companheiro, podia bradar. Deixou-os passar ambos, pois, e, caindo então de golpe sobre um, ao vê-lo morto, atirou-se ao outro com aquella grande força que lhe sabeis. O moiro esperneou, lutou, mas Diogo da Nhaia tolheu-lhe todos os movimentos, e preso e manso como um cordeiro, o levou aos hombros, indo pô-lo em cima, na Fortaleza sem perigo algum, tão fresco e socegado como se viera dum saráu da corte.

—Valente proeza! exclamaram os tres veadores, entusiasmados.

—Não fica por aqui—tornou D. Diogo d'Almeida, aquecendo. Em cima, viu que no feito perdera o capacete. De chofre, disse ao soldado que lh'o ia buscar, e foi, e desceu de novo a muralha, e voltou sem uma leve arranhadura, a entregar o capacete ao soldado, como quem vai a um jardim buscar um ramo para a sua dama.

—Verdadeiro português! comentou Manuel de Mergulhão, d'olhos humidos.

—E as mulheres?!—continuou o capitão-mór com vibrante entusiasmo e sempre nobre de justiça.

—Muito corre dos seus feitos, principalmente da velha Isabel Fernandes—disse Simão Botelho, que em tudo parecia saborear mais o deleite do que o pensamento.

—Depois de terem entrado o baluarte S. Tomé

—proseguiu D. Diogo d'Almeida Freire—os moiros, picados pelo desespero de Rumecão, deram um grande ataque a toda a Fortaleza. Os nossos soldados fôram então vistos a pelejar até com os pés, empurrando com elles sobre o inimigo penedos e torpeços e não tendo nunca em repoiso os braços. Mas, para não terem pesar de em tudo pelejarem, ora gritavam com rijeza aos inimigos, ora soltavam brados de alento e consôlo aos companheiros, e assim os portuguêses de Diu até com as bôcas defendiam Cristo e a Patria, até com ellas pelejavam. E as mulheres, acudindo logo, não se lembraram da sua natural fraqueza, antes mostraram sempre força de gigantes. Fôram ajudar os homens, cheias de alegria, não só com jogo de pedras e tiros, como com palavras de fé. Isabel Fernandes, velha e tão rija, fês mais que muitos soldados. Pelejava e, ao mesmo tempo, andava chegando alimentos ás bôcas dos que pelejavam. Quando os via prestes a quebrantarem-se, lá estava ella, de chuça nas mãos, inspirada por Deus, a gritar: «Pelejai, cavaleiros de Cristo, que elle está comvosco!» E todos se animavam. O olhar della parecia o dum arcanjo. Disse D. João de Mascarenhas, que a ella devia tudo. Sem a fè e o rasgo de Isabel Fernandes, muitos teriam sucumbido. Talvês Diu se rendesse. Talvês Portugal estivesse já de luto.

Os tres Veadores tinham os olhos rasos de lagrimas, embora Simão Botelho com menos mostras de entusiasmo.

—Lembra a Donzela de Orleans—murmurou o letrado Manuel Mergulhão, descaindo a fronte pensativamente.

—Mas—acudiu com austeridade D. Diogo d'Almeida—cumprem todos o seu dever e brio. O que eu não julgo é que porisso...

—Se deve perder toda a India, concluiu Simão

Botelho, o menos comovido de todos e recuperando, por completo, a sua habitual expressão sarcastica.

— E' como dizeis — rematou o Capitão-mór, preparando-se ainda para repisar os seus argumentos miudinhos.

Mas entrava então, seguido doutros, um homem de estatura mediana, vestindo com simplicidade, mas tambem com grande distinção.

Teria 45 annos e era magro e muito nervoso.

O seu olhar era profundo, mas movediço, vivo de chama estranha. Olhar animado de crente: olhar forte de homem resoluto.

Usava longas barbas, um pouco corredias, com bastantes cãs, já, espêssas, belas na sua possança.

Ao primeiro aspéto, não dominava: inquietava. Visto bem, comtudo o que nelle fazia impressão era a rigidez, a linha severa dos obstinados, a evidencia dum caráter.

Conversando-se com elle, a sua palavra tinha a energia dum vidente que não vê senão um unico caminho, porque o sabe o melhor de todos, e não admite que lhe mostrem nenhum outro, nem sequer igual.

Mas nestes impetos, nestas erupções permanentes da sua alma heroica, havia um sentimento enternecido que mal disfarçava na secura dos gestos e na vivacidade das palavras.

Coração, grande, dos maiores, dos mais generosos, possuia elle; via-se que o possuía: mas esse tesoiro escondia-o, calcava-o até aos pés, logo que viesse de golpe, por mais de leve que fôsse, uma noção do Dever a reprimi-lo.

Mas como era que este grande homem via o Dever? Talvês como ninguem, como nem o proprio Afonso de Albuquerque — como um Santo, porque só lhe admitia um aspéto: a Virtude.

O Dever tinha para elle dúas fontes supremas: Deus e a Pátria.

Mas incondicionaes. Só vacilava a favor da Patria por causa de Deus: pela Patria, sacrificava-se a si e aos filhos sem vacilar.

Era o espirito de Egas Moniz, a sua tempera, a sua probidade, a sua abnegação, dentro de muito do genio de Albuquerque e da religiosidade elevada do grande Antonio Galvão, o precursor estranho de S. Francisco Xavier.

Tinha decerto um defeito: o amor aos triunfos de Roma, á sua reedição pelo lado decorativo tambem. Portugal para elle era Roma, a Roma da Edade Moderna, e lisongeava-o que, podendo dizer-se delle quanto desprezava oiro, festins, ócios, molezas, o podessem e devessem apontar como puro, valente e grande, e como tal o festejassem num triunfo esplendidamente romano.

Não, não era o soldado simplesmente. Muito culto, escritor distinto, versado em historia e humanidades, o modelo da velha Roma das proezas, das virtudes, dos assombros, tomava-o elle com tanta consciencia como paixão, como crente, como combatente e como artista.

Não era tambem só, como soldado, o combatente intrepido: era ainda o estrategico insigne.

Conhecedor distinto das matematicas nas quaes fôra condiscipulo do infante D. Luís, na escola do célebre Pedro Nunes, muito sabido em astronomia e nautica, tivera todos os estudos superiores que, no seu tempo, podiam em Portugal formar um verdadeiro homem.

Filho segundo do Governador da Casa do Civel, D. Alvaro de Castro, da familia de que foi tronco D. Pedro Fernandes de Castro—pai da célebre D. Inês de Castro—o homem que acabava de interrom-

per a conversa do Capitão-Mór de Gôa e dos tres Veadores, nunca se furtára, além disso, a trabalhos e sempre fugira da atmosfera mórbida da côrte.

Casando, muito jóven,—nascêra a 27 de fevereiro de 1500 e casara antes de 1520 com sua prima D. Leonor Coutinho—foi assentar o domicilio em Almada, evitando o ruido de Lisbôa. De Almada, saíu só para a guerra, para Tanger, e, estreando-se depressa numa campanha acêsa, assinalou-se inconfundivel de bravura e siência da guerra.

Chamou-o D. João III á côrte, mas para correr logo á India. Foi com D. Estevão da Gama á expedição do Estreito e, não podendo colher todos os loiros que ambicionava, fês, comtudo, sempre prodigios. Nos intervalos duma campanha, que desejaria mais grandiosamente épica, como nem sempre trabalhava com o braço nervoso, pôs em ação o espirito culto, e escreveu um dos seus belos e uteis *Roteiros*.

Regressando á Patria, não foi embriagar-se nos perfumes da côrte. Retirou-se para a sua pitoresca quinta da *Penha Verde*, verdadeiro ermiterio que, ào fundo, e ao lado da vila de Cintra, dá sobre uma colina, rica de alta verdura, com um planaltosinho que, ao ocidente, defronta o mar, e, ao norte e ao sul, dá larga vista das campinas, que se estendem de Colares a Mafra, bem como, ao levante, encara a poderosa e grande linha da serra.

Ainda hoje é bela a Penha Verde. Ainda hoje dá encanto, no pequeno planalto, o recosto semi-circular que tem vista livre para o oriente e, ao meio do qual um medalhão de mármore tem gravada a *décima*:

As campinas retalhadas
Cerrado bosque no centro,
Mimosos vales por dentro,
Fóra as serras penduradas,

Sempre as águas prateadas,
Continuo verde a espessura,
Zéfiros sempre em doçura,
Mil sátiros, mil silvanos,
Brandas ninfas, seus enganos,
São de Cintra a formosura.

Na *Penha-Verde* o futuro Viso-Rei consagrou-se á Familia e ao Sonho, dois reflexos e miniaturas da Patria e de Deus. Leu muito, principalmente livros de historia romana.

Percorreu em espirito as jornadas de Sipião e de Paulo Emilio. Visionou apaixonadamente o Capitolio.

Deste como estasis, arrancou-o a voz da Religião, uma especie de nova Cruzada.

Foi a Tunis com o exercito de Carlos V, e distinguiu-se.

Notavel, recolheu-se de novo, porém, á *Penha-Verde*, como se ninguem o tivesse admirado.

O governo de S. Alteza lá o foi, como arrancar ás ondas daquellas folhagens.

E, feito general das armadas da costa, encheu o mar de feitos, caçando e desbaratando piratas.

Daquelle posto, emfim, foi levado a Governador, por valimento e aféto do infante D. Luís e a India conheceu logo que chegara um caráter.

Tal era D. João de Castro, o homem que aparecia na sala.

Quando elle entrou, os conselheiros curvaram-se irresistivelmente.

O Governador saudou-os com a bôa simplicidade que tinha em horas de satisfação e sentou-se, fitando-os com olhar um pouco vago, mas irrequieto.

D. Garcia de Sá, Jorge Cabral e Manuel de Sousa Sepulveda pareciam chegar comovidos da lon-

ga conferencia. Sorriam com ar de alivio, talvês vibrantes de esperança.

D. João de Castro esteve silencioso alguns instantes, olhando sem ver, olhando para dentro de si.

Depois, talvês reatando uma conversa íntima, disse repoisadamente:

— E' bem certo, senhores, que não devemos arredar pé do começado.

E, encarando-os de cabeça muito alta, visivelmente resolvido a alguma coisa que ocultava, continúou:

— Deveis saber outras novas, desconhecidas ainda pelo povo da cidade de Gôa.

Meu filho D. Alvaro foi avistado no mar por D. Francisco de Menezes que, de Baçaim, foi, pelo rio Tana, ao seu encontro. Bom português! Levou consigo 16 fustas cheias de gente e mantimentos. Como vêdes, a Fé vai impelindo os homens. Deus assim o quer.

Nenhum dos conselheiros lhe respondeu.

D. João de Castro sorriu com alguma ironia e continuou ainda tranquilo de voz, como poucas vêses:

—Mas meu filho D. Alvaro, apenas avistou D. Francisco de Menêses, deu mais força ás vélas, e aqui tendes, senhores meus, dois portuguêses a porfiarem qual dos dois hade de chegar ao perigo. Se não posso falar de D. Alvaro, que é filho, haveis de permitir que fale de Menezes, já tão ardído, quando partiu o vigario João Coelho.

— Senhor, disse então Simão Botelho com ar dulçoroso, o senhor Braz d'Araujo, aqui presente e por vós honrado com chamamento á pressa, muito bem conhece, de Baçaim, a D. Francisco de Menezes, pois lá o vê a cada hora. Quanto ao senhor D. Alvaro de Castro, toda a India já o glorifica... como digno de seu pai.

—Herói filho de herói—acrescentou Mergulhão, conciso como Tacito.

—Mas não vive só em mim esta fé—acudiu D. João de Castro, um pouco deliciado—Diu é o sonho de todos os cavaleiros de Portugal na India. O pregão no animo de todos é: *a Diu! a Diu!* E é a Diu, senhores, que temos de ir, já que todos assim reclamam.

—E têm razão—continuou o Governador, depois de sorrir mais contrafeitamente, como sempre que pretendiam gelar-lhe com o silencio o entúsiasmo. A India depende toda hoje de Diu.

A estas palavras, porém o Capitão-mór de Gôa fês um sinal respeitoso, cofiando a barba de neve.

—Falai, senhor D. Diogo d'Almeida—acudiu D. João de Castro, semi-cerrando os ólhos lampejantes, dominando-se e atendendo.

O Capitão-mór deu ás palavras uma lentidão solene; não se fês esperar.

—Se m'o permitis, Senhor, disse em voz forte: tambem eu tenho noticias, pois de Chaul me chegam em cada dia. E vêde, Senhor, que as guardo comigo e nem aos do vosso conselho as dou, quando receio contrariar-vos, e assim só digo o que é de contentamento e gloria.

—Praticais como verdadeiro português, disse rispidamente D. João de Castro.

E, interpretando todo o pensamento de D. Diogo d'Almeida, acrescentou logo com firmeza:

—Podeis falar sem rebuço. Falai-me, como se eu só comvosco estivera.

—Na verdade—tornou então com ar mais tranquilo o Capitão-mór—tem V. Senhoria grandes motivos de prazimento nos feitos do Senhor D. Alvaro e nos de D. Francisco de Menezes. Mas, Senhor, fica

tambem visto, pelo menos, quanto agora é temeridade intentar qualquer coisa por mar, e que é unico meio de se defender Diu, de longe, como é meu juizo e de muitos.

Deteve-se, nisto, o velho soldado e, vendo que D. João de Castro continuava a ouvir silencioso, d'olhos semi-cerrados, proseguiu:

—Deus parece, Senhor,—ter-nos dado aviso da temeridade de irmos agora confiar ás águas um socôrro a Diu, por menos que nos exija sacrificio de gente e dinheiro, porque, como hei noticia de Chaul, os Senhores D. Álvaro de Castro e D. Francisco de Menêses houveram realmente vista da costa de Diu, mas deu-lhes tão rijo temporal, que arribaram, e, perdidos, se acolheram na ilha das Vacas, ao pé de Baçaim. Que é isto, Senhor, senão um grande sinal e aviso de Deus? Que podem esperar as nossas naus com estas invernias, senão a perda, ou até o completo estrago? Não podemos perder, pouco a pouco, toda a armada?

Fitou o Capitão-mór o rosto sereno de D. João de Castro, mas o Governador continuava silencioso' e d'olhos pequenos como se dormitasse.

D. Diogo d'Almeida, um tanto mais alvoroçado, continuou:

—E, Senhor, temporal foi aquelle que viu chegar aos poucos, derrotadas pelos ventos, mais de 60 naus com os seus 900 homens, todos mui armados, sim, mas assim inuteis como se fôram covardes. E veja-se o triste fruto destes desastres e como cumpre afasta-los. Senhor! — D. Diogo d'Almeida vibrava, um pouco desconcertado — os homens das fustas, resabiados, pediram ao senhor D. Alvaro os seus pagamentos e, como lhes respondessem que seriam pagos em Diu, elles se amotinaram, vociferando, praguejando...

—Dizei tudo—interrompeu então D. João de Castro, levantando-se de chofre.

E, como o Capitão-mór hesitasse, o Governador concluiu, passando a mão pelos ólhos, convulso e livido:

—... Clamando que D. Alvaro lhes não pagava, porque guardava o dinheiro para elle!

E, num murmurio de cólera e desdem, D. João de Castro tornou a sentar-se, a'olhos fechados de todo, dizendo com agonia:

—Dinheiro!... dinheiro!... Como nós vamos caindo, caindo!... Dinheiro!... Mas de que salario precisa um bom português?!...

Mas, de subito fortificado, bradou ao Capitão-mór:

—Então até já reprovais o socorro, aos pedaços, que tinheis applaudido? E' por causa do tempo? Porém, deveis saber, que D. Alvaro pagou aos homens ao outro dia, e que, vendo chegar logo o bom tempo, seguiram todos sem duvidas; a meio do golfão tomaram uma nau de moiros do Estreito; e D. Alvaro de Castro não deixou pôr a saque a nau, pois mandou-a, confiada a um homem de Chaul, a caminho de Gôa para que o Governador da India lance os seus despojos no erario...

—Sim, senhor D. João de Castro—respondeu logo D. Diogo com amargura—e tambem admira que essa náu ainda não tenha chegado, e já sejam vindas outras noticias tristes. Grande gloria cabe á honradês e energia do senhor D. Alvaro de Castro, mas veja V. Senhoria como está a India, pois que os homens das fustas, escandalisados por os não deixarem roubar, quizeram desertar quási todos. E nestas questões perderam—talvês por designios de Deus—a monção que os levaria a Diu, se é prudente que elles aí vão... o que seria triste, se lá devessem ir...

—E—continuou o velho em voz sumida—sairam, sim, de noite, mas, ao raiar o dia, lá lhes veio novo temporal, trazendo-os outra vês, entre perigos, á ilha donde tinham saído, e todos praguejando, que foi justiça de Deus, por lhe terem proibido os despojos da nau que tinham tomado. E que será agora, Senhor? Que será agora com homens de tão fraco entendimento e pequeno amor á Patria? Irão socorrer Diu ou corromper os seus defensores?

Fês o velho humildemente esta pergunta, mas continuou com mais veemencia:

—Será bom para a India que medrem estas desavenças e tenham folego murmurios e rebeldias? Poucos como somos, devemos ter temeridades, se, tão desunidos nos vemos? Dá-se isto já nas aguas porque não pódem piratear. Que farão elles amanhã, deante da fome e dos perigos do cêrco? Senhor... pouquissimos e empecidos!...

—E não sabeis mais? replicou simplesmente D. João de Castro, d'olhos fixos no velho.

—Talvez, Senhor, tenha mêdo de saber o resto...

—Não é proprio de portuguêses—desfechou D. João de Castro—ter mêdo de coisa alguma. Nem dos homens nem dos casos e acontecimentos.

E, passando triumfantemente o olhar, continuou:

—E' simples e natural o que ha. O bom tempo voltou. As fustas partiram de novo sobre Diu. Os interesseiros apaziguaram-se e a peleja os limpará do vicios.

—Ultimas noticias?... perguntou, a mêdo, D. Diogo, dobrando a fronte como uma velha árvore sacudida.

—Sim, senhor Capitão-mór e as outras serão ainda melhores!

E D. João de Castro, cheio de fé e de vida, não permitiu mais reparos, nem conteve mais os seus impetos.

—Senhores, iremos a Diu, pouco a pouco, palmo a palmo, como temos concertado. E, mais tarde, iremos como eu o sonho. Se D. Alvaro de Castro fôr a pique, seguiremos nós. Se as tropas da India ficarem todas submergidas ou esmagadas, virão mais tropas de Portugal. Um povo não perde uma possessão, como nós perdemos uma espada ou uma lança. A India é dos portuguêses: para que fique dos Moiros, é preciso que Portugal môrra. E elle não morreu, Senhores, ás mãos de Castela. Não morreu em Ourique, para não morrer em Aljubarrota.

Não é só a nossa Patria que o quer: é Deus!

Percorreu todos os conselheiros com o olhar e proseguiu, cada vês mais convulso de energia:

—Quanto a mim, sou desta ideia até á ultima gôta do meu sangue.

Senhores—não vos afronteis—mas agora não vos peço o conselho, peço-vos—sabeis o quê?

—Dizei, Senhor—murmurou o Capitão-mór, cadaverico e tremulo.

—A vossa honra na maior obediencia! respondeu D. João de Castro de fronte muito alta, exaltado, quasi desvairado.

E, medindo-os dos pés á cabeça, ameaçador, sem uma transigencia:

—A vossa honra, correndo comigo a Diu, ou a vossa infamia, sendo punidos como traidores á Patria e a Diu!

As ultimas palavras tiveram o éco dum trovão e a brutalidade dum chicote. Todos estavam lividos.

O Governador, que se acalmara já, parecia todo de mármore, tendo apenas de braza os dois

fachos sangrentos dos ólhos. Ninguem respirava. Ninguem podia erguer os ólhos sequer.

O Capitão-mór então, num impulso, arrancou da espada, aprumou-se e fitou corajosamente o olhar no Governador.

—Senhor—bradou elle com amargura e altivês—mandais embora o conselheiro? Aqui está o soldado, sem força mas com alma, sem saúde mas com fé! E' preciso ir a Diu? O conselheiro viu temporaes e grandes exercitos, desuniões e perigos: o soldado vê a bandeira da Patria e obedece á voz do seu Capitão!

—A Diu! conclamaram todos, arrastados por este rasgo, á exceção de Simão Botelho que sorria lividamente.

E D. João de Castro, mais calmo, fitando Botelho com piedade irónica, acresentou:

—A Diu e á vitoria!... E despediu-os num gesto rápido.

VIII

Extasis e filosofia

Apenas bateu a meia-noite, Manuel de Souza saiu de casa e foi pela rua deserta, envolto no seu tabardo.

Cortou á direita, num meandro de ruelas, e parou num largo irregular. Mediu com ólhos sintilantes uma casa vasta. Tinha todas as janellas fechadas: apenas, lá no alto, uma luz frouxa amarelava, em delgado filete, a escuridão que cobria todo o predio.

Parou. De cima, viram-no. A luz avivou-se um pouco mais com o descerrar completo da janela e branquejou um vulto.

Logo depois, desapareceu.

Manuel de Souza, envolto sempre no tabardo, moveu-se então para o sul da casa.

Aí, num quadrilatero de terreno, todo murado, estava o jardim com uma porta baixa, de madeira pintada.

Esperou alguns instantes. E a porta entreabriu-se.

Uma cabeça se destacou na escuridão, aos ólhos de Manuel de Sousa, como se tivesse uma auréola.

A juventude, o amor e a beleza, iluminam sempre as fisionomias: mas a sua luz só é visivel para quem ama.

Para qualquer outro seria uma figura vaga: Manuel de Sousa distinguiu um semblante divino, com duas grandes estrelas quási ao alto — dois ólhos que valiam dois mundos.

O fidalgo, ao entrar no jardim, cerrou lentamente a porta, como costumava, e correu para o vulto.

Houve um silencio breve. Sentiu-se o contacto de duas bôcas ardentes.

E, depois, palavras ditas mil vêses, nomes repetidos com ternura:

— Manuel de Sousa!

— Leonor!

Era sempre assim. Um beijo casto e a musica dalgumas palavras do coração.

Depois, sentávam-se perto duma velha palmeira.

Aquella arvore, quasi tão antiga como Buda, ouvia-lhes, havia muitas noites, as mesmas palavras e os mesmos suspiros.

Quási sempre o diálogo era uma aleluía: festejar Manuel de Sousa a sua resurreição para a vida da alma; saudá-lo ella, jubilosa por tambem resurgir com elle.

E de resurreição classificavam elles aquelle brotar doce de sentimentos, porque, sem o dizerem, quási sem o pensarem nitidamente, tinham ambos a vaga ideia de, num tempo longinquo, terem amado assim.

As entrevistas, nos primeiros instantes, davam-lhes as mesmas ideias e palavras, e elles julgavam dizer todas as noites coisas deliciosamente novas.

— Amo-vos! — fazia a impressão duma novidade arrebatadora.

Diziam-no, de mãos juntas e d'olhos nos olhos, e parecia-lhes que faziam a primeira declaração d'amor.

Depois desta palavra eterna e universal, havia sempre um inclinar de frontes e um unir férvido de labios. E no beijo um silencio divino. E neste silencio um pulsar, fundo e tocante, de dois corações fortes.

Depois, voltavam ao estribilho cantante:

—Amo-vos!

—Adóro-vos!

E nada diziam durante momentos. De subito, ella, em voz de prata começava:

—Pensais agora em mim?

—Agora e sempre, Leonor.

—Sempre? sabeis o que é sempre, não é verdade?

—Despertado e dormindo...

—Hoje e até á morte...

—Até á morte e ainda depois.

Manuel de Sousa dava-lhe então o hombro como recosto da fronte e ella ficava assim num extasis.

Novo silencio. De vêses em quando, um beijo, como no meio de flôres um fruto.

A isto falava elle:

—Como me queres tanto? Porque tanto vos mereço?

—Porque muito tendes sofrido, e porque muito digno sois de algria.

—Quem vo-lo disse?

—Nenhuma palavra, nem vossa nem de ninguem.

—Adivinhais então?

—Não: oiço a voz dos vossos ólhos.

—E não mentirão elles, Leonor?

—Não, porque nos ólhos está o coração.

O fidalgo calava-se para não dizer loucuras,

contido pela serenidade casta da fisionomia della.

Depois, mais audacioso tornava:

—Talvês nos vossos ólhos esteja o coração.

—Vós o dizeis, Manuel de Sousa.

—Digo, digo, senhora, e por meu mal falam mais de dó do que de amor.

—Pois, ou vós mal os ouvís, ou por desaventura, elles falam sem verdade.

—Dizei, dizei...

—O quê? O que vós já sabeis?

—Dizei-o, Leonor.

—Eu não posso amar-vos por dó, porque, amada eu só por dó, repeliria o amor.

—Porque amais então?

—Eu não sei, Manuel de Sousa...

Leonor meditava, abria desmesuradamente os lindos ólhos para as estrelas, e murmurava depois:

—Amo porque, se me deixardes, morrerei sem me lastimar; porque, se me dérdes maus trátos, quando desposados, vos deixarei para morrer sem uma queixa; porque, se tiverdes de ser um mendigo, desprezado por todos, eu irei comvosco, beijando-vos, cantando, mendigando tambem!

Sem vós não viveria agora; mas, para ter a vida que vem de vós, não me rojaria a suplicá-la, se só assim a pudesse ter. E deste amor, Manuel de Sousa, não faço merecimento, porque, se a felicidade vos dou, não me deveis a mim a felicidade; devei-la a Deus. Amais-me? Nada vos devo, porque muito vos amo. Amo-vos? Nada me deveis, porque muito me amais. Se me iludisseis, que tinha a pedir-vos? Que me deixasseis morrer sósinha, por Deus não querer que eu vivesse.

—Que grande alma!

—A minha?! Mas, Manuel de Sousa, porque

não hão-de ser assim todas, se o amor a um pai ou a um esposo só póde viver da justiça?

—Quem vos ensinou isso, Leonor?

—O coração.

—E, comtudo, poucos pensam assim.

—E' porque não sentem, Manuel de Sousa.

—Sentem, sim, mas são fracos de vontade.

—Enganais-vos; quem sente devéras, quer. Porque vos quero eu, se não porque muito sinto?

—Conheço o mundo, Leonor, conheço-o, e...

—Bem sei que ides dizer. Já o tenho reflétido. As vossas amantes não eram assim. Vós as iludistes, tendo-vos iludido primeiro. Julgastes amá-las e, quando vistes que não as amáveis, lutastes, fingistes, até que as abandonastes.

Manuel de Sousa, não vejais nisto orgulho, pois o mesmo mal poderá suceder-me: mas, se as não amastes devéras, é porque não era justo que as amásseis.

—Algumas me déram provas...

—Sim, de fraqueza, Manuel de Sousa. E aí está porque as não devieis amar.

—Meu Deus! perturbais-me, Leonor...

—Não esperaveis de mim esta linguagem. Julgais ouvir meu pai com quem dizem que bastante me pareço...

—Na verdade, Leonor... com a vida e inexperiencia que tendes...

—Não sei se penso bem, Manuel de Sousa: o que sei é que sinto isto.

—Então, quanto a vós, provas d'amor são fraquezas.

—Não, não, Manuel de Sousa: as provas d'amor, as maiores, perder até a honra, não são fraquezas, se a mulher tudo concede, com a consciencia do que faz. Iludiu-se? E' porque não merecia senão

ser iludida. Deus dá-lhe esse castigo e o que ella tem, na desgraça, é o dever de morrer com virtude. Pois não é melhor ser desiludida cêdo do que mais tarde?

—Assombrais-me, Leonor.

—Dizei-me, pois, que preferirieis: conhecer-me falsa agora, se falsa vos pudera ser, ou mais tarde, depois de vos ter iludido?

—Leonor, Leonor, que admiravel inteligencia em tanta juventude!

—Não zombeis, Manuel de Sousa, que isto não o estudei, nem julgo que vem de mais do que do coração. Quantas vêses eu digo isto, e ha que tempos, a Joaninha!

—E ella pensa como vós?

—Não... infelizmente, não.

—Com que tristeza o dizeis!

—Nem me compreende a principio e, depois, quando começa a entender, fica a olhar para mim com um espanto que, primeiro, me faz rir, e depois me enche duma piedade... dum dó... que me envergonha de a ter por irmã.

Rompiam sempre assim as entrevistas: por meiguices, por protestos, e depois pela filosofia estranha de Leonor de Sá, joven tão áparte do comum das damas de Gôa em caráter e entendimento, que não tinha, na melhor amiga, quem a não molestasse com picadas de inveja.

Mas, ferida esta especie de refrega entre os dois, voltavam os beijos e os juramentos. Assim nesta noite. Manuel de Sousa ouviu-lhe mais uma vês o raciocinio inflexivel e, de repente, para lhe despertar o coração, beijou-a com ardor.

Ella, sem calculos nem exageros, correspondeu-lhe com toda a alma.

E, nesta permuta, ou fusão, de corações, se quedaram, sonhando.

—Se as aves trouxessem os lamentos dos moribundos...

—Quem sabe, Leonor? Talvês algum soldado de Diu...

—Talvês, a pensar na sua namorada, como eu penso em vós...

—Mas não moribunda, Leonor.

—Quem sabe? Quantos estão moribundos dentro da melhor vida!

—Assim sois vós?

—Sim, Manuel de Sousa, porque tambem se é moribundo com felicidade demais.

—Achais então demasiada a vossa felicidade?

—Sim, porque ácho rara a vossa alma.

Novo silencio, mas sem um tédio. Ambos elles achavam que nunca conversavam tão bem, como quando estavam assim.

Quanto maior era o silencio, mais falavam, como é costume, os seus ólhos.

E os ólhos dos apaixonados, quando os ilumina o extasis, dizem com nitidez as mais intimas meditações do espirito.

Emfim, outra pergunta maviosa, mas desta vês, de Leonor:

—Nunca chorastes, quando sentis a felicidade?

—Muitas vêses, Leonor.

—Sempre sem lagrimas, como agora?

—Nem sempre.

—Bem sei eu quando.

—Dizei.

—Vós chorais com a felicidade, quando ainda vos mordem duvidas.

E, sorrindo angelicamente:

—E agora não as tendes, não. Fazeis-me justiça, fazeis. Amo-vos!

Bateram, nisto, horas. Eram duas.

Levantaram-se ambos de golpe.

—Bem sabeis, murmurou ella com tristeza grave, que daqui a uma hora costuma acabar o primeiro sôno de meu pai... E, depois, é tão leve...

Mas nisto, um vulto assomou do lado de casa e chamou baixinho.

—E' a malabar, vêdes?

—São horas, disse elle simplesmente.

O vulto recolhêra-se e os dois cingiram-se, por instantes.

Depois, Manoel de Sousa beijou-a, recuou lentamente até á porta do jardim e saiu.

Leonor ficou parada um momento, d'olhos na escuridão e, voltando-se de subito para casa, entrou de mansinho.

A escrava esperava-a na sombra.

—Minha irmã? perguntou Leonor, baixinho.

—Despertou e despertou-me para vir chamar-vos.

Sentiram-se, muito subtis, os passos das duas.

Nestas aventuras furtivas é que Leonor se sentia humilhada.

Sofria com estes misterios e fingimentos.

Porque, desabafando tudo com o irmão, só a Joana informara destas entrevistas. Até ao irmão as ocultava.

Mas por causa do irmão é que não dizia já abertamente a seu pai o seu propósito, o seu amor. D. Garcia de Sá ignorava tudo, porque Pantaleão de Sá, se o pai o soubesse, seria impelido pelo desespero a um conflito com o capitão d'Ormuz. Os direitos de Falcão a Leonor eram formidaveis. D. Garcia não tolerava que fôssem deprimidos nem por uma duvida.

Nervosa como sempre nestes momentos, Leonor só respirou no quarto.

Joana sorriu-lhe do leito, apenas a viu.

—Como vindes amarela e enfiada, irmã!

—E' mêdo, Joaninha...

—Mêdo, vós?!

—De mim, que posso rebelar-me contra isto: falar a ocultas, como criminosa, ao senhor da minha alma!

—Mais feliz do que eu, que bem poucas vêses falo a D. Antonio de Noronha, sempre fóra de Goa e, ás vêses, bem remisso em dar noticias...

Leonor não replicou. Ouvia fóra uma voz varonil e apaixonada, cantando nas trevas.

—Cantam—disse Joaninha.

E Leonor respondeu simplesmente:

—E' elle.

Manuel de Sousa, na verdade, cantava na treva uns versos doridos que corriam em Gôa entre os fidalgos. Diziam ser dum Cristovão Falcão que fôra para a India depois de ver casada com outrem a sua linda Maria Brandão.

Era uma decima deliciosa, musica e dôr que foi ferir de raiz as almas das filhas de D. Garcia de Sá:

> E dizendo: O' mesquinha!
> Como pude ser tão crua?
> Bem abraçado me tinha,
> A minha bôca na sua,
> A sua face na minha.
> Lagrimas tinha choradas
> Que com a bôca gostei;
> Mas, comquanto certo sei
> Que as lágrimas são salgadas,
> Aquellas doces achei...

Depois, passos apressados.

Ao longe, na Fortaleza, algum rumor.

Entretanto, o céo clareava-se com tinturas côr de prata.

A aurora vinha perto.

IX

Ha Deus?

Quem desce o Golfo Persico entra no de Oman pelo Estreito d'Ormuz.

Mas, antes disso, vê o Cabo de Moçadan á direita — vertice superior dum triangulo que tem a sua base na região de Oman — e á esquerda, muito a léste, a fugir para a curva graciosa que se arqueia ao Sul dos Montes de Baristan, vê a Ilha de Ormuz, ponto microscópico para quem a compara com a ilha de Kischme, mais proxima do Cabo, estirada, caprichosa de recórtes, escondendo a outra, como um estreito tapete posto diante duma nódoasinha, circular quási.

De Ormuz a Gôa ha, indo por mar, um caminho longo e variado de costas. E' o litoral, quasi réto, que vai arredondar-se ao fim do Estreito, abrindo a terra ao impeto do Golfo de Oman. E' o litoral, pouco mais sinuoso, que se recurva profunda, mas rapidamente, junto das colossaes bôcas do rio Indo. E' o destaque de Gudzarate, a peninsula que tem ao sudoeste o pontinho da ilha de Diu. E' finalmente, depois da reintrancia profunda do Golfo de Cambaia, a grande costa do Malabar, começando pouco ao S.

de Bombaim até, ao meio, se retrair um pouco para dar assento a Gôa.

Mas, se a ilha de Ormuz, vista de largo e comparada á de Kischme, parece circular, vista de perto, tem um aspéto de como estrêla só com tres raios, tres pontas de terra firme.

Tendo de circunferencia, quando muito, 75 kilometros, é toda de pedra viva.

Em 1546, pelo menos, o sólo era árido, despojado de árvores, medrando nelle apenas cardos e espinhos, sem uma frescura de folha ou relva.

Notou Gaspar Corrêa que os córregos da ilha levavam sempre agua salgada. Não havia, pois, ali agua potavel.

Apezar de tudo isto, a cidade era grande e rica. Deu-lhe origem a situação, muito abrigada, e central pela circumvizinhança de muitos rios e portos. Segundo Gaspar Corrêa, as ruas de Ormuz, em 1504, eram doze, mas grandes, cheias de bons estabelecimentos. A abundancia de viveres era tal, que podiam alimentar-se dez mil homens com o que se cosinhava na cidade.

A cidade de Ormuz viu depressa, naquelle anno de 1504, levantar diante de si, como Diu, uma fortaleza dos portuguêses. Fundou-se ali uma nova capitanía, e esta era uma das mais árduas da nossa India.

Era capitão de Ormuz, desde 1538, Luis Falcão. Soldado valente, capitão de galeão em 1531, Guarda-mór de Ormuz em 1532, distinguindo-se na tomada de Baçaim em 1533, saliente em todos os lances da India, ora em Pangim e Gôa, batendo o mar com grande destroço dos rumes, ora na fortaleza que governava, Luís Falcão honrava a sua Patria pelo valor sem quebra.

Braço heroico, era, porém, uma alma sombria dentro dum temperamento vicioso.

Brutal e implacavel, o seu orgulho só podia sofrer a superioridade do seu cinismo.

Para elle tudo era a força: nada legitimo como o apetite.

Batia-se pela Patria realmente? Um psicólogo responderia que não. O que o levava ao heroismo era a ambição e, guardada pelas vitorias della, a impunidade dos seus viciós. Queria ser ilustre para ser poderoso, e o poder dava-lhe defeza a todos os desvarios. Mas o desvario nelle não tinha, ao menos, a loucura ardente da paixão, embora voluvel e passageira. O seu desvario era o resfôlego da sua brutalidade.

Uma virgem olhava-a elle como um desafio. Desflorar juventudes e inocencias corria parêlhas, aos seus ólhos, com render praças e fortes para saquear e rir sobre cadaveres e escombros.

Luís Falcão era um espirito escuro e perverso dentro dum corpo sanguineo e ardente.

Assim era temido e odiado. Não tinha um dedicado: tinha escravos e inimigos.

Rodeado de concubinas e bastardos, repelia uns e tolerava outros, ao sabor dos seus caprichos. D'ordinário, merecia-lhe tolerancia quem o ouvisse e lhe obedecesse em silencio. Conservava comsigo ultimamente uma mulher, havia alguns annos, por duas razões: porque cosinhava bem e sorria sempre a todas as suas brutalidades, e porque, se elle a encarregasse de alcaiotar, a pobre obedeceria, sem ciumes, dedicada, muda, submissa.

Comtudo, aquela alma sinistra tinha um afécto obstinado, ainda que rude quasi sempre: era Aires, seu filho bastardo. Este menino, que mais tarde foi capitão de Baçaim, dava já sinaes de homem de va-

lor, e ajuntava á energia do caráter uma astucia penetrante que hipnotisava o pai. No leãosinho rastejava uma pequena vibora.

Depois de Aires, merecia-lhe bastante benevolencia um canarim chamado Axa.

Axa era um homem de aspéto cadaverico, d'olhos mortos e sorriso constante.

Nunca se irritava. Chicoteado pelo capitão ás vêses, enovelava-se a gemer, e, pouco depois, aparecia com o eterno sorriso.

E, pouco a pouco, fôra ganhando a confiança e algum aféto de Luís Falcão.

O senhor d'Ormuz deixou de o castigar. Depois, num dia de bom humor, conversou com elle.

Axa era um verdadeiro pantano: serenidade á flôr, a morte no intimo. Aquelle homem, tranquilo e humilde, sabia coisas assombrosas: afrodisíacos, narcóticos, venenos. Era incapaz de resistir a um murro: mas, numa penumbra, encheria de punhaladas o mais valente.

Cão e chacal, não uivava, porém. Tinha o seu quanto de sombra e de exalação muda de miasmas. Amando ou odiando, o seu olhar era o mesmo — uma braza debaixo de cinzas; o seu sorriso constantemente maguado e ironico.

Olhava-se para elle e via-se um imbecil. Conversava-se com elle, e sentia-se a vaga sensação dum poço trágico dentro duma especie de farrapo.

Mas a humildade ingenua e mansa de Axa desarmava todos os pessimismos. O canarim não se abria nunca e, oferecendo os seus prestimos para o bem ou para o mal, fazia-o com tanto infantilismo, que parecia um irresponsavel.

Este homem, ás vêses, cantava. Ouvindo-se, estremecia-se e, afinal, o seu canto era doloroso como um treno de poleá no cárcere.

E o seu rir, soturno, doente, a fazer-lhe chiar os bronquios, tinha o mesmo timbre.

Luís Falcão, vendo-o rir, tinha sempre vontade de lhe bater.

Mas o capitão d'Ormuz, sabendo-se odiado por todos, só com Axa se abria agora.

Nos ultimos tempos, depois da ceia, quási sempre bastante ébrio, Luís Falcão tinha o filho entre os joelhos e mandava sentar no chão a figura esqueletica de Axa, para que este lhe ouvisse, com religioso silencio, o seu desabafo violento contra homens e coisas.

E Axa ouvia, sorrindo sempre, com tanta piedade na sua ironia, que não patenteava o seu asco intimo. Mas, na sua imbecilidade aparente, dava, donde a onde, algumas respostas, agudas e simples, embora repassadas duma obediencia que a Luís Falcão parecia profundo culto.

Nesta noite, o capitão d'Ormuz recebêra uma carta em que lhe diziam qual seria o seu substituto, depois de lhe acabar o tempo. A carta era de D. Garcia de Sá que, em linhas afétuosas, depois de lembrar o provavel sucessor, insistia no plano do casamento com a filha, a qual tinha a certeza de não ter escolhido ainda outro homem.

Era uma verdadeira mania do velho fidalgo. Lá tão longe, parecia que o espirito negro de Luís Falcão o dominava e empolgava com a mesma segurança.

O capitão d'Ormuz, pensando em Leonor, alvoroçava-se, na verdade. Mas não tinha por ella senão um desejo bestial e fremente que bem sabia ser facilmente saciavel. Seduzia-o mais a vaidade de render uma mulher olimpica que parecia refrataria a paixões e, ainda mais do que isso, a posse dum dote que os inimigos ocultos de D. Garcia de Sá teima-

vam em julgar fabuloso á custa de supostas concussões.

—Imagina, Axa—dizia Luís Falcão—a Leonor, de que te tenho falado, com rios de diamantes...

O capitão bebia ainda, acariciando rudemente, com a mão muito musculosa, a cabeça do filho que sorria com malicia estranha, fitando o pai atentamente.

Axa cravou o seu olhar vidrado nos ólhos sanguineos e turvos do capitão e murmurou, sorrindo:

—Sim, senhor Luís Falcão.

—Oiro, ribeiras d'oiro, continuava o governador d'Ormuz, d'ólhos meio cerrados... Uma mulher formosa para o salão, riqueza para seduzir e folgar, um nome de valente...

E Axa disse, em tom de estribilho, com a exatidão dum martelo em faina lenta:

—Sim, senhor Luís Falcão.

O capitão continuou, recostando-se mais:

—E, se alguma outra, mais linda e mais rica, houvér em Gôa...

Mas interrompeu-se a beber mais.

Axa, com ar de inocencia, sorriu humildemente e concluiu, sempre calmo:

—Vossa Senhoria casa com ella...

—Não, por Deus! gritou Falcão com grande destempêro, exagerado pelo calor do vinho. Não posso ser casado com duas.

Mas, desatando ás gargalhadas, acudiu logo:

—Só se tu, Axa, só se tu...

—Obedeço sempre a Vossa Senhoria. Vossa Senhoria é que sabe o bem e o mal—observou o canarim.

—E não o sabes tu, sandeu? Que é isso de bem e de mal?

—Oiço dizer aos missionarios de Portugal que o mal dos outros é o mesmo que é mal para nós...

— E o bem o que é bem para nós... Sim, elles dizem isso. Não faças aos outros o que não queres que te façam... Sim, elles dizem isso. E achas tino em tal?

— Elles que o dizem...

— E se eu te dissér o contrario?...

— Então, é o que V. Senhoria diz, acudiu Axa com olhar extático: pois mais deve saber um capitão d'Ormuz do que um missionario, ás vêses descalço e mal vestido.

— Tens valor, Axa, tens grandes pensamentos. Quem faz as leis é quem tem poder.

— Sim, senhor Luís Falcão.

O senhor d'Ormuz ficou alguns instantes pensativo e volveu:

— Ha quem fale de angustias e remorsos... Mas para que serve o vinho? Os que se dizem bons sofrem peores azares que a vida de remorsos, e elles vivem e até parece que os muitos sobresaltos os fazem chegar a maior velhice...

— Sim, senhor Luís Falcão.

O capitão d'Ormuz, quási ébrio, tinha um momento de lucidês, nelle rara, como se o espírito do Bem viesse falar dentro do seu lôdo, naquelle embrutecimento e elle o repelisse, lutando comsigo proprio, embora.

Tornou á conversa, de voz hesitante:

— O remorso fala á gente, fala... A's vêses, fala tanto que parece proxima a morte .. Deus dizem que avisa sempre... Axa, não ouves? Tu acreditas em Deus?

— Acredito em V. Senhoria...

— Em mim?!...

Falcão disse isto com um estranho espanto e nada mais acrescentou.

Bebeu ainda e, cerrando os ólhos, a sua mão

pesada pendeu inerte sobre o hombro do filho que escutava tudo, d'ólhos brilhantes, que falava, afinal, muito com a fisionomia nervosa e mobil.

Axa fês um esgar de maior ironia e esperou a creança. Aires, vendo adormecer o pai, desenleou-se devagar, subtil como um indio inteiriço e correu para o canarim.

A creança, então com nove annos de edade, era robusta, morena, d'olhos pequenos, vivos e negros e com uma grande cabeleira anelada. Tinha muito sangue nas faces e nos lábios. O queixo era grosso, proeminente, feição de voluntarioso e sensual.

O pequeno Aires acercou-se do canarim e, volvendo ólhos receosos ao pai, disse a meia voz com verdadeira curiosidade:

—Então, Axa, não ha Deus?

—Ha, menino, ha.

—Aonde?

—Naquela cadeira.

—O pai?

—Sim, menino.

—E não ha quem tenha mais força do que elle?

—O Viso-Rei, o Governador.

—E depois?

—El-rei de Portugal.

—E depois?

—Depois...

O indio conteve uma das suas risadas sinistras, e respondeu muito sério, varando o menino com o olhar pungente:

—O demonio!

—Sim, Axa, o demonio—acudiu com febre o pequeno—e onde vive elle?

—Naquella cadeira—volveu Axa com gravidade.

— O pai?!

Axa acenou mudamente com a cabeça e ficou-se a rir em tom cavernoso.

—Então Deus ou o demonio é a mesma coisa? repontou Aires, tão solene, que parecia ter mais edade.

—Sim, menino, sim—afirmou Axa—Deus e o demonio estão onde está o poder.

A creança, com ólhos brilhantes e irrequietos, sismava, sentindo certa aflição intima. Não compreendia. Uma voz estranha lhe dizia lá dentro que Axa mentia e que insistiam em sepultar-lhe o pensamento num misterio que era uma tortura.

Impulsiva como era, arremetteu contra a fronte pendida do canarim, sempre sentado no chão, cobra na figura ignobil dum rafeiro.

— Mentes, Axa, mentes!—gritou o pequeno Aires, arrepelando o indio sem dó. O demonio só faz mal e Deus bem. Ouviste, Axa? A muitos o tenho ouvido.

—Quem vos disse tal, menino? replicou, sem mais protesto, o canarim.

— Tenho-o ouvido a muitos — insistiu Aires.

—Não é isso o que diz o senhor capitão d'Ormuz—volveu Axa com sarcasmo penetrante.

—Não é, não—acudiu a creança, baixando a voz com sagacidade—mas é quando está quente de vinho. Antes disso, nem fala em Deus nem no demonio...

E, depois de pensar muito diante do indio indiferente, volveu-lhe, muito mais afavel:

—Sabes ler, Axa?

—Não—respondeu com amargura o canarim, mordendo os grossos labios.

—Que pena! Tambem eu não sei!...

Axa desfês o seu constante sorriso e replicou, gravemente, com uma filosofia acerada:

—De que serve ler, menino? Ler em livros não tem prestimo. Mais tarde verá que melhor é ler em pessôas...

O pequeno Aires pareceu não o ouvir e continuou, tão baixinho que só os ouvidos indios de Axa o entenderam:

—Gostava de ver aquelles papeis escritos...

—Que papeis? perguntou Axa com ancia, sorrindo mais, alevantando-se a meio.

—Os papeis do pai... onde elle me disse que tem a sua vida... Talvês lá diga se ha Deus ou não, ou como é isto...

Axa tomára-o já nervosamente ao cólo e forcejava por o hipnotisar com os ólhos vagos, obstinados de fixidez.

—Onde estão? onde estão? murmurava o canarim, cheio de suór frio. Sei quem sabe ler. Emquanto elle dorme...

—Acolá, volveu o pequeno, apontando um cofre de ferro que tinha por cima algumas armas.

—E a chave? a chave?... acudiu Axa com febre crescente, d'olhar duro, de mandibula convulsa.

A creança não respondeu, sorriu apenas com a finura dum cumplice precóce. Depois, nos bicos dos pés, acercou-se do pai, que resonava com grande estridor. Subtil, encaminhou a mãosita trigueira para o cinto largo do senhor d'Ormuz. Procurou devagar, de respiração suspensa. Pouco depois, fês um movimento leve e rápido. Trouxe a chave. E, colhida ella, observou o dormente, sorriu e deslisou como um reptil.

Axa deu um pulo que parecia uma agressão. Tomou a chave num arranco. Asmático, teve de

parar diante do cofre, a tomar fôlego. Depois, aplicou a chave com serenidade e geito. Já não sorria: tremia todo, até nas mãos que forcejava por ter firmes.

Abriu com facilidade e voltou o rosto, a observar Luís Falcão, que dormia sempre, congestionado, ruidoso de garganta e narinas.

Neste receio, o indio lembrava, na face, um pavoroso idolo do templo de Elefanta.

O olhar azulára-se como o fio duma lamina de adaga. A bôca, cerrada, sem um clarão ridente, parecia cosida como a dum peixe com cabeça humana.

Mergulhou a mão e tirou dois volumes de papeis. Desceu a tampa do cofre, fechou-o e meteu a chave na algibeira. Mas estacou, fitando o capitão d'Ormuz. Luís Falcão resonava.

Depois, ao ouvido do pequeno Aires, precipitou as suas palavras cantantes:

—Vou dá-los a ler. Se o pai acordar, menino, nada digaes, que vos mataria.

—E eu não oiço! rompeu Aires com desespero, colhendo-o pelas vestes.

—Depois, vos digo tudo. Ficai! ficai!—rouquejava Axa, desprendendo-se a custo daquellas mãosinhas nervosas.

—Vêde bem se elle fala de Deus, que ha dias me disse que quem quizesse saber como elle era lá por dentro tinha ai tudo... Vêde tambem se elle fala de mim... de mim... e de minha mãe...

—Tudo verei, mas, se o senhor capitão acordar e dér pela falta da chave, nada digaes. Eu remedeio tudo. Ouvistes?

—Ouvi, ouvi. Vai então asinha...

Axa desapareceu, sem mais palavra; e o pequeno Aires foi sentar-se no chão, de pernas cruza-

das, como um indio nativo, a sismar d'olhos esgazeados.

O canarim saiu lesto das casas de Luís Falcão. Correu a uma casinhola que ficava ao fundo da fortaleza. Escutou e, ouvindo lá dentro uma voz rouca, bateu logo á porta, alvoroçadamente.

—Abri—dizia elle com ancia—abri, senhor João Abexim. E' Axa.

Houve uma espera breve. Descerraram a porta. João Abexim, velho soldado, de barba branca e ólhos muito duros, apareceu, impeliu para dentro Axa, fechou a porta e estacou á espera de palavras, depois de mandar afastar uma velha árabe.

O canarim, em voz baixa, sorrindo sempre, disse apenas:

—Trago coisas que podem servir.

O velho não articulou um som: perguntou com os ólhos.

—Vós sabeis lér—proseguiu Axa, penetrando-lhe de golpe os pensamentos.

João Alexim acenou com a cabeça, não dando á face o menor movimento.

—Talvês estes papeis do capitão vos sirvam de algo...

O velho, ainda sem proferir uma palavra, deitou a mão enorme aos dois volumes, examinou-lhes o conjunto, sorriu de leve e meneou a cabeça com ar vago.

Depois, sentando-se num escabelo, chamou a velha árabe, creatura esqueletica que parecia devorada pela braza dos olhos desconformes.

Pediu um candelabro acêso, que pôs perto delle, sobre uma velha meza.

Em seguida, disse com voz rouquenha, mas imperativa:

—Amina, ide para a muralha até eu vos chamar.

A árabe voltou-se, ponderou em espirito a ordem e saiu lentamente.

João Abexim foi fechar a porta, e voltou para junto da meza.

Axa conservou-se de pé e o velho espalhou os papeis com ar de desdem.

—Vêde se... começou Axa.

—Sei, sei...—volveu o Abexim.

—Talvês segredos sobre a vossa filha.

—Porventura.

—Entendereis bem a letra?

—Como a alma.

O velho curvou-se a ler. Eram notas confusas, notas ininteligiveis. Aqui, a data dum dia, ali a sôma duma importancia misteriosa, acolá um nome de mulher, solto como uma viscera despedaçada.

Noutro maço, a face do velho abriu-se mais. Negocios da capitanía, planos de defeza, narrativas sinteticas de acontecimentos. Tudo informe, rude, sem um clarão. A's vezes, notas digressivas: um plano de rapto ou de sedução em linhas convulsas de febre. A cada passo grandes pingos que pareciam de sangue. Eram nódoas de vinho.

—Achais? murmurou o canarim.

O' velho acenou negativamente com a cabeça, mas dando-lhe um gesto de esperança.

Outro maço. Ao alto, a carta dum rume, propondo a paz. Depois, um papel lacrado num extremo e roto no outro, e dentro cabêlos em trança e um anel.

O Abexim levantou-se. Estava convulso. Não respirava bem.

Axa abriu os ólhos em gesto de pergunta.

O velho nem o fitou. Abriu de todo o grande sobrescrito. Procurava uma nota.

Encontrou-a, em dizeres rudes, em caratcres duma grossura diforme.

«Maria isto me leixou. Enterrada ao fundo das casas, do lado do cedro da horta».

—Ah! rugiu o velho, de lágrimas em fio e punhos cerrados.

E, tranquilo de subito, acrescentou:

—Emfim!

Depois, voltado para Axa, com uma tristeza lúgubre e funda:

—Devo-vos muito, canarim.

—Como tinheis empenho em saber... Mas daime os papeis, que elle póde despertar.

—Sim... volveu o velho mais pálido do que já era. Vou dar-vo-los, menos este e isto.

E mostrava um punhado de cabêlos negros, um anel e um papelinho.

—Mas... contrariou Axa.

—Não vol-os dou, não—rugiu o Abexim, embora a meia voz.

E, aproximando da face glabra do indio a sua barba crêspa e nevada, continuou:

—Muito vos dêvo, por não esquecerdes o meu pedido: escritos, papeis, todos os papeis que pudésseis colher a esse homem. Encontrei minha filha, sim, eu a encontrei; mas, Axa, a pobresinha está só nisto, nestes cabêlos, neste anel... Nisto e nas cinzas e óssos que enterraram ao pé dum cedro.

E, descaindo sobre o escabêlo, o velho João Abexim desatou a soluçar com sentimento. Sucumbia. Mas a sua fortaleza d'animo voltava depressa. Os veteranos da India eram assim até diante do cadáver dum filho.

Erguendo-se logo, austero e brusco, volveu ao canarim, dando-lhe os papeis, e apertando na mão direita os cabêlos, o anel e o papelinho da nota de Luís Falcão:

— Compreendestes. O monstro a deshonrou e matou. Não, não a mandou para Gôa, como vos mentiu: mandou-a ao inferno a penar para sempre.

Axa ouvia com olhar sinistro.

—Perdoei-lhe tudo, tudo, Axa, emquanto ella, de tão tamanina, me disse que delle queira ser. Chorei, mas perdoei. Mas matá-la, porquê? Deus ou o diabo m'o dirão: Deus, se elle póde fugir-me; o diabo, se posso vingar-me.

O olhar de Axa relampejava como nunca.

—Ide-vos, tornou o velho com infinito descanço na voz velada. Eu saberei, eu saberei. Levai os papeis, e não percaes tambem a vida. E dar-vos-ei e recompensa. Não me esqueço.

O canarim recebeu os papeis e nada respondeu.

Depois, fitando profundamente o velho, voltou-se de chofre e correu á porta. Abriu-a, saiu, entrou depressa nas casas de Luis Falcão.

Aires estava á espera, de pé, a tremer, d'ouvido atento.

Ia a falar. Axa fês-lhe gesto de silencio. Agil, rápido, firme, como se um novo ódio o fizesse mais forte, chegou ao cofre, abriu-o, encerrou os papeis, dispô-los devagar como os achára, fechou e deu a chave á criança.

Aires deslisou, curvou-se para o capitão que resonava sempre e deixou a chave onde a colhêra.

Depois, respirando melhor, atraiu o canarim, fitou-o nos ólhos e disse-lhe anciado:

—Minha mãe?

—Nada, menino.

—E de mim?

—Nada.

—E de Deus?

—Que existe... que existe lá muito acima de nós!...

X

Na agonia

Diu, depois do regresso heroico do Padre João Coelho, sofreu angustias desconformes.

Os moiros, desesperados, cresciam em ódio, furia e número.

Os portuguêses deixavam a cada passo a simples defensiva. D. João de Mascarenhas permitia agora sortidas, não inferiores ás do tempo do primeiro cêrco.

Mas o inimigo estava sempre a postos, jogando furiosamente a artilharia e a espingardaria, e tudo isto entre fanfarras e clamores estridulos.

Neste acudir ágil, o inimigo, porém, não aterrava os herois. Caiam alguns delles, mas o impeto lusitano era tão energico e indómito, que os moiros pareciam ceder o terreno, como se os sitiados se convertessem em sitiantes.

Mas fugiriam só por medo? Assim o julgaram, a principio, os portuguêses. Depois, viu-se que tinham resolvido, sem grande perigo delles, ir assim dizimando as pequenas hostes da Fortaleza.

D. João de Mascarenhas viu depressa o ardil. Não mais expôs os seus homens nem sequer nos muros, um palmo fóra dos cubélos.

E vinham os arrancos e reptos do inimigo em maré de ferro quebrar-se nas pedras da muralha cada vês com mais fragôr: mas os nossos poupavam-se e deixavam estoirar peloiros e tinir lanças e reluzir adagas.

Rumecão não desanimou. Aquelle espirito era infatigavel de planos e ódios. Um dia, arrancou-se do arraial com todo o exercito e cobriu toda a cintura da Fortaleza. Depois, ousadamente, subiu aquella giboia d'aço até aos peitos dos baluartes. A vítima estava envolvida por um enorme cinto que subia, que apertava como a corda no pescoço dum enforcado.

A Fortaleza viu-se estrangulada, entre brados de dementes, nuvens de tiros, relampagos de ferros e palpitações de bandeiras.

Uma loucura sublime arrojou os nossos. Esplosiam os bombas. Choviam os golpes e os tiros. Nas orlas da brecha flamejaram os guiões dos moiros. A onda ia passar por cima do dique.

O inimigo, forte de bom exito, clamava vitoria, certo do decisivo do seu feito.

E isto fazia-o mil vêses maior e mais robusto e mais heroico.

A escalada era constante. Os arremêssos eram vagalhões.

Mas os hérois de Diu não se desuniram e souberam estar em toda a parte. A' giboia d'aço opuzeram um circulo de semi-deuses.

Homens, mulheres, creanças, clerigos, velhos e doentes, tudo foi élo daquella cadeia de titans.

E este circulo, vivo e formidavel, dilatou-se, alteando os elos, como dum dente se faz uma espada, e a tal impulso unanime, aos clamores de: S. Jorge! Cristo! Virgem Santissima! o mar que desabava depois de galgar a costa, recuou, as ondas refluiram ao abismo, e naquelle retrocesso, naquelle despenhadoi-

ro, naquelle precipicio, esmagaram-se mais uma vês umas ás outras, deixando á tona grandes espumas de sangue.

E, tombando os moiros uns sobre os outros, em vês do brilho cristalino de vagas, tinham o sinistro crepitar e lampejar de corpos tomados pelo incendio. Era a ação cruel das panelas de pólvora que choviam dos parapeitos da Fortaleza, como raios dum temporal dantesco, queimando-os até ás entranhas.

Debalde as bandeiras do inimigo ficaram cravadas no cubélo de D. Fernando. Insolencias de aparente vitoria, reduziram-se logo á humildade de despojos.

Entretanto, os nossos perdiam 13, homens, redondamente mortos no épico apêrto. Além desses, morriam pouco depois outros por falta de curativo e já de remedios.

A outros, prostrava-os, sem mais golpe, a fadiga de noites sem dormir, prontos ao primeiro rumor, incançaveis no primeiro lance.

Os mantimentos faltavam. Não havia pão. Ápenas algum arrôs. Quasi todos, mutilados, anemicos, exaustos.

Outra falta, que só D. João de Mascarenhas conhecia: a de pólvora.

Vinham os ataques? Nem um tiro. Poupava-se a pólvora, e aos soldados dizia-se que era prudente responder só peito a peito.

De vêses em quando, Mascarenhas ia ao paiol de que só elle tinha a chave, e trazia algum alimento para bombardeiras e espingardas. Estrondeavam as bôcas de fogo, a simularem força tranquila: mas o capitão heroico pretendia apenas ganhar tempo e economisar as ultimas gôtas de sangue dum organismo estancado.

Comtudo, os moiros temiam porfiar em assaltos. Tudo lhes saía fruste. Não tinham tomado os baluar-

tes nem pelo ardil nem pelo poder da força. O leão inimigo fês-se então rato, e começou de rasgar minas.

Com audácia gigantesca, Rumecão projetou ser tambem semi-deus, provocando um terramoto, á custa duma de muitas explosões de pólvora. Era delle a carcassa da Fortaleza. Eram delle os óssos. Porque os não furaria e não iria despedaçar as entranhas?

E urgia. Noticias de Baçaim e de Chaul davam alarme de socorros de Gôa. Rumecão era grande de energia. Azafamaram-se logo engenheiros e mineiros.

Com rigorosa prudencia, e tambem astucia terrivel, retiraram os canhões para a cidade. Livravam assim das sortidas dos nossos grandes instrumentos de vitoria, e davam aos sitiados mais segurança em se apresentarem nas muralhas.

E começaram as minas, como Mascarenhas o soube a tempo.

Mas que fazer contra um terramoto, se o fogo das entranhas da terra era protegido por milhares de ferros e peloiros?

Rumecão varou primeiro a base do baluarte de D. Fernando de Castro. A mina foi atulhada de pólvora e esperavam que os portuguêses, sabendo retirada a artilharia, afluissem aos muros. Entretanto, fingiam novos assaltos, a atrai-los, e, logo que repelidos, deixavam o campo com clamores de escarneo.

Mas, nestes arremessos, o ensejo da explosão não lhe apareceu logo como o queriam. Os fingidos ataques repetiram-se muitas vêses sempre como escaramuças.

No dia 10 d'Agosto, dia de S. Lourenço, ao romper d'alva, Rumecão arrancou-se do arraial, pela segunda vês, com todo o exercito.

O inimigo, clamando e alçando ferros, vozeou que ia dar-se o combate definitivo. A Rumecão ou-

via-se jurar insolentemente, que ia emfim conquistar a Fortaleza.

A isto, os heróis correram em alvoroço á luta. Mas D. João de Mascarenhas, prudente, foi a todos os baluartes. A todos os capitães, e muito a D. Fernando de Castro, avisou-os do grande perigo de pelejarem sem terem de rosto os moiros. Era preciso esperar a luta braço a braço, porque as minas, emquanto ella se ferisse, não rebentariam para não sofrer o inimigo o dano dos proprios ardis.

D. Fernando de Castro, ao saber que o seu baluarte estava muito minado, sorriu como quem aceita um conselho e guarda um propósito.

O assalto annunciou-se pela madrugada, mas o inimigo condensou-se devagar, ás ondas, com uma tranquilidade formidavel e só cerrou os esquadrões num cingidoiro de ferro, pelas dez horas da manhã.

Os portuguêses todos a postos. Calmos, prevenidos, dispostos ao perigo e á estrategia, tinham acorrido os mutilados e os doentes, as mulheres e os velhos.

Por instantes, os sitiados pareceram espetadores no alto dum trono, á espera dum combate de feras.

O padre João Coelho e Fr. Manuel da Salvação estavam sublimes de serenidade. O primeiro acariciava a espada: o segundo alevantava uma cruz.

Mas o inimigo, a principio denso, aparentando um assalto ciclopico, estarreceu, vendo os portuguêses na sua gelada espétativa.

E os aneis da sua cadeia quebraram-se sem darem um tiro. Gastou Rumecão muito tempo a ordenar marchas e contra-marchas. As manobras ora adensavam unidades de combate, a avançarem com impetos de assalto, ora as dissolviam em grupos e recuavam inofensivamente.

Que faziam elles? Porque era isto?

Não o suspeitavam os sitiados. Os moiros tinham já o fogo na mina e andavam á espreita da explosão tremenda.

Mas o fogo parecia tambem medroso, ou o rastilho era resistente demais. Passavam as horas. Nos muros tudo a postos: no campo, evoluções de parada.

Duas horas. A impacieucia do inimigo era visivel. Rumecão muito ao largo, conversava com o estado-maior, do qual destacava até aos muros um oficial que vinha a galope até á base do baluarte de D. Fernando de Castro, e voltava com o sobrolho descido.

Entretanto, D. João de Mascarenhas compreendeu as estranhas manobras dos moiros. Deu logo recado a D. Fernando para se retirar do baluarte com os seus 70 homens. O filho de D. João de Castro rendeu-se tanto á ordem como ás razões que o capitão da Fortaleza tambem enviou.

Desceu logo do baluarte com a sua gente.

Mas seu aio, Diogo de Reinoso, cortou-lhe o passo. O destemido fidalgo não se esquecia do que lhe pedira o Governador, ao confiar-lhe o filho: arrojá-lo a todos os lances em que se ganha verdadeira gloria.

E, por si mesmo, apezar da maturidade dos annos, era mais impulsivo do que estrategico.

Cheio de cólera, o aio de D. Fernando susteve o pupilo com palavras ardentes:

—Senhor, porque vos desceis, e mostrais medo do que não vêdes, estando os moiros ao pé do muro para entrar?

O que D. Fernando de Castro *não via*, era a mina; mas via-a, muito bem, D. João de Mascarenhas.

O joven, escaldado com isto, não replicou: subiu ao baluarte e, com elle, Diogo de Reinoso e, com elles, os setenta homens.

Eram tres horas da tarde.

D. João de Mascarenhas soube da desobediencia e correu a reprimi-la, mas, entretanto, ouviu-se um ronco titanico, a terra da fortaleza tremeu toda, viu-se emergir qualquer coisa á flôr do baluarte logo depois do estampido colossal. Numa nuvem de pó, lascas de pedras, ferros partidos, fumo, e depois laivos de sangue, aquelle membro da Fortaleza pareceu desenraizar-se de golpe e alevantar-se, em escombros, até ao sol relampejante, toldado de subito. E depois viu-se cair, derramando-se em lavas por toda a Fortaleza, emquanto sessenta homens ficavam em pedaços, queimados, ou mutilados, e os outros, os heróis que não morreram, se estorciam, gemendo, com os rostos enegrecidos pela pólvora e pela poeira, num lugubre mar de ruinas que arremessava as suas vagas até aos alicerces da Fortaleza.

D. Fernando de Castro e Diogo de Reinoso morreram ali.

Nesta brecha de fogo e sangue viram os moiros uma estrada.

Convergiram para as ruinas, para o golpe largo e cruel que sofrera o corpo da Fortaleza. Mas fizeram-no devagar. Se assim não fôra, teriam entrado, protegidos pelo natural panico dos heróis.

Como afluiram com algum receio, os moiros perderam um ensejo fatal para os portuguêses. A estes reanimou-os logo a energia de D. João de Mascarenhas que chamou a si os sobreviventes e os reforçou com toda a sua gente.

Não se soube então quem morrêra e Fr. Manuel da Salvação erguia o crucifixo acima do fumo e do pó com tanto entusiasmo, que os soldados não compreenderam o horror daquelle abalo tragico.

Sublimes todos, incluindo os escravos. Estes desgraçados, numa inspiração divina, ao verem rota

a fortaleza com a derrocada do baluarte, arrancaram portas e foram fazer dellas dique aos vagalhões crescentes do inimigo. E, quando este julgou que só tinha a afastar tábuas, encontrou peitos. Os soldados portuguêses, guarnecendo corajosamente aquella fenda trágica, pisavam, sem dar por isso, muitos cadaveres dos seus, e combatiam com um desespero homerico.

Unidos como uma catapulta, feita de muitas peças d'aço, e a jogar toda formidavelmente no mesmo sentido, a sua resistencia primeiro foi a de penedia inabalavel: depois, fês-se tambem mar, onda, furia, e caiu, ofensiva, sangrenta, incessante, sobre os esquadrões que avançavam. E os golpes dos portuguêses fôram tão invenciveis, que o inimigo recuou sem ter matado ninguem, e perdendo muitos homens.

Deus intervinha, evidentemente.

Mas os nossos não perderam o tempo. Rechaçadas as forças de Rumecão, passaram, de novo, do ataque á defeza. As portas de que os escravos tinham feito dique, serviram de amparo á obra dum muro largo, todo de pedra, que começaram de levantar. Este trabalho prolongou-se pela noite adiante. Chegaram a destruir casas para aproveitar pedras, como para aproveitarem energias, deixavam esgotar de cansaço mulheres, velhos e crianças.

E, feito isto, D. João de Mascarenhas ordenou uma festa, e depois enterrou os mortos á pressa, antes do romper d'alva, para se não saber do seu numero. Abriu-se para isso uma cova enorme. Ali se sepultaram todos num montão, épico como o das ruinas do baluarte.

Excetuaram o cadaver de D. Fernando de Castro que, triturado e horrivelmente queimado, teve tumulo na egreja.

E os moiros, no espanto da sua derrota, diziam

entre si, que os sitiados, mais uma vês, tinham tido auxilio duns homens belos, fortissimos, que não pareciam deste mundo e os quaes Rumecão avistou sobre a egreja, parecendo executar as ordens duma mulher formosissima, toda de branco. Ouvindo isto, que elle proprio tambem vira, Rumecão empalideceu funebremente e alguem lhe ouviu murmurar com grande desalento:

—Será, pois, verdade que o Cristo combate a favor dos seus crentes, mandando-lhes arcanjos? Seria essa mulher formosa aquella que elles chamam a Virgem Santissima?

Foi alegrá-lo, porém, a chegada de escravos, foragidos da Fortaleza.

Os traidores, descridos da vitoria dos nossos, procuravam o futuro senhor.

E contaram a morte do filho de D. João de Castro, dizendo que os portuguêses válidos não chegavam a cem.

A alegria dos moiros foi enorme. Voltaram os canhões para o campo. O bombardeio tornou a ser terrivel. Os sitiados sofreram então as maiores angustias. A alma de Portugal passou de novo ali uma cruel provação.

Nuvens de peloiros e tiros de toda a especie. Depois, chuvas diluvianas, temporaes de dia e de noite, a afastarem as esperanças de socôrro pelo mar.

Os portuguêses, tão poucos, cada vês mais desalentados. A ancia convulsionava-os a todos, valendo-lhes a Fé que o Padre João Coelho, Fr. Manuel da Salvação e as mulheres, sempre heroicas e sempre crentes, nutriam com uma constancia de apóstolos.

Rumecão compreendeu esta agonia e rejubilou.

A 13 de agosto, o grande exercito veio mais uma vês sobre os muros. Nem das panelas de pólvora tinham que temer-se, porque chovia torrencialmente.

Aproximaram-se, compactos e fortes, os esquadrões inimigos, entre vozearias insolentes, alçando as bandeiras.

Lançaram escadas á muralha muitos dos moiros. De subito, a massa enorme teve um gesto unanime: estrangular a vitima, que até ali pudera conter o tigre.

E os portuguêses? Nada esperavam já de si. Não tinham força numerica para defender por completo mais do que um só baluarte. Os que havia válidos, tinham fóme e cambaleavam de esgotamento.

Tiveram todos a noção cruel da morte coletiva num esmagamento sem remedio. E então voltaram-se todos para Deus, como mártires que Deus vai receber, depois de desconjuntados em todos os seus membros pelas torturas dos seus verdugos.

Não houve um soldado que se não confessasse e não rogasse a misericordia do Senhor para a grande e suprema viagem.

—Misericordia! misericordia! era o clamor de todas aquellas almas em transe.

Mas a certeza da morte não lhes deu a indiferença pelo dever. Pelo contrario, ficaram esperando, dos requintes do seu heroismo, maior piedade de Jesus Cristo para as suas faltas. Morrer, excedendo-se, divinisando-se quási em prodigios de bravura, foi para todos o melhor caminho da salvação das suas almas.

Nesta fé admiravel, o seu impeto contra os moiros foi como nunca. Os mais fracos pareciam titanicos. Nem um resguardo; nem uma vacilação. Corria-se para a Morte, como para a Vitoria infalivel.

As mulheres, vestidas de homens, acudiam indomaveis aos lanços onde o inimigo pozera as escadas. E as pedras que ellas arrojavam, bradando com alegria santa por Cristo e chorando de entusiasmo e fé,

fazim despenhar os moiros, matando-os e mutilando-os no seu despenhamento.

Não havia já disciplina de guerra: cada homem era um capitão; cada mulher uma Joana d'Arc. Por vêses um homem só foi um exercito, um velho foi um esquadrão, uma criança um homem.

Não havia panelas de pólvora, inuteis por causa da chuva? Mas havia corações e braços, que a chuva do sangue e dos golpes não esfriava.

Cutiladas e lançadas. E assim três horas. E as tropas de Rumecão, rudemente escarmentadas, recuaram, perdendo dezenas de homens, e, derrotadas como nunca, deixaram apenas mortos dois portuguêses.

O tigre, furioso e dececionado, voltou de novo a ser rato. Começaram então a minar o baluarte de S. Tomé. Mas a mina ficou pouco funda, superficial. A explosão não teve o anteparo bastante forte, e as vitimas, em mortos e feridos, fôram os proprios moiros.

Comtudo, o baluarte derrocou em parte, oferecendo uma ladeira. Nova esperança do inimigo. Subiu a ladeira.

Os sitiados esperaram-no e enrostaram-no. Feridas e fadigas parecia não existirem. A nova refrega só fechou com a noite.

Retiraram os moiros. Os da Fortaleza repararam as novas brechas com muros de pedra viva. Destruiram-lh'os. Levantaram mais a dentro novo muro, perdendo alguns homens, varejados pela espingardaria inimiga.

Depois, nova luta de ratos — mina no muro da torre de S. Tiago.

E esta mina explodiu mais certeira. O muro voou em pedaços. Pelas ruinas, que fizeram nova ladeira, correram intrepidamente os soldados de Rumecão.

E o choque desta vês foi ainda mais pavoroso: Não poderam os nossos repeli-los deveras. Caíam de cansaço aquelles herois, tão reduzidos em numero.

Fôram segurando a onda como puderam, batalhando de dia e de noite e, entretanto, destruíram casas e das suas pedras fizeram novo muro.

Mas o tigre não desistia de ser rato. Minaram a torre de S. Tiago. A explosão não fês caír toda a torre, mas os moiros conseguiam novo caminho, dum lado onde houve derrocada.

Nisto, o perigo pareceu a todos irremediavel. Prontos para a morte, o seu brado de angustia era: Nossa Senhora! Nossa Senhora!

Depois, confessados e resolutos, pediram a Mascarenhas, que os deixasse ir morrer no meio do inimigo, numa sortida épica e definitiva.

D. João de Mascarenhas ergueu-se contra a loucura. Que era isso mais do que descrer de Deus? Sósinho, não poderia contê-los; mas cometiam um pecado e um crime!

Não o ouviram, nem aos brados angustiosos dos sacerdotes. A resolução delles foi investirem, ao romper d'alva, com o grosso do inimigo, descendo ao arraial. Mas Fr. Manuel da Salvação disse, nisto, a D. João de Mascarenhas:

— Ha quem os contenha.

— Vós?

— Não: Deus.

E recolheu serenamente aos seus aposentos.

De manhã, os heróis estavam em massa, lançados para a aventura.

Mas Luzia Fernandes e outras mulheres correram á frente delles.

Luzia Fernandes, intrépida sempre, gritava:

— Aonde ides, portuguêses, se a mim e a ou-

tras apareceu em sonho a Virgem a dizer-nos que não fosseis, porque seu amado Filho vos salvaria?

Respondeu-lhe um grito de cólera.

Luzia e outras mulheres insistiram, bradando sempre.

A cólera dos loucos converteu-se no desdem dum silencio funebre.

Tiravam pedras para abrirem caminho. Não ouviam ninguem. Lividos, mas firmes, a sua resolução tinha tanto de obstinada como de feroz.

Olhando-se para aquela massa de famintos alucinados, tinha-se a noção dum trágico suicidio colétivo.

Mas, naquelle mesmo instante, veio uma tempestade horrorosa. Trovões, relampagos, coriscos, chuva, ventania ciclónica.

Um grande tremor de terra. Os dementados ficaram, adiando o seu feito.

E, pouco depois, ouvindo vozes de moiros que pintavam os tormentos dos que lhe viessem a caír nas mãos, o terror da tortura deu-lhes mais paciencia e D. João de Mascarenhas pôde disciplinár-los.

Espétativa. A fortaleza de Diu estava á mercê de Deus. Os homens tinham cumprido todo o seu dever acima do possivel.

Depois da crise dum grande mal, chegava a agonia. Aparente? Verdadeira? Só Deus podia responder.

XI

Grande alma

A India convulsionava-se muito naquelle mês de setembro. Diu era o alvo de todas as ancias. A Cruz sofria com a espada, sua filha adótiva, embora ainda rebelde, apezar da palavra quente e fecunda dos missionarios.

D. João Afonso de Albuquerque continuava a ser um verdadeiro bispo: um Pai.

Bispo perfeito, os seus filhos eram tanto os cristãos, como os indios, como os proprios moiros da India. Um abalo, embora leve, na terra de Buda sentia-o profundamente no coração, sem intolerancia, nem animosidades. Para elle, os maus eram desgraçados, os maiores indigentes; mas, maus ou bons, pobres de graça ou della abastados, nas dôres via-os com igual condolencia, como se todos elles constituissem uma só entidade adoravel: Jesus-Cristo.

Comtudo, tinha uma Pátria: adótiva, mas tão sua amada, como a patria legitima, como Castela. D. João Afonso amava muito Portugal.

Amava-o até á rudeza da austeridade: combatendo-lhe desassombradamente os vicios e os erros. Perdoava-lhe, com a generosidade da abnegação,

dando-lhe todos os sacrificios, e amando-o tanto mais quanto elle menos lhe compensava as agruras do báculo, na falta de apoio ainda ao alcance completo da sua missão.

Deste fundo psicologico vinha uma tocante hiperestesia. Como coração unico dum dos corpos mais desconformes então da Terra — o Imperio da India —, a sua sensibilidade chegava a ter a força duma torrente ideal: recebia a dôr, e comunicava, por mais longe que fôsse, a esperança e a fé.

Talvês por isto, o Bispo de Gôa conhecia, como poucos, os menores acontecimentos da sua diocese. Iam, de toda a parte, ao Paço noticias e comunicações espontaneas. Além disso, a santidade do prelado era frequentemente solicitada como fonte de bençãos.

Pediam-lhe a benção guerreiros que partiam. Vinham beijar-lhe a mão os muitos que tinham partido, abençoados por elle.

D. João de Castro, profundamente religioso, adorava o seu Bispo. Como poucos Governadores, o consultava e ouvia.

O Bispo, entretanto, não achava em que reprimir-lhe os impetos. Os planos do grande capitão achava-os integros, legitimos, profundamente lógicos.

Seria isto inexplicavel para quem visse em D. João Afonso d'Albuquerque apenas o bom senso: mas o Bispo tinha, acima disso, a grande videncia da Fé.

E nada mais caluniado e mal pago pelas almas do que a Fé. A Fé tem sido o Genio, o Heroismo, a Virtude — os melhores tesoiros da Humanidade. Sem ella nem podia existir o proprio Teorêma. Sem ella, a Moral seria inutil; o Progresso uma redundancia; a Siencia uma fadiga vã. Quem não crê, não compreende senão direitos; não admite senão a vida bru-

tal e soberba; não tem a abnegação formidavel de que precisa todo o verdadeiro sabio.

Havia duas horas que D. João de Castro conversava com o Bispo, sem precisar, porém um facto, debatendo apaixonadamente uma ideia fixa.

O Governador, como se outros cuidados o não pungissem, expozera ainda o seu obstinado plano contra Diu, e colhêra, das palavras de D. João Afonso, a aprovação mais fortificante. E, nestas impressões, falára muito D. João de Castro, ganhando fôrça e consolo ao vêr nos olhos do Bispo uma confiança indefinida que o desvanecia sem o perturbar.

Rematara com uma humildade sentida, nos seus ultimos annos tão perfeita e religiosa:

—Se Deus me enviou a salvar a Patria e a India e, com ella, a Egreja de Jesus-Cristo, tudo nos dará triunfo e tranquilidade. Entretanto, abençoai a expedição, como espero que a abençoe o Padre Mestre Francisco Xavier.

—Deus dê á minha benção a graça e a força—respondera D. João Afonso, de olhar iluminado.

Mas, entretanto, D. João de Castro, um pouco palido, levantara-se, tirando da algibeira um papel.

—Uma carta de Diu? perguntou o bispo, informado de que havia novas do Norte.

—E' de meu filho D. Alvaro. Veio hoje no catur que entrou ao romper da manhã.

Tem duas passagens de dôr e de prazer para nós.

—Mais noticias do terrivel cêrco...

—Das melhores... por serem das peores.

D. João de Castro, dizendo isto, dominou um leve tremor nervoso, procurou algum tempo a passagem que na carta o preocupava, e leu pouco depois com voz firme e vagarosa:

—«Emfim, senhor e pai, chega o ponto de mais lágrimas. Rebentada a mina, e destruido o baluarte,

foi mister enterrar os mortos. Entre elles—e Deus vos ajude com toda a piedade—foi encontrado vosso filho e meu irmão D. Fernando de Castro, afinal hoje mais vivo pela gloria do que o fôra pelas grandes esperanças. Perto delle, sempre fiel e valente, Diogo de Reinoso...

—Morto, vosso filho?! exclamou o bispo com dôr profunda, empalidecendo muito.

D. João de Castro fitou austeramente o prelado e volveu logo:

—Felizmente que morto pela Pátria. Outro tenho eu, D. Alvaro, que me escreve e de bom grado o sacrifico. D. Fernando de Castro faz falta como qualquer soldado: como filho, não, que meus filhos são todos os portuguêses na India.

— Senhor D. João de Castro, pareceis um heroi romano! exclamou D. João Afonso, tomado de assombro.

Esta comparação rejubilou o Governador, fanatico pelos grandes heroismos de Roma.

Mas, desfazendo o sorriso de satisfação, que lhe aflorára aos lábios bastante queimados de febre, tornou com a mesma austeridade, simples e calmo:

—Agora, é comvosco, senhor D. João Afonso, se me permitis que leia.

—Mas lêde, senhor D. João de Castro, lêde, que muito me obrigaes.

O Governador não apresentou uma só palavra sua. Tomou o papel sem um tremor.

Fitou com olhos serenos outra passagem da carta, e leu com clareza:

«... Nisto, uns gritos se ouviram e tanto de cortar o coração, que se julgou terem entrado na praça os Rumes por alguma brecha escusa. Mas os gritos eram de mulheres, tão destemidas sempre, mas, senhor e pai, sempre tambem mulheres, quando

ha apertos do coração. Tinham-se ajoelhado ao pé dum cadáver que apareceu abraçado a um crucifixo. Romperam entre ellas, e viram um velho frade, todo queimado no rosto, a sorrir, como se vivo estivesse, num sorriso de tanta felicidade, que todos o julgaram, a principio, adormecido. Na mão esquerda segurava um papel, que vos envio, pois tem o vosso nome no sobrescrito. Sabei que o morto é Fr. Manuel da Salvação, o qual, em toda a peleja, foi sempre o primeiro a arriscar-se aos golpes e o unico a levantar a Cruz, quando todos vibravam lanças e espadas...»

—Meu Deus! disse apenas o Bispo, não contendo as lagrimas e escondendo o rosto.

«... Depois, ao compôr-se-lhe o corpo, se viu, entalado no cordão da cintura, essoutro papel com sobescrito para o senhor D. João Afonso d'Albuquerque, Bispo de Gôa, e o qual tambem vos envio para fazerdes a graça de o mandar...»

Interrompeu-se, nisto, D. João de Castro para tirar duas cartas. Estava augusto de tranquilidade.

Depois, sem levantar os olhos, absorvido por uma unica ideia, entregou uma dellas a D. João Afonso, e desdobrou a outra, sentando-se para a ler com mais repoiso.

Sentado, ergueu o olhar calmo para o Bispo, e disse-lhe com pura simplicidade:

—Permiti vos leia o que para mim deixou Fr. Manuel da Salvação. Interessam-vos tanto, como a mim, estes dizeres, e até os que disem respeito á governação, pois, pelo menos, se eu falecer, podereis dar luzes a quem me sucêda...

—Muito me honrais—observou D. João Afonso, acquiescendo, ainda d'olhos humidos.

Ouviu-se logo a voz calma e severa de D. João de Castro:

«Senhor. Por menos que de mim vos lembreis, muito sois sempre da minha respeitosa lembrança. Com o santo Padre Mestre Fancisco Xavier e com o piedoso Bispo de Gôa, formais—se não é profanação isto que digo—uma lembrança da Trindade Santissima, pois parece vir, em nome da do Céo, salvar a India, filha de Jesus-Cristo.

Senhor, não careço de ser vidente para descobrir quão escasso é o tempo de vida que terei na Terra, principalmente porque, desejando morte bem expiatoria, teimo em empecer os valentes de Diu, reduzindo-me sómente a bradar-lhes que tenham Fé.

E, nestes transes da Fortaleza, tão angustiosos, crêde, senhor, que toda a Fé me anima. A vitória ha de ser dos cristãos, por mais que os dizimem a fóme e as fadigas, os peloiros e as explosões das minas.

Mas, senhor, vendo a Morte, sempre certa, cada vez mais proxima, (porque, a não me matarem os peloiros, me darão fim os annos já pesados) venho pedir-vos benevolencia para os reparos que me dá, menos a vossa obra, que vejo segura e cristã, do que a vida da India e da Côrte, que decerto cónheceis muito em geral, mas de que podeis não vêr, por tumultos tão sucessivos, as particularidades miudas.

De pureza e de força é a vossa missão. Quanto á força, descançai, que tendes ótimos soldados, até nas mulheres. Esta Diu o dirá ao Mundo, como o já tem dito a Deus e a alguns homens.

Quanto á pureza que semeais tão amorosamente com o Santo Missionario, tende por certo, que o inimigo está muito mais dentro de casa do que fóra della.

Mas Gôa não é senão um espelho vivo de Lisboa.

Vós, que tudo tão bem conheceis, desculpai-me que vos avive o quadro da Côrte, para que o vejais, como miniatura peorada, na vida da capital da India, e assim lhe deis mais facilmente remedio pelas leis, como lh'o estais dando pelo valor e pela grandeza.

—Alma sublime! interrompeu D. João Afonso, galvanisado de entusiasmo.

D. João de Castro continuou sem um reparo:

«A Côrte, senhor, é um paúl brilhante, e nada mais. Sua Alteza, propenso ao bem, nem sempre distingue o bem do mal: não aparta bem, senhor, as inspirações da rainha e do infante D. Luís, de Alcaçova e do Conde de Vila Nova, de D. Antonio de Noronha, conde de Linhares, ou de D. Alvaro da Costa, das leviandades e paixões do conde da Castanheira e do Conde de Sortelha.

Como póde ser isto, senhor, se o mal é representado muito menos do que o bem? E' que a Governação é como todas as naus em grande caminho: ganha limos e aglomerações de bichinhos que a carcomem, se limpeza lhe não fazem. Os dois validos atrairam o maior número: os viciosos, os ambiciosos, os corrutos. Esta força deu poder e audacia aos validos, e tal, que El-Rei julga vêr nelles a opinião publica. D'aí vem, que Portugal, só por excéção, manda um homem á India que, carecendo de ser premio de bons soldados, é desafogo e velhacoito de degredados e fascinoras.

Não vos seria possivel rejeitar os malvados que vêm da Côrte, ou, pelo menos, dar-lhes poderes tão escabrosos e provados por vós, que mais facil lhes fôsse julgar castigo a India do que seu banquete sem penas?

Se a minha ignorancia alcança algo em tão dificil assunto, seria verdade que é preciso, senhor,

mais conseguirdes que Lisbôa não mande aqui despejar a sua imundicie, do que Gôa se dispa de uma vã purpura de opulencia e ociosidade, mais produto dos vicios sem castigo dos que a ocupam, do que da corrução da gente, nella nascida.

Emfim, não devereis contar tanto, senhor, com a pureza das vossas intenções, como com a necessidade da Côrte não mandar só missionarios, mas sim, tambem, verdadeiros soldados, e verdadeiros portuguêses, e jamais piratas, todos os dias infelizes renegados.

Quanto a Gôa, senhor, tudo está dito, se tudo disse de Lisbôa. Tendes muitos valentes, e poucos verdadeiros crentes.

Mas Deus véla pela Pátria e por vós. Que é este segundo côrco de Diu, senão obra redentora de Cristo? Agonias e pavores, são lição de Fé. Dos soldados de Diu, se vieram muitos só fortes por soberba, crêde que os poucos que assistirem ao triunfo serão gigantes pela Crença. Ensinam-nos todos os dias completos e inumeros milagres.

Ficarão poucos, e valerão por muitos. Não darão um punhado, e valerão um exercito. Assim a Côrte não envenene o fruto da sua Fé criada entre angustias e assombros. Porisso, quando triunfardes, como haveis de triunfar, perdei menos o tempo em dar a recompensa justa aos heróis do que em aproveitar o fruto da sua Fé, tão ardente, que a todos hade parecer nova.

Segui entre flores, que por tudo mereceis, mas, senhor, lembrai-vos de que é perigoso não arrancar depressa os espinhos que medram no meio de todas as rosas.

E mais poucas palavras, senhor.

—Santo amigo! murmurava sempre o Bispo.

D. João de Castro descançou um pouco, alevan-

tou os ólhos ao této como quem vê uma grande alma, e proseguiu:

—«Diu é o Calvario. Cada rio de sangue é um passo para a redenção da India. Até á hora extrema, a Agonia é a Esperança, porque, a lá ficarem todos exterminados, tudo fôra vitoria, se tudo anunciara a grandeza da Fé. Depois, virá a Resurreição explicar como foi Vida a Morte.

Senhor, tende isto como ditado por Deus. A quem? Não a mim, que de tal não sou digno, mas ás almas dos heróis de Diu, de quem o recebo.

Ouvi-lo eis em Gôa, como é aqui pensado e sentido? Se não, senhor, ouvi-o agora, como voz de Deus que é, nisto, a do Povo, e assim não vácileis em sacrificios, se tendes de caminhar, com todos, para a Gloria.

Não me despeço de vós, que tanto não ousa quem tão pouco conheceis: mas oferece-vos, em nome de Deus e da Pátria, a ultima gôta do seu sangue o vosso humilde servo».

—Concluistes, senhor D. João de Castro? perguntou o bispo, branco de cêra pela comoção, levantando-se de chofre.

—Sim, senhor D. João Afonso.

—Muito vos agradeço estes momentos de delicia... ainda que triste, mas triste pela fraqueza da nossa constituição... Senhor D. João de Castro, Fr. Manuel da Salvação acaba de dar-nos a ambos um grande ensinamento...

—E é isto o que sinto ha muito, afirmou o Governador, d'ólhos fixos num ponto vago, ponto que talvês fosse só visivel para elle, como a estrela lendaria de Napoleão I.

—Conheceis bem a Côrte, decerto. E' como diz Fr. Manuel: o peor inimigo da India.

—Sim, sim, disse D. João de Castro com lenta

severidade, aparentando tanta calma como se lêsse claramente todo o futuro.

E, depois, dando às palavras um tom frio e pungente, continuou, de labios franzidos pela amargura:

—Se conheço a Côrte! Homem por homem... E cada um desde o berço... A alguns, desde os pais e até dos avós. O conde de Castanheira, filho de D. Alvaro d'Ataíde, é o efeminado com astucia. Nem verdadeira inteligencia, nem bravura de eleição.

—Isso, apezar da espcsa... Uma senhora piedosa, que elle faz infeliz, ao que dizem.

—D. Anna de Tavora... Vejo-a, como se aqui estivesse. Alta, delgada, triste. Filha de boa linhagem: Alvaro Pires de Tavora e D. Joana da Silva. O contrario delle: religião e piedade. Pundonor e modestia. Digna dum heroi.

—Mas mais nocivo é o conde de Sortelha, não achais? Volteiro, sético...

—A's vêses, tudo manda: é quando o Castanheira se esquece de fazer todo o pêso no animo simples de Sua Alteza. Vereis, senhor D. João Afonso, como o filho de Nuno da Silveira, apezar de ser tudo, desde alcaide-mór de Alemquer a guarda-mór de El-Rei, hade cair no Paço com labéo de ladrão!

—Que dizeis?! Pois Luís da Silveira, o conde de Sortelha?...

—O grande valido, dizei, tem a ruina já cavada. Ha muito que murmuram da sua honestidade. Nada seria, se o outro valido, o conde da Castanheira, não tivesse visto como lhe é preciso cair o seu rival.

—E nessas miserias se perde a atividade na Côrte!... exclamou o Bispo com indignação e angustia.

—E' o que diz Fr. Manuel—volveu D. João

de Castro com a melancolia dum santo. A côrte é um paúl brilhante. Pegai nella, homem por homem. Até na vida intima são anões. O conde da Castanheira é o carrasco de sua mulher D. Anna de Tavora. Luís da Silveira é-o tambem de D. Brites, sua esposa.

—E os velhos conselheiros d'El-Rei...

—Apenas o são por honraria, atalhou, com alguma dureza, D. João de Castro. De que vale ao conde de Linhares, tão digno de D. Pedro de Menezes, seu pai, a energia e tino com que governou Ceuta, foi escrivão de puridade de D. Manuel e, mais tarde, de El-Rei D. João III, e depois provedor-mór da redenção dos cativos de Tanger, e ainda procurador de Sua Alteza junto de Carlos V? Vale-lhe ter uma opinião, que, pelos seus oitenta annos, devia de ser ouvida e que, finalmente, é escutada por piedade para ser esquecida sem dó. Este, senhor Bispo, tem ainda um grande vicio: é que nunca desamou sua mulher, D. Joana da Silva, a filha do primeiro conde de Portalegre. Voto a Cristo que só por esta virtude tem a intríga contra si na Ribeira das Naus!...

—Quem sabe? Peor se o dever anda tão gafado...

—E julgais que é mais aceite D. Pedro de Mascarenhas, aio que foi de Sua Alteza, e tambem seu embaixador junto de Carlos V? El-Rei dá-lhe todos os respeitos, que até pela edade merece, mas a sua opinião no Conselho hade ser tão de peso como a dos outros velhos servidores. E, como estes, o outro: D. Alvaro da Costa, honra da familia dos Lemos: Martinho de Castelo-Branco, o Conde de Vila-Nova, apezar de ter sido testamenteiro de El-Rei D. João II e de El-Rei D. Manuel, apezar de exercer com virtude a dirécção das aposentadorias, e de ter sido deixado por D. Manuel como membro do conselho de S. Alteza...

—E o senhor D. João III fê-lo seu camareiro-mór...

—Honrarias apenas, senhor bispo, como são honrarias os titulos e respeitos doutros. A não ser Pedro d'Alcaçova, que sabe mandar, obedecendo sempre, qual o homem de verdadeiro valor que consegue em tudo contrariar, ao menos, as loucuras da Côrte? D. João da Silva, que dizem vai ser feito mordomo-môr? Homem abatido e indolente, não julgueis que o seu conselho possa ajudar o Reino...

—Desalentais, senhor D. João de Castro?

A estas palavras, o Governador levantou-se com vivacidade, muito nervosamente.

Não respondeu logo, ou por sufocado, ou porque lhe cumpria acalmar-se.

Mas, pouco depois, volveu com o olhar relampejante:

—Desalentar, nunca. O meu caminho é este, que vêdes. Só tenho pena de não concluir a obra que a vitoria de Diu hade começar.

E, com tristeza austera:

—Não tenho mêdo nem pena de morrer, mas sinto que pouco viverei: e para obra tão grande era preciso vida mais dilatada...

Fês nisto uma pausa estranha, porque a expressão de mágua desfês-se logo em claridade de esperança, e concluiu:

—Mas, senhor D. João Afonso, outros virão decerto que façam ainda mais do que eu. O sangue dos herois, de meu filho e de tantos, hade dar frutos e não só flôres.

Depois, despertado do seu enlevo, pensou num assunto que esquecêra.

—Mas, senhor Bispo, não vos dei ainda novas que já deviam ser do vosso dominio. Meu filho Alvaro, sofreu grandes fadigas, e dias volveram sem

poder sair da ilha das Vacas. Contido por temporaes, ouviu dizer que Diu se rendera. Desesperado, forçou mares e ventos. Deus não o ajudava. Sempre mar em tempestade. Meteu-se com alguns fidalgos em catures, resolvidos a seguirem, afrontando a morte nas ondas. Tiveram de fugir ao naufragio. Teve de deixar ir adiante só quatro catures, porque lhe cumpria não abandonar a frota. Foram, com ordem de não desembarcarem, sem verem D. João de Mascarenhas. O joven Antonio Moniz quiz ser o primeiro. Seguiu numa galeota só com dez homens. Acompanhou-o Garcia Rodrigues de Tavora. Anoitecia. Sofreram escarcéos e temporaes. Toda a noite á mercê das ondas. Rompeu o dia, e a mesma escuridão e vendaval. Anoiteceu-lhes nesta angustia, clamando pela misericordia de Deus e da Virgem. Mas, de subito, houve bonança e, sem saberem como, acharam-se diante de Diu!

—Verdadeiro milagre! exclamou o Bispo.

—Imaginai seu jubilo—continuou D. João de Castro—Houve ainda angustias no desembarque, mas, pouco depois do romper do dia, estavam dentro da praça. Nesse dia pelejaram já contra os moiros, que vão minando baluartes e dando assaltos, até Deus nos levar lá a todos para os derrotar. Emfim D. Alvaro e os seus chegaram tambem. Sabeis o posto que ocupa meu filho? Aquelle em que morreu seu irmão D. Fernando. Lá defende Portugal desde 29 de Agosto...

—Senhor, disse o Bispo, sinto vontade de chorar...

—E eu de combater e morrer—respondeu D. João de Castro com uma alegria sublime.

E, despedindo-se, cada vez mais humilde, sem poder prolongar mais a conversa, o Governador beijou a mão do prelado, e saiu bruscamente.

O Bispo, apenas só, meditou um pouco e sentou-se como que exausto. Depois, abriu a carta do frade e viu que era breve, de periodos rapidos cómo a respiração dum moribundo. A tinta parecia ser de sangue. A letra era tremula e fugitiva. Apenas estas linhas, em caratéres nervosos, denunciando uma vertigem».

«Diu vai bem, senhor bispo, apezar de sofrer horrores como nunca. Eu vou morrer. Estou ferido no peito. Respiro por uma chaga aberta. Perdoai-me tudo. Orai a Deus pelo vosso menor servo e amigo. Sinto rugir a terra. Vai rebentar alguma mina. Irei com as pedras em braza?... Não esqueçais Manuel de Sousa Sepulveda. Abençoai-o e falai-lhe muitas vêses... Manuel de Sousa é meu...»

Nada mais. A mão convulsa do frade amarrotara a carta a principio: depois, conseguira encerrá-la no sobrescrito, decerto feito antes. Lacravam-no sinistramente algumas gôtas de sangue... Num dos cantos tinha o vestigio evidente duma lágrima enorme.

D. João Afonso meditou alguns minutos, sorriu com melancolia, e caiu de joelhos, a soluçar de subito, orando com fervor.

E então, na crueza da angustia, pareceu-lhe sentir os passos lentos de Fr. Manuel da Salvação, e ouvir-lhe á sua voz, dorida, funda, enternecida, a conclusão do ultimo periodo da carta:

—Manuel de Sousa é meu... filho!

XII

Em batalha...

A VIDA de Manuel de Sousa Sepulveda, entretanto, decorria entre alvoroços e anceios. Ora o amargurava a teimosia de D. Garcia de Sá em compelir a filha a desposar o capitão d'Ormuz, ora o feriam as contrariedades dalguns membros do Conselho de D. João de Castro, pelo que retardavam de resoluções, cortavam de iniciativas, e teciam de pretextos. Manuel de Sousa, sabendo-se amado por Leonor, não queria apresentar o seu pedido ao velho fidalgo, sem um feito brilhante, estrondoso, unico, para contrapôr ao fanatismo pela brutal pessôa de Luís Falcão. O campo da batalha já não era só para elle amor da gloria: era arma do amor.

Assim, a expedição a Diu tornara-se para elle sonho constante e redentor. Em Diu esperava elle erguer-se tão alto, que a figura do capitão d'Ormuz lhe ficasse irremediavelmente sujeita.

Só então elle próprio informaria o velho fidalgo dos amores que, por grande fortuna e tambem por grande cuidado das filhas de D. Garcia, eram deste desconhecidos.

Nestas ancias, viera a nova da morte de D. Fer-

nando de Castro e a de Fr. Manuel da Salvação, dois golpes, embora muito deseguaes de profundidade.

Se o jóven filho do Governador lhe mereceu algumas lágrimas, porque era um moço de grandes esperanças, o frade, desaparecendo de repente, heroico e simples, esmagou-o por alguns dias numa dôr, em que havia menos saudade do que remorso.

Remorso, porque tanto o infelicitara, e tão pouco, ou tão tarde, lhe déra tranquilidade íntima a seu respeito. Remorso, porque o deixara partir sem grande resistencia, apegado ao egoismo da sua primeira grande paixão. Remorso, porque não soubera conseguir do Bispo e do Governador um meio, decerto facil, para retirar de tamanhos perigos um velho doente e fraco, que mais parecia procurar a morte com mêdo de novas decéções, do que cumprir um dever para o qual não tinha forças nem indole.

Fr. Manuel obedeceria a uma ordem do seu Prelado ou do seu Governador: e elle não a provocára, nem para seguro interesse próprio. Ha egoismos assim absurdos.

O vácuo intimo foi-lhe então crescendo pavorosamente, apezar da ternura honesta de Leonor. Notou que lhe faltava a placidês ultimamente conquistada e, se nos seus sentimentos não se viu degenerar, conheceu, comtudo, que á espiritual bondade, fonte de socêgo intimo, vinha agora, como um velho escalracho, juntar-se o fogo de antigas e grosseiras paixões.

A morte do frade foi, decerto, dentro delle a resurreição, de alguma coisa que nelle morrêra sadiamente. Porquê? Ausente em Diu, como o refreava o frade? Manuel de Sousa não o poderia explicar. Alguem dentro de si mesmo, mentindo-lhe decerto, lhe disse que a terra do tumulo sepulta todos os afétos, saudades e ancias.

O materialismo mal simulado dos fidalgos de então, muito viajados e, depois, sedentarios num clima volutuoso, numa terra de pompa, sol e oiro, contrariava-lhe, favorecido pelo temperamento excessivamente sanguíneo, o melhor das suas ideias cristãs.

Manuel de Sousa lutava. Conhecia a dualidade estranha da sua pessôa e dava preferencia áquella parte do seu ser que Fr. Manuel levantara, fortificara e iluminara: mas a certeza da ausencia eterna dum homem que ainda terrenamente julgara imortal, sem atentar no absurdo dessa ideia, e até o saber que o frade não lhe deixara uma só linha de esperança, fé e amizade, quando não esquecêra o Governador e o Bispo, isto, e o seu nervosismo de homem apaixonado e de homem cheio de visões de dor e tortura, abriam, com morbidês, a porta da sua indiferença pela perfeita e verdadeira dignidade.

A figura de Leonor ganhou mais então para elle pelo lado plastico do que pelo estetico. O amor não diminuiu: ficou o mesmo, mas perturbado, cortado de apetites mesquinhos que intrinsecamente o deprimiam muito. A paixão ficou intensa e profunda: mas, egual e calma como o fôra sempre até dar um prodigio na sua compleição, passou a ter tempestades carnaes, cada vês menos insofridas, mais impulsivas, mais alheadoras do verdádeiro amor, ideal claridade que nunca escalda e aquece sempre.

O que é secundario e grosseiro numa existencia, e extemporaneo e bestial antes do enlace pela benção de Jesus-Cristo, tomou em Manuel de Sousa, pouco a pouco, como uma obsedação, a força, o imperio, a fixidês dum preconceito febril.

Mas era mais feliz? Não. Nas entrevistas, faltava-lhe agora a paz, minguava-lhe a simplicidade, perdia a placidês extatica que o fazia belo, forte e puro.

Estava como um prisioneiro dentro duma jaula de ferro em braza: estorcendo-se, maguando-se em todos os movimentos e gestos, esmagando-se, perdendo a eloquencia dos olhares limpidos, o hipnotismo dos sorrisos puros.

Os seus beijos queimavam, como as suas mãos, como o seu halito, como a sua voz, entrecortada e dificil.

Entrava, a tremer: saia de fronte pendida. Réo sempre duma premeditação criminosa.

A's vezes, não tinha palavras. E' que o coração parava-lhe sufocado pela Carne.

Outras vezes, era brusco de subito: era o seu estorcer na luta intima.

Mas, quando ouvia a Consciencia, a sós, confessava amar Leonor muito por ella, por alguma coisa de superior á rijeza dos musculos, ao setim da epiderme, á graça e luz de toda a figura esplendida. Isto — notava-o sem esforço — passaria a ser estatua banal, saciedade facil, se aquelle espirito, que o colhêra através de tanta formosura, não ficasse, eternamente belo e magnetico, a assegurar-lhe um encanto, um extasis, um embevecimento de sempre.

Assim era, e, comtudo, o que havia de menos calmo dentro do seu ser, tomava um estranho predominio sobre o que dentro delle havia de tranquilo e elevado.

Parecia-lhe que o saber ausente, por toda a Eternidade talvez, a grande alma de Fr. Manuel, dava força ao elemento mau, setico e voraz, da sua existencia, ao que o fizera indigno doutras qualidades nobres, ao que o trazia ainda acorrentado aos tempos idos pela dureza e pavor de tantos remorsos.

Por tudo isto, um grande campo de batalha se

cavou no espirito de Manuel de Sousa: o desgosto da teimosa vontade de Garcia de Sá; o medo de que a expedição a Diu se gorasse, perdendo elle uma esperança de triunfo no animo do velho fidalgo; e, finalmente, amar e envergonhar-se de si mesmo, ser feliz e ser torturado bestialmente, possuir uma alma e ser cada vez mais possüido pelo desejo dum corpo.

Morria a tarde. Manuel de Sousa viera do palacio do Governador.

Decorridos longos dias sem noticias de Diu, tivera-as agora D. João de Castro, pois o Sepulveda fôra chamado ao conselho com toda a urgencia.

O Governador, sem enfase, com simplicidade firme, informara os seus privados.

Contara tudo com verdade austera. Antonio Moniz e Garcia de Tavora tinham ocupado o baluarte em ruinas. Resistiam com elles naquelles escombros da Fortaleza oitenta homens. O inimigo tinha dez mil soldados. Os dois herois recem-vindos sorriam com fé a perigo tão desconforme, e mandavam os seus dez homens na galeota a dar noticia de tudo a D. Alvaro.

D. Alvaro não atentou na enormidade do aperto. Elle e todos viram esta felicidade inefavel: Diu não se rendera! Que importava o mais?

Saiu logo, da ilha das Vacas, novo barco. Levou Luís de Melo de Mendonça, valente fidalgo, dez homens, e nenhum mantimento.

Entretanto, Antonio Moniz e o Tavora experimentavam os horrores daquelle cerco.

O bombardeamento era feroz e certeiro. Nem escapavam nas ruas da Fortaleza os gatos e os cães. O muro que amparava a torre de S. Tiago foi todo descarnado por uma explosão de mina. De cima dos escombros viu-se a brecha larga por onde o inimigo

dirigia os seus tiros mortiferos. Levantaram os portuguêses então uma tranqueira. Os Rumes responderam, alçando outra. Replicaram egualmente os nossos. Era a velha porfia entre uma aranha e uma mosca.

Entretanto, chegou o dia 22 de Agosto. Nesse dia aportava o heroico Luís de Melo.

Com elle, raiou a luz na penumbra dos martires. Estava a chegar a frota de D. Alvaro. Alegria infinita! O inimigo, porém, viu chegar a galeota. Compreendeu o que ella significava: a noticia de grande socorro.

Moveu tudo logo Rumecão para um ataque decisivo. Artilhou formidavelmente a entrada do porto.

Apezar disto, no dia 24, chegaram a Diu mais dois catures com D. Jorge de Menezes, D. Duarte de Lima e vinte e oito homens, desembarcando debaixo do varejo dos peloiros inimigos. Com este reforço, Mascarenhas libertou o baluarte de S. Tomé.

Mas Rumecão, desfeiteado assim, fez resoar trombetas e concentrar forças. Encheu-se o campo de esquadrões enormes e densos. O ataque foi titanico, mais uma vês.

A praça oferecia brechas profundas.

Mas o pequeno reforço recebido dera aos portuguêses uma resistencia sobrehumana.

Lanças, panelas de fogo, tiros, pedradas, formaram uma tempestade épica.

Depois, a chuva interveio, e o combate, apagados os murrões, ficou á arma branca, encarniçado e sinistro de ruido.

Seis horas de peleja assim e nenhum dos nossos morto, e Rumecão repelido.

Deus defendia evidentemente a fortaleza de Diu.

A 26 d'Agosto, chegaram a Diu os catures de D. João d'Ataíde e Francisco d'Ilher. Levavam

trinta espingardeiros. Desembarcaram depressa e foram dar mais nervo á fé e ao valor.

Os moiros faziam voar o cubelo de Antonio Pessanha, mas os nossos erguiam logo um contramuro. No dia 27, aportava Rui Fernandes, feitor de Chaul. Fôra numa fusta que com elle transportou vinte homens e mantimentos e, ao cair da noite, mais duas fustas surdiram.

A frota chegava aos poucos. No dia 29, estavam em Diu D. Alvaro, D. Francisco de Menezes e muitos outros, em vinte e oito barcos, cheios de munições e viveres, depois de se perderem, á mercê do temporal, algumas fustas.

A entrada de D. Alvaro déra á Fortaleza uma força grandiosa.

Mas era preciso concluir a obra—dizia D. João de Castro. Começara-a D. João de Mascarenhas; continuava-a D. Alvaro; não se podia rematar sem a projétada grande expedição.

Manuel de Sousa viera, pois, aliviado neste sentido. O Conselho não se opunha ao plano do Governador, embora fazendo sempre tenazes restrições.

E a expedição a Diu era a Gloria e o Amor.

Apenas uma nuvem vergonhosa: D. João de Castro lêra e elogiara uma carta recebida do capitão d'Ormuz. Nella Luís Falcão contava a tomada de Baçorá pelos Rumes, e como um delles, arvorado em rei, lhe escrevera a pedir paz tratando como de egual para egual. E que Falcão respondera com dignidade e energia, disposto a tudo sem vacilar.

Manuel de Sousa viu este rasgo aplaudido por todos, mas especialmente por D. Garcia de Sá, radiante, verdadeiramente feliz com a gloria do seu sonhado genro: e teve de aplaudir com exagero, dominando o seu azedume.

Valeu-lhe isto um olhar afetuoso do velho fidalgo

e uma dôr intima de vergonha pela sua má inveja.

Mas em Diu se assinalaria acima do vulgar. Era esta a sua fé.

Aproximava-se decerto o lance mais decisivo de toda a sua vida.

Isto assente, esperou pela hora da entrevista com uma febre nova.

Quando se sentou no jardim de Leonor, fitando-a, o seu olhar era mais doente do que brilhante. As mãos escaldavam.

—Sofreis? perguntou ella com alvoroço.

Não respondeu. Cingira-a pela cintura com energia desusada e respirava anciado. Leonor sorriu com uma tristeza sublime. Compreendia-o.

Firme, apezar do cingidoiro nervoso que a escaldava, Leonor de Sá teve palavras tranquilas:

—Entendo-vos, Manuel de Sousa, entendo-vos, como não julguei entender-vos.

E, respirando profundamente, continuou:

—Lembrai-vos bem. Nada conquistais. Se tendes de ser infame, roubai-vos a vós proprio, na paz da consciencia.

—Leonor!

—Que tendes a dizer?

—Que me ofendeis!

—Ah! sim, Manuel de Sousa, atalhou ella docemente melancólica, pois não tenho eu direito a mostrar-me ofendida...

—Não me amais então?

—E vós?

—Não vêdes como sofro?

—Não vêdes como vos perdôo?

—Leonor... Leonor...

—Escutai. Rebenta hoje o temporal; ha dias nascido...

—Mas julgais?...

—Nada julgo. Lembrais-vos das primeiras palavras? Nenhuma mulher è conquistada, se é honesta...

—Que palavras as vossas!

—Nenhuma é conquistada, nenhuma é rendida. Com honestidade, a mulher não se entrega: troca amor por amor. Ai de vós, se me enganais, porque sois o enganado!

E agora, Manuel de Sousa, sabei que tudo acontece porque vos amo verdadeiramente do fundo d'alma e, porque se fôrdes infame, quem fica perdido não sou só eu, sois tambem vós, como cávaleiro e como cristão.

Manuel de Sousa não respondeu.

—E, antes de tudo, mais uma palavra. Pensais não poder morrer em Diu?

—Sabeis, pois?...

—Sim, ides como meu pai, ides brevemente...

—Para gloria de todos.

—Não pensastes em que podeis morrer lá?

—E... se morresse?...

—Como me deixaveis vós?

—Ah! sim—atalhou com ironia amarga, Manuel de Sousa—não poderieis casar com outro...

—Tanto como se me abandonasseis pura! exclamou ella com energia estranha.

E, repelindo a sua primeira ideia, recostou a fronte de jaspe no hombro delle.

Depois, abrindo os labios num sorriso divino, murmurou, d'olhos cerrados:

—Sou vossa!

Noite de tristeza e de febre, estava fria e para elles ora cheia de brazas, ora de excessivo gêlo.

As aves noturnas tinham pios maguados como nunca.

Leonor não tinha consciencia real do ambiente e elle, apunhalado por uma especie de novo remorso, quedára-se emfim ao lado della, arrefecido até ao coração.

O silencio era insuportavel, mas as suas mãos enlaçadas falavam por meio dos fluidos vivos de dois seres que parecem identificar-se na febre.

Levantara-se um vento humido, vento de temporal talvês.

Abrigados debaixo duma palmeira enorme, aquela lufada pareceu-lhes agoireira.

—Manuel de Sousa, disse ella baixinho, iremos ter chuva?

—Talvês...

—Lágrimas do Céo...

—Depois das vossas, não é verdade?

—Enganais-vos com as minhas lágrimas...

—Então porque as chorastes?

—Dai um golpe no tronco dessa palmeira, Manuel de Sousa...

—Zombais?

—Fazei o que vos peço.

—Bem. Está dado o golpe.

—Que notais na palmeira?

—Não vos entendo.

—Bateu-vos com os ramos?

—Não.

—Magcou-vos com o tronco?

—Não.

—Perdeu algumas flores apenas ao vosso golpe...

—Sim, e lagrimejou a seiva...

—São assim as minhas lágrimas.

—Assim, tão sem alma?!

—E quem vos diz que não têm alma só porque são naturaes?

—Loucuras...

— Talvês, Manuel de Sousa. O tempo me dirá se o são.

— Como dizeis isso!

— E não vos assombra como o penso e sinto?

O capitão de Diu não respondeu. Sentia-se pequeno.

Para afastar o embaraço, falou na expedição.

— Venceremos, e depois vereis quem sou.

— E sereis repelido por meu pai.

— Ainda?!

— E vereis que sou firmemente vossa.

— Anjo!

— Não: Mulher!

Manuel de Sousa despediu-se mais humilde. Na solidão do caminho, julgou-se doente do cérebro por tantas dores e visões que o salteavam nas trevas da noite.

Chegou a sua casa, e teve medo de entrar. Porquê? Entrou e teve medo da escuridão. Porquê?

Acesa a luz, via fórmas vagas, corporisações decerto dos seus remorsos.

Deitou-se, a fugir do ambiente, como se o leito estivesse fóra delle.

Mas, deitado, de luz apagada, sentiu-se ainda mais aterrado.

Teria medo? De quê? Com espanto, notou que era delle mesmo.

De todo elle? Da parte má, baixa e impulsiva do seu ser.

Saira pusilanime: voltara esmagado.

Saira réo pelo pensamento: entrava criminoso pelo facto.

Esquecera-se de Deus. Sem a sua benção, o sentimento mais natural póde ser ignominia.

Não o devia elle saber ha muito? Não sofria sempre por o ter esquecido?

Nisto, julgou ver um rosto venerando: o de Fr. Manuel da Salvação.

Viria repreendê-lo? Não: vinha-lamenta-lo.

Ali tinha o premio de ceder á Carne. Ali tinha o valor da embriaguês dos sentidos ao par da força da alma.

Comtudo, aquelle rosto que vía em delirio não o fulminava severamente: prometia-lhe, na doçura profunda do olhar, uma felicidade real, embora efemera.

E que era efemera, dizia-lh'o o fundo negro, dum negror de geêna, que estava aos pés do velho frade.

Estaria louco? Porque não dormia?

Adormeceu pela madrugada. Vieram sonhos. Primeiro fôram matanças cruentas em cima das pedras ardentes de Diu. Sentia-se ferido, mas via-se aclamado por um punhado de espetros vitoriosos.

Depois, era um idilio vivído. Leonor, alta como uma semi-deusa, dava-lhe a esmola dum beijo, e elle respondia com uma mordedura de vibora.

E, logo depois da torpeza, alguem, de estamenha, de longas barbas, com uma cruz de bronze ao peito, aproximava-se, triste e digno. Ouvia-o.

—Meu filho. Não tens lutado como verdadeiro cristão. Quando julgas vencer, és vencido.

E, ao seu espanto, o velho proseguia:

—O teu pecado tem a punição de Deus. Serás digno, adornando quem te adora, mas, no futuro, no futuro...

E a mão cadaverica do velho mostrava-lhe, neste sonho verdadeiramente premonitorio, um grande trecho de mar: aguas negras; golpes de vento; o céo a rasgar-se, ferido de raios e graniso; um navio a erguer-se ás brumas e, depois, a procurar o abismo; ais de naufragos; rangedoiro de enxarcias

a partir; espuma, sangue, cadaveres, fantasmas ao lume d'agua.

E, neste sofrimento, despertou.

O sol nascêra. Brilhante depois da chuva da madrugada, parecia feito de pérolas.

Manuel de Sousa olhou á roda e não viu sinal das suas visões.

Mas a alma de Fr. Manuel da Salvação estava decerto com elle, porque o valente soldado, ao levantar-se, caiu logo de joelhos a orar.

A sua prece ergueu-o, humilhando-o como nunca.

Quando acabou a oração, tinha vencido mais uma vês o que tinha de baixo e egoista.

Estava palido, mas luminoso, de rosto.

Fitando a espada, julgou ver-lhe configuração de cruz.

Gôa tumultuava no seu trafico. Manuel de Sousa não a viu assim. O que lhe chegou á alma foi o dobrar do sino maior da catedral.

Desceu á rua impulsivamente. Dirigiu-se ao templo.

Quando um padre subiu ao altar a dizer a missa, Manuel de Sousa estava de face em terra, mais humilde e frio de sangue do que as lageas do pavimento.

-- *Introibo ad altare Dei...* diziam, entretanto, em cima com um fervor profundo, que tinha vibrações de salmo...

XIII

A trabuco

Luís Falcão não podia dormir, nem repoisar.

O seu humor era cada vês mais negro. As noticias de Diu, na verdade, chegavam-lhe muito antes de ecoarem em Gôa, e mais vivas e diretas, como que mais frescas, alvoroçando-o. Mas não o perturbavam. Desasocegava-o, pois, o poder dos Rumes? Não. No seu penhasco d'Ormuz julgava-se tão seguro contra elles como prestigioso para os seus soldados. Nesse tempo a rudeza tambem era força, porque a bravura dentro da bondade concebia-se apenas como uma doença.

Ninguem o amava. Desta certeza concluia elle, porém, a sua superioridade, porque, se o não amavam, todos o temiam—soldados e Rumes, os seus e os de fóra.

Ha rostos que, enrugados, arrastam multidões. O receio de provocar uma só colera em quem os possue vale, ás vêses, pela disciplina e pelo afeto. Assim com elle.

Mas, firme assim, e ainda mais pelo conhecimento do valor da pequena guarnição de Ormuz—veteranos cheios de brio—havia uns tempos que o

perseguia o medo vago dos odios que semeava. Não temia soldados: temia pais e maridos, rancorosos por afrontados e deshonrados.

Os seus remorsos exagerariam o perigo?

Axa, com quem Falcão se abria mais, julgava, sorrindo ingenuamente, que sua senhoria andava apenas doente do corpo exausto em prazeres.

E o seu raciocinio era solido.

Medo um homem daquelles?! De quem? Dos raros canarins, pobretões sem sangue nem nervos? Dos moiros? Mas que lhes importava a elles a honra, logo que o comercio fosse prospero? Dos portuguêses? Não eram elles tão descuidados dos bons costumes? Não eram sujeitos ao seu poder? Não podiam ser justiçados á menor rebeldia?

E Axa rematava aquelles seus argumentos com a afirmativa de que Luís Falcão devia estar enfermo —de desespero talvês por não poder voar a Diu, com o seu impeto costumado, a ensinar a D. João de Mascarenhas como se peleja contra Rumes, como se corre a fogo e a ferro uma nuvem de infieis.

O capitão d'Ormuz sorria contente ao ouvir isto, mas, pouco depois, sentia a mesma treva intima, o mesmo panico, a mesma perturbação.

Passeava agora mais pela fortaleza, a conversar com capitães e soldados.

Adoçava-se com um esforço que parecia um presentimento.

E tinham vindo mais elementos de desasocego.

Num dos ultimos dias recebera uma carta de D. Garcia de Sá. O velho fidalgo falava na expedição a Diu com energia e entusiasmo. Sobre Leonor, duas palavras fugitivas. O valente português estava todo absorvido pelo novo lance. O pai, quasi infantil de interesse pelos filhos, recuara diante dum re-

lampago de passadas epopeias, rejuvenescimento da sua alma de heroi e de patriota.

Luís Falcão achou caviloso e quasi ficticio este entusiasmo. Estranhou, pela primeira vês com medo, o laconismo com que D. Garcia falava dum projeto tanto da sua paixão.

Como sucede, muitas vêses, aos criminosos, julgou ver conhecida pelo velho toda a sua perfidia e, assim, dissimuladamente moribundo, um aféto que lhe acalentara grandes esperanças de fortuna e de honrarias.

O seu humor negro recrudesceu, mas com desusadas intermitencias de afabilidade fraternal para todos. Lutavam dentro delle dois monstros: a Ambição e o Remorso.

Sorria mais, e perdoava mais. Descia da altivês, pouco a pouco, e grosseiro d'ordinario, muito soberbo, tinha bonhomias estranhas e uma quasi humildade de porte e de opinião.

O soldado é como a creança na escola: toma o pulso ao capitão, como o discipulo ao mestre, sem se dar por isso, com uma intuição dissimulada.

Julgaram todos depressa que Luís Falcão se temia de alguma coisa.

Os mais praticos lembraram que o capitão d'Ormuz, estando a findar o seu tempo de serviço ali, não queria retirar-se com inimigos, com o clamor de protestos cheios de justiça.

Outros farejaram concussões. Falcão temia as contas do seu governo, e criava assim futuros defensores, ou, pelo menos, espctadores indiferentes.

Axa, que ouvia tudo isto, propalava com sentimento, que sua senhoria estava doente — e nada mais.

Mas o seu dizer, vago e ironico, dava razão a todos, porisso mesmo que era impreciso.

Numa destas suas noites de insonia, Falcão julgou ouvir passos no jardim. Seriam passos dum homem pesado, talvês dum robusto fascinora.

Apurou o ouvido. Não sentia já passos: ouvia como que golpes duma enxada, ou dum alvião.

Esteve ouvindo muito tempo. Os golpes pararam. Depois, julgou cuvir um choro convulso e cavernoso.

Valente como era, não se mexeu, comtudo. Deixou-se estar no leito, de ouvido álerta, inundado de suor. Aquelle choro parecia um salmo.

Julgara, a principio, um assalto e lançara ainda mão dum trabuco. Depois, sentindo cavar, sentindo-o claramente, ficara imovel, com um terror sem explicação. E seria no seu jardim? Não teria febre?

Não sonharia, julgando estar acordado?

Depois de feito o silencio, ergueu-se devagar, com um medo infantil, que o envergonhava e pungia.

Foi subtilmente até a um pequeno terraço. De golpe, abriu a janella, estremecendo todo.

O luar era pleno. A' sua luz, olhou para o jardim e viu uma cova aberta, aberta de fresco.

Era ao pé do cedro onde enterrara Maria! Era a mesma cova.

Aberta! Ameaça de inimigos? Mas outra explicação peor: tinham desenterrado o cadaver? Porquê? Quem o teria dito? Elle mesmo talvês... com os vapores do vinho... talvês em sonho? Era horrivel qualquer das coisas. Mais: era o desprestigio sem remedio.

Falcão sentiu-se angustiádo como nunca; mas a sua brutalidade reagiu. Tomou o trabuco, e desceu ao jardim. Aos primeiros passos, estacou. Olhou á roda. Ninguem.

O luar parecia mais melancolico. Julgou ouvir gemer. Uma ave notivaga pareceu-lhe um duende.

Quiz sorrir, e a bôca produziu um vinco inexpressivo.

Não pôde dar um passo. Doía-lhe o corpo todo, até ao coração. Depois dum esforço enorme, conseguiu, afinal, arrastar-se, com tanta dificuldade como se tivesse inchado todo de repente. A cova negrejava como um golpe de sombra.

Aproximou-se. Nos labios daquella fenda havia pégadas, muito grandes, de pés rudes. No cedro estava suspenso um papel. Falcão lançou-lhe os olhos com curiosidade. Tinha letras grandes e vivas.

Deu uma volta á arvore e colheu o papel, de arremêsso, como se o roubasse.

Entretanto, olhou para o fundo da cova. Estava vasia, remexida até ás entranhas.

Doeu-lhe tanto a cabeça, ao notar isto, que julgou cair dentro daquella bôca escura.

Afastou-se como pôde, com horror e dôr. Depois, andando para traz, lentamente, dificilmente, fês um esforço e fugiu para dentro de casa, a tiritar como um pneumonico.

Ouvia ali o resonar de Axa e o dormir tranquilo do pequeno Aires. A escrava, mais longe, sonhava alto, rangendo um pouco os dentes, histerica.

Quando chegou ao quarto, cambaleava. Não podia dominar os nervos. As pernas pareciam-lhe inchadas, entorpecidas. As mãos estavam frias e pegajosas.

Caiu sobre o leito de arremêsso. A isto, apagou-se-lhe o candalabro, sem saber porquê.

Veio o luar pela janela, como uma voz da consciencia universal, dorido e frio.

Falcão sentiu-se pequeno diante daquella luz, apezar de frouxa e mansa.

Mas, voltando-se para ella, aproveitou-a. Desdobrou o papel que amarfanhara sem querer.

E, d'olhos enevoados, leu, a arquejar, exausto:
— O senhor capitão d'Ormuz não hade falecer longe desta arvore e desta cova...

Mais nada. Este laconismo gelou-o e fulminou-o. Ameaça sem fanfarronada.

Quasi uma simples profecia. E uma resolução irredutivel tambem.

Tristeza negra o devorou. Estava ali provada a razão do seu desasocêgo intimo. Alguem dentro de si o prevenia com verdade.

Pensavam em matá-lo. Restava apurar quem.

Não era dificil: devia de ser João Abexim, o pai de Maria.

Quem o informara do crime? Axa? Nada sabia. Não sendo elle, não podia ser ninguem.

Uma voz intima lhe perguntou então com seriedade: E Deus?

E Falcão não riu; curvou a cabeça, e aceitou a intervenção divina, pela primeira vês.

Estava cheio de febre. Não associava ideias. Sentia-as como chicotes e como catapultas.

Vergastavam-no e espancavam-no, convulsionando-o e moendo-o.

Nesta angustia, sentiu-se adormecer. Mas o sôno era doloroso. A cada passo, despertava agoniado e gelado, ouvindo rugidos, vendo punhaes, sentindo rasgar as carnes.

Não podia socegar nem pensar. O aturdimento convulsionava-o ainda mais do que o imobilisava. Era uma vertigem dilacerante... E não tinha vontade sua.

Ao romper d'alva, teve uma aflição maior. Subia-lhe alguma coisa do estomago. Um vomito esverdeado caiu nas roupas, emquanto todo elle se estorcia, de ouvidos a zumbir, e com um gosto, amargo como o fel, na lingua dorida e retalhada,

Mas, com aquelle despejo e com a luz do dia, socegou mais, pôde chamar as ideias.

A inteligencia voltou-lhe, mediocre como era, mais subtil e firme, penetrante como nunca.

Renovou-se-lhe na consciencia a mesma pergunta: quem descobriria o crime, a cova? quem levaria o cadaver?

João Abexim, o antigo soldado, agora pescador que vivia triste, arredado de todos, com desespero pela deshonra e morte da filha. Quem havia de ser? Só elle.

Mas como soubera elle de tudo? Como?

Não via a maneira. Seria Axa?—voltava a pensar. Sonharia alto com o seu crime?

Nesta perplexidade, vestiu-se. O sol, forte e caustico, entrou no quarto. Mas era excessivo para elle o clarão. Sentiu vertigens e nauseas, viu globulos vermelhos e ondulantes.

Sentou-se á janela com o organismo todo convulso. Sofria falta d'ar. Os olhos tinham diante de si cada vês mais manchas multicores, incessantes, numa mobilidade de aerostatos ao vento.

Chegou a pensar em matar-se. Depois, rindo um pouco de si proprio, pensou em fugir para Gôa.

Ormuz parecia-lhe infernal. Vozes, perfumes, luz, tudo lhe chegava envenenado ao dominio dos sentidos, trescalando odio e sangue.

Nisto, ouviu uma voz de criança. O pequeno Aires chamava pelo escravo. Viu naquillo um balsamo. Foi elle. De mãos tremulas, respirando mal, vestiu o filho com paciencia, depois de o beijar com um aféto que nunca mostrara.

A criança, sempre madrugadora, apezar de indolente, falava muito, d'olhos movediços, cheios de malicia.

—Então vós, pai, sois agora o meu aio?—disse com graça.

—Sou—respondeu Falcão, brandamente.

—Levantastes-vos hoje cedo...

—Passei mal a noite.

—Estais doente?—volveu Aires, sobresaltado.

—Bastante.

—Que tendes? Doe-vos talvês a cabeça...

—E o coração, filho... respondeu Falcão com melancolia irreprimivel.

—Estais hoje tão amarelo!...

—Muito? perguntou o capitão d'Ormuz com bastante terror.

—Nunca assim vos vi...

Falcão nunca se sentira tão bondoso e tão terno, tão fraco. A voz aguda e alegre do filho nunca lhe agradara tanto.

—Pai, tornou a criança, quando vamos nós para Gôa?

—Quando Deus quizer...

—Ah! vós falais em Deus!... exclamou Aires, estremecendo.

—Nunca me ouvistes falar nelle? estranhou Falcão.

—Poucas vêses... Mas eu já sabia... já sabia... disse a criança com ar meditabundo.

—O quê, filho?

—Que acreditaveis em Deus...

—Porquê, Aires?...

—Disse-m'o Axa...

—Ah!

O pequeno viu o pai com ar grave, e julgou-o espantado por saber que o escravo o julgava religioso, ao contrario de toda a gente.

Então, a meia voz, em tom de segredo, acrescentou, dando-se ares de gravidade:

—Viu-o elle nos papeis do cofre, pai... Viu-o elle...

Luís Falcão ouviu isto e não compreendeu logo, Repetia, sem consciencia, as palavras do filho:

—Nos papeis do cofre...

Mas, de repente, rompeu, a tremer todo, colérico em todo o gesto e ainda mais no olhar:

—Nos papeis do cofre?! De que cofre?... Aires, de que cofre?...

Aires viu a cólera do capitão, e calou-se, arrependido, transido.

Mas Falcão insistia, compreendendo já, de olhar ainda mais desvairado e cruel:

—De que cofre, Aires? Dize, dize depressa...

E apertava-o pelo pulso com fôrça, com furia, sem piedade.

—Pai, que me magôa... soluçou a criança, perdida de côr.

—De que cofre? Do meu cofre? rugia o capitão com o rosto livido, não o largando, quási esmagando-lhe os óssos do pulso.

—Sim, sim, pai,—respondeu o pequeno, gemendo—Sim, do seu cofre...

E imobilisou-se, a soluçar, d'olhos fechados, aterrado comsigo próprio.

Luís Falcão curvou a cabeça um pouco, mas cresceu depressa para a criança. Parecia de bronze ardente a sua face. Tremia e arquejava.

—Aires, rugiu de novo, como foi isso? Como abriu elle o cofre?

—Com a chave... murmurou a criança, fitando-o entre lágrimas.

—Com a minha?

Aires acenou afirmativamente com a cabeça, chorando ainda.

— Mas a chave...

O pequeno enxugou as lágrimas, decidido. Sorrindo com perversidade, fitou o pai serenamente e replicou baixinho:

— Vós dormieis. Elle foi, pé ante pé, e tirou-vos a chave...

— Depois...

— Depois, abriu, tirou papeis, e saiu com elles.

— Depois...

— Depois, veio d'aí a um pedaço e tornou a metê-los no cofre.

— E não m'o disseste?!

— Ameaçou-me... Disse que diria ter sido eu — concluiu o pequeno com perfidia estreme, cinicamente.

— E foi Axa?! perguntou Falcão, alucinado ainda, mas contendo-se.

— Sim, foi Axa...

— E levou os papeis lá fóra?

— Sim, pai.

— Demorou-se?

— Bastante tempo, pai.

— E não m'o disseste!

— Tenho medo delle...

— De Axa?

— Sim, pai.

O capitão falava sem consciencia. Deixou o filho. Correu ao cofre. Abriu-o.

Debruçado sobre elle, remexeu, tirou os papeis, pô-los em cima duma meza.

Sentou-se a examina-los, a removê-los, a lê-los, um por um.

Decorreram muitos minutos. Aires aparecêra e ficara silencioso um pouco longe delle, ainda aterrado.

O capitão procurava, procurava. Revolvia tudo de novo. Atava e desatava feixes de documentos,

palpava volumes, despejava sobrescritos. Depois, parava a sismar. Emfim, disse em tom profundo:

— Roubaram-nos!

De subito, viu o filho.

Cada vês mais livido, ao vê-lo, sorriu com amargura pungente.

— Foi então Axa? perguntou baixinho, como custando-lhe a acreditar.

— Foi, pai.

— E levou os papeis lá fóra?

— Sim, pai.

— Demorou-se lá muito tempo com elles?

— Sim, pai.

— Nem doutra maneira podia ser — concluiu Falcão, convicto e decidido.

Levantou-se, juntou os papeis, meteu-os no cofre. Fechou com cuidado e ficou-se a vêr de fóra a fechadura. Mas não tinha já duvidas.

Então, tomou um trabuco e carregou-o até á bôca.

Entretanto, ia conversando com ar despreocupado:

— Não é a estas horas que Axa te vai vestir?

— E'. Hoje é que não veio ainda.

— Ainda virá...

— Vem, vem. A's vêses, vai com João Abexim conversar e passear, antes de nascer o sol.

— Já os vistes juntos? acudiu Falcão com vivacidade.

— Disse-m'o elle, Axa.

— Tens amizade ao Axa?

— Não, pai, que elle têm ólhos maus...

— Mas tu folgavas com elle...

— D'antes, d'antes, quando elle tinha ólhos bons.

— Tem-te molestado?

— A's vêses, certas palavras...
— Desde quando?
— Desde que tem os ólhos maus.
— Ha muito?
— Depois que levou os papeis.
Luís Falcão carregara o trabuco e encostára-o cuidadosamente á parêde.
— Pai — tornou a criança com terror — não lhe digais que eu vo-lo disse.
— Não.
— Podia-me dar veneno...
— Quem? Axa?
— Ouvi dizer a um escravo que elle sabe envenenar...
— Não te enganaram.
— E, Pai, não o mandais embora?
— Mando.
— Para muito longe?
— Muito.
Luís Falcão fôra á janela e parara a olhar pelo horisonte fóra, com vista cruel.
O filho, detraz delle, falava sempre, ainda em alvoroço:
— Axa não deve tardar...
— Verás como o despeço — disse Falcão com voz sêca.
— E não lhe dizeis nada?
— Nem uma palavra, filho.
O capitão voltou-se a meio, não deixando de olhar para fóra.
Aires abraçou-o pelas pernas, pretendendo fazê-lo sorrir.
— Já estou bem crescido, pai — disse a criança, fingindo-se contente.
— Passas-me acima da cintura... — volveu Falcão, com ar frio.

— E mais ó tão alto! Ao Axa quasi lhe dou pelo hombro...

— Elle aí vem... murmurou Falcão, recuando da janela.

E, voltando-se nervoso para o filho, ordenou-lhe com rispidês:

— Vai. Sóbe ás casas de cima.

— Não me quereis aqui?

— Não.

— E não dizeis nada ao Axa?

— Não, não.

— Mas despedí-lo?

— Sim... Sóbe ás casas de cima.

E impeliu a creança bruscamente, num arremêsso de impaciencia.

O canarim chegou risonho, mas, ao ver o capitão a pé, fês-se escuro e mais timido.

— Vossa senhoria já levantado? disse com voz entrecortada de leve.

— Sim, Axa. Tenho que te dizer.

O canarim olhou á roda com certo mal-estar, e ficou mudo, á espera, humilde como sempre.

Luís Falcão, sorrindo contrafeitamente, continuou logo, dominando-se:

— Vais fazer uma grande jornada... uma jornada por que não esperavas.

— A Diu? perguntou Axa com terror, contorcendo-se.

— Não, mais longe, muito mais longe — volveu Falcão com disfarçada ironia.

— Vamos então, senhor, para Portugal? disse o indio com a maior angustia.

— Não, mais longe ainda, muito mais longe!

— Oh! — exclamou Axa — deixar a minha terra, os meus amigos!... Senhor capitão, custa-me muito deixar-vos...

—E mais ainda a João Abexim—concluiu Falcão com ironia franca, de olhar em fogo.

A estas palavras, Axa ergueu a cabeça com olhos entre ferozes e pungidos. Nada disse, tendo compreendido tudo. Olhou á volta. Viu o trabuco. O rosto do seu senhor estava verde como uma folhagem da borda d'agua.

—Vens de lá—continuou Falcão baixinho, cada palavra uma navalha. Rezaste já ao pé dos ósses que descobriste...

—Não entendo, senhor, murmurou Axa, cadaverico.

—Axa, quanto te devo? gritou Falcão com altivês.

—Nem um maravedi.

—Axa, deshonrei a tua mulher, ou a tua irmã, ou a tua filha?

—Nada disso tenho.

—Castiguei-te em tempo, mas ha annos que te não molesto...

—E' verdade, senhor.

Falcão tinha já o trabuco nas mãos e fitava o escravo com crueza terrivel.

Axa não se movia, sorrindo sempre.

Compreendeu o perigo, e lançou mão da sua arma terrivel—o sorriso ingenuo.

E, vendo Falcão como hipnotisado por aquelle seu ar imbecil, serenou, um pouco tomado de esperança.

O capitão d'Ormuz volvia-lhe, incisivo e rancoroso:

—Vens de estar com João Abexim...

—Sim, senhor...

—Sobre que conversastes?

—Sobre coisas de Ormuz...

—Coisas minhas...

— Não entendo as loucuras daquelle velho.

— Não o entendes, Axa?

— Não, meu senhor.

— Pois entendo-te eu a ti.

Foi rápido. Luís Falcão ergueu o trabuco. Axa pretendeu fugir.

Mas a arma detonou logo. Levantou-se uma nuvem de fumo. Estremeceu toda a sala. Viu-se uma chama no peito do escravo. Axa caiu e levantou-se, d'olhos ensanguentados, mas, oscilando duas vêses, de braços estendidos, tornou a cair e não se moveu mais. Entretanto, uma espuma de sangue lhe vinha á flôr dos labios e corria sobre o queixo.

O capitão d'Ormuz contemplou-o, poisando o trabuco e, de repente, voltou-lhe as costas e saiu, caminhando para a Fortaleza.

Naquelle mesmo momento, uma voz bradava lá fóra, do lado das muralhas:

— Um catur! Um catur de Goa!...

XIV

Heroismo e miseria

Entretanto, Diu vibrava de alegria e de fé.

O reforço engrossara o sangue da Fortaleza, enriquecêra-lhe as veias e os nervos.

A principio, os recem-chegados apavoravam-se com a tempestade dos peloiros. Depois, afeitos depressa, mediam-se com os mais épicos, porfiando em emulações cheias de rasgos.

Os moiros viram com espanto aquelle emergir de forças. E ergueram mais muros. E recolheram a artilharia com mêdo de que lh'a tomassem em sortidas.

Os portuguêses, nisto, criaram uma confiança desmedida.

Os soldados, julgaram todos chegada a hora de desabarem, dos muros, sobre o arraial.

Um dia, conclamaram-no ao capitão-mór, sem a menor timidês.

D. João de Mascarenhas opôs-se, arrazoou, mas logo viu irresistivel a onda daquelles temerarios.

Saiu só, entre os fidalgos, contra a aventura, D. Francisco de Menêses, glorioso pelo seu passado.

E começou assim uma luta entre os soldados e estes dois capitães — o chefe da praça o e aguerrido lutador de Baçaim.

A soldadesca, indomavel, achava covardia defender sómente a fortaleza, e queria um assalto ao cinto de ferro que apertava a praça, pouco a pouco, como uma giboia.

Mascarenhas e Menêses achavam que o dever era a defeza até novas ordens e socorros de D. João de Castro e viam só perigo na ofensiva.

D. Francisco de Menêses classificara a sortida tanto de loucura como de pecado. Não deviam antes dar todos graças a Deus por poderem defender a Fortaleza sem tanto panico, e vendo chegar sãos e salvos todos os socorros? Para que aventurarem-se?

A soldadesca, em geral, não deixava de conhecer a justiça destas razões.

Aquecia-a demais a jatancia e muitos dos discolos mais pensavam em apregoar valor do que em procurar devéras o perigo! Mas, arrastados pelos temerarios, não queriam mostrar mêdo e esta vaidade inutilisava o bom-senso.

A emulação era grande entre os velhos defensores e as tropas frescas. A indisciplina viera tristemente dessa emulação, sem que o Capitão-mór a pudesse refrear.

Tudo servia de motivo para protestos. Como o inimigo retirasse um basilisco, vociferou-se que era uma vergonha não lh'o terem tomado, caindo sobre elle de arremêsso, a peito descoberto.

D. Francisco de Menêses não cessava de destruir os clamores, mas, por fim, só conseguiu levantar tudo contra si.

Mais impressionaveis, e sempre heroicas, as mulheres avolumavam formidavelmente o clamor. Algumas, com impetos de leôas, não só doestavam aquelles homens por não sairem a pelejar dentro do arraial inimigo, mas rugiam que, se lhes abrissem

as portas, sairiam ellas, sem mêdo, a vingar os maridos e filhos que o inimigo lhes tinha matado.

E o tumulto cercava principalmente D. Francisco de Menêses, increpando-o, ameaçando-o até..

O antigo capitão de Baçaim, por ultimo, esgotadas as razões, já sorria com paciencia e entregava-se tranquilamente á força dos acontecimentos.

Entretanto, o tumulto chegou ao extremo em injurias e impetos.

Doeu-se D. João de Mascarenhas com o apôdo de covarde. D. Francisco de Menêses não pôde ajudá-lo a ficar no seu posto, e cedeu tambem.

Houve então ordem para sairem quatrocentos homens. Na praça ficariam duzentos de guarnição.

Era a 1 de setembro. Abriu-se a porta logo de manhã. Preparou-se o impeto da sortida. Mas veio, de subito, um temporal rijo, e tiveram de ficar, rugindo impaciencias.

A soldadesca, no seu desespero, chegou até á blasfemia. Corriam já planos para o assassinio de D. João de Mascarenhas, o poltrão. O velho fermento da brutalidade e da impiedade frutificava. Pareciam todos obra moral de Martim Afonso e doutros aventureiros brutaes—rebentos da antiga desordem da India.

A' tarde, melhorou o tempo. A sortida, a isto, irrompeu sem freio, levando á frente D. Alvaro de Castro que D. Francisco de Menêses, resignado, seguiu com coragem, sem um sinal de vacilação.

Mas as fortificações moiras eram poderosas. A sua defeza em panelas de pólvora, fréchadas e espingardaria, foi rude e invencivel, inesperadamente para todos.

Eram varridos de cima dos muros que escalavam. Uma chuva de fogo detinha os aventureiros, prostrando muito delles, esmagando-os.

E então os mais entusiastas perderam o sangue frio, recuarám e abrigaram-se nas ervas altas, disparando a mêdo.

Como se Deus os punisse, do seu arremêsso de leões, descaiam na humildade de reptis, lividos e perplexos.

D. João de Mascarenhas acompanhára heroicamente aquelle desastre, expondo-se a tudo.

Mas, vendo rojados com terror os impulsivos que tinham ruído das entranhas da Fortaleza, foi elle o corajoso, o herói, e correu para todos, desabrigando-os com o conto da lança, flagelando-os com increpações, queimando-os com invetivas.

E, nisto, os moiros, percebendo o panico, transpozeram os seus muros, e vieram pelejar frente a frente. Depois, julgando todos os nossos fóra da praça, fizeram um grande movimento para a assaltarem e a sua onda enorme desabou sobre os baluartes.

Neste aperto, os nossos fugiram sem ordem para a fortaleza. Deixaram vergonhosamente as armas no campo.

D. Alvaro de Castro, e alguns que pelejavam com valor, fôram salvos por D. João de Mascarenhas que lhes acudiu com cincoenta homens no meio da mais crúa refrega. A infeliz sortida roubava aos herois de Diu mais de quarenta homens.

Entre estes mortos, ficou D. Francisco de Menêses, que, como outros, preferiu morrer a fugir, vitima sublime do verdadeiro heroismo.

O inimigo, entretanto, não se quedava. Daí a poucos dias, atravessaram o rio com um largo muro e assim chegaram ao outro lado da Vila dos Rumes.

El-Rei de Cambaia tinha como próxima e certa a tomada do Fortaleza.

Assim o comunicou ao Hidalcão, rei do Balagate, como coisa positiva e fatal.

Entraria na praça no dia da sua Páscoa do Ramadão, dia assinalado.

Os da Fortaleza presentiram os novos perigos. A inutil temeridade da sortida déra forças evidentes aos sitiantes. O cêrco apertava-se e fortalecia-se a olhos vistos. E os Rumes por toda a parte pareciam reforçar-se e arrojar-se.

Luís Falcão mandára dizer, de Ormuz, que iam caír sobre Diu ondas de Rumes, depois de tomada Baçorá. Mais tarde, por outra nau, enviou a noticia de que os rumes tinham bombardeado Caxem, e pirateavam já sem freio na costa de Melinde. Por toda a parte ameaças ao poder português. E isto gelava os animos, como nunca.

Mas a praça ia-se sustentando com valor, graças principalmente a Mascarenhas, a Alvaro de Castro e á fé sublime das mulheres.

No fim de setembro, chegou a Diu novo socorro de Gôa. Eram vinte frotas com mais de tresentos homens. Comandava a frota Vasco da Cunha.

D. João de Castro mandava soldados, mantimentos e munições e déra a Vasco da Cunha poderes absolutos. Irritado com a sortida que ia perdendo a Fortaleza, como o soubera por cartas de seu filho Alvaro e de D. João de Mascarenhas, mandou a este capitão palavras severas e rudes, já que não o pôde enviar preso a Lisboa, para ser castigado, porque se opôs a isso o seu Conselho unanimemente.

Vasco da Cunha cumpriu fielmente as ordens do Governador.

Um dia, leu aos soldados o regimento que levava, quanto áquelle que tentasse uma sortida. Era explicito D. João de Castro. O discolo seria metido numa bombarda e lançado assim ao inimigo. Ao menos assim, tinha probabilidades de matar, e nunca de fugir, ou de ser prisioneiro.

O espirito inflexivel de D. João de Castro firmou desta maneira a disciplina.

O socorro da frota, entretanto, fortaleceu muito a praça, material e moralmente.

O fogo começou a desvastar os trabalhadores inimigos. Os moiros, estorvados agora nas suas obras audazes, não podendo levar por diante trincheiras e muros, sentiam, além disso, a fóme. Trabalhavam os seus sapadores já á força, ameaçados de pena de morte.

Os trabalhos assim eram morosos e inuteis. A Fortaleza destruia-os agora num bombardeio terrivel, apenas afloravam.

O desalento do inimigo começou de desenvolver-se tanto como as esperanças dos sitiados. Viam-se os moiros, abatidos e descoroçoados, vaguearem no arraial com crescente indisciplina.

Não acudia já á mente de Rumecão um plano novo. A Fortaleza tinha sangue fresco e vigoroso. Rôta num ou noutro membro, refazia-o e vingava-se do golpe numa chuva de peloiros que não tinha resposta airosa.

Voltaram de novo, não á grande estrategia, mas ao pequeno ardil, tão próprio dos homens de Cambaia.

Sorrateiramente minaram as estancias que tinham. E, depois de cheias de pólvora as minas, abandonaram as estancias, como quem recúa desalentado.

E foram esperar ao longe pelo exito do plano. Os portuguêses, desprevenidos, correriam a toma-las e ellas, explodindo, despedaçariam os heróis e dariam assim brecha para novo assalto á praça em confusão.

Valeu nisto aos nossos um renegado, fugido do arraial com fome de oiro.

O miseravel deu noticia das terriveis minas que se abrigavam no seio das estancias abandonadas.

Depois, informou os nossos de mais novidades.

El-Rei de Cambaia estava resolvido a tomar a Fortaleza á custa de tudo e de todos. Bradava aos seus, que pelejassem até morrer, e prometia mandar exercitos sobre exercitos para obter completa vitoria.

O soberano acompanhava com paixão o cêrco.

A cada passo, vinha incógnito ao arraial.

Um dia, vendo descoroçoado Rumecão e o seu estado-maior, El-Rei de Cambaia enchera-se de cólera, e gritara, terrivel de resolução:

— Ou tomais esta fortaleza, ou vos mando esfolar vivos!

E apontava, livido, para os capitães.

Depois, vendo que Rumecão se erguia com altivês, a jurar que renderia a praça, El-Rei acrescentara ainda, precisando perfeitamente as circunstancias:

— Mas antes de vir o Governador de Goa, ouvis?

Vasco da Cunha e D. João de Mascarenhas compreenderam toda a significação destas noticias. Viria toda a Cambaia sobre a Fortaleza.

A demorar-se a expedição definitiva, não restaria depressa, da praça de Diu, mais do que escombros e cadáveres. Era impossivel resistir a uma nação inteira, aguerrida e fanatica.

Vasco da Cunha então armou um catur, pô-lo em caminho de Gôa, e informou assim D. João de Castro de tudo que se sabia.

Depois, esperaram todos com confiança e prudencia.

A praça não recebia mais golpes. O inimigo refletia e reforçava-se.

De tudo isto recebia novas frequentes Luís Falcão em Ormuz, como vizinho quasi de Diu.

Tambem soube, depois, da chegada a Goa do seu sucessor, D. Manuel de Lima.

O indicado pela côrte para tomar conta da capitania arribára á capital da India a 12 de Setembro, mas ainda para servir D. João de Castro na expedição a Diu.

Esta noticia encheu-o de jubilo. Anciava por deixar Ormuz e fugir aos ódios que ali o perseguiam á socapa e que via iminentes como um castigo inexoravel.

Nem já Diu o interessava ultimamente, senão por dever de oficio. Ouvindo que D. Manuel de Lima contara a fóme que ia pelo reino, sorrira como se lhe falassem dum rebanho de imbecis.

Que lhe importava a Pátria, francamente, se elle é que precisava de ter paz e oiro?

Se tivesse de pelejar, bater-se-ia com valor; mas na vitoria via-se mais a elle do que á bandeira portuguêsa, como nunca se vira, porque, embotado embora um pouco, só em verdes annos tivera algum patriotismo.

Agora, como nunca, a questão era viver, gozar, descançar.

Desejava o exito dos de Diu já só por isso, como desejava uma paz mole em Gôa, paz de côrte vitoriosa, indiferente a crimes e vicios, ávida de luxo e delicias.

Só agora notava com inveja que ainda não fizera figura de verdadeiro varão, com auréola de prócere e de herói em repoiso.

Queria um lar, mulher, filhos, honras, opulencia. Queria ser grande para a Historia talvês, mas muito mais aos seus proprios ólhos.

E porque não? Não havia outros, imbecis e covardes, que o eram? Não imperavam até na efeminada côrte de Sua Alteza?

Depois, viria a tranquilidade intima que via disfrutar a tantos piratas e traidores. A impunidade e a opulencia fariam tudo.

Entretanto, procurava-o o homem de Goa que lhe mandara o Governador, e lhe dera tantas noticias.

Era um soldado velho e rude, da maior confiança de D. João de Castro. Fôra a Ormuz com ordens miudas sobre a guarnição do forte, que devia dar alguns soldados para a expedição a Diu, como as demais fortalezas da India.

— Mandais alguma coisa, senhor capitão? disse o emissario com respeito.

— Retirais-vos já? perguntou Falcão, adoçando o sorriso.

— Para Gôa, esta tarde — volveu o outro, perfilado.

— Ouvistes decerto falar de mim...

— Como se fala de todos os capitães severos — declarou o velho soldado num rasgo de justiça.

— Mas dignos — esclareceu, fitando-o profundamente, o capitão d'Ormuz.

O missionario encarou-o com franqueza e respondeu:

— Assim o julga o Governador, e assim o julgo eu.

— Muito vo-lo agradeço.

— Não vos faço mais do que justiça — tornou o outro com aprumo.

— Dizei, pois, ao senhor D. João de Castro que cumprirei em tudo o seu regimento.

— Vai ser uma expedição custosa. Depois, o reino está mal.

— Já m'o dissestes: a fome ..

— Imaginai, senhor. O trigo a tresentos reis o alqueire; por causa das grandes geadas. Mais pa-

lha do que trigo. Mas El-Rei tem outros feitos no Reino...

— Outros ainda? Não basta a India? estranhou Falcão, inquieto como um egoista.

— Uma armada sobre Argel, em auxilio do imperador Carlos V...

— E achais isso de tino, estando o reino pobre e tendo nós o perigo de Diu?

— Assim o quer Sua Alteza. O senhor D. João de Castro tem de remediar-se com o que ha na India, porque do Reino não póde vir mais socorro...

— E que dizem em Gôa da expedição? tornou Falcão, ainda alvoroçado.

— O melhor que póde dizer-se. E' vitoria certa. Grande lustre para o Governo da India.

— Ide-vos então em paz — concluiu Falcão.

— Em paz vos ficai, senhor capitão d'Ormuz.

Luís Falcão viu-o partir, e ficou triste.

Era uma tristeza sombria. Sentia-se como degredado na fortaleza.

Depois da morte de Axa, o seu humor era sempre funebre. Não tinha a antiga coragem, e via cada vês mais em todos só odio, ameaças, perigos...

Passando um dia por João Abexim, parara com denodo, resolvido a sonda-lo, e não tivera palavras para o fazer.

O velho soldado cortejara-o com o olhar tão duro, que parecia atravessar-lhe, mais do que o coração, a alma.

Entretanto, afétando afabilidade, tentara adoçar a expressão do rosto.

— Muita pesca, João Abexim? perguntára com bonhomía.

— Pouca, senhor capitão d'Ormuz — respondêra o velho, encolhendo os hombros.

E, dando ás palavras uma intenção profunda:

— Vamos a vêr se sái melhor a caça!

— Tambem caçais? perguntou, com sorriso amarelo, o Falcão, não o podendo fitar.

— Menos do que vós — volveu o Abexim com amargura, livido — que caçais quanto vos praz. Mas, apezar de velho, senhor, heide aprender a atirar ao alvo, pois, como soldado, nunca fiz boa pontaria, atirei sempre sem olhar senão... para a alma do inimigo...

E despedira-se, de cabeça baixa, todo convulso.

Luís Falcão compreendera-o. A' ultima hora um dilema o pungia com aperto: ou morrer ás mãos daquelle velho, em qualquer emboscada, ou mata-lo a elle, como fizera a Axa, á vibora que o mordêra no seio do seu melhor misterio. Entretanto, esperava boas novas de Gôa.

XV

Despedida

NOITE de 27 de Setembro. Uma noite plácida, noite de serenidade estranha. Só Gôa tinha febre. As ruas estavam ruidosas, cheias de vida anormal.

O firmamento sorria e perfumava: a Terra parecia convulsa e palpitante.

Nem uma aragem rapida e viva, e nem um homem deveras calmo. A' paz das estrêlas opunha-se o clamor e movimento desordenado do povo.

Uma tempestade humana debaixo da bonança celeste.

Ia a noite alta, e ninguem dormia; não se apagavam as luzes nas casas; falava-se para as janellas de grupos para grupos; ninguem sabia estar parado ou calado; não havia sono, nem fadiga, nem falta de palavras.

Os canarins, indolentes sempre, tinham uma atividade curiosa.

Iam e vinham, d'olhos em fogo, gesticulando, discutindo. Os mais morosos de movimentos supriam tudo com interjeições de entusiasmo.

Os soldados, alegres, indomando o jubilo, corriam Gôa em bandos; bebiam; brindavam á Bandeira; cantavam, aclamavam o Governador e o Rei.

Os proprics clerigos e frades iam na onda do entusiasmo de todos.

Passavam risonhos, parecendo mais altos e mais brancos, mais cheios d'alma.

E nem uma desordem nas tavolagens. O canarim e o português, aliados como nunca, fraternisavam com uma ternura de irmãos reconciliados.

Muitas luminarias. O nome de D. João de Castro na bôca de todos, com o de Francisco Xavier. Quem ensinara isto á consciencia colétiva? Deus.

Uma India nova, uma India resurgida!

Fé, heroismo, virtude, não eram utopias mais uma vês. A vasa das passadas governações era ainda tanta, que ás vêses, sobrepujava a corrente; mas a onda pura, que ia crescendo, já sepultava a vasa num só impulso.

Manuel de Souza Sepulveda notava isto e entregava-se ao calor da vaga.

O seu amigo de sempre, Fr. Manuel da Salvação, parecia sorrir-lhe naquelle tumulto sublime.

Corria as ruas e as praças com o pensamento nelle. Quem sabe? Estavam nas vesperas duma redenção. E não só elle, pecador triste, mas toda a alma, que tanto se corrompera, do Portugal da India.

Um entusiasmo grande, como uma dôr intensa, dá prodigios de consciencia.

Manuel de Souza achou-se comovidamente integrado naquella resurreição.

Ora esta resurreição era uma profissão de Fé dentro dum áto de contrição.

A India reconhecia os seus erros e folgava de os absolver com um rasgo de heroismo e de fé.

Francisco Xavier semeara. D. João de Castro conservara a sementeira e colhia o fruto.

Sem o Apóstolo, D. João de Castro teria caído como Estevão da Gama. O seu valor desfecharia em

temeridade; o seu genio em desespero. Levaria tigres, e não leões; piratas, e não soldados. Seria grande, muito grande, e a sua obra seria mesquinha.

Como um poderoso cérebro, servido por nervos doentes, projétaria relampagos, e veria operar fogachos.

Toda a estrategia daria desordem: todo o impeto produziria ferocidade que debanda, ou soberba que arrefece. Os homens iriam até onde houvesse resistencia vulgar: quando ella os surpreendesse, por excessiva, não proseguiriam, porque só contariam comsigo, com a sua carne, com a força efemera da sua argila. O heroismo que rompe da visão do olhar de Deus, olhar que se procura atravez de ferros e peloiros, indiferentemente á morte ou á dôr, não existiria, porque, exaurida a vaidade pessoal, que se gasta depressa, o combate, não sendo reflexo duma ideia, converter-se-ia em maior ou menor perigo para a vida egoista.

D'aí o panico, temperado, quando muito, pela astucia de retirar a tempo, e mascarado pela crueldade de colher vingança no mais inofensivo.

Manuel de Souza pensava em tudo isto.

E sentia-se bem. Tinha diante de si a morte ou a vida?

Neste delirio d'almas, vida ou morte eram perfeitamente eguaes.

Que era a vida? O Dever. Que era a morte? O Dever ainda.

A vida era a gloria em Deus e na Patria; gloria em Deus e na Patria era a morte.

E a alma pura de Fr. Manuel dizia-lhe, que perder Leonor, até esse sonho ardente, o primeiro em verdade de toda a sua existencia, nada era diante de ganhar a Patria para Jesus-Cristo uma só pedra, firme e sólida, da fortaleza de Diu.

Gôa estava em festa na véspera do rasgo supremo da alma portuguêsa na India.

Manuel de Souza estava com Gôa, como o perfume com a flor.

E assim correu praças e ruas da cidade, que não podia dormir.

Falou com soldados e populares. Fortaleceu-se em convivios tão fraternaes, naquella hora de solidariedade tocante, que nunca assim tivera a idea nitida da comunhão duma ideia unica e sublime.

A noite adiantou-se. A cidade adormeceu, emfim, um tanto. Não vinha longe a madrugada.

Manuel de Souza encaminhou-se, á pressa, para o jardim da casa de D. Garcia de Sá. Ia espantado. Esquecera-se da entrevista habitual, na vespera de partir!

Leonor esperava-o, branca e triste.

—Como tardastes! disse, d'olhos humidos.

—Perdoai-me... Gôa embriagou-me...

—Não admira—volveu ella com bondade—mais velho é meu pai, e ainda ha pouco se deitou, de tanto que se esqueceu dos seus habitos com o entusiasmo do povo.

—Bem vêdes, Leonor...

—Que sois dignos da vossa espada!

E Leonor, sentando-se, acrescentou com malicia:

—Mas, graças a isto, podeis demorar-vos, porque meu pai deitou-se, quando costuma despertar...

Manuel de Souza não tinha palavras. Beijou-a.

—Agora, amigo e esposo, ides-vos.

—Sim—disse elle com placidês. Vamos, cheios de fé e de esperança.

—Assim eu fico.

—Não dissimulais?

—Acaso já me vistes dissimular?

—Perdoai, Leonor, é que...

—Não, Manuel de Souza, atalhou ella, tranquila: não, não fico em angustias. Tudo isto que vejo é grande, e determinado por Deus. O senhor D. João de Castro venceu os medrosos do Conselho. Os velhos—vêde meu Pai—vão com o mesmo ardor dos moços.

—Como vos adoro! exclamou elle.

—Morrer, não morrereis! Porque? Não morre quem ama, abençoado por Deus!

—E julgais que Deus abençoa o nosso amor?

—Sim, porque sinto que o perdôa!

—Ah! dizei, dizei, Leonor!...

—Sinto-o; não o explico, Manuel de Sousa.

E, vendo-o pensativo, acrescentou:

—Calmai-vos, que não procuro consôlos: creio no que digo. Manuel de Souza Sepulveda, meu amigo e meu esposo, tenho fé em que voltareis, honrado e são...

—E vencerei a má vontade de D. Garcia?...

—Sim... balbuciou ella, livida de repente... Haverá sombras, desgostos, não sei que trevas... mas vencê-las-eis...

—Quem vos diz isso?

—Quem vos diz que ha Deus?

—A consciencia.

—Pois egualmente vos respondo.

Manuel de Sousa sentiu duplicar a força intima, e escassear comtudo as palavras.

Num impeto, entre beijos, murmurou, a medo, ao ouvido de Leonor:

—E se vós me esquecesseis?!

—Tencionais esquecer-me?

—Nunca!

—E perguntais-me se vos esquecerei?

—Rezareis muito por mim, emquanto eu estivér em Diu?

—Como emquanto estais em Gôa.

—Em Diu ha outros perigos, Leonor.

—Menos do que em Gôa...

—Não vos entendo.

—Não achais peores do que peloiros os ólhos de certas damas?

—Tendes ciume?

—Não, Manuel de Souza: tenho mêdo...

—De quê?

—Não de perder-vos, mas de ver-vos perdido.

O fidalgo sorriu e estreitou-lhe a mão com ardor, embebidamente.

Ella, porém, levantara-se, vendo luz numa das janelas.

Muito pálida, curvou-se para elle, beijou-o e disse-lhe de golpe:

—Ide-vos!

—Já, Leonor?

—Não vêdes aquella luz?

—Será vosso pai?

—Talvês. Ide-vos, Manuel de Souza, ide-vos com Deus.

—Leonor!

—Não choreis, que eu não chóro pela vossa ausencia. Para que afligirmo-nos, se Deus hade trazer-vos?

—Não vos esquecerei...

—Sim, pensai em Deus, na Patria e em mim, que todos ficamos velando por vós e pelos outros.

—Posso escrever-vos?

—Sim, sim, para onde sabeis; que eu lá mando a escrava.

—E escrever-me-eis?

—Todos os dias com a pêna; a todos os instantes, com as saudades.

—Leonor!

—Manuel de Sousa!

Rompia a manhã...

—Adeus! ide vos!

—Que Deus vos cubra de bençãos!...

O jardim parecia aumentar de perfume...

—Fazei por amar meu pai...

—Se eu já o amo tanto por vós!

Cantavam avesinhas. Fios de cristal na espessura...

—Amanhece. Ide-vos!

—Oiço trombetas na fortaleza... E' dia. Adeus, Leonor!

Mas não se separavam. Beijavam-se e fitavam-se profundamente.

A madrugada arrancava-se esplendida.

Em cima, a luz da janela apagara-se.

De repente, elle cingiu-a ao peito. Imprimiu-lhe nos labios um beijo de fogo, e murmurou:

—Adeus!

Leonor não respondeu mais do que com uma lagrima que, á claridade mututina, era pura como uma estrêla, convertida em grande gôta de orvalho.

Depois, ao vê-lo afastar, ficou parada e livida, mas d'ólhos enxutos.

E, quando elle já ia longe e a não podia ouvir, disse a meia voz, mas no tom de quem canta:

—Até breve, Manuel de Sousa!

XVI

A Diu!

Entretanto, havia dias que a frota se erguia na barra.

Como um estómago faminto, mas servido aos poucos, ia-se enchendo á flor das águas com grande voracidade.

Estavam prontas a 24 de Setembro, por ocasião da chegada de D. João Lobo, o novo capitão de Gôa, trinta e oito fustas onde iam todos os fidalgos da India que não eram precisos á frente das guarnições. D. João de Castro, comtudo, achava poucos os navios e pouca a gente. Mandou ainda reparar dois grandes galeões, que encheu de soldados e de viveres, e fês aprestar outras naus em que embarcaram seiscentos canarins de Gôa, homens de valor esperimentado.

D. João de Castro, a 28 de Setembro, seguiu, com Manuel de Sousa e outros, para Nossa Senhora do Cabo, onde orou com grande fé.

Desde aquelle dia, todos se consideravam em viagem, apezar de surtos ainda defronte da cidade. A 2 de outubro, chegava uma nau com Fernando Alvares da Cunha e outros. A frota devorou mais aquelles elementos.

D. Manuel de Lima, indigitado para Ormuz, e D. João Lobo, para a capitania de Gôa, tomaram parte na expedição.

Outras naus chegaram ainda. Algumas encheram os hospitaes de enfermos. Mas, ao grito de *a Diu! a Diu!*, convalesciam por milagre os mais doentes, e embarcavam com o Governador.

A frota, afinal, abalou como que de golpe. Gôa, em festa, enternecida e cheia de fé, saudava os expedicionarios num verdadeiro mar que coalhava a Ribeira, os telhados, os muros, as torres.

Naquelle pélago alvejava uma como ilha de neve. Era a massa branca das vestes dos clerigos, com o seu bispo á frente, cortando o espaço com a benção, tremula de ternura.

Déram ás velas. D. João de Castro, radiante, conversava com o estado-maior, como se estivera já em frente de Diu.

—Fidalgos e senhores, emfim! exclamou o Governador no mar alto.

E, voltando-se para um grupo de canarins:

—Emfim, irmãos!

A viagem decorreu serena. O mar ajoelhava talvês diante daquella Fé.

A cada milha andada, uma força nova. O Mar das Indias é caricioso como a esperança, quando limpo de tempestades. Por vêses, parece o verdadeiro Pacifico nos dias de bonança.

Navegavam, não muito longe da costa ainda. A enorme linha dos Gates erguia-se nitida como uma muralha inteiriça. A costa do Malabar, cheia de sol e de jardins, parecia um trecho do Eden.

Mas Diu estava aos olhos de todos, como a estrela dos Magos. Enevoada de sangue—e pura e sublime! Ninguem via mais nada senão a heroica fortaleza. A espaços, julgavam avistá-la num destaque de penedia.

De subito, surdiu um barco. Trazia bandeiras portuguêsas. Era um catur.

O clamor dos expedicionarios pareceu dar melhor vento ás velas do recem-vindo no caminho das águas. Aproximou-se como uma seta despedida com paixão. Trazia noticias de Diu. Vinha do mando de Vasco da Cunha.

Ia haver um formidavel combate, o ultimo, o supremo, com todas as forças de Cambaia. Esperavam-no para o dia 10 de Outubro, dia da Páscoa dos inimigos. As estancias dos moiros valiam por enormes fortalezas.

A artilharia dos Rumes era tão poderosa que, a detonar unisona, faria em ruinas panos inteiros da muralha. O arraial regorgitava de tropas. El-Rei de Cambaia vinha quasi todos os dias, a ocultas, do seu retiro de Meliquiaz, inflamar os animos dos seus numerosos soldados.

Quanto aos defensores de Diu, deviam de ser mais de mil e oitocentos. Entre soldados, escravos, velhos, mulheres e crianças, seriam, porém, três mil. Abundavam ainda os mantimentos, mas era preciso reforçá-los, por ser tanta a gente.

D. João de Castro respondeu a tudo isto com uma palavra só:

—Vamos!

Depois, voltando-se, expedito, para D. Manuel de Lima:

—A Chaul, senhor e amigo! Lá embarcareis os mantimentos que encontrardes, sem deixardes a gente pôr pé em terra, que grande dano seria o menor extravio, dum só braço que fôra.

D. Manuel de Lima obedeceu logo.

Teve uma viagem maravilhosa. Chaul, a muitos kilometros de Gôa, surdiu-lhe dentro em pouco aos olhos anciosos.

Era Chaul grande e rica fortaleza. Avistava-se primeiro dentro da barra, ao sul do rio, um alto e

bélo monte com aspéto de ilha. Deste monte corriam ao N. duas restingas. Uma dellas dirigia-se, como uma réta, para a barra. A outra ia ferir a linha do rio.

Do trecho de monte que estava ao S. rompia uma lingua d'areia, rasa e longa. Esta lingua terminava na base dum monte gigantesco e severo, horrivel de escarpado declive.

Desta ladeira ciclopica, toda sobre o rio como uma ameaça bruta aos navegantes, saía uma sinuosa ponta. E, na sua maior curva, tinha ao meio, ao pé duma arvore colossal, cheia de vida, um poço cheio d'agua. Depois, costeando o rio, dava em planura muito rasa, que morria de encontro a outra ponta extensa, a qual encobria o rio a quem ancorasse no porto.

Do outro lado deste quadro, estava uma praia linda, serena, vasta.

Esta praia, em frente do trecho de monte que eleva as duas restingas, metia uma ponta d'areia muito pelo rio dentro, fazendo outras praias em diferentes sentidos.

O braço d'areia que, muito direito, corria ao Nornoroeste, seguindo muito pelo rio dentro, afastava-se por grande espaço na diréção de Leste.

No extremo deste desvio, estava a Fortaleza de Chaul.

Adiante da Fortaleza, numa curva da praia, e na grande enseada rasgada pelo rio, ao N. estava a cidade de Chaul, pomposa, opulenta de comercio.

D. Manuel de Lima entrou na barra com presteza.

A barra tinha só um banco d'areia. O canal, esse era espaçoso, mas dum lado e doutro, o mar rugia, cheio de espuma e estampido, despedaçado em varios baixios.

A alegria de D. Manuel de Lima e dos seus, ao verem Chaul, foi tocante e unisona.

Estavam diante da Fortaleza heroica, inexgotavel de abnegações de toda a ordem. Aos seus moradores se dirigira D. João de Castro sempre cheio de justa confiança, pedindo cavaleiros e cavalos, soldados e dinheiro.

E damas e donzelas, animadas pelo mesmo espirito religioso e patriotico, tinham excedido os homens em grandeza d'alma. Mandáram todo o seu oiro e joias, sem pena, para acudirem ás despezas da guerra. E, com as suas joias, mandaram palavras que valiam tesoiros. As sublimes mulheres de Chaul, sacrificando-se nas riquezas e adornos, diziam ainda que viam partir seus maridos e seus filhos com muito mais inveja do que saudade!

Era de Chaul a célebre Catarina de Sousa. Esta senhora, estando de passagem em Gôa, soube da abnegação angelica das suas patricias.

Catarina de Sousa tinha uma filha que muito amava e com o mesmo nome que ella. Juntou logo as suas joias e acompanhou-as duma carta a D. João de Castro.

Nessa carta, a extraordinaria senhora declarava que empenharia essa filha, se tanto fôra preciso, para gloria da Patria!

Emfim, Chaul estava para a India Portuguêsa como o Porto para Portugal, fonte de patriotismo sem egoismos, o sacrificio puro, cheio d'amor ás tradições de seculos.

Colheu D. Manuel de Lima muitos mantimentos em Chaul.

A frota, entretanto, seguia, cada vês mais alegre, até ás alturas de Baçaim.

Anoitecia, quando pararam diante duma fortaleza que, muito ao longe, tinha, como amparo tita-

nico, uma extensa e longa serra em fórma de meza. Um pouco ao S, emergia desse relevo um corpulento môrro de fronte aguçada. Do lado setentrional do cume da serra, corria em declive uma linha que se quebrava em pequeninos oiteiros. A barra era curiosa tambem de aspéto. Do S. do rio arrancava-se uma ponta, negra de crespo matagal. No vertice dessa ponta verdejavam alguns arbustos.

Estavam em Baçaim. Lá, estava, ao N., a 2 kilómetros, uma ilhota. Da parte setentrional della, via-se brotar uma restinga de pedra, restinga extensa, que, ao correr pelo Sul, se aproximava dum banco d'areia.

Este baixio, cortado de todo pelo rio, dava um canal muito navegavel.

Do outro lado do rio, avistavam-se, junto á ponta mais corpulenta, quatro ilhotas. Uma dellas dava, a oessudoeste, uma longa restinga de pedra. Junto ao banco d'areia, quasi pegado ás terras do meio-dia, e á ponta volumosa, emergiam colossaes rochedos, negros, invisiveis quando a maré enchia.

Era ao longo dessa penedia triste o canal maior e mais frequentado.

E, passado o banco d'areia, viram que a agua se aprofundava muito até a uma nódoa de penedos, que já se avistava mal.

O rio era caudaloso. Tudo em geral se parecia com a entrada de Chaul. Via-se a planura fecunda, cheia de verdura. Grandes bosques entre duas como que lagôas. E na frente do logar de Baçaim uma alta pedreira de recortes caprichosos, que já viam muito confusamente.

Ninguem desembarcou. Ao outro dia, muito a ocultas, saltou em terra D. João de Castro a ouvir missa.

Mas voltou depressa para a fusta. Não se falava

senão na expedição. O Governador não queria distrair ninguem daquella ideia fixa. Um combate heroico precisa de tanto alheamento quasi como um extasis.

Além disso, D. João de Castro sabia que as terras de Baçaim precisavam da sua justiça, e não queria desperdiçar tempo em aplicá-la, nem consentir que os seus soldados ouvissem queixas inoportunas.

Calcou a sua dôr contra os erros e crimes de D. Jeronimo, capitão de Baçaim, e esperou a chegada dos galeões. Não se demoraram. O Governador entrou num delles. Pouco depois, aparecia D. Manuel de Lima com os mantimentos e gente de Chaul.

D. João de Castro encarregou-o logo de devastar a enseada. D. Manuel seguiu com oito catures e voltou, dez dias depois, com grandes despojos, arrancados aos moiros em vivas refregas sobre as ondas.

Entretanto, o Governador mandava dali saber noticias a Diu.

Mas os emissarios levavam ordens dignas dum grande estrategico.

Os bombardeiros da Fortaleza de Diu seguiram logo essas ordens. Correram a costa de Diu em fustas. Era o tempo de chegarem as naus de Meca.

Os bombardeiros apresaram muitos barcos inimigos, barcos cheios de riquezas. Aprisionaram homens que D. Alvaro de Castro fês logo trabalhar na praça. Houve, porém, nódoas de sangue, derramado cruelmente. D. João de Castro mandára enforcar nas vergas dos seus navios os prisioneiros de D. Manuel de Lima. D. Alvaro em Diu não poupou negociantes, mulheres e creanças. Entre estes mortos, contou-se um parente de Coge-Çofar.

Apezar de tudo, a Espada — até na grande alma

de D. João de Castro — não compreendia, por completo, ainda a Cruz. Viria a compreendê-la? Talvês nunca.

Entretanto, corriam para Diu socorros de dinheiro e de gente. O védor da Fazenda, Simão Botelho, partia d'Ormuz com muitos homens e trinta mil pardaus em dinheiro.

Abalavam, a caminho de Diu, de Cochim, e de Coromandel, muitas fustas cheias de soldados, obedecendo ás ordens do Governador.

Este ia reforçando a frota defronte de Baçaim e colhia todas as noticias de Diu.

Numa tarde, porém, quis vér pelos seus proprios ólhos o estado da Fortaleza.

Corria vento de feição.

Sósinho embarcou num catur que deslisou, sem ser visto, entre as naus.

Num impulso vigoroso, avistou Diu. Examinou tudo devagar até cair a noite, que veio escurissima. Os clarões da Fortaleza davam os relampagos vermelhos dum incendio parado acima das ondas.

Mais além, os archotes do arraial inimigo pareciam fachos duma Babel, devorada pelas trevas.

D. João de Castro avançou com o seu catur, tão serenamente como se passeasse entre jardins tranquilos.

Notára de longe onde assistia D. João de Mascarenhas. Vira, perto do capitão-mór, Vasco da Cunha. Depois, vira seu filho, D. Alvaro de Castro.

Pelas trevas se abeirou daquelle ponto, e ergueu a voz.

Conheceram-no depressa.

Entrou na Fortaleza.

D. João de Mascarenhas appareceu, compungido e humilhado, d'olhos baixos. Balbuciando desculpas, quiz explicar a loucura da sortida, rematada por um sangrento desastre.

O Governador, cortando-lhe as primeiras palavras logo, replicou-lhe:

—Remiu á honra da defeza a pena que o vosso erro mereceu. Assim dirão vossos amigos, quando, fóra daqui, nisso com elles praticardes.

Entretanto, fidalgos e soldados cercavam-no, cheios de entusiasmo.

As mulheres, levantando as creanças ao alto, choravam de alegria.

O padre João Coelho, de cruz alçada, pedia a Deus que o Governador voltasse depressa com o reforço do seu prestigio e do seu valor.

Chegou a parecer um culto aquelle respeito.

D. João de Castro estava sereno e muito atento.

Não o lisongeavam: fortificavam-no.

Depois, percorreu os baluartes, e esteve a contemplar todo o arraial de Cambaia.

Era enorme, grandioso de linhas e forças.

Instintivamente, olhou para o céo, e sorriu.

E, depois dalgum tempo de estudo, separou-se de todos, bruscamente.

Embarcou no catur. Remou toda a noite e todo o dia seguinte, com possança herculea.

Na noite seguinte, avistou Baçaim.

Pouco depois, estava dentro do seu galeão.

—Vossa senhoria—disse-lhe Manuel de Sousa—já respirou o ar de Diu...

—Como o adivinhastes?

—Pela vossa falta... e porque já respirei tambem esse ar, quando lá fui capitão.

—E' a vitoria—respondeu D. João de Castro com tranquilidade. E recolheu-se, antes da meianoite, mais risonho e firme do que nunca.

XVII

Lágrimas e confidencias

Leonor de Sá via decorrer o tempo com tristeza.

O seu amor-patrio parecia diminuir com a saudade e esperava, tomada de ancia cada vês mais egoista, as noticias de Diu.

Comtudo, as que tinham eram vagas.

Nem seu pai nem Manuel de Sousa tinham enviado ainda uma carta.

Que haveria lá ao norte? Alguns falavam em vitorias; outros aventavam desastres.

El-Rei de Cambaia tinha ao seu lado o poder todo dos Rumes. O estreito de Meca vomitava a toda a hora naus cheias de artilharia e de tropas frescas. Era isto o que se propalava mais em Gôa.

A cidade, porém, conservava a tranquilidade da Fé, despreocupada, como que festiva.

Chegavam, de vez em quando, naus de Portugal. Vinham como desgarradas de frotas que já tinham aportado. Nada traziam, pois, de novo. E, volvidos alguns dias, desancoravam e partiam tambem a caminho de Diu, como quem vai a uma romaria épica.

A India Portuguêsa estava toda suspensa dum

rochedo. Se os defensores daquelle ponto microscópico fôssem exterminados, que seria de Gôa e de toda a costa do Malabar?

Mas ninguem duvidava, afinal, de que o rochedo esmagasse a nuvem dos Rumes.

As preces dos goenses não tinham a dolencia de suplicas; vibravam como *Te-Deuns*.

Só Leenor se arreceava, ella tão varonil e firme.

Só ella vacilava.

Sim, arreceava tanto da vitoria como da derrota.

O triunfo esperado podia ser a sua agonia. Uma Patria, quando vence, perde muitos dos seus filhos.

E um delles não podia ser Manuel de Sousa?

Joaninha consolava-a tanto quanto póde consolar um desconsolado, porque não tinha noticias de D. Antonio de Noronha.

N'aquella manhã, as duas, passeando á beira-mar, não encontravam palavras.

Olhavam sobre as ondas de cristal á espera duma nódoa, nas águas, um catur, um barco.

Mas, como nos outros dias, o mar era cristalino, sem mancha de embarcação ao largo.

A decéção emudecia-as e asfixiava-as.

O seu passo era lento e dolorido, passo de quem espera um golpe de morte.

Cada areia se lhes afigurava um punhal, uma agudeza cruenta.

Nada pisa mais os pés do que ter o coração em ancia.

Caminha-se, e tudo é Calvario, suplicio, visão do horror.

Passavam canarins, cantando. D'alma em festa, esperavam pela vitoria.

E ellas podiam ter a certeza de que o próprio triunfo não viria encrèpado de luto?

Não podiam perder ambas o pai? Não podiam ambas perder tudo que tinham no mundo?

O silencio das duas atingira a frieza que se converte em pêso da alma.

Reagindo contra aquella opressão, Joaninha, emfim disse, d'olhos humidos:

—Esperaremos sempre debalde?

Leonor estremeceu, quiz sorrir, e volveu-lhe, muito pálida, vagamente:

—Sempre em angustias, desde tamaninas!

—Esta falta de noticias...

—E' como a falta d'ar e de luz... Já notastes, Joaninha, que ambas respiramos tão mal?

—Vem o calor...

—Ou devoramos o frio...

—Sim, Leonor, tenho muito frio no coração.

—Meu Deus! disse apenas a irmã, enxugando os ólhos.

E continuavam passeando, lentamente.

As horas decorriam rapidas e monótonas. A praia, porque caía o sol, enchia-se de gente.

Passeavam, todos d'olhos no mar.

E, principalmente as mulheres, notavam a tristeza severa das filhas de Garcia de Sá.

Uma grande dama cortejou-as, movendo-se para lhes falar.

Ellas corresponderam com uma venia e afastaram-se.

Doutra vês, um fidalgo ocioso esperou-as com um madrigal, de espinha dobrada.

Leonor e Joana viram o assalto gentil, e cortaram então em diréção a casa, bruscamente.

Ia anoitecendo.

Quando entraram em casa, o crepusculo diluia-se. Voltavam mais tristes e silenciosas.

Ao romper do luar, estavam no jardim, luxu-

riante de flôres. Não viam um só calice que lhes não lembrasse uma taça de fel. O orvalho, puro e rútilo, pungia como lágrimas. Os aromas vivos davam-lhes a ideia de almas despedaçadas em suspiros e angustias.

Chorava o luar e choravam as suas almas.

Mas, por fim, Joaninha parecia dormitar, e Leonor sofrer.

A primeira, vencida de letargo, via talvês o Nirvana da India; a segunda, asfixiada de ancia, via porventura batalhas, naufragios, uma tragedia de ferro, sangue, espuma...

O seu olhar era o dalguns doidos: fixo, cruel, vago comtudo, olhar de lamina e olhar de vidro.

Mas porque não rezaria ella? Que lhe restava senão Deus?

E, pasmada com esta pergunta íntima, levantou-se.

—Aonde vaís? perguntou Joana indolentemente.

—Ajoelhar—respondeu ella quási com dureza.

—Ah!—e Joana cerrou de novo os ólhos, insensivel, ébria de inconsciencia.

Leonor caiu de joelhos, ergueu os ólhos e as mãos, e não soube rezar.

As ideias entrechocavam-se e, quando queria ver Cristo, via primeiro os algozes, de lanças agudas, erguidas em ponta, uivando por sangue e torturas.

Presentimento? Estaria assim Manuel de Sousa ás mãos dos infieis?

Levantou-se. Não tinha serenidade; quasi não tinha fé.

Sentou-se, fitou a irmã, fitou o jardim, fitou o luar, o céo, e debulhou-se em lágrimas.

Não as conteve. Precisava de as derramar. Vieram gemidos histericos. Não os reprimiu. Seriam as

flôres e os astros os seus confidentes. E depois sua irmã choraria com ella as mesma confidencias.

A crise foi pungente e progressiva. Do excesso da dôr veio o prazer estranho do sofrimento, prazer contagioso que lhe trouxe logo aos braços Joana.

Loucas, quasi puerís, choravam abraçadas, d'aí a pouco, tão felizes na desgraça, como se o sofrímento excessivo fôsse a maior das delicias.

A agonia vitalisava-as. O desabafo, a expansão da dôr, trouxe-lhes a humildade e, depois, a Fé.

Sem saberem como, viram-se ajoelhadas, de mãos erguidas.

A oração brotou-lhes, nisto, das almas, sem esforço, porque a lagrima é irmã gêmea da estrêla.

Um consôlo estranho substituiu a angustia.

O olhar de Joana fixou-se; o de Leonor ameigou-se.

Solidarias, firmes, resignadas, ganharam côr e serenidade.

As flôres pareceram-lhes mais lindas, e os perfumes tiveram dentro dos seus peitos não sei quê de bálsamos e de música. A harmonia silenciosa das coisas vem com a fé e com o amor.

E então as palavras chegavam-lhes aos labios como as abelhas á beira dos cálices.

—Deus protege-nos— disssera Joana, sorrindo rosada, desoprimida.

—Tenho fé—volveu Leonor. Algum grande perigo se venceu. O' pai e Manuel de Sousa estão vivos.

—D. Antonio de Noronha não tardará em escrever-me...

—Olhai, Joaninha, aquella estrela sumida ao pé da lua...

—Vejo, vejo, Leonor...

—Não será... não será?... que loucura!...

— Dizei, irmã.

— Não será a alma de nossa mãe?

—Sim, murmurou Joana em extasis... é ella. Tão branca, tão pura! Vêdes? Se a gente olha muito para ella, nem se vê o luar... Ah! quem me déra ter ólhos para ver acima das estrêlas!

— Tambem eu o queria, como os tenho em sonhos!

—E reparai ao fundo, sobre o mar...

— E' verdade, Joaninha. O céo parece de prata e ao mesmo tempo côr de rosa...

—Que que quererá dizer aquilo?

— Talvês reflexo de Diu. Minha irmã, Portugal vence os Rumes!

E levantou-se, entusiasta, ardente como uma pitonissa, d'olhos vagos, muito abertos.

— Meu Deus! eu vejo! vejo!... Fumo, sangue. ruinas, e elles, elles, os nossos, de bandeira ao alto, e espadas a sintilar!... Vejo, vejo Manuel de Sousa, branco, muito branco, sobre pedras que fumegam... e Garcia de Sá ao lado, mulheres côr d'oiro, de cabelos ao vento, tambem de espadas nas mãos, e, acima de todos elles, o Governador com a espada dum anjo á direita!...

—Que pena que eu não veja! murmurou Joana, desconsoladamente, fitando a irmã com admiração.

—Esperai! tornou Leonor, convulsa; os outros fógem; o mar bate com as espumas a fortaleza e ella, cheia de luz, parece navegar sobre as ondas atraz das naus dos inimigos! Meu Deus! eu vejo! vejo!

E, dizendo isto, caiu exausta sobre um banco, a arquejar, muito livida.

Neste mesmo momento, chegou uma escrava com alvoroço.

—Senhoras, senhoras! gritava ella.

E como não as visse logo, continuou chamando, erguendo uma carta á luz pura do luar:

—Senhoras! senhoras! Noticias de Diu!

As duas irmãs ouviram, e sorriram com amargura.

Depois da Fé, voltava a Duvida.

Não as iludiria a Dôr?

Noticias de Diu, quando ninguem as tinha?

Mas a canarim procurava-as, gritando, erguendo sempre a carta:

—Senhoras! senhoras! Noticias de Diu!

Já a não ouviam. Abraçadas, como se ambas fôssem morrer, vedava-lhes todo o som a espessura dos cabêlos das frontes unidas e o aturdimento de quem julga sonhar.

A canarim avistou-as.

Vendo-as assim, de frontes juntas, com ar de pavor e de duvida, estacou.

Amava-as muito. Envelhecêra, vendo-as crescer. Natural de Baçaim, de Baçaim viera com ellas e toda a sua felicidade era vê-las tornar senhoras, gentis e alegres.

Contemplava-as sempre extatica, com o culto enternecido de todos os indios pelo que é luminoso e puro.

Agora, apezar de levar uma carta de Diu, de tudo se esqueceu, colhida pelo seu pendor contemplativo, pendor secular duma velha raça.

E não se moveu durante alguns minutos, a admirá-las, ao luar esplendido.

Depois, caminhou devagar.

Não se perturba o sonho de dois anjos.

Foi nisto que ellas a viram.

Distinguiram a carta.

Lembrou-lhes o grito: Noticias de Diu!

Desabraçaram-se, mas não se moveram do banco.

Não podiam admitir a realidade. Fatigadas por um visionismo arrebatado, a vida positiva encontrava-as exaustas.

A canarim avançava, d'olhos meigos.

Parou junto dellas.

Depois, curvando-se trémula para Leonor, murmurou-lhe ao ouvido:

—Carta... noticias de Diu!

Este quási cicío fês mais do que os primeiros gritos.

Ha murmurios assim, que elétrisam mais do que hinos de fogo.

Leonor e Joana ergueram-se, lívidas, passando as mãos pelos ólhos pisados.

—A carta! a carta! disse Leonor em meia-voz, cheia de paixão.

—A carta! rugiu Joana, como se estivesse tomada de cólera.

A canarim entregou o papel e ficou imóvel, sem uma palavra mais.

Leonor abriu a carta.

Joana disse logo, do lado:

—De quem?

E a irmã, ainda triste, acalmando a respiração, volveu-lhe:

—Do pai.

—Só? murmurou Joana...

—Pois se é uma só carta!...

E leu para si, d'olhos esgazeados.

A leitura fortificava-a. Quando acabou de ler, porém, sentou-se fatigada e triste.

—Noticias? que noticias? inquiría Joana, cada vês mais branca.

Leonor deu-lhe silenciosamente a carta e ficou a olhar para o céo com fixidês.

Joana leu. Era uma carta simples e rápida.

Traços breves. Noticias, porém, de rejubilar, e tantas, quo só o laconismo de D. Garcia de Sá as podia condensar em poucas linhas:

«Filhas do coração:

Deus vos tenha tanto na sua guarda, como nos tem tido a nós.

O Governador, tendo ido ver de noite o estado de Diu, voltou a consultar o seu conselho. Disse-nos que, ou fôssemos sobre a praça ou não, só tinhamos grandes perigos de que Deus sómente podia livrar-nos. Houve varias opiniões, mas venceu a nossa— eu, Manuel de Sousa Sepulveda e Jorge Cabral— irmos sobre Diu! Partimos. Eramos mil e quinhentos em sessenta fustas e catures e doze navíos grossos. Adiante foi D. Manuel de Lima com vinte fustas e catures a devastar as terras de Baçaim.

Parámos na Ilha dos Mortos, aonde se nos juntou o catur de Lourenço Pires de Tavora e Alvaro Barradas e os quaes muito animaram o senhor D. João de Castro. Depois seguimos para Diu que avistámos no dia 6 deste Novembro. Fingimos desembarcar á vista dos Moiros, mas entrámos na praça a ocultas delles, no dia 11.

A praça, com o nosso reforço, a julgo invencivel, demais porque sabemos que Rumecão está aterrado e só finge alegria para vêr se escapa á vingança do Rei de Cambaia, ao qual promete vitoria com grandes palavras. Mas no que elle pensa é em fugir, porque ou morre ás nossas mãos, ou, se consegue livrar-se de nós, é morto por El-Rei de Cambaia que já anda cheio de desespero.

Não vos agonieis, pois, por nós, e antes orai a

Deus e a Cristo para que depressa afugentêmos os Rumes.

Luís Falcão mandou-nos bons socorros de Ormús e uma carta para mim em que fala com muito afêto de Leonor a qual, com o prazimento de Deus, hade desposar tão valente e bom cavaleiro.

Escrevo muito ás pressas, que o catur está a partir. Lembrai-vos sempre que sois as filhas do coração de

D. Garcia de Sá».

—Ah! sempre Luís Falcão! disse Joana.

—Sempre a dôr—murmurou a irmã com os ólhos humidos.

—Então, senhoras? perguntou nisto a canarím.

—Ah? exclamou Joana, atentando nella, como se a tivesse esquecido.

Leonor lançou á serva um olhar benevolo e respondeu:

—Boas noticias as de Diu! O senhor D. Garcia de Sá está de saude e contente. A praça vai acometer os Moiros, e vencê-los.

—O Senhor Jesus o queira!

—Tende fé, mulher.

—E do outro... senhora? perguntou a canarim com timidês, como uma cumplice discreta.

—O outro... balbuciou Leonor.

—Sim, o senhor Manuel de Sousa Sepulveda...

—Esse... está bem e honrado pelo seu valor.

— Não vos escreve?

— Pois não me trouxeste uma só carta?

—Julgava eu escrevessem ambos na mesma...

—Dois inimigos! suspirou Leonor.

—Nessas pelejas todos se fazem amigos.

— Não, quando são dois orgulhos.

A canarim não entendeu e curvou a cabeça com pesar.

Depois, torceu as pontas do escapulario e retirou-se.

Então Joana disse com alegria:

— Vencerá Portugal, não é verdade?

— Toda a Gôa o diz: di-lo a carta do pai.

— Mas estais triste...

— Não compreendeis?

— Quererieis carta de Manuel de Sousa. Tendes razão.

— Sim, carta delle, e a vinda delle.

— Não tardará.

— E se morre na peleja, Joaninha?

— Meu Deus!

— Portugal vencerá... e eu ficarei de nojo.

Mas, animando-se, Leonor sorriu e acrescentou com febre:

— Deus não hade permitir que o matem. Rezaremos muito, Joaninha. Rezaremos muito.

— E esse Luís Falcão...

— Que importa o capitão d'Ormus, se Manuel de Sousa viver?

— Tendes então esperança de convencer o pai?

— Nenhuma.

— Não vos entendo então.

— Ouvi.

E Leonor baixava a voz profundamente.

— Sabeis o que eu tenciono fazer?

— Não, Leonor.

— Fugir com Manuel de Sousa! respondeu ella com resolução.

— Irmã, que dizeis?

E Joana tremia de espanto e ancia.

— Sim, continuou Leonor, que nem eu já posso ser doutro, antes que queira...

— Leonor!

— Ouvi. Ninguem nos ouve, senão Deus.

A bela filha de D. Garcia de Sá, exaltada, atraía a si Joana com ardor.

— Ouvi. Ninguem sabe disto senão Deus, disse ainda.

E continuou, baixinho, olhando á roda, d'olhos lampejantes:

— Só falta Deus casar-nos. No mais somos esposos ha muito!

— Irmã! irmã!

Joana soltou este grito, olhou desvairadamente para Leonor e cerrou os olhos.

Depois, encostando a cabeça ao peito da amante de Manuel de Sousa, murmurou:

— Como sois infeliz!

— Não vos causo horror?

— Não, irmã — respondeu Joana com doçura.

— Causo-vos então muita pena?

— Alguma, bastante...

— Não me oculteis o que sentis agora por mim...

— Quereis sabe-lo?

— Dizei, dizei.

Joana desenleou-se e ficou grave e calma.

Depois, levantou-se com uma estranha magestade.

E, abraçando Leonor pelo pescoço, emquanto a aurora ia rompendo num golpe de fogo timido, disse-lhe, d'olhos nos olhos, beijando-a com ternura:

— Sabeis o que eu sinto? Admiração!

Disse isto, e ajoelhou, de peito ofegante, comovida, com vontade de chorar.

Disse isto, e inclinando a fronte no regaço de Leonor, murmurou:

— Meus Deus, porque será que julgo descançar a cabeça no colo da nossa mãe?

FIM DA 2.ª PARTE

TERCEIRA PARTE

1

Dentro do remorso

NA tristeza e terror da vida de Ormús, Luís Falcão, animado a princípio com as noticias das glorias de Diu, descaíra por fim em grande pessimismo.

O rancor de todos o assediava. O olhar de João Abexim, que encontrava a cada passo, numa ameaça mal contida, era penetrante como um punhal.

Os dias eram para elle monótonos e nevoentos. As noites, longas e funebres.

Só o filho, que crescia muito, jovial e malicioso, o fazia sorrir, de quando em vês.

Era elle o seu unico bálsamo e alegria.

Saía muito com elle, mais tranquilo do que quando ia só, embora sempre bem armado.

E torturava-se em ostentar serenidade, despreocupação, a sua velha e brutal altivês.

Mas escolhia com cuidado os caminhos. Evitava a menor encruzilhada. Nunca saía de noite sem a companhia dalguns soldados mais valentes e fieis, que mandava caminhar á sua frente.

A's vêses, tinha terrores puéris. Um vulto de homem, surgido de repente num penhasco ou detrás

duma arvore, fazia-lhe empunhar nervosamente a espada, e sentia o corpo coberto de suór frior, e as musculosas pernas vergavam-lhe em tremores.

Além disso, sofria muito com a desesperança de deixar Ormús, elle que via findo o tempo da sua capitania. E pelos seus serviços constantes, fortificando a praça com zelo, impondo-a ao gentio, mandando socorros a Diu, recebendo, emfim, do Governador cartas de elogio e estimulo, é que mais teimava em julgar-se condenado áquellas penedias onde era seu presentimento que morreria á traição.

A' sua falta de fortuna juntar-se-ia a necessidade que teriam delle ali.

E isto fazia-o triste, duma tristeza sem bondade, coalhada dos peores remorsos, dos remorsos que pungem e não dulcificam, porque não regeneram.

De vêses em quando, alegrava-o bastante a vinda dum catur de Diu.

O ultimo deixara-o satisfeito com a gloria das armas portuguêsas e tanto, que, ouvindo o mensageiro, esquecêra por momentos a miseria intima.

Corria o anno de 1547. A epopeia de Diu ia concluir por um esplendido triunfo romano, em que D. João de Castro veria Gôa aos pés do seu cavalo e da bandeira das Quinas.

Luís Falcão rememorava tudo: o que soubera por comunicações de Diu, aos pedaços, como que aos arrancos, e o que corria agora por toda a India com a amplitude, febre e estridor dum hino.

D. João de Castro emergia como um semi-deus, puro e integro, vestido d'aço e de sol.

Chegado a Diu, o Governador fôra logo ação heroica. Olhou á sua roda e viu-se com tres mil e quinhentos homens. Era um pequeno exercito, que parecia todo de capitães pelo luxo dos vestuarios.

Armados até aos dentes e intrepidos, o gover-

nador transigia com a pompa que os não efeminava, e até não a repelia de si proprio, fanatico como era pela suntuosidade dos heróis de Roma.

Mas o inimigo tinha, pelo menos, vinte mil homens. E, dentro em pouco, seriam cincoenta mil, se não mais.

D. João de Castro compreendeu genialmente o seu papel. Em vez de ser muralha de pedra, tinha de ser relampago e raio. O exercito maior de Portugal na India estava ali. O unico socorro a esperar era o de Deus.

Desembarcando á custa duma habil estrategia, fortaleceu a praça, mas para atacar o inimigo, para o reptar num lance definitivo.

Deixou á frente da fortaleza Antonio Corrêa, herói de Baçaim, homem épico que, quando morreu o sultão Badur saiu da peleja com vinte feridas gloriosas, depois de mil prodigios de bravura.

Ao romper do dia, ouviram os expedicionarios missa campal no largo da igreja da Misericordia. E os titans, encomendados a Deus, abalaram sobre os Rumes em rasgo de ciclone.

Ao primeiro arranco, saiu a tropa de D. João de Mascarenhas, luzida e firme.

O capitão de Diu levava comsigo gigantes: D. Manuel de Lima, D. Manuel da Silveira, D. João Manuel, Jorge de Souza, Pedro d'Ataíde Inferno, D. Jorge de Menêses e outros.

O seu impeto, impeto de leões, tinha mais de sagrado do que de belicoso. Não era rigorosamente um ataque: era uma onda de arcanjos. Não feriam tanto como resplandesciam.

Sairam ruidosamente pela porta da fortaleza. Seguiram pela ponte, com espingardeiros na vanguarda, e homens com grandes escadas ao centro.

Não iam tentar uma batalha: iam escalar um

muro formidavel. Quanto á resistencia, admitiam-na como um incidente efemero, desdenhosamente.

A fé pura de D. João de Castro, fé tão fortificada pelo espirito de S. Francisco Xavier, iluminava-os e aquentáva-os a todos, divinisava-os quási.

Os moiros, atonitos a principio com tanta audacia, entenderam depois dever poupar as munições. Imoveis diante da sortida, deixaram encher de portuguêses a ponte, para operarem cruelmente em seguida.

A ponte já tinha seiscentos dos nossos, quando o inimigo se arrancou do torpor.

A artilharia dos Rumes rugiu sobre a ponte com cólera, mas Deus decerto protegia Portugal. Erraram o alvo. Encravaram-se-lhes os maiores canhões. Tiros pequenos acertaram em alguns dos nossos, matando um soldado e ferindo tres.

O morto foi horrorosamente despedaçado. Os seus membros caíram no meio dos assaltantes numa chuva de sangue.

Houve um momento de recúo e panico. Mas D. João de Mascarenhas e os capitães reanimaram tudo com este grito, que ainda hoje faz estremecer a India:

—S. Tiago! S. Tiago! Nossa Senhora seja comnosco!

Intervinha Deus.

Voavam, do lado dos moiros, tiros e frechas. Os portuguêses cosêram-se com as muralhas do arraial e proseguiram, de frontes erguidas.

Mas então o inimigo, furioso pelo assalto, recorreu á defesa de todos os sitiados naquelle tempo. Começou a chuva sinistra das panelas de pólvora e bombas.

Aquelle temporal furioso devastava os nossos. Mas, lançando mão das escadas, e erguendo-as con-

tra os muros, apezar do desespero mortifero do inimigo, os portuguêses avançavam com impavidês.

Ao mesmo tempo, os espingardeiros portuguêses despejavam fogo nutrido que anulava quasi toda a resistencia. Cobertos por este fogo, os heróis começaram a escalada.

O primeiro a subir foi D. João Manuel, já ferido com um tiro. Mas nem sentia a ferida. Não dava pela grande perda de sangue. Lá no topo, deitou a mão esquerda ao rebordo da muralha. Soltou logo, porém, um grito horrivel. Tinham-lhe decepado a mão.

Imitando o grande Duarte d'Almeida em Tóro, D. João Manuel reprimiu a dôr, e adiantou a mão direita com desespero e furia.

Novo golpe brutal lhe cortou a mão direita e, quando tentava, mesmo assim, erguer a cabeça, uma cutilada lhe rasgou o rosto, levando-lhe de chofre metade da fronte.

O herói despenhou-se cheio de sangue, heroicamente morto, e Cosme de Paiva foi substitui-lo com coragem. Mas, colhido logo por uma cutilada numa perna, desabou e morreu ao fundo da muralha.

Noutra escada caia morto Vasco Fernandes. Noutras pereciam vinte homens, deixando grandes destroços no inimigo, mas chacinados com furia sangrenta.

O esquadrão de D. João de Castro aproximava-se, nisto, da refrega.

Vía-se á frente de todos o Governador. Acompanhavam-no capitães aguerridos. Entre estes, avultavam, pela galhardia, Manuel de Sousa Sepulveda, Alonso de Sepulveda, seu irmão bastardo que fôra para a India naquelle mesmo anno de 1547, D. Garcia de Sá, Jorge Cabral, Vasco da Cunha, D. Pedro de Menêses, Fernão de Lima e outros.

Se o troço de D. João de Mascarenhas resplandescia, como se fôra de arcanjos, o de D. João de Castro ofuscava como se fôra de semi-deuses.

Quando esta falange surdiu, o inimígo ficou como fulminado.

A grande pluma da gôrra de D. João de Castro lembrava a cauda dum comêta formidavel, a sintilar sobre oiro e aço.

E, comtudo, o Governador tivera de noite, antes da sortida, uma hora de desalento, como Cristo em Getsemani.

Encontrara-o Manuel de Sousa Sepulveda num recanto da casa. Estava triste, sentado abandonadamente numa cadeira, como quem reza e medita. E Manuel de Sousa dissera-lhe com espanto, quasi com intimativa:

— Senhor, que fazeis? Como não saís a ver a grande formosura da gente que temos, que já querem saltar por cima dos muros a ir dar no arraial?

E D. João de Castro respondera apenas, levantando-se, e abraçando-o muito:

— Senhor Manuel de Sousa, vós sois pessoa para trazer tão boa nova.

E ninguem mais o viu abatido. Rezara. As palavras do fidalgo de Evora acabavam de o fortificar. Deus diluira o fel daquella alma de bronze.

Ao pé de D. João de Castro iam dois sacerdotes, o padre Custodio de S. Francisco e Fr. Antonio do Casal, seguidos de dois frades. Esses clerigos e outros vestiam de sobrepeliz e estola, mas com as cruzes alternavam espadas e lanças. Outros sacerdotes tinham querido ir pelejar. Detivera-os o Governador, agradecendo-lhes o heroismo, e pedindo-lhes que ficassem a orar por todos na egreja.

Na onda soberba destes combatentes, fervilhavam ainda mulheres heroicas, vestidas de homens

Levavam ôdres d'agua, pão, vinho, panos para as feridas, e chuças para as refregas. Estas heroinas cantavam e rezavam, d'olhos no belo azul de Diu, consteladas de amor e de caridade.

A bandeira real flamejava, erguida nas mãos robustas de Duarte Barlundo.

D. João de Castro, ao vêr o troço de D. João de Mascarenhas a combater sobre as muralhas dos Rumes, clamou com estridor:

— S. Tiago! S. Tiago! S. Martinho!

Resoaram homericamente as trombetas. Ao seu estrepito, os nossos ruïram como vendavaes. Num abrir e fechar d'olhos, o baluarte e a tranqueira que varejavam terrivelmente a ponte, coalhada de assaltantes, sofreram o choque dos soldados de D. João de Castro. Foi estupendo. O inimigo formava um verdadeiro muro humano, muro de enorme espessura, cada pedra sua um tiro, um vómito de fogo.

Os Rumes eram corpulentos e bem nutridos. Dispunham de boas armas e maquinas de guerra, de explosivos implacaveis, de projéteis de toda a casta.

O desespero fazia-os épicos. A superioridade do numero e da posição tornara-os invenciveis até pela confiança desmedida.

O embate dos portuguêses teve uma replica que parecia o supremo exterminio.

Uma nuvem de sangue cobriu as frontes encarniçadas dos heroís.

Cairam muitos para não mais se levantarem. Um grande zarguncho varou a coiraça e o peito de Aires Gomes de Quadros. João de Madureira caiu com a garganta atravessada por uma frecha. O juís d'alfandega Balthazar Jorge recebeu um golpe de ferro que lhe fendeu a malha do hombro, levan-

do-lh'o com o braço inteiro e, com esses membros, a vida.

Quinze portuguêses cairam mortos ali, naquelle lance, e os feridos foram inumeros.

D. João de Castro, porém, nem sequer empalidecia.

Deu uma ordem rápida e espantosa.

Mandou o seu alferes ao muro.

Para elle o excesso de perigo era razão da sua temeridade.

O alferes obedeceu com brio e todos o ajudaram.

Não descançavam, porém, os moiros. Com valentes pancadas derrubaram o alferes, mas não o golpeando, contundindo-o apenas.

Entretanto, outros subiam já para o muro. Tinham entrado na tranqueira heróis como Manuel de Sousa Sepulveda, Jorge Cabral, Diogo Alvares Teles e Lourenço Pires de Tavora. E estes, com muitos outros, já repeliam com espadas e lanças o inimigo furioso. Protegido por esta onda que crescêra formidavel sobre os Rumes, o alferes ergueu-se, e subiu outra vês ao muro, de bandeira alçada.

Encontrou aos pés muitos cadáveres de moiros. Houve um parentesis de ancia e panico no inimigo.

Mas a vista da bandeira portuguêsa enfureceu-o de novo.

Concentrou-se e veio em massa, como um alude de ferro.

Tiros de espingardas e setas cercaram furiosamente o alferes.

Nenhum, porém, acertou no herói, embora ferindo muitos dos nossos, que pelejavam sobre o muro e a tranqueira.

E, nisto, D. João de Castro fês um movimento admiravel: subiu á tranqueira no meio da fusilaria.

Adiante delle, firme e entusiasta, ia Fr. Antonio do Casal, levantando a cruz e bradando:

— Fieis cristãos, olhai para Cristo, vosso capitão, que vai adiante, e por vós morreu na arvore da Cruz! Vai aqui comvosco! Ajudai, que elle vos promete vitoria!... Nisto, assobiou um peloiro.

E o tiro partiu um braço do Crucificado.

Fr. Antonio do Casal, livido de indignação, gritou logo:

— Irmãos e filhos de Cristo, olhai a ofensa que é feita por estes infieis! Morrer, morrer por vosso Jesus Cristo!

A estas palavras, o impeto dos portuguêses foi egual ao dum muro de ferro que desaba do alto dum monte luminoso.

A tranqueira e os muros ficaram varridos de moiros. D. João de Castro, bradando sempre: «S. Tiago! S. Tiago!» caiu dentro do acampamento com todos os seus e num relampago.

O combate tomou então o aspéto cruel dum cáos de fumo e sangue.

Trombetas, clamores, choques de ferros, detonações, enchiam a tranqueira, os muros e o seio do acompamento dum fragor que parecia do inferno.

A espaços, rasgava-se uma clareira: eram filas de homens calcinados e mutilados. Mas o vasio enchia-se logo. Torrentes humanas se chocavam sem descanço e, entre blasfemias e gemidos, a fusilaria aumentava de furor, as cutiladas desabavam cada vês mais rápidas e fundas, explodiam os peloiros e as bombas sem interrução, como as chagas em fogo dum grande corpo em carne viva.

Nisto, um sarcasmo horrivel. Um renegado português, que com os moiros batalhava na peleja dos muros, despejou esta abominação:

— Ah! portuguêses, que hoje perdeis a India, que hoje sereis todos mortos!

Não pôde dizer mais o traidor. Desabou do muro, caiu ferido de morte.

E o seu sarcasmo foi salutar. Viram todos, como D. João de Castro, que se jogava o duelo supremo. Ou vencer, ou perder para sempre a India!

Esta angustia redobrou-lhes a valentia e a fé.

Não, Jesus-Cristo não podia permittir que a cristandade perdesse a India!

Não, Portugal não podia perder o que tanto sangue lhe custara!

E correram todos em onda, mas na estrategia instintiva de quem peleja com a consciencia dum fim.

Batendo-se ao longo dos muros, fizeram de subito um circulo envolvente.

A chacina nos moiros, colhidos neste abraço de ferro, foi terrivel.

A voz de D. João de Castro era tão átiva como o braço. Estimulava todos, chamando-os pelos seus nomes, e o seu exemplo fazia de cada um o poder de muitos homens.

Uniram-se os soldados de D. João de Mascarenhos aos de D. João de Castro, duas torrentes que valiam um mar.

Depois, houve um brado homerico:

— Os moiros já fogem!

Este brado aterrou a vanguarda do inimigo, julgando posta em fuga a sua rétaguarda.

A sua peleja então teve só o vigor da resistencia que defende uma retirada, por ser impossivel a fuga imediata porque a massa das tropas da retaguarda era grandemente espessa.

Não perderam os nossos as vantagens desta fraqueza moral.

E, finalmente, a retaguarda inimiga, vendo os da frente com angustia, anciosos por fugir, recuou, recuou, e com grande ligeireza, foi abrigar-se dentro da cidade. Este movimento deu espaço á vanguarda que começou a debandar, pouco a pouco. Os portuguêses abalaram tanto sobre os fugitivos, que se misturaram com elles.

D. João de Castro deixara muitas fustas no rio, sob o comando de Francisco de Sequeira. Os marinheiros, apenas viram erguida a bandeira portuguêsa no acampamento inimigo, vieram reforçar o aperto dos moiros, exterminando muitos dos que fugiam pela praia.

A mortandade foi pavorosa.

O Rumecão julgava que os portuguêses tinham todo o poder no rio e, porisso, lutava na praia com grandes forças. Mas não deu pelo desembarque e ficou de atalaia contra as fustas, que julgou cheias de soldados, até ao romper do dia.

Quando deu pelo engano, marchou a cavalo para o acampamento e quiz reanimar os seus. Mas não pôde impedir-lhes já a fuga.

O inimigo, emfim, retirou em debandada e refugiou-se na cidade.

Mas, depois, o terror acometeu-o de novo.

Começaram a passar o rio, entrando pouco depois na cidade os portuguêses que levavam tudo diante de si a ferro e fogo.

Debalde Rumecão, e outros capitães, montados a cavalo, pretenderam conter ás cutiladas os fugitivos. Estes, acossados em toda a parte, nas ruas da cidade e na praia, ou fugiam aos seus ferros, ou se revoltavam ameaçadores contra quem os impelia para a morte.

Neste lance desesperado, Rumecão arrojou-se á fuga e morreu á Porta dos Abexíns. Jusarcão, so-

brinho do general do mesmo nome que fôra trucidado no assalto do baluarte de S. Tomé, caiu miseravelmente prisioneiro.

Os melhores capitães dos Rumes perderam a vida nesta jornada com mais de tres mil homens dos seus.

Emfim, entre outras bandeiras, estavam em poder dos portuguêses o estandarte de El-Rei de Cambaia, todo de tafetá verde, quarenta grossos canhões, muita polvora, muitas armas, muitos viveres e joias.

A 16 de novembro recebia Gôa a visita dum catur de Diu com a noticia da vitoria. Pouco depois, D. Alvaro de Castro era portador da bandeira de El-Rei de Cambaia e duma carta que o Governador mandava aos vereadores da capital da India, narrando toda a epopeia.

Resoavam ainda os sinos dás torres de Gôa, saudando o prodigioso triunfo. Seguira-se o complemento admiravel da obra.

D. João de Castro reconstruia a fortaleza de Diu. Faltando-lhe dinheiro para as obras e para pagar ás tropas, pedia-o aos vereadores de Gôa. Como? Mandando, em penhor, um punhado de cabelos da sua barba. Mas Gôa respondera nobremente a Diogo Rodrigues d'Azevedo, o mensageiro. O penhor enviado foi devolvido com vinte mil pardaus.

Entretanto, D. João de Castro recebera cincoenta mil serafins em oiro, colhidos entre os despojos duma nau apresada no mar alto por Antonio Monís.

Chegado Diogo Rodrigues com o dinheiro de Gôa, a Gôa voltou logo para restituir o dinheiro que já não era preciso...

Neste ponto, Luís Falcão sorria e encolhia os hombros. Não comprehendia a demencia daquella honradês. E filosofava:

— Não vale mais do que vinte mil pardaus o que o Governador fês em Diu? Quem lhe paga a obra, se deixou de pagar-se por suas mãos?

Numa tarde em que todo o esplendor de Diu mais o aquecia, ao mesmo tempo que o desalento e a desesperança de se não vêr livre dos penhascos de Ormús muito o angustiavam, veio um soldado alvoroça-lo com uma nova:

—Senhor capitão d'Ormús, chega uma nau de Diu!

Luis Falcão ergueu-se de arremesso.

— Vem longe? perguntou, d'olhos em fogo.

— Não, senhor, deve já demandar a barra.

Luis Falcão não se demorou dentro de casa. Seguido do seu estado-maior, correu ao rio com uma febre indomavel.

A nau já varava em terra. Trazia mensagem do Governador.

Logo ás primeiras palavras do mensageiro, Falcão ficou radiante.

Emfim, ia deixar Ormús!

Meia hora depois, na residencia da capitanía, Luis Falcão inteirava-se jubiloso de tudo, depois de lêr uma breve carta que lhe endereçava D. João de Castro.

— Grandes acontecimentos, pois! dizia elle ao mensageiro, respirando com evidente alivio.

— Deveis saber, senhor, respondeu o emissario, que veio do reino, provido capitão de Ormús e para quando findasse o vosso tempo, D. Manuel da Silveira, e, faltando elle, D. Manuel de Lima...

— D. Manuel da Silveira se dizia, na verdade, vir ser o meu sucessor — atalhou Falcão. Mas os acontecimentos de Diu...

— O senhor D. Manuel da Silveira, porém, recolheu-se a Chaul muito enfermo e lá morreu ha dias, pelo que o capitão d'Ormús será D. Manuel

de Lima, indicado pela côrte como sucessor daquelle fidalgo.

— Emfim, volto a Gôa! exclamou Falcão num transporte pueril.

— Perdoai, senhor, mas não será assim!

— Que dizeis? tornou Falcão, muito pálido,

O emissario tomou certo folego e replicou:

— Grandes agonias teve o senhor D. João de Castro para deixar substituido em Diu o senhor D. João de Mascarenhas que, por tudo, merece grande repoiso. Vendo acabadas as obras da fortaleza, disse a Francisco da Cunha que ficasse com aquella capitania...

— Ninguem como elle — atalhou Falcão — por que é rico, pode sustentar a fortaleza, que bom dinheiro tirou elle da capitanía de Chaul...

— Mas Francisco da Cunha não aceitou a de Diu. Disse-se doente e querer ir ao Reino a casar e a proteger duas irmãs que lá vivem sem pai nem mãe... Muitas coisas replicou a isto o senhor D. João de Castro, mas não houve que demovê-lo... Nem a promessa da protéção d'El-Rei para as irmãs, que Francisco da Cunha a tudo atalhava querer descançar no Reino a gozar o que tinha.

— E' de justiça — murmurou Falcão.

— Mas foi isto de muita agonia para o Senhor Governador — observou o emissario.

— Ora! mas não faltam ao senhor D. João de Castro capitães para Diu!

— Sim, não faltam bons portuguêses, mas nem todos deixam de querer viver livres de cargos tão pesados. Intimou então Sua Senhoria a Manuel de Sousa Sepulveda para que aceitasse...

— Sou amigo delle, conheço-o — interrompeu Falcão. E ninguem como elle conhece Diu onde foi capitão até ha dois annos.

— Pois o senhor Manuel de Sousa não aceitou e maguando muito o Governador.

— Que razões deu?

— Razões de soberbo: que não aceitava o que fôra engeitado por Francisco da Cunha. Que valia o preciso para lhe oferecerem primeiro a elle o que só lhe oferecciam, depois de regeitado por outro, por quem julgava de menos valor. E que désse a capitania a quem quizesse.

— Grande audacia com um homem de brio como o senhor D. João de Castro!

— E o Senhor Governador—tornou o emissario—muito se agastou e doeu, retorquindo-lhe que lh'o mandava em nome de El-Rei, e que, se não obedecesse, ficaria elle na fortaleza como capitão, do que informaria Sua Alteza.

— E Manuel de Sousa?

— Não se abalou. Disse que El-Rei o não condenava sem o ouvir e, quando o ouvisse, lhe havia de dar a razão.

Mas o emissario, nisto, baixou a voz prudentemente:

— Julgais, pois, muito mau português a Manuel de Sousa?

— Desobediente e altivo, não o supunha tanto.

— Aqui entre nós — continuou o outro – Manuel de Sousa acharia grandes razões perante Sua Alteza.

– Julgais isso?

– D. João de Castro decerto cometera, primeiro que a ninguem, a capitania a Manuel de Sousa Sepulveda, se não tivera uma suspeita má de, quando, sabendo todos que D. João de Mascarenhas ia sair, e julgando o Sepulveda o unico digno em toda a India de suceder-lhe, começaram a ouvir tanto a este, que já todos o chamavam capitão. E Manuel de Sousa, pensando que D. João de Castro assim o tivera

dado a entender a alguem, como capitão procedeu, o que muito desgostou o Governador. Mas Sepulveda percebeu depois tudo, e que só lhe davam a capitania por não a aceitar Francisco da Cunha, e por isso a engeitou.

— Teve, pois, razão Manuel de Sousa — afirmou Falcão.

— No que o senhor D. João de Castro não quer atentar, porque delle e de Francisco da Cunha vai queixar-se a El-Réi. E deixou ainda em Diu a D. João de Mascarenhas e, saindo a caminho de Gôa, me pediu que vos viesse dizer, ccmo coisa minha, quanto espera que vós tomeis aquella capitania...

— Mais desejaria ir descançar a Gôa — respondeu Falcão com tristeza.

— Mais vale, senhor, ser governador em Diu do que da comitiva do governador em Gôa...

— Melhores lucros tenho na capital da India, sem ser pelo braço. E crêde que muito fatigado me sinto... fatigado e aborrecido de fortalezas.

— Recusais então, senhor capitão d'Ormús?

Luís Falcão reflétiu durante minutos.

Depois, meneando a cabeça com ar de resignado, acrescentou:

— Esperêmos pelas ordens do senhor D. João de Castro, o qual apenas me escreve a recomendar-vos como seu fiel emissario...

— E se elle vos mandar...

— Odedecerei — volveu Falcão com firmeza.

E acrescentou:

— Ide-lhe vós dizendo que, de Diu a Gôa irei talvês algumas vêses até eu fazer um casamento que muito desejo.

— Desse casamento soubemos em Diu, senhor.

— Quem vo-lo disse?

— Quem melhor o podia dizer: um dos mais

honrados fidalgos da India, o senhor D. Garcia de Sá, o paí da vossa noiva.

— Assim é — confirmou Falcão com ares satisfeitos.

Ao outro dia, o emissario retirava-se.

O capitão d'Ormús, regressava, desanuviado, da despedida.

Diu não era Ormús. Diu podia ser para elle Gôa. A mão de Leonor faria delle um homem feliz e soberano. Não seria até melhor mudar apenas de capitania?

Riqueza e independencia absoluta. Antes pequeno astro livre do que grande satelite.

Mas, nisto, sentiu uma especie de punhalada no coração.

Olhou com espanto.

João Abexim, sentado num penhasco, fitava-o com indefinivel expressão de rancor.

Mas, quando elle se aproximou, cortejou-o com respeito.

Só Luís Falcão percebeu a ironia do cumprimento.

Recolheu a casa, gelado e alvoroçado por aquelle olhar e por aquella ironia.

Teria de cometer mais um crime? — perguntavá elle a si proprio depois, não respondendo ás perguntas levianas do filho que o estava festejando.

Respondeu-lhe o sol, melancólicamente, mergulhando todo no mar, que estava sereno como um pantano.

II

No dia do triunfo

O dia 19 de Abril de 1547 iluminou uma das alegrias mais frementes da cidade de Gôa.

Chegára a noticia de que a armada do Governador já se refrescava em Pangim.

D. João de Castro, na verdade, ali desembarcára.

Porque não seguia para a capital da India?

Assim lh'o pediram os vereadores da cidade que o foram visitar.

Queriam festeja-lo com luzimento condigno da epopeia de Diu.

E D. João de Castro, embevecido nas grandes apoteóses romanas, mas decerto pensando mais ainda na Pátria do que em si próprio, concordou em esperar e até colaborou, se os não organisou, nos festejos da recéção.

Era terça-feira. Na quinta-feira imediata fazia-se em Gôa a procissão do Corpo de Deus, porque pouco mais tarde na India é a época das chuvas.

D. João de Castro resolveu deixar celebrar a solenidade religiosa e fazer a sua entrada triunfal no dia 22, na sexta-feira.

Entretanto, Gôa engalanava-se com esplendor. Do caes extremo da cidade, do caes da porta de Santa Catarina, fês-se uma ponte de madeira até longe para o desembarque, e essa ponte era uma preciosa alcatifa sobre as ondas.

A Ribeira foi coberta de bandeiras, colgaduras e ramos. A torre que se erguia marcial na porta de Santa Catarina vestiu-se toda de colchas magnificas. Sobre as ameias avultavam dois leões formidaveis. Cada um delles tinha em carateres colossaes esta legenda:

— «Bemaventurado e imortal triunfo, pela Lei e por El-Rei e pela Grei».

As ruas estavam tapetadas de flôres. As janelas, nos paramentos luxuosos, pareciam tabernaculos e altares. Nas praças e largos erguiam-se tribunas feitas de sêdas finissimas, de veludos e brocados. Nestas tribunas havia emblemas d'oiro e pérolas e em volta dellas um espaço marcado para jogos e torneios.

Diante das casas do Sabaio, do palacio dos Viso-Reis, era tudo flôres, ramos tão bem entrelaçados e fixos, que parecia ter brotado ali uma deliciosa floresta.

Mas, superior a tudo, era o jubilo do povo. As almas aqueciam as coisas.

Parecia que as pedras encarnavam espiritos. A cada passo tinham de parar os goenses, com medo de que os sufocasse o alvoroço dos corações.

Subira o sol ha pouco da linha do Oriente.

No caes toda a Gôa, ondulando e murmurando.

De repente, um hossana.

A armada de Diu alteou-se ao largo na crista das vagas.

Era poderosa, mas a todos mais pareceu deslumbrantemente formosa.

Não viam os canhões; viam bandeiras, galhar-

detes, ramos. Os mastros eram colunas de flores. A artilharia era feita de pedrarias e sêdas.

Nem um braço nú, como o de quem peleja: todos os braços, vestidos de pérolas e oiro, como os de quem aclama um principe.

Não distinguiam feições. Não descortinavam mais do que vultos de homens. E todos admiravam já a radiosidade dos rostos dos heróis.

D. João de Castro não se distinguia de tão longe e todos o advinhavam, com o seu gibão e calças de setim carmesim, forrados de tafetá escarlate e com passamanes d'oiro, a grande pluma a ondular-lhe na gôrra de veludo preto, como uma vitoria que o vento das edades agita, mas não destróe.

O povo estava suspenso. Depois, emquanto a armada caminhava com a lentidão dum cortejo de deuses marinhos, soltava elle vivas e levantava as mãos com delirio.

A isto, a armada rompeu em salvas rijas de artilharia e espingardaria, respondendo-lhe, na mesma linguagem de fogo, os fortes e fortins da capital da India. Não cessaram depois os seus dialogos os canhões e os fusis.

Entretanto, junto á torre e num estrado alto e suntuoso, os oficiaes da cidade esperavam com um palio, cercados de povo, a chegada do Governador.

Viu-se pouco depois distintamente a frota, vaso a vaso. Além do estridor da artilharia e da espingardaria, ouviram-se as trombetas, os tambores, as charamelas e os atabales, que pareciam estrugir no coração espumoso do Mar.

A armada estava perto. Apontavam os marinheiros. Designavam já muitos pelos seus nomes. Uma ovação frenetica sobrepujou o estrondo das salvas e das musicas.

— Senhor! senhor!

E algumas mulheres desmaiaram de alegria.

Num redemoinho de gritos, gestos, flôres, beijos, e até lágrimas, D. João de Castro ia desembarcar emfim.

Entrou pela Ribeira com a sua nau, e então a artilharia da cidade trovejou como uma tempestade contida muito tempo.

Chegou o Governador ao caes de madeira. Desembarcou. Apenas o fês, a artilharia que engrossara a voz até ao assombro, foi sufocada pelos clamores de Gôa.

Suspenderam, durante um momento, os fortins os seus tiros, de comovidos e convulsos.

O cortejo, imponente, enorme, dispôs-se logo em procissão.

Duas alas de sêda e oiro. Ao lado da sêda e do oiro, reflexos vivos d'aço. Aos pés, flores, beijos e lágrimas de jubilo. Sobre todas as cabeças, a festa do céo da India: sol puro, perfumes, efluvios enternecidos das ondas.

E D. João de Castro, de rosto iluminado por tanta luz, pareceu a todos divino.

Alguns julgaram ver resuscitar Afonso d'Albuquerque.

O prestito dirigiu-se ao estrado dos oficiaes da cidade.

Estava á frente delles D. Diogo d'Almeida, capitão-mór da cidade, velho que tanto se opuzera ao plano heroico de D. João de Castro.

O ancião ouviu, de lágrimas nos ólhos, um discurso de felicitação pela vitoria e ajoelhou deante do Governador, a entregar-lhe as chaves da cidade.

Chorava de alegria por ver desmentido o seu pessimismo.

E então, um burguês respeitado, Tristão de Paiva apresentou a D. João de Castro numa grande

salva de prata doirada um ramo verde de palmeira e uma corôa feita tambem de palma. Colheu o Governador o ramo. A corôa pôs-lh'a solenemente na cabeça o mesmo Tristão de Paiva sobre a gôrra.

Mas D. João de Castro, pensando no cerimonial dos triunfos romanos, depôs a gôrra na salva de prata e assentou a corôa sobre os cabêlos.

Vieram depois cabazes cheios de corôas, por ordem do Governador, e foram coroados ali todos os seus soldados.

As aclamações, que nunca tinham cessado, recrudesceram então de entusiasmo. Os oficiaes da cidade aproximaram-se com o pálio, todo d'oiro, com seis varas que os vereadores tomaram. A seguir, um padre franciscano alçava a Cruz, seguido por Duarte Barbudo que desfraldava o estandarte real, como o fizera nas pelejas.

Após a bandeira real ia a da cidade, como após esta ia um pendão do Governador, pendão de damasco branco, quadrado, tendo estampada em setim escarlate uma Cruz.

Ia depois um homem que levava, em salva de prata, um brocado em tres pedaços para ofrenda de D. João de Castro.

Depois dum pequeno intervalo, o secretario e o ouvidor geral ladeavam um moiro ainda joven, vestido de cabaia de veludo e com turbante, d'olhos baixos, livido e tristissimo. Era o prisioneiro Jusarcão.

Arrastavam ao pé delle a bandeira de El-Rei de Cambaia. Perto eram rojadas tambem no chão mais quatro bandeiras de sêda.

Depois, mais de seiscentos prisioneiros, algemados, arrastando ferros.

E dois carros gigantescos, onde iam suspensas, em grossas vigas, armas de toda a especie: arcos, frechas, lanças, espadas, bombas de fogo.

Em outros dois carros, almadias e alguns petrechos do acampamento.

Finalmente em outros dois carros, balas d'algodão, cavaletes e outros mais utensilios.

Os despojos eram enormes. Além de tudo aquilo, vinte canhões, carretas com pólvora, peloiros, panelas de fogo.

Tudo isto caminhava ao som das salvas da artilharia e da espingardaria, no meio de trombetas, tambores e charamelas, numa onda donde emergiam pendões ufanos.

Ao pé da artilharia, a marinhagem com maravilhas pirctecnicas.

Emfim, um corpo enorme de foliões, dançando: mômos, figuras gigantêscas, figuras de demonios extravagantes...

Com este cortejo entrou D. João de Castro na cidade. Em frente da porta do Hospital, adornada com a imagem de Nossa Senhora da Misericordia, pintada com grande arte, o Governador ajoelhou.

Depois, ao longo da muralha, visitou a Fortaleza. A Fortaleza pagou-lhe a visita com uma salva estrondosa.

Cortou então a cidade. As ruas pareciam alamêdas e corredores dum grande templo. Nas janelas, que derramavam chuvas de flôres, lindas senhoras, palpitantes de entusiasmo.

Em todas as praças e largos, jogos curiosos e interessantes.

Mas o delirio foi enorme na Rua Direita.

Era um mar de sêdas, veludos e flôres.

Cada janela era um seio de pétalas, a abrir-se generoso sobre aquelle grande triunfo. Algumas damas despejavam essencias finas sobre os heróis. A cada passo, vivas e saudações.

Chegou assim D. João de Castro á Misericordia.

Saiu do palio, entrou no templo, e ofereceu um pedaço de brocado. Fês o mesmo em Nossa Senhora da Serra, comovendo-se muito ao lançar agua benta sobre o tumulo de Afonso d'Albuquerque.

D'ali, voltou pela Rua Direita e encaminhou-se para o largo do seu paço.

Foram-lhe pedir licença para uma justa entre dois cavaleiros.

Concedeu-a o Governador e assistiu ao combate.

Nisto, sairam a terreiro dois cavaleiros, armados galhardamente.

Pelejaram com alabardas. Quebradas ellas, travaram das espadas.

Mas, neste lance, houve uma intervenção encantadora: meteu-se de permeio uma linda donzela, vestida de purpura.

Os adversarios reconciliaram-se logo com fidalguia.

Continuou D. João de Castro o seu caminho.

Dirigiu-se á Sé. Recebeu-o á porta da Sé o bispo D. João Afonso, em pontifical, com toda a cleresia.

O Governador orou e ofereceu outro pedaço de brocado, ao que D. João Afonso lhe deu solenemente a benção.

Depois da solenidade religiosa, deu-se um grande banquete no paço dos Viso-Reis. O banquete foi uma festa permanente, espumosa de vinhos e de brindes. E, terminado elle, houve montaria no bosque.

Mas um fidalgo se aproximou então magestosamente de D. João de Castro:

— Senhor, permitis-me que me recolha ás minhas casas? disse elle com gravidade.

— Ide, volveu o Governador com um sorriso amargo, já que não ficastes, como desejava, em Diu...

— Não por medo aos perigos... atalhou o fidalgo com secura.

— Mas por desobediencia ás ordens do representante de El-Rei na India — acudiu severo D. João de Castro, fitando o interlocutor demoradamente.

— Muito vos agastais comigo... murmurou o fidalgo.

— Não é isso comigo. E' com El-Rei que pune sempre pelos seus regimentos. Ide-vos, já que assim o quereis.

Manuel de Sousa Sepulveda curvou a cabeça e saiu.

A montaria começava então.

D. Garcia de Sá, apezar de velho, não faltou a ella.

Sepulveda, cabisbaixo, dirigiu-se a casa de D. Garcia.

Em frente ao jardim parou, olhando á roda.

Leonor e Joana que tinham chegado havia pouco dos festejos, fitavam-no, em pé no meio do jardim.

Manuel de Sousa fês uma saudação apaixonada a Leonor, iluminando-se todo.

Do seio della voou então uma rosa magnifica, que deixou no ar o aroma vivo duma paixão.

Apanhou-a e beijou-a elle, tendo vontade de ajoelhar, talvês de chorar.

Chegou-lhe aos ouvidos a voz comovida da amada:

— Até á noite!

— Até ao Céo! murmurou Sepulveda, timido como uma criança enamorada á claridade do sol.

E seguiu, de cabeça baixa ainda.

Já ia triste, de resto avincado.

O ar de Gôa tinha, ha muito, este condão para elle.

Enervava-o de melancolia.

Uma saudade profunda, crescente, lhe dilace-

rava a alma: saudade do Santo, de Fr. Manuel da Salvação.

Em Gôa mais do que em Diu, ou em qualquer outro ponto da India, esta saudade roía-o como um cancro.

Para onde ia agora?

Julgava sabê-lo, ao despedir-se de D. João de Castro: naquelle momento, ignorava-o.

Estava doente, irritado comsigo próprio, respirava com dôr e até com um vago terror. E pensava no que tinha caminhado junto da felicidade sonhada.

Captára um pouco mais a benevolencia de D. Garcia de Sá, mas conhecia que a sua sombra seria sempre Luís Falcão, aquella brutalidade que respirava só ambições.

E, horrorisado comsigo proprio, notou que tinha ódio ao seu velho amigo.

E volutuou-se com o derramamento desse ódio em todo o seu intimo.

Planeou uma luta, uma violencia suprema, quási um crime.

Não amava agora devéras?

E, quando tinha dado o seu coração, havia de sofrer obstaculos?

Só os não houvéra, pois, para se apossar das mulheres que desejara apenas por capricho ou loucura passageira?

Que absurdo!

Resolvia-se fatalmente a um extremo, a um lance definitivo e rude.

Não o impeliam as circunstancias?

Falava-lhe assim a Carne, esmagando a Alma.

E isto quando?

Quando tudo lhe dizia esperança e paciencia.

Que tristeza! E, pouco depois, que tédio!

A sua razão estava incoerente e entorpecida. O animal triunfava.

E teria de ceder, com o direito de quem luta, ao impulso das circunstancias.

Lutava pela vida.

Lutava pelo futuro inteiro.

Chegou a estar determinado a uma singular rudeza: á de procurar Falcão para gritar-lhe que era esposo de facto da mulher que elle amava.

O capitão d'Ormús que replicaria?

De espada na mão?

Pois bem! a espada resolveria tudo, a golpes sem piedade, a ondas de sangue.

Mas tudo isto era efemero. O que ficava muito fixo dentro de si consistia afinal num desasocego em que descortinava o fel do remorso.

De quê? Porquê?

Queria rir-se e um olhar austero o gelava: o olhar do santo frade, emergindo do silencio divino do sepulcro, como uma aurora de lagrimas cristalisadas num relampago de justiça.

E, neste relampago estranho, tudo que é terreno se lhe impunha mesquinho, fazendo-o doidejar de pensamento em pensamento.

O proprio triunfo de D. João de Castro se lhe afigurava uma vaidade esteril.

O seu radicalismo nativo levantava-se-lhe dentro da consciencia, a perguntar com ironia:

—Bem empregado o oiro dispendido em festas! Não havia tantas fortalezas pobres de munições e mantimentos? Que fizera, afinal, D. João de Castro senão o seu dever? Que seria elle sem tantos capitães e soldados?

Mas, sondando-se, notava um monstro disforme: o que elle descobria dentro do seu orgulho atavico era a inveja!

A inveja, sim, que todos os maus sentimentos pódem flutuar na perturbação duma alma.

E chegava-lhe a hora amarga de se detestar a si proprio, com um ódio em que relampejava a demencia.

D'aí um excessivo asco á vida.

D'aí o acalentamento sinistro da ideia de se anular para descançar.

Ser pedra, ser arvore, ser tudo que não sente porventura, eis o que elle admitia como legitimo, sugestionado então, muito em cheio, pela filosofia da India.

Mas a alma? perguntava-lhe o olhar misterioso do Santo Frade. Perde-se no Nirvãna ou tem Céo e Inferno?

Mas a Consciencia? Morreria, afinal, ella, se a sua Carne se fizesse rocha?

Um colapso funebre. Nesse colapso um golpe em todo o seu tormento. E desse golpe jorravam irreprimivelmente as lagrimas.

Estudára para clérigo. Quem tem esses estudos fica sempre adstrito a um sentimento de piedade pela argila em que vive.

Póde perder-se a Fé. O primeiro sobresalto intimo chama a consciencia com o dó pungente pela materia, exatamente porque ella pretende dominar o espirito.

Chegam as reminiscencias de argumentos que escapam com as paixões, como as miragens diante das frías arestas da realidade.

A palavra de Deus nunca passa em vão por uma alma.

Póde ter sido mal interpretada: o que é certo é que alguma coisa de essencialmente religioso ficou dessa sementeira, tantas vêses mais dogmatica do que logica, e cada vês mais justificada pela siencia.

Resoavam os écos do triunfo ainda em toda a Gôa, brilhante de luminárias, e passava de meia-noite.

Manuel de Sousa não tinha noção do tempo. Tambem a não tinha do espaço.

Que horas eram? Onde estava?

Nem sequer isto lhe lembrou perguntar.

De subito, o que lhe causou singularmente interesse foi saber quem era.

E chegou a duvidar do que fôra e do que era.

Via-se, como que numa existencia anterior.

E nesse tempo fôra um assassino, um bandido talvês.

E todo aquelle horror íntimo era a expiação.

Mas não estaria doido ou sonambulo?

Como um demente, palpou-se no peito e na fronte, convulsamente, enojado e pungido.

Teve a ideia de tocar num pantano e num vulcão.

Meu Deus! Mas elle não amava Leonor e a Pátria? Os seus pensamentos não deviam dulcificar-se, vendo-se tão devéras amado?

Que tinha elle?

Afastára-se do centro de Gôa. Estava á beira do mar.

Chegavam-lhe aos ouvidos écos de artilharia. Julgou-os rugidos das ondas.

Estendeu os braços para o abismo, e a alma para a escuridão.

Cantavam ao largo.

Um pescador talvês. Talvês um deus-marinho, o Adamastor de Camões, com saudades crueis duma Galateia de ambar, a fugir entre espumas e conchas...

Escutou. O canto era suave e profundo, gemido e salmo:

> Quem te arrastou sobre o Mar,
> Decerto te quiz matar,
> Roubar-te luz, vida, ar,
> Alento, fé, alegria...,
> Que vagas tão infernaes!
> Mas, se as queres de cristaes,
> Escusas de chorar mais;
> Tem fé na Virgem Maria!

—Algum canarim a vogar nas ondas!...

—Fé?!

Sepulveda perguntou isto, e ficou livido diante do mar.

E, das ondas, das brumas, das estrelas, víu caír membros de fumo, raios doces a convergirem sobre uma existencia fluídica e estranha, parecendo criar um homem que iluminava suavemente um grande trecho de escuridão, um abismo.

O desgraçado caiu de joelhos e, estendendo as mãos nervosas, disse, debulhado em lagrimas:

—Fr. Manuel, santo Amigo, meu santo Anjo da Guarda!

E, dobrado sobre a areia, confundiu-se com ella e com as trevas.

III

Pai e senhor

D. Garcia de Sá trouxera da sua ultima campanha uma singular dureza de trato para com os seus.

Os lances de Diu tinham-no decerto endurecido porque a sua doçura de caráter na vida de familia desaparecera quasi por completo, como se as pelejas lhe tivessem dado lição constante de desamor pelos que mais sempre amára.

Partira como velho saudoso do lar: voltava como soldado, em tudo aguerrido e aspero. Ganhara-lhe o corpo grande rudeza e, com elle, o coração, a alma.

Já dispendia menos as palavras e caprichava em ser ácção rispida, como nos annos heroicos da sua juventude.

Beijava os filhos com uma austeridade nova: a de quem manda absolutamente em quem ama.

Até ali, decaindo, envelhecendo, tinha arrancos de energia no meio de transportes sentimentaes: agora, parecia primar em repelões autoritarios, duros como os golpes das refregas em que dava mostras de ter rejuvenescido.

Os filhos ficaram-no temendo mais. Não havia uma luz de clemencia naquella vestidura de ferro. D. Garcia era a disciplina domestica, inspirada com força na disciplina das armas.

Pantaleão de Sá estava-o sentindo.

O pai fechara-se com elle numa sala triste, a mais escura da casa.

Já eram volvidos muitos dias depois da estrada triunfal de D. João de Castro.

O Governador, depois de mandar fazer os retratos de todos os Viso-Reis da India, desembainhara outra vês a espada de fogo contra o inimigo.

Seguira com dois mil homens sobre Banestarim e Pondá, levando comsigo, entre outros, Manuel de Sousa Sepulveda e D. Diogo d'Almeida — a bravura e a prudencia. Assim respondia elle a manejos do Hidalcão e do Rei de Bisnagá. A seguir, atacou em cheio o colosso: o Rei de Cambaia, que punha em risco os senhorios de Malaca.

Depois de varios incidentes, D. João de Castro destruiu Pate e Patane e recolheu a Baçaim. Mas, nisto, surdiram perigos em Bardês e Salsete.

Abalou logo para o fóco da rebeldia e, entretanto, varreu, como um temporal de fogo, toda a costa.

Foi então que arrazou Dabul e, depois de libertar Gôa das ameaças dos Moiros, voltou a Baçaim á espera de que o Rei de Cambaia propuzesse a paz.

Regressára emfim e, com elle, Manuel de Sousa que deixára Leonor amargamente surpreendida com a nova retirada em tanto risco de vida e fortuna.

Havia um parentesis de paz.

Portugal firmava-se na India.

Pelo braço e pelo Verbo.

Emquanto D. João de Castro assegurava Diu, aterrava Cambaia, continha e depois esmagava Rumes e Moiros, S. Francisco Xavier, que fôra pela

costa de Coromandel, peregrinando e prégando, levava atraz de si torrentes d'almas e entrava no reino de Candia, aclamado e festejado.

A Espada devastava: a Cruz remia. Mas ambas se concertavam num fim: a gloria de Deus e da Patria.

Os soldados traziam prisioneiros. O Apóstolo fazia crentes os reis e as turbas, o que era o melhor meio de os sujeitar ás Quinas.

As pelejas davam vencidos e os sermões davam convertidos.

As primeiras esmagavam o inimigo, mas, sem a palavra de S. Francisco Xavier, semeariam ódios, fontes violentas de futuras represálias: os segundos entregavam a Portugal corações e consciencias de gentios, e faziam, dos desbaratados, redimidos.

A cidade de Gôa continuava, pois, em festa perene.

Mas D. Garcia de Sá, entusiasmado com a resurreição do espirito nacional, parecia julgar que elle devia manifestar-se, até na vida domestica, por meio duma energia nova e intransigente.

A atmosfera geral era de vigor e valor.

D. Garcia bebia nella agora, sôfregamente, o ar dos seus pulmões e do seu cérebro.

Ha momentos estranhos de orgulho e dureza colétiva.

Um destes era o periodo do anno de 1547 que se seguira aos lances de Diu.

D. Garcia de Sá renovara antigas façanhas e sofrera em cheio o impulso da alma espartana de D. João de Castro.

A sua velhice, época de fraqueza tanto mais histerica quanto se julgava rejuvenescido por um esforço, exagerava o seu temperamento passageiro numa nova natureza, artificial, mas porisso implaca-

velmente propensa a todos os impetos, só naturaes nos annos verdes, na edade das paixões e dos ideaes sem bondade.

Não voltaria talvês a pelejar com o inimigo. Mas que fazia elle do espirito de combatividade que ganhara ou reganhara em Diu?

A resposta, apezar de estravagante, era o dever de impôr a sua vontade aos negocios domesticos, duramente, firmemente, não admitindo delongas nem contemporisações.

—Escuto-vos—dissera Pantaleão de Sá, d'olhos no této.

—E' tempo—volveu D. Garcia com secura—de dar-se realidade ao sonho.

Luís Falcão, capitão d'Ormús, vai ser despachado capitão de Diu e reclama o cumprimento da minha palavra.

—Já?!

—E achais ainda cêdo?... Dizei a Leonor isto, se não quereis que lh'o diga eu: que se dispônha aos desposorios com Luís Falcão.

—Chegou, pois, o momento?

—Sim, filho. E não me agasteis todos, que só a minha vontade hade ser lei—Brevemente será chegado Luís Falcão e é mister, que ella lhe não dê mostras de asco nem de frialdade d'animo.

—Tenho entendido, pai e senhor.

—Não julgais, por demencia, que vem elle buscar fortuna. Grande fortuna leva elle de Ormús, e grande valor tem o homem que o Governador dá como digno de suceder a D. João de Mascarenhas...

—Porque Manuel de Sousa Sepulveda não quís aceitar...

—Quereis dizer que vale mais Manoel de Sousa?

—Como soldado e como homem... respondeu Pantaleão de Sá, e até mais em outra coisa.

— Explicai-vos.

— Que heide dizer-vos, senhor e pai? Mandais; obedecemos. Trazeis de Diu mais resolução. Deus dirá que resposta colhereis dos acontecimentos.

— Ameaçais-me?!

— Nunca, senhor e pai. Nem a minha tristura nem o meu respeito permitiriam ameaças.

— Ides dizer tudo isto a Leonor — rompeu D. Garcia com impaciencia, mas não a consultá-la, que é antes um aviso que lhe mando.

— Sim, senhor e pai.

— Ha ainda alguma tardança na vinda de Luís Falcão. Tem tempo para se dispôr e saber sorrir a quem hade pertencer.

— Pertencer!

— Que quereis dizer com isso?

— Nada, senhor e pai. Está-me lembrando se póde pertencer o sol a um paúl...

— Filho! Não façais dizeres afrontosos!

— Afronto-vos, dizendo isto?

— Que mais? Se Luis Falcão é um paúl, que sou eu que tanto lhe quero?

— Enganos d'animo!

— Julgais-me, pois, ensandecido pelos annos? Mas não fui sandeu em pelejar e aconselhar. O senhor D. João de Castro que vo-lo diga...

— Senhor e pai, será sandeu El-Rei, Senhor D. João III?

— Quem ousa dizê-lo?

— E julgou-vos menos honrado e tanto que, se não fôra Nuno da Cunha, terieis sofrido labéo de maior...

— Cortezãos ruins!...

— Ou mau entendimento de aparencias...

— A mim ninguem me engana, nem aconselha. Quem vêdes que me fale a favor de Luís Falcão, se não elle mesmo pelo seu brio e valor?

—E desconheceis tantas queixas?

—Voltais á mesma? Tambem de mim se queixaram...

—Emfim, pai e senhor, nada quereis ouvir...

—Quero a vontade de Leonor como a de Joana, que tão filha é uma como a outra...

—Bem sabeis que Joana teve a fortuna de lhe impôrdes o que deseja...

—Pois tinha a outra a virtude de desejar o que lhe imponho. E tenho dito.

E D. Garcia de Sá retirou-se bruscamente.

Pantaleão de Sá procurou logo Leonor.

Ao vê-la, ficou pensativo, sem uma palavra nos labios.

Depois, cheio de tristeza, disse-lhe a meia voz:

—Chegou a hora da angustia, querida irmã.

—Compreendo-vos, volveu ella, livida. Vem aí de novo Luís Falcão.

—Vem elle e vem a vontade do senhor e pai.

—Não vos atrigueis!

—E eu—continuou elle sombriamente—vou pôr entre vós a lamina duma espada.

—Que dizeis?...

E Leonor, aflita, colheu-o pelo pescoço afetuosamente.

Depois, d'olhos ardentes e humidos, proseguiu:

—Não, já sabeis que não.

Pantaleão de Sá sorria com amargura.

—Não—continuou ella. Não quero um crime, nem um choque de ferros.

Julgais que eu podia ser assim feliz com Manuel de Sousa? Nem elle nem eu o seriamos.

Pantaleão de Sá continuou, sorrindo funebremente, e disse:

—Mandou-vos o pai este recado de vos dispôrdes a desposar o capitão de Ormús, já despachado

para a capitania de Diu. Que heide responder-lhe? Que sim, irmã?

—Que não! acudiu ella em alvoroço.

—Esperarei, pois, a vinda de Luís Falcão, acrescentou elle com horrivel serenidade.

—Mas ensandecestes? rompeu logo ella. De quem se trata? De vós? Trata-se de mim. Eu me defenderei.

—Quereis, pois?...

—Dizei ao senhor D. Garcia de Sá que sua filha D. Leonor quer ouvir dos labios delle as ultimas ordens. Podeis crer que o vencerei. Mandai-o para mim, mandai-o para mim.

Mas, refletindo, acudiu logo:

—Esperai, porém, que o capitão de Ormús chegue.

—E que direi entretanto ao pai e senhor?

—Isto: que, quando chegar Falcão, lhe darei a resposta ultima.

—Quereis assim?

—Sim, irmão.

Pantaleão de Sá nada replicou e saiu lentamente.

Na sala nobre esperava-o D. Garcia.

Saiu ao corredor, apenas lhe ouviu os passos.

—Que novas trazeis? inquiriu com sobresalto.

—Tudo e nada, senhor e pai.

—Explicai-vos, por Deus.

—Leonor quer que lhe faleis vós mesmo nos desposorios com Luís Falcão, mas só quando este estiver em Gôa...

—Só isso?

—Sim, pai e senhor.

—Peor para ella.

E, cofiando nervosamente as barbas de neve, concluiu:

—Ide-a, porêm, ensinando. Quero que cumpra

a minha vontade. Não suportarei afronta ao meu desejo e ao do novo capitão de Diu.

—Isso é comvosco, que grande poder tendes em vossa irmã...

—Algum poder do coração...

—Pois é mister que tambem o seja da razão.

—Se a razão póde reger o amor...

—Póde, póde, senhor Pantaleão de Sá — gritou logo D. Garcia — se Leonor ainda não vota a outrem o seu pensamento...

—Ella vo-lo dirá.

—Quê?! suspeitais de alguma coisa?

—Não vejais suspeitas onde ha justiça.

—Não vos entendo.

—Pai e senhor, achais justo e natural que uma dama como Leonor não tenha já o seu escolhido? Não o tem Joana?

—Essa escolheu o que merece e convem...

—E porque escolheria peor Leonor?

—Mas, por Deus ou por Satanaz, Leonor fês outra escolha que não seja Luís Falcão?

—Não o sei, senhor e pai.

—Mas suspeitai-lo?

—Ella vos dirá se mostro suspeitas, ou faço fantasias.

—Sabeis que mais? rugiu D. Garcia, de punhos cerrados. E' melhor que já vos retireis dos meus olhos.

—Sim, pai e senhor.

E Pantaleão de Sá saiu imediatamente.

O velho fidalgo parecia congestionado. O olhar relampejava-lhe desesperos.

Queria sorrir de desdem, e apenas mostrava os brancos dentes que tinha, sãos como os de poucos jovens, num entrechoque de furia convulsa.

Correu á janela com fome d'ar.

Mas o ruido da rua alucinou-o.

Ha coleras que procuram a luz, e só nella encontram a loucura.

Tudo que é movimento lhes parece luta, oposição, insulto.

Um riso casual toma as proporções de ironia feroz, e a serenidade dos que passam afigura-se zombaria e apupo dissimulado.

O velho fidalgo fugiu da janela, como se tivesse medo da multidão.

—Que filhos! rugiu, nisto, de cabeça a escaldar. Filhos? Algozes.

Só Joana obedecia, só ella o compreendera, entregando-se toda ao sonho do casamento com D. Antonio de Noronha.

Essa não, não precisava de ser avisada da vontade do pai, adivinhara-a decerto e respeitara-a com alegria. E via-a cheia de felicidade, sofrendo apenas a ancia de ter o dia mais feliz da vida duma mulher honesta.

Leonor era a soberba, pois não o sabia elle?

Pantaleão de Sá era a teimosia e a estravagancia de caráter.

Que dois aliados!

Mas o que elles não esperavam talvês era a sua vontade, como a tinha agora, inteiriça, rude, inabalavel.

Só Deus e a Consciencia lhe podiam pedir contas dos seus átos.

Em que o condenariam, se impunha a felicidade a Leonor?

Não se impunha o Bem com gloria?

Que importava a resistencia louca do beneficiado?

Mais tarde todo o desespero obstinado não se convertia em benção e reconhecimento?

Este raciocinio desanimava-o um pouco.

Saiu para o jardim.

Leonor vagueava lá com lentidão, sósinha, colhendo flòres, mas de lagrimas nos olhos.

D. Garcia viu-a e ocultou-se detraz duma palmeira.

Leonor não o viu, nem o sentiu.

Continuou colhendo flores e chorando em silencio.

Depois, fatigada e palida, sentou-se num banco de madeira, ao pé duma grande araucaria.

O velho fidalgo viu que ella movia os labios, um pouco desbotados.

Apurou o ouvido, infantilmente.

Nada ouviu.

Decerto rezava.

Então, sem saber porquê, sentiu-se enternecido e fraco.

Uma tristeza intima, muito intensa, lhe desfês a severidade da face.

Conheceu que tambem tinha os olhos humidos.

—Oh! os filhos! os filhos!

E, sentimental, vergado de piedade, continuou, reavivando antigas doçuras:

—Os filhos! São como as rosas, cheios de espinhos, mas com um aroma todo d'alma!

Naquelle momento, pela primeira vês na vida, Luís Falcão pareceu-lhe pequeno ao pé da filha, branca de neve e constelada de lagrimas.

Se ella viesse de lá, assim chorosa e convulsa, pedir-lhe que faltasse á sua palavra, que repelisse o odioso capitão d'Ormús, D. Garcia de Sá choraria com ella, cederia.

Nesta comoção, deu um passo tremulo adiante da arvore-abrigo.

Leonor voltou a cabeça.

Viu o pai.

De chofre, levantou-se entre altiva e indignada.

Quem a espreitava? Elle, o déspota do seu coração!

Mas acalmou-se.

Ficou-lhe, porém, a costumada rigidês que, para o velho, era assomo de soberba.

Aquelle ar altivo crescera com o corpo, e o velho, dia a dia, se notava por isso mais gelado e contrafeito ao pé de Leonor.

E, até por isto, por esta força estranha de aspéto, porfiava elle em vencê-la e contrariá-la.

No fundo de tudo, havia o amor de pai escandalisado com a altivês da filha.

O poder paternal cegava então muito os espiritos e D. Garcia de Sá até por causa delle se obstinava em obrigar Leonor.

Quando a viu ereta e severa como agora aparecia, o velho fidalgo recuou com o sobrolho descido.

Mas quís dizer alguma coisa:

—Colheis então flores?

—Se m'o permitis— volveu ella com bastante ironia.

—Permito sempre o que é inocente—replicou D. Garcia com rispidês.

—Demais o sei eu—disse ella com alguma humildade.

—Vossa irmã?

—Estará talvês no oratorio...

—Não costumareis já rezar?

—Muito, pai e senhor.

—Nunca precisastes tanto...

—E assim faço até no jardim.

—Pois rezai e fazei-vos de bom tino, Leonor. Compreendeis-me?

—Escuto-vos com respeito.

—Escutai-me e obedecei-me, que nada mais vos peço.

—Sim, pai e senhor.

—Em tudo, que um pai na terra representa Deus.

—Sempre assim o tenho entendido.

—Nem sempre.

—Vós m'o perdoareis para que Deus m'o perdoe.

D. Garcia estava mal com aquelle laconismo e não podia entrar no assunto desejado.

Curvou-se e colheu uma flôr.

Depois, desfolhou-a toda, nervosamente.

—Vêdes? disse então com ar alucinado — assim faz o tempo a quem desobedece.

—E a quem obedece, volveu ella, que o tempo não cura de obediencias.

—Zombais? cresceu o velho, irritado em excesso.

—Nunca, pai e senhor, dou resposta que julgo de acerto.

D. Garcia quís responder, mas julgou ver-lhe lagrimas nos olhos.

A isto, tranquilisou-se logo.

Depois, em voz mais branda, perguntou-lhe:

—Parece que chorais?...

—Talvês, pai e senhor, já que vos mereço tanto agastamento.

E duas grandes lagrimas rolaram no verdadeiro marmore das faces de Leonor.

O velho fidalgo ficou mudo de comoção.

A sua filha altiva chorava!

Ia interrogá-la serenamente, com bondade, com clemencia.

Leonor fitava-o com tristeza entre um véo de lagrimas, porque a Dôr subira-lhe do coração com os seus rosarios de pérolas.

Uma alegria estranha encheu a alma de D. Garcia de Sá.

Estava ganha a mais terrivel batalha de toda a sua vida.

Parou ao pé della, tomou-lhe uma das mãos de jaspe.

—Filha, disse com bondade, respondeis a uma pergunta?

—Porque não, pai e senhor?

—Pantaleão de Sá falou-vos?

—Sim...

—E que dizeis?

—A quem?

—A mim, filha, a mim, Leonor...

Ella erguera-se de arremesso. Enxugara as lagrimas. Estava severa e hirta.

E depois, com o olhar duro e fixo, respondeu geladamente, altiva até fazer pavor:

—Que vos digo, pai?

E, tomando a respiração com ancia, concluiu logo, quasi num rugido:

—Que nunca!

IV

Luta e vitoria

Ia realisar-se a festa de Pondá, festa sobre ruinas e ondas de sangue.

A alegria brutal de Luís Falcão voltava.

Estava nomeado capitão de Diu, recebera com pompa o seu sucessor D. Manuel de Lima e, jubiloso por deixar Ormús, que lhe dera tantas riquezas como remorsos, embarcava em direção a Gôa com luzimento de principe, no mesmo galeão em que chegara D. Manuel de Lima.

Luís Falcão, nos ultimos dias do seu governo, se não soubera acalmar os odios do povo de Ormús, soubera aprazer com astucia aos queixosos de Diu e de Baçaim, soldados que, vendo-se sem pagamento, murmuravam muito contra D. João de Castro.

Com uma pequena diplomacia, de facil exito pela perturbação dos espiritos, conseguiu grangear simpatias entre os reclamadores que o procuraram muitas vêses, e informou o Governador com uma solicitude que parecia abnegação.

Emfim, partia. Deixava os penhascos daquella fortaleza.

Uma carta de D. Garcia de Sá oferecia-lhe hos-

pedagem e, mais uma vês, a mão deliciosa de Leonor.

Mas, até largar de Ormús, o espetro da vingança perseguiu-o tenazmente.

Apezar do cortejo marcial que o acompanhava, não desceu á praia sem receio.

D. Manuel de Lima caprichou em fazer-lhe despedida, condigna da recéção que Falcão lhe fizera.

Havia muito tempo que Ormús não assistia a uma festa assim.

Mas, solene de cerimonial, a festa não teve o entusiasmo do povo.

Afluiam curiosos: não havia um entusiasta.

Os proprics soldados, graves, hirtos, carrancudos, rendiam de má vontade as homenagens impostas.

Os populares fervilhavam com o jubilo pungente de quem se vê livre dum algoz que é preciso festejar. Os olhos de todos lampejavam de rancor.

Era grande felicidade para Ormús ficar livre daquelle homem brutal e ambicioso, mas, vendo-o partir impune, uns lembravam a honra das mulheres e das filhas, outros o suor que elle lhes bebera em extorsões infames, outros a dureza cruel da sua cólera e despotismo.

E tudo isto gelava e até funebrisava a festa da despedida.

Nem uma lagrima de saudade.

Nem um olhar de simpatia.

Luís Falcão notava tudo instintivamente. A atmosfera hostil pungia-o, porém mais na vaidade do que no coração.

Entretanto, forte com o seu cortejo guerreiro, armou um sorriso cinico que o tornava ainda de presença mais revoltante.

Foi descendo o prestito até ao Mar.

Troaram a artilharia e a espingardaria.

Tinham passado grandes arcas, cheias d'oiro, joias e sedas.

Era a bagagem do pirata.

Depois, muitas armas. Era a defeza do assassino.

Um silencio funebre. As charamelas resoaram á falta de aclamações.

Houve um simulacro então de festa.

Radiante, apezar de muito nervoso, Luís Falcão dispôs-se a embarcar.

Despediu-se dalguns capitães e soldados. Abraçou muito contra o peito D. Manuel de Lima, o novo capitão d'Ormús.

E, de cabeça alta, como quem acaba de vencer um perigo enorme, caminhou para o galeão, esplendoroso á luz caustica do sol.

Mas, nisto, uma grande mão lhe colheu o braço direito.

Voltou-se assustado.

Um velho de longas barbas o detinha.

Conhecendo-o, Falcão tornou-se livido.

O velho, com estranha audacia, dizia-lhe a meia voz:

—Aonde vos ides, senhor, que vos não despedis de mim?

—Pois não o sabeis? volveu elle de mau humor; a Gôa, para de lá ir tomar conta da capitania de Díu.

—Nunca mais, pois, voltareis a Ormús...

—Sim, nunca... murmurou Falcão, fitando-o em cheio.

—Pois ide-vos em paz, que em Diu nos encontraremos.

E o velho sumiu-se no meio dos soldados.

Falcão teve um gesto cruel, mas, refletindo, en-

colheu os hombros e continuou febrilmente o seu caminho.

João Abexim misturara-se com as ondas dos soldados e dos populares, mas, quando o galeão largou ferro, o novo capitão de Diu recebeu o seu olhar, como um tiro, coado através dum odio profundo e oculto.

O tempo estava esplendido. O galeão navegava com deliciosa velocidade.

Quando perdeu de vista Ormús, Falcão respirou e sorriu cruentamente.

Depois, de pé na amurada, vendo feridas docemente as ondas, pensou:

—Ia rico, impunemente rico. O dote de Leonor fa-lo-ia decerto opulento. O Governador prezava-o pela valentia. Mais uns annos, e de Diu voltaria a Portugal com uma fortuna imponente e uma mulher, digna de ser rainha.

Bem poderia já ir gozar ao Reino, mas o seu sacrificio ao serviço de El-Rei dava-lhe oiro, prestigio e impunidade. Depois, ainda não era um velho.

Casado e opulento, ia experimentar a vida confortavel, dum grande senhor.

Que prazeres não dá o oiro! Que bela a vida da India com dinheiro e com saude!

Remorsos? Tinha-os? Que vontade de rir! O que elle tivera fôra medo, medo duma traição, medo da morte de encruzilhada, que não era um covarde, cara a cara, fosse diante de quem fosse!

Quando avistou Pangim, a sua face relampejava.

Ia entrar na capital da India onde o seu futuro inteiro se decidiria.

Avistou varias naus, depois de deixar Pangim. Pareceu-lhe que a barra de Gôa era toda de prata faiscante.

Descobriu a cidade num extasis.

Grande e linda cidade com as suas torres e palacios!

Aquelle ar de Tissuari inebriava-o, como se fôra feito só de sandalos e benjoins.

A paz não se demoraria em toda a India e então Gôa seria bela como Lisboa, ótima para um capitão de Diu, levando pelo braço uma mulher formosa, gastar um pouco do seu oiro e do seu sangue!

O galeão aproximou-se veleiramente do caes. Entardecia.

Luís Falcão era esperado por D. Garcia de Sá desde pela manhã.

Outros fidalgos estavam com elle.

D. Garcia, radiante como uma criança, correu a abraça-lo.

—Vindes magnifico! disse, apertando-o ao peito.

—E vós estais formoso, apezar dos annos...

—Dos annos e das canceiras...

—Vou ao palacio do Governador... começou Falcão.

—E depressa estareis comnosco, concluiu D. Garcia, revendo-se nelle.

—Assim o espero.

Luís Falcão seguiu para as casas do Sabaio.

Acompanharam-no os fidalgos que o Governador mandara á sua espera.

Pelo caminho, um delles travou conversa:

—Ides, pois, substituir D. João de Mascarenhas...

—Por obediencia ao senhor D. João de Castro e a El-Rei.

—Sim, que era de justiça irdes descançar ao Reino.

—Como passa o senhor Governador? perguntou Falcão, dando outro rumo ao dialogo.

—Bem, senhor capitão de Diu.
—E a expedição de Pondá?
—Sua senhoria prepara-se para ella. Irá talvês comnosco, segundo tenho ouvido.
—Ah! comigo?...
—Uma verdadeira festa, senhor Luís Falcão. Pondá será arrazado.
—E, depois, para Diu...
—Para o senhor D. João de Mascarenhas ir ao Reino ter o repoiso de que carecer...
Chegaram, entretanto, ao palacio do Governador. D. João de Castro recebeu amavelmente Luís Falcão.
—Muito vos agradeço, disse o Governador, irdes tomar conta de Diu.
—Assim o devo a vossa Senhoria e a El-Rei.
—Agora iremos a Pondá dar uma lição ao gentio e dali ireis para a vossa nova capitanía...
—Sim, senhor D. João de Castro.
Mas o Governador tinha o ar apreensivo de quem deseja tocar num assunto escabroso. Se descessemos ao intimo de D. João de Castro, veriamos que não era grande a sua simpatia por Luís Falcão. A' sua honestidade estoica repugnava ver que aquelle homem vinha rico duma pobre capitanía, e não ignorava o vestigio de lágrimas e sangue que após si deixava o ex-capitão d'Ormús.
Mas D. João de Castro tinha de transigir com elle, como com muitos, por imperio cruel da necessidade.
A India, que elle sonhava, ainda vinha longe, pensava elle; viria quando, com outro governador, melhorados os costumes, a Cruz e a Espada se entendessem num elevado afécto e pura solidariedade.
—Senhor capitão de Diu, disse emfim o Governador, assunto de interesse temos a tratar.
—Dizei, senhor.
—A gente de Diu está em grande pobreza e El-Rei não mandou dinheiro para o seu pagamento...
—Que mandais?

—Que façais emprestimo, se podeis, a El-Rei de dinheiro para esse pagamento...

—Seguirei as vossas ordens—replicou logo com sobranceria Luís Falcão.

—Procedeis como bom português.

E D. João de Castro, suspirando com alivio, proseguiu:

—Dir-vos-ei depois a soma.

—Sim, senhor Governador.

—Leva-la-eis para pagar um quartel.

—E quando nós partimos, senhor?

—Tendes algum negocio em Gôa?

—Sim, um negocio importante, o meu casamento...

—Ah! tenho noticia. Com uma filha de D. Garcia de Sá.

—Com D. Leonor de Sá, senhora de grande formosura e virtude.

—Precisais, pois, demorar-vos alguns dias...

—Se assim vos praz, basta-me o dia de amanhã. Iriamos depois.

D. João de Castro sorriu satisfeito.

—Pois seja, depois de amanhã. Seguireis vós primeiro para Pondá com gente e dinheiro, e lá vos irei encontrar.

—Cumprirei todo o vosso regimento.

Luís Falcão saiu radiante do palacio dos Viso-Reis. Ganhava cada vez mais prestigio e segurança.

Caminhou apressadamente para casa de D. Garcia de Sá. Encontrou-o ao pé da Misericordia.

—Vindes satisfeito? perguntou o velho com alvoroço pueril.

—Muito, pois se me tornei crédor de El-Rei!

—Entendo-vos, fazeis do vosso bolso o pagamento do quartel á gente de Diu.

—Assim é, senhor D. Garcia de Sá.

—E tereis dinheiro para tanto?!...

—Vivi sempre humildemente em Ormús.

—Ao contrario do que dizem...

—Acreditaveis?...

Mas D. Garcia cortou-lhe logo a pergunta.

—Acreditar, como? Não sei eu por experiencia como são caluniados os melhores servidores do Reino?

Depois, o velho, empolgado pelo plano do casamento, acudiu logo:

—Tudo vos corre a contento por mercê de Deus. Agora, vamos ouvir Leonor.

—Que vos tem ella dito?

—A vosso respeito... balbuciou o velho... muito pouco... mas a minha vontade...

—E' preciso impôrdes-vos?! Mas então escuso-me!

—Por Deus!

Mas Luís Falcão, sorrindo sarcastico, proseguiu:

—Quereis, pois, que me desposem contra o coração?

—Repelis, pois, Leonor?

—Não, senhor D. Garcia de Sá, bem vêdes que é ella quem me recusa.

—São animos-escuros. Fingem não querer o que desejam... E, se não...

—Que fazeis?

O velho córou todo, e rugiu furioso:

—Obrigo-a, senhor Luís Falcão, a não remar contra a sua boa fortuna.

—E' vosso firme propósito?

—Sem quebrar nem torcer...

Luís Falcão fingiu reflétir. Depois, encolhendo os hombros, volveu-lhe de manso:

—Far-vos-ei a vontade, não me escusarei e mesmo porque eu... eu...

O novo capitão de Diu suspirava, muito pálido. Depois duma breve reticencia, acrescentou:

—Porque eu muito amor lhe vóto cá dentro.

—Deixai isso comigo—rematou D. Garcia, resoluto e forte.

Déram alguns passos em silencio.

Depois, tornou o Falcão:

—Sabeis que só tenho por mim em Gôa o dia de amanhã?

—E' bastante—gritou o velho, cada vês mais febril.

Chegaram nisto ás casas de D. Garcia de Sá.

Entraram, ao cair da noite.

Quem primeiro lhes apareceu foi Joana, branca de anciedade.

—Leonor? perguntou-lhe logo D. Garcia com voz estridente.

A filha encolheu-se, córou, fês um cumprimento a Luís Falcão e respondeu:

—Mal da cabeça... Ainda não saiu do leito.

—Pois, senhora, ide dizer-lhe que é chegado o senhor Luís Falcão, o novo capitão de Diu! gritou D. Garcia.

—E' que, pai e senhor...

—Que ha?

—Ha que... sofre um mal que a não deixa erguer.

—Será preciso que eu a erga?

—Não, pai e senhor, será preciso talvês que venha o fisico...

—E vosso irmão?

—Saiu para Pangim.

O velho estava demente de furia, mas continha-se.

Voltando-se para Luís Falcão, disse-lhe com um riso amargo:

—Mas descançai, senhor, descançai... que eu...

—Aonde ides?

—Vou buscar Leonor.
—Enferma?
—Moribunda que seja.
E entrou, rugindo, pela casa dentro, sem querer ouvir mais.
—Muito mal me quer a senhora D. Leonor— disse, nisto, Falcão a Joana com doçura.
—Bem sabeis, senhor capitão de Diu, que o amor se não fórça...
—E' então a enfermidade della?
—Talvês.
—Mas, se é só isso, ella se curará.
—Que quereis dizer, senhor? perguntou Joana com terror.
Falcão fitou-a com grande ironia e respondeu brutalmente:
—Que hade obedecer a seu pai.
—E quereis assim uma esposa?! extranhou ella, revoltada.
—Ella depois me terá amor...
—Não o espereis... murmurou Joana, de ólhos humidos.
Falcão franziu o sobrolho e volveu-lhe com raiva grosseira.
—Que importa, se me hade pertencer?
Depois, fitando-a com impertinencia, proseguiu:
—Sois decerto a sua confidente. Dizei-me, entregou ella já a outrem o seu coração?
—E se assim fôra? inquiriu Joana, anciosamente.
Falcão reflétiu, meneou a cabeça e respondeu:
—Mais necessidade tinha de a desposar já.
Mas sentiam-se passos. Passos desencontrados.
A voz de D. Garcia estralejou perto, furiosa e estridente.
Dava ordens, ou ralhava.

Os dois voltaram-se.

Leonor aparecia, desgrenhada, livida, muito triste, mas com grande aprumo.

O velho, rubro e severo, calara-se emfim, depois de lhe dizer todas as rudezas.

Leonor entrou, fês uma mesura gelada, e sentou-se abandonadamente.

Sentou-se tambem D. Garcia de Sá.

Luís Falcão empalidecera funebremente.

Joana chorava em silencio, escondendo o rosto nas mãos tremulas.

D. Garcia tomou logo a palavra com lentidão incisiva:

—Chamei-vos, senhora D. Leonor, disse elle, para dizerdes ao senhor capitão de Diu quando devem de ser os vossos desposorios...

—Estou muito enferma—murmurou ella, pendendo a cabeça e suspirando.

—Mas é que tendes de dar a resposta! clamou o velho fidalgo, todo a tremer.

—Que resposta? disse ella com o olhar vago.

—No sentido que vos disse...

—Pois bem, pai e senhor, eu respondo—volveu Leonor com ar de resignação.

Houve um profundo silencio. Falcão cravou os ólhos no pavimento, D. Garcia de Sá fitou a parede e Joana olhou alvoroçadamente para a irmã que sorria com pungente amargura.

Mas Leonor não podia responder.

Tinha vontade de chorar, mas não queria mostrar lágrimas.

Levava a mão ao peito e respirava com ancia, dominando-se toda.

O velho fidalgo contemplou-a por momentos com dureza.

Estava cadaverica, mas austera.

Houve mais uns minutos de silencio.

D. Garcia, impacientado, volveu de novo:

—Leonor, é essa a vossa resposta?

Ella estremeceu, fitou o pai com o olhar muito severo e retorquiu desabridamente:

—Mas não sei... Perguntastes-me alguma coisa a que eu não tenha respondido?

—Senhora e filha! rugiu elle, erguendo-se, de punhos cerrados, com os olhos em braza.

—Por Deus! interveio com ar gelado Luís Falcão, estendendo o braço.

—Respondei, senhora D. Leonor! insistia o velho fidalgo, arrepelando as barbas.

Então Leonor, muito firme, porém ainda mais livida, levantou-se magestosamente.

Cruzou os braços. Fitou ora o pai, ora Falcão, ora a irmã.

Sorriu.

Estava calma.

E, depois, em voz placida e sonora, disse lentamente:

—Vou responder-vos, senhor e pai. Vou responder-vos, senhor capitão de Diu.

Pôs o lindo olhar no chão e continuou quasi logo:

—Se eu não tivera um irmão que póde perderse, a resposta seria tão outra, que vos fazia espanto e desespero. Respondo-vos como quem o tem...

E teve de interromper-se para reprimir orgulhosamente as lagrimas.

Mas, pouco depois, acrescentou, com voz cavernosa:

—A minha vontade é a de meu pai. Quer elle que eu despose o senhor Luís Falcão? Porque o não farei, se essa é a sua vontade?

Estas palavras sacudiram todos. Parecia um

milagre. O espanto atingiu o seu grau supremo.

D. Garcia de Sá levantara-se eletrisado, de face já desenrugada.

Corria para a filha com jubilo, a abraça-la e a beija-la.

Mas Leonor ficou imovel como uma estatua.

—Esperai—murmurou ella então—mas não posso fixar-vos ainda o dia...

E' verdade—continuou com amargura—que só o meu pai o póde fixar...

D. Garcia, que recuára um pouco, dirigiu-se a isto para ella.

Voltara-lhe o jubilo e não tinha palavras em tanto entusiasmo.

—Deus te abençôe, filha... Deus te abençôe!... clamava, com as barbas cheias de lagrimas.

Depois, voltando-se para Falcão, gritou, pueril:

—Vê, senhor Luís Falcão? Minha filha Leonor honra a palavra de seu pai e senhor!

E, sem querer ouvir ninguem, proseguiu:

—Não podia deixar de ser! D. Garcia de Sá não merecia menos á sua filha mais velha! Não está jubiloso, amigo?

Disse isto, correndo para Luís Falcão, abraçando-o ternamente.

O capitão de Diu encolheu os hombros e pagou o abraço.

Depois, entre irónico e triunfante, volveu-lhe:

—Emfim, Deus tudo faz sempre por bem.

Mas Leonor voltava a falar, depois de se ter sentado:

—Que parta o senhor Luís Falcão socegado, pois só de meu pai depende agora a minha mão!

—Formosa senhora, respondeu logo o capitão de Diu, sereis pois minha!

E aproximou-se della com ar de galanteria.

Leonor, vendo-o perto, cerrou os ólhos e redarguiu:

—Sim, vossa, se o consentir a honra de D. Garcia de Sá.

E, voltando-se para o pai e levantando-se, disse ainda:

—Senhor meu pai, permiti que recolha á minha camara, donde me arrancastes com grande enfermidade. Depois de partir o senhor Luís Falcão, falaremos nós dois e espero em Deus que será o bastante para decidir depressa este negócio.

E, sem esperar resposta do pai, dirigiu-se ao capitão de Diu:

—Até breve, senhor, pois que hade ser breve decerto o vosso regresso, para tratarmos do que é mister.

Emfim, travando do braço da irmã, soltou estas palavras:

—Quereis acompanhar-me, Joaninha? Tenho tão fracas as pernas...

E saiu com Joana, muito devagar, imponente de placidês forçada.

D. Garcia de Sá e Luís Falcão interpretaram logo tudo ao seu sabor.

O orgulho della, estava visto, é que fôra o obstáculo.

O orgulho e o mêdo do casamento—explicava arguto D. Garcia de Sá.

Emfim, elle estava descançado. O que urgia era o Falcão ir tomar conta da capitanía para vir á Sé, a receber com pompa a mão de Leonor. Depois, podia o velho morrer sem cuidados!

Luís Falcão concordava e exultava, convencido de todo por aquella convicção.

A altivês de Leonor estava quebrada. Dali á caricia e ao amor era um passo rápido.

Conhecêra assim muitas mulheres! Porque não venceria mais aquella?

Anciava pela viagem a Pondá. Se o Governador lhe désse fusta para aquelle momento, partiria logo, faminto de mais gloria, ancioso por encurtar o tempo e o espaço.

Neste entusiasmo, sairam ambos, apezar de ser noite cerrada.

No meio do largo da Sé apareceu-lhes de subito Manuel de Sousa Sepulveda, que ia passando com aspéto melancólico.

Sem saber porquê, Falcão estremeceu, ao conhecê-lo.

D. Garcia, cheio de felicidade e mais benévolo com Manuel de Sousa depois dos lances de Diu, chamou-o alegremente:

—Não nos vêdes, pois, senhor Manuel de Sousa? Pois velhos amigos somos nós.

Sepulveda estacára, surpreendido e transido ao reconhecê-los.

—Sois vós?... murmurou, saudando-os geladamente, tentando sorrir.

—Eu, gritou D. Garcia de Sá, e o meu novo filho.

E, em confidencia de velho pueril, segredou aos ouvidos de Manuel de Sousa com uma febre intensa:

—Ficai sabendo, senhor fidalgo, que minha filha Leonor quer desposar-se com o nosso amigo Luís Falcão... Grandes bôdas! grandes bôdas! E fio em Deus que haveis de assistir a ellas!...

V

Diu continúa Ormús

Luís FALCÃO deixou Gôa com a melhor esperança na conquista da mão de Leonor de Sá e Albuquerque.

Era sua. Dava-lh'a D. Garcia. Não lh'a negaria ella, embora talvês sem grande entusiasmó, o qual, com o tempo, havia de despertar — pensava elle com vaidade e teimosia.

Seguiu para Pondá. Pondá foi, dentro em pouco, um montão de cinzas. O novo capitão de Diu tripudiou sobre as pedras fumegantes aonde levou, á custa do seu oiro, muitos homens d'armas.

Rogou-lhe então D. João de Castro que tomasse conta da capitanía de Diu. Falcão obedeceu, e D. João de Mascarenhas deixou o seu posto épico, não sem saudades, afinal.

Appareceu em Diu numa fusta onde viajou apenas com os seus criados.

Entrou radiante na praça. Estava cheia de soldados e de povo.

Na fusta em que chegou despediu D. João de Mascarenhas.

A despedida foi pungente, e, como tal, ainda uma lição para o antigo capitão d'Ormús.

Soldados e povo derramaram mais lágrimas do que clamores.

Num relampago, toda a epopeia do cêrco esteve ali, brilhante e rediviva.

Mascarenhas conhecêra sempre á volta delle valentes soldados: naquella hora de despedida, conheceu enternecidos irmãos.

Quando a fusta desapareceu na vastidão cerúlea, como uma folha d'arvore á tona dum abismo, toda a Diu, estando de pé, anciosa, a vê-la desaparecer, estava devéras de joelhos sobre uma das maiores saudades colétivas, a saudade de tempos de perigo e heroismo.

Falcão assistia, aturdido como se não compreendesse.

Quem se retirava? Um heroi, mas pobre, sem oiro, para dar aos soldados ao menos o quartel que lhes deviam.

Porque esqueciam por esse homem o novo capitão, tambem cheio de gloria em tantas batalhas e que trouxera o soldo a todos?

Falcão não achava resposta. Podia responder-lhe a diferença entre a consciencia elevada do capitão, que partia, e a ambição brutal do que ficava.

Falcão podia ser tão valente como Mascarenhas, podia admitir-se, por generosidade, que os seus feitos, em esforço, valiam os de D. João de Mascarenhas em toda a iliada de Diu.

O que o novo capitão nunca poderia ser era o heroi como que messianico, extraordinario, quási arcangelico, que combate mais com a austeridade do olhar do que com o ferro terrivel da espada.

Falcão era o destemor, o impeto, a bravura, a

tenacidade, a força orgulhosa de o ser, o genio com a esperança constante na satisfação dum sonho, que, só por incidente, se confundia com o amor-patrio: Mascarenhas era a Patria e a Fé, a Patria com honra e com dignidade, a Fé com abnegação e com entusiamo.

Porisso, o homem que se despedia passava entre almas: o homem que ficava impunha-se a orgulhos, se os não feria no intimo.

D. João de Mascarenhas, por seu turno, sofreu a maior dôr, quando perdeu de vista as ameias de Diu. Quem deixava? Pedaços da sua alma, hastes do mesmo tronco luminoso e robusto de que elle era um forte ramo.

Saudades?! Quem as não tem do logar dum exilio, se o soubemos fazer pincaro de apoteóse para um Ideal sublime?

Quantas lágrimas não chorou a Aguia de Patmos, ao desencarnar, embora já visse, de relampago, a Patria Infinita?

Quantos não choram os restituidos á liberdade, se deixam no cárcere sonhos e visões dum Ideal bem-amado, embora a Liberdade seja o pleno gôso e triunfo adoravel desse mesmo Ideal?

Assim chorava elle, emquanto a fusta, dôcemente levada por ventos e ondas, seguia para o Sul á procura das águas de Gôa.

E, neste caminho, o surpreendeu a nau de D. João de Castro que seguia, sempre infatigavel, em diréção a Baçaim.

O diálogo dos dois heróis sobre as ondas foi simples e rápido:

—Retirais emfim de Diu?

—Cumpro as vossas ordens, senhor.

—Dirigis-vos a Cochim?

—Sim, senhor D. João de Castro.

—Fico o mais contente e o mais descontente de vós.

—Compreendo-vos, senhor.

—Fôstes um herói e um desobediente. Ilustrastes-vos em Diu, mas o que vos salvou foi o aperto de Portugal na India. Senão...

—Senão, senhor...

—Senão, a sortida louca, que permitistes e capitaneastes, seria o vosso crime.

—Assim o direis, senhor, a El-Rei e á Côrte?

—Não, D. João de Mascarenhas, para Lisbôa falo do vosso valor, para Gôa falo do vosso mau exemplo.

E D. João de Castro, sempre grave, acrescentou:

—Ide-vos, pois, a Cochim e de lá ao Reino a dizer o que por aqui vistes.

E separaram-se nas espumas; como dois espiritos em duas névoas brilhantes.

Luís Falcão tomou conta dos destinos de Diu com grande ufania.

Pagou a todos o quartel e ostentou logo poder d'oiro e de soberba.

Louvaram-no a principio. Depois, exigentes de mais, como elle não désse mesa a todos, levantaram-se queixas e protestos.

O que é certo é que o quartel não era tudo. Os soldados de Diu estavam muito trabalhados e exaustos. Nenhum delles tinha devéras recompensa: viviam com o rigorosamente preciso, quando careceriam de descanço e de desafogo.

A principio, estes protestos foram balbuciados. Depois tomaram corpo de gritos. O motim depressa foi claro e indomavel.

A ostentação do capitão de Diu mais os exci-

tou. O que elle julgára impôr-se como largueza pareceu avareza.

A breve trecho, reclamaram perante elle próprio.

Com a angustia da rapacidade ameaçada, Luís Falcão lançou todos os sofismas e paliativos, mostrando-se sereno, porém, com grande hipocrisia, com o fingimento de quem julga simular a rigor a inocencia.

Mas um dia, depois de grande debate, um velho soldado lançou-lhe ás faces, lividas de cólera, estas palavras:

— Vós outros, os capitães, é que tendes a culpa nestes padecimentos, porque, para receberdes graças de El-Rei, tomais conta de fortalezas onde sabeis que se passa fóme, a que não valereis.

Mas, se tal aceitaes, sofrei as consequencias, já que não engeitastes esta capitanía, como fizeram outros fidalgos.

—Esperai—balbuciou Falcão, perdendo o aprumo.

—Esperar o quê? retorquiu o velho soldado com rispidês. Não seria melhor terdes seguido o exemplo de Rui Lourenço de Tavora, que antes quís perder as mercês de El-Rei assi mal ganhadas, e largou Baçaim porque lhe não pagavam á gente?

O capitão passára, de livido, a escaldado.

Fês um gesto brutal.

Temeram muitos uma explosão sangrenta.

Mas Luís Falcão pôde conter-se.

Sorrindo com desdem, volveu apenas:

— Tudo que dizeis é verdade, mas devieis lembrar-vos de que ninguem vos pede o vosso conselho.

E subiu logo para sua casa.

Minutos depois, começava uma carta ao Governador, nomeando com indignação o rebelde.

Entretanto, o motim na fortaleza tempestuava e elle apareceu a apaziguá-lo com palavras timidas;

mas, quando os rebeldes dispersaram, foi-lhe até ao coração uma certeza pungente: a do ódio de todos, ódio que parecia derivar do seu caminho de sangue e lágrimas em Ormús.

E o protesto dos famintos soldados de Diu reboou em toda a India.

Agravou-o o rigor com que foi depois punido o soldado que ás faces de Luís Falcão lançára o seu clamor.

D. João de Castro, inflexivel, mandara-lhe cortar a mão direita, e o veterano, mais pungido de desespero d'alma do que de dôr fisica, morrera da mutilação.

E o Governador, quando diante dos apertos de Aden quís soldados, não os encontrou.

—Pois quê?! respondiam, rancorosos: não temos direito a pedir soldo e só nos conhecem para irmos a pelejar? De que nos serve ir ao serviço de El-Rei? De fóme certa? Pois, já que, porque de nós agora precisam, nos deixam falar, agora falamos contra os padecimentos que temos sofrido.

O lance feriu em cheio D. João de Castro, subjugado pela evidente justiça do clamor.

Chamou a si aflitivamente a generosidade dos melhores fidalgos da India.

Déram logo pão e abrigo a muitos, e com boas palavras e sacrificios de dinheiro conseguiram aliciar os soldados precisos.

Mas as cartas de Diu não deixavam em paz o Governador, livre já da canceira da expedição de Aden.

Dizia-lhe Luís Falcão que mais não podia. Apezar da disciplina de ferro que impuzera, tinham desertado cinco homens. Que não tinha em quem confiasse para a manutenção da disciplina, pelo que lhe pedia alguns capitães de confiança e valor.

A ultima carta era aflitiva e desesperada. Pedia que o socorresse já, pois tudo ia de mal a peor na fortaleza.

Dias depois, soube Falcão que não lograra mais do que angustiar profundamente D. João de Castro.

O Governador, tomado de febre, caiu de cama.

A vida de Luís Falcão em Diu foi, pois, a sequencia dos sobresaltos ainda peorados de Ormús. Não fazia senão concitar ódios.

Chegou nisto o anno de 1548.

D. João de Castro, cada vês mais enfermo, recolhêra de Baçaim a Gôa.

O Governador conhecia que a morte se aproximava. Mandou fazer varios arcos e padrões na cidade em memoria dos feitos de Diu. Fatigado, em excesso, chamou a si, a auxiliarem-no no despacho, o Bispo, o Capitão da cidade, o Secretario e os Desembargadores, e esperou os acontecimentos com uma tranquilidade nelle desusada, emquanto em Aden se passavam varios lances.

Luís Falcão viu, nísto, muito nitida a inutilidade de aceitar aquella capitanía. E, além da inutilidade, o perigo.

Afinal, nem rigorosamente lhe serviria o sonhado ócio de Gôa, tão instavel elle era diante de infindaveis complicações.

Fixou-se-lhe no animo a resolução de voltar a Lisbôa, rico, tranquilo, a receber o descanso e a recompensa como D. João de Mascarenhas e outros capitães muito menores.

Urgia apressar, portanto, o casamento, e, depois, partir sem pretensão a mais merecimentos junto de El-Rei.

Neste propósito, lançou mão da pena e escreveu a D. Garcia de Sá a sua carta mais decisiva.

Era tempo de realisar o desejo de ambos. Leo-

nor não teria a vida angustiosa duma fortaleza, iria para a Côrte ser flôr esplendida de saraus e de torneios.

Numa confidencia estranha, achava D. João de Castro já mais preocupado com as suas exequias do que com as glorias de Portugal.

Depois de Diu, poucos tinham triunfos, o Governador e o filho D. Alvaro: os verdadeiros heróis passavam fóme, ou arcavam com sobresaltos e angustias.

Elle já não podia mais. Tinha 18 annos de pelejas, de privações, de perigos. Cumpria-lhe descansar. Urgia, portanto, o casamento, a melhor recompensa que da India levava.

Quanto ao mais — frisava com grande amor-proprio — os cronistas o diriam.

No dia em que enviou a carta, ficou mais desoprimido.

Saiu a visitar os paióes.

Encontrou gente cabisbaixa e reservada. Sorriu com ironia. Por pouco tempo os aturava.

Depois, desceu á praia. Estava deserta. O tempo, apezar de magnifico, não acalmava as ondas, que batiam com furia singular nas penedias.

Se Falcão fôsse filósofo, ficava ali supersticioso.

Tambem para elle tudo era esperança e a vida não se lhe placidisára de vês.

Mas não tardaria muito o descanço — era o que elle ouvia dentro do egoismo atormentado.

E folgou de ver cavadas as ondas, como abismos que só devoram os desgraçados.

No embevecimento que o tomou, desceu a noite.

Moveu-se então para casa.

Ninguem pela vereda.

Donde a onde, uma voz funebre de ave nóturna.

A's vêses, o rugido pavoroso dum réptil.

Escurecia, e as florestas distantes tinham mais bramidos.

Dormiam os homens: despertavam as féras.

A certa altura, sentiu passos.

Então estremeceu.

E, naquelle tremor, foi o movimento de defeza do homem cheio de remorsos.

Travou da espada convulsamente e parou.

Não viu ninguem com os olhos do corpo: os da alma mostravam-lhe os habitantes indignados de Ormús e de Diu.

Os passos continuavam e elle não podia mover-se.

Mas os passos nem se aproximavam, nem se afastavam; parecia os de quem bate os pés sem mudar de pavimento.

São passos que se ouvem principalmente de noite, quando não ha paz de consciencia.

Afinal, habituou-se a ouvi-los como ao murmurio constante duma cachoeira.

Seguiu então caminho.

Os passos pareceram extinguir-se pouco depois.

Chegou a casa.

Perto da porta, viu um olhar, um sorriso frio, um homem, e ficou gelado, de medo e de espanto.

Esperava-o João Abexim.

Mas Luís Falcão teve tempo de dominar-se.

Sorridente, modesto, dirigiu-se-lhe quási logo, a meia voz:

—Em Diu, pois?

—Tinha-vo-lo prometido, senhor.

—Sabeis o que póde acontecer-vos.

—Nada me sucederá, se Deus o não quer.

—E nada vos sucederá, tornou Falcão com fingida brandura, porque havemos de entender-nos.

—Nunca me falastes assim, senhor.

—Reservado tendes vós sido.
—O nosso negocio não precisa de palavras...
—Entendo-vos: é uma ameaça.
—Não, senhor, que João Abexim não ameaça os seus superiores.
—Quereis, pois, entrar e repoisar-vos?
—Nunca.
—Que quereis então de mim?
—Hoje algumas palavras.
—Dizei.
—Ides casar-vos?
—Assim o espero.
—Com D. Leonor de Sá e Albuquerque?
—Como dizeis.
—E para breve?
—Talvês para muito breve.
—E ficareis na India?
—Descançai—atalhou Falcão com febre—deixar-vos-ei a todos em paz, irei para a Côrte...
—E' justo.
—Achais?
—E' justo—disse João Abexim com amargura—se vai a descançar D. João de Mascarenhas, a flôr dos nossos capitães. Pena é que tanto não possa fazer o senhor D. João de Castro que, cheio de fastio e frouxo de cambras, padece grande doença em Gôa.
—Muito me dóe sabê-lo.
João Abexim parecia reflétir.
De subito, com humildade irónica, disse-lhe:
—Tendes algumas ordens para Gôa, senhor?
—Ides lá?
—Se m'o permitirdes.
—Nada quero de vós, se não que percais a vossa tristeza e nojo comigo.
—O tempo tudo cura.

—Que eu, como vêdes, mal algum vos quero.
—Muito vo-lo agradeço, senhor capitão de Diu.
—Dai novas de mim a D. Garcia de Sá e aos fidalgos que em mim vos falarem.
—Sim, senhor capitão.
—E, já que não quereis entrar, entro eu.
—Até quando Deus mandar.
Falcão voltou-se para redarguir ainda, mas o velho soldado desaparecêra.
Então o capitão de Diu entrou e cerrou sobre si a porta.
Aires, o filho, apareceu-lhe logo.
O moço ria muito, entusiasmado com umas modinhas que lhe ensinara uma escrava.
Vinha de fisionomia aberta, com o olhar ainda lampejante dos acessos de riso.
Mas notou o ar contrafeito do pai.
—Molestaram-vos? perguntou logo, fitando Luís Falcão que lhe repelira os afagos.
—Quem hade molestar-me, filho?
—Esses lascaris sempre a falarem no dinheiro...
Luís Falcão não respondeu.
Sentou-se abandonadamente a meditar.
Depois, reagindo contra as preocupações, chamou o filho e em voz velada perguntou-lhe:
—Tens ouvido alguma coisa a escravos ou a soldados?
—Nada, pai e senhor.
—Não falam, ao menos, em dinheiro?
—Nem isso tenho ouvido.
Luís Falcão ficou calado com o filho entre os joelhos, a meditar ainda.
Parecia procurar no misterio, nas trevas, algum grito de revolta e de asco.
E esta ancia estranha nem lhe dava consciencia do logar onde estava.

Atacou-o então uma sêde nervosa que, ha muito, o flagelava.

Chamou.

Pediu vinho.

Trouxeram-lhe uma grande taça de prata que lhe tinham dado no primeiro anno da capitania de Ormús.

Encheu-a e esvasiou-a.

Depois, deitou algum vinho mais e deu ao filho.

O moço bebeu d'olhos brilhantes, sôfregamente.

— Assim se ganha sangue — murmurou Falcão.

— E alegria — acrescentou Aires.

Mas Luís Falcão não encontrava no vinho agora todo o lenitivo.

Parecia escaldá-lo sem o aquecer.

Torturado por uma ideia fixa, tornou em voz baixa:

— Nada de novo, Aires?

— Nada, pai e senhor.

— Não viram por aí ninguem desconhecido?

— Ninguem.

— Conhecias João Abexim em Ormús?

— Sim, pai.

— E não o viste?

— Não, não o vi.

E, d'olhos fixos, o moço acrescentou:

— Está em Diu?

— Está.

— Era amigo de Axa, pois não era?

— Era.

— Mas vós...

A criança, porém, cortou o pensamento, córando.

— Dizei.

— Vós podieis... tornou Aires.

— Porque não acabais?

— E' que João Abexim — disse o moço com mais desenleio — póde querer vingar Axa.

— Quem t'o disse? acudiu Falcão, muito lívido.

— Lembrou-me... E vós podíeis, podíeis...

— Matá-lo? rompeu Falcão, cégo de rancor e espanto.

A criança respondeu com um sorriso desbotado.

O capitão de Diu levantou-se, alvoroçado, mais lívido.

Seguiu em direção ao jardim, de peito oprimido.

Mas, a meio do caminho, retrocedeu, sempre seguido pelo filho.

— Aires, disse elle baixinho, na penumbra, tens ouvido falar disso?

— De quê, pai e senhor?

— De que o Abexim póde vingar Axa...

— Não, não; são pensamentos meus.

Falcão voltou á sala. Jorrou mais vinho na taça de prata. Sentou-se, bebeu, golfou ainda vinho, e perguntou ao filho:

— Queres mais?

Mas, sem esperar resposta, encostou-se a uma mesa e adormeceu pesádamente, consciencia que se sepulta e deprime.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

A sair brevemente o terceiro e ultimo vol.

INDICE

SEGUNDA PARTE

Preludio de epopeia
Relampagos..
A Iliada
Um grande arranco.
Amor e fé.
Amor e angustia
O conselho do Governador
Extasis e filosofia
Ha Deus?
Na agonia
Grande alma.
Em batalha...
A trabuco.
Heroismo e miseria
Despedida
A Diu!
Lágrimas e confidencias

TERCEIRA PARTE

Dentro do remorso
No dia do triunfo
Pai e senhor
Luta e vitoria
Diu continúa Ormús